

Do mesmo autor de
Um hotel na esquina do tempo

AMOR *e outros* PRÊMIOS *de* CONSOLAÇÃO

JAMIE FORD



GLOBAL LIVROS



Jamie Ford



AMOR E OUTROS PRÊMIOS DE CONSOLAÇÃO

Tradução: Claudio Carina

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Prelúdio (1962)

Estrelas cadentes (1902)

Livre (1902)

Negócios escusos (1902)

A reportagem de Juju (1962)

O mundo flutuante (1902)

Todo mundo joga, ninguém vence (1962)

O despertar da graça (1962)

Línguas nativas (1909)

Garoto saudável, livre (1909)

O Tenderloin (1909)

As cruzadas de Wappyville (1909)

Bem-vindo ao futuro (1962)

O rochedo da Flor de Maio (1909)

Sangue de dragão (1909)

O velho do campus (1962)

Joia preciosa (1909)

Casamento de Boston (1909)

Um passeio na Grande Feira (1909)

Estrelas, caindo (1909)

O Ruby Chow's (1962)
Anjos na neve (1909)
Lado B (1962)
Dias nublados (1910)
Dias de sol (1910)
Chegadas e partidas (1910)
A raiva é sua moeda de troca (1910)
À beira da cama (1962)
Laços de tristeza (1910)
Cinco mil razões (1910)
Tudo que eu tenho a dar (1910)
Encruzilhadas (1910)
Quietude (1962)
Evanescência (1910)
Sem palavras (1910)
Suspiros de Calíope (1910)
Ateando fogo (1962)
Desalojadas (1911)
Prêmio e consolações (1911)
Amor e casamento (1962)
Encontre-se comigo na Feira (1962)
Segredos da Show Street (1962)
Duas vezes na vida (1962)
Cerimônias de encerramento (1962)

Nota do autor

Agradecimentos

Notas

Sobre o autor

Créditos

Para Haley, Karissa, Madison e Kass.
Quando vocês se formarem, gostaria de pular “Pompa e circunstância” e tocar
“Cavalgada das valquírias”.

*Momentos suplicantes que conhecemos
Vou deixá-los à parte
Cada palavra, cada sinal
Estarão marcados a fogo em meu coração.*

“NON, JE NE REGRETTE RIEN”,
INTERPRETADA POR EDITH PIAF

PRELÚDIO

(1962)

ERNEST YOUNG FICOU DO LADO DE FORA dos portões no dia da inauguração da nova Feira Mundial, perambulando pelas sombras do futuro. De seu solitário ponto de vista no estacionamento VIP, podia ver centenas de pessoas felizes lá dentro, praticamente todos os nomes do *Livro social azul* de Seattle, com seus melhores trajes de domingo numa fria tarde de sábado. Homens e mulheres elegantemente vestidos ocupavam metade do anfiteatro do Memorial Stadium, mas estavam todos juntos, uma cascata de ternos de lã e gravatas de poliéster, de vestidos sob medida e de chapeuzinhos de aba mole chegando até uma amurada de flâmulas patrióticas. Ernest viu que o campo havia sido convertido numa raia para lanchas motorizadas — com um fosso elevado ao redor de uma plataforma onde a banda All-City High School encontrava-se reunida, com dezenas de repórteres em ação fumando como marinheiros perdidos, isolados em uma ilha de geradores e câmeras de televisão. Quando o vento aumentou, Ernest sentiu cheiro de gasolina, tinta fresca e um bafejo de serragem. Quase conseguia ouvir os carpinteiros martelando os últimos pregos enquanto os músicos se aqueciam.

Dizer que Ernest queria entrar e fazer parte da comemoração era como dizer que ele gostaria de jantar desacompanhado no restaurante Canlis no Dia dos Namorados, atravessar o Atlântico sozinho a bordo do *Queen Mary* ou voar de primeira classe num Boeing 707 vazio. O cenário e a ocasião festiva eram tentadores, mas o acontecimento só ressaltava a ausência de alguém com quem compartilhar aquele momento.

Para Ernest, essa pessoa era Gracie, sua amada esposa havia mais de quarenta anos. Os dois se conheceram na infância, muito antes de terem comprado uma casa, começado a frequentar uma igreja e formado uma família. Mas agora suas lembranças tinham se espalhado como cacos de vidro no chão molhado. Reflexões sobre o primeiro beijo, aniversários, o sorriso das filhas que começavam a andar tinham se transformado em imagens de uma árvore de Natal deixada montada até a última Páscoa, um pacote de velas de aniversário nunca acesas, recordações de médicos e salas de espera de hospitais frios à espera de um quarto.

Mas o cerne da questão era que agora Gracie mal se lembrava dele. Sua

mente se tornara um espelho unidirecional. Ernest conseguia vê-la claramente, mas para Gracie ele estava perdido no pano de fundo de reflexões distorcidas e perturbadas.

Ernest mordeu o lábio e se apoiou no Cadillac De Ville que ele havia passado a maior parte da manhã polindo. Sentiu uma onda de vertigem ao olhar para cima e ver a recém-construída Space Needle — a maior atração da Expo Século XXI —, o assunto mais comentado na cidade, se não no país e talvez no mundo inteiro. Ernest deveria ter trazido dignitários estrangeiros para a inauguração da Fiesta da Aldeia Espanhola, mas os visitantes foram retidos — alguma pendência com o Serviço de Naturalização do Departamento de Imigração. Mas tinha vindo assim mesmo, para tentar se lembrar de tempos mais felizes.

Sorriu ao ouvir Danny Kaye pegar o microfone e ler uma oração qualquer. A Banda Oficial da Feira Mundial acompanhou o famoso ator, dando início aos seus deveres musicais do dia tocando uma valsa suave. Ernest contou o compasso, *um-dois-três, um-dois-três*, estalando os dedos e massageando as juntas, ponto onde a artrite revelava sua idade — sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e alguma coisa, ninguém sabia ao certo. A data de nascimento da sua carteira profissional de chofer fora registrada havia décadas, seguindo sua antiga licença com a Gray Top Taxi. Tinha saído da China ainda jovem — durante um período de guerra e fome, não de registros oficiais.

Ernest piscou quando a valsa terminou e uma formação de canhões disparou uma salva de vinte e um tiros em algum lugar atrás da entrada principal, despertando-o de seu desvaneio nostálgico. O troar dos canhões sinalizou que o presidente Kennedy havia inaugurado oficialmente a Feira Mundial através do telégrafo instalado em seu gabinete na Casa Branca. Ernest tinha lido que o sinal ricochetearia num sol distante, Cassiopeia, a dez mil anos-luz de distância. Olhou para uma nuvem passageira no céu a noroeste e fez um pedido para uma estrela invisível, enquanto os espectadores aplaudiam, a orquestra começava a tocar a introdução de metais de “Bow Down to Washington” e os balões eram soltos, subindo como bolhas de champanhe. Alguns dos choferes ao redor buzinaaram quando os sinos do carrilhão da Space Needle começaram a soar anunciando a era espacial, um som medieval abafado pelo rugido crepitante e ensurdecedor de uma esquadrilha de caças a jato passando acima. Ernest sentiu o corpo vibrar.

Quando o prefeito Clinton e a Câmara Municipal deram início à construção, três anos atrás — com um monte de repórteres observando aqueles homens escavarem cerimoniosamente o solo com pás douradas —, foi também quando Gracie começou a chorar enquanto dormia. Acordava e se esquecia de quem era. Entrava em pânico, sentia medo.

O dr. Luke disse a Ernest e às filhas do casal, com lágrimas nos olhos:

— É um caso raro de meningite viral. — Dr. Luke sempre teve certa noção de decoro, e Ernest sabia que ele estava mentindo por conta das meninas. Principalmente por ter tratado Gracie quando ela era jovem. — Essas coisas às vezes ficam dormentes até voltarem, décadas mais tarde — disse o médico quando os dois estavam na escada da entrada da casa. — Não é comum, mas acontece. Eu já vi isso em outros pacientes. Agora não é mais contagioso. É só...

— Um fantasma dos bairros da luz vermelha do passado — interrompeu Ernest. — Uma marola no curso das águas. — Apertou a mão do dr. Luke e o agradeceu profusamente por ter atendido ao chamado tarde da noite e pela cuidadosa discrição do médico a respeito do passado de Gracie.

Ernest lembrou como o estado de sua mulher piorou muito após o diagnóstico. A forma como puxava os cabelos e rasgava as roupas. Gracie foi hospitalizada e quase internada um mês depois, quando perdeu tão completamente o juízo que ele teve de lutar com os especialistas que recomendaram uma terapia de eletrochoque, ou pior — uma medieval secção do lobo frontal no Hospital Western State, a instituição famosa por suas lobotomias feitas com “furadores de gelo”.

Ernest aguentou firme até o dr. Luke administrar doses cada vez maiores de penicilina, a loucura então amainar e Gracie voltar a uma nova versão de normalidade. Mas o dano já estava feito. Parte de sua mulher — sua memória — era um quadro em branco. Ainda adormecia enquanto ouvia antigos discos de Josephine Baker e Edith Piaf. Também sorria com o som da chuva no telhado, e gostava do perfume das rosas da floricultura Cherry Land. Mas, na maior parte dos dias, a presença de Ernest limitava-se a arranhar com as unhas aquele quadro em branco enquanto Gracie refugava em ataques de raiva ou histeria.

Eu não sabia que o mês do início da construção da Feira Mundial seria nosso último bom mês juntos, pensou Ernest, ao mesmo tempo que observava, de olhos arregalados, as hordas de frequentadores da Feira — casais, famílias, ônibus cheios de estudantes — passando pelas catracas ali perto, todos sorridentes e maravilhados, com ingressos na mão. Ouviu a multidão no estádio vibrar quando uma pirâmide de esquiadores contornou o parque aquático.

Para piorar as coisas, quando Gracie estava no hospital, agentes do Departamento de Estradas do Estado de Washington apareceram na porta de Ernest.

— Olá, sr. Young — disseram. — Temos uma notícia difícil para comunicar. Podemos entrar?

Os agentes se mostraram delicados e respeitosos — até constrangidos — ao informá-lo de que sua casa de três quartos com vista para Chinatown, com seu

jardim e uma fileira de lírios recém-podados em plena floração — a única casa que conseguira ter e o local onde as filhas haviam dado os primeiros passos —, tudo aquilo estava na zona urbana de trinta quilômetros da construção da rodovia Everett-Seattle-Tacoma. A nova rodovia interestadual era uma pista de concreto projetada para ligar Washington ao Oregon e à Califórnia. Em menos de uma semana, ele e os vizinhos receberam um valor justo de mercado por suas casas, com um prazo de noventa dias para se mudarem, pois na sequência começariam as ações de despejo.

O governo queria as terras, lembrava-se Ernest, e nossas casas eram um aborrecimento. Mudou-se com a mulher doente e a filha mais velha, Juju, e ficou olhando da calçada enquanto quarteirões inteiros da cidade eram vendidos. Casas eram arrancadas dos alicerces e amarradas a caminhões para serem transportadas ou demolidas. Mas não antes que vândalos e ladrões surrupiassem os painéis de carvalho que Ernest instalara anos antes, junto com as luminárias, as maçanetas de cristal e até o velho aquecedor de água que vazava no inverno. A única coisa que restou foi o borrão de cerejeiras que ladeava a avenida. Ernest se lembrava de ter visto uma equipe chegar com uma frota de barulhentos caminhões a diesel e uma escavadeira a vapor. Botões de flores adejavam na brisa quando ele desviou o olhar e se afastou.

Quando ainda era novo, Ernest tinha gravado suas iniciais ao lado das de Gracie numa daquelas árvores — e também as de outra garota. Que ele não via fazia uma eternidade.

Um equilibrista percorria de motocicleta um cabo de aço estendido do estádio até a Space Needle, e Ernest escutava os sons monótonos e mecânicos de cortejos carnavalescos. Sentia o aroma de algodão-doce saindo das máquinas, ainda quente, recordando-se da magia doce e melada de maçãs do amor. Foi arrebatado por uma sensação de déjà-vu.

O presente é meramente o passado rearranjado, refletiu Ernest enquanto visualizava as duas garotas passeando com ele, de braços dados, no terreno cuidadosamente ajardinado da Primeira Feira Mundial de Seattle, a grande Exposição Alasca-Yukon-Pacífico, em 1909. Naquele ano a cidade se enfeitou pela primeira vez e mostrou seu melhor lado para as câmeras do mundo todo. Lembrou-se da perfeição daquele dia, quando se apaixonou pelas duas garotas.

Enquanto andou até o portão e se apoiou nas barras frias da grade de metal, Ernest também sentiu cheiro de fumaça. Ouviu o espalhafato de crianças gritando. E seus ouvidos ainda zumbiam com os ecos dos canhões comemorativos que tinham espantado os passarinhos.

Respirou fundo. Lembranças são entorpecentes, pensou. Como o monte de frascos de pílulas que atulham minha mesa de cabeceira. Cada dose

minuciosamente ministrada, como indicado. Em demasia elas se tornam perigosas. Uma dose excessiva pode fazer o coração parar.

ESTRELAS CADENTES

(1902)

YUNG KUN-AI VIA SUA pequena *mei mei* lutando para respirar. A irmã recém-nascida tinha só dois dias de idade — mestiça como ele, sem pai. Dormia a maior parte do tempo, mas, quando acordava, tossia até chorar. Depois gritava, tentando desesperadamente respirar. Os vagidos estridentes faziam com que parecesse mais deslocada ainda, rejeitada; não desamada, apenas tragicamente inadequada para este mundo.

Yung entendia aquele sentimento ao ver a irmã se agitando, reclamando e espantando um casal de corvos de um ressecado pé de lichia. Os pássaros piaram, voando em círculos. A mãe de Yung deveria estar observando sua *zuoyuezi*, o período tradicional de repouso e recuperação depois do parto. Em vez disso, cambaleou até o cemitério da aldeia, cavou um buraco na terra com as mãos e colocou o corpo nu e trêmulo de sua irmã. Enquanto observava ali perto, Yung imaginou que a terra deveria estar morna, confortável, pois não chovia havia meses, e o solo argiloso recobria sua irmã ainda sem nome como uma manta. Em seguida viu a mãe despejar sobre o corpo da irmã um balde de cinzas da fogueira da noite anterior, e ela parou de chorar. Viu perninhas se agitando em meio a uma nuvem de fuligem negra, bracinhos frágeis se imobilizando. Yung não desviou os olhos enquanto sua pobre mãe sufocava a irmãzinha, nem quando ela morosamente jogou punhados de terra no buraco, enterrando sua *mei mei*. A mãe afagou carinhosamente o solo antes de encostar a cabeça na grama e na terra, murmurando uma oração, implorando perdão.

Yung engoliu o nó que se formou em sua garganta e se transformou numa estátua. Com cinco anos de idade, não havia nada mais que pudesse fazer. Filho bastardo de um missionário branco com uma garota chinesa, era um pária nos dois mundos. Ele e a mãe eram extremamente pobres, e a seca só tinha piorado a situação. Havia meses ele vinha tomando sopa feita de pedras musgosas e tiras de couro de sapato cozidas que a mãe pilhava dos moribundos. Quando se virou e viu que Yung tinha visto a cena toda, ela não pareceu chocada nem culpada. Não se deu ao trabalho de enxugar as lágrimas misturadas às cinzas que salpicavam seu rosto encovado, nem de limpar o pó e a fuligem acumulados no escalpo de onde o cabelo ralo havia caído. Simplesmente colocou um alfinete

filigranado de cabelo na mão do filho e dobrou seus dedinhos ao redor do cobre manchado da fênix que representava sua última posse no mundo. Abaixou-se e abraçou Yung, apertando-o, passando os dedos sujos por seus cabelos. Yung sentiu os braços ossudos da mãe, o aroma doce de sua pele fria enquanto ela beijava seu rosto.

— Só existem dois tipos de pessoas na China — disse a mãe. — Os ricos e os muito pobres.

Ele se lembrava de escarafunchar os campos arados em busca de grãos de arroz, recolhendo punhados com as mãozinhas, que os dois dividiam enquanto crianças bem alimentadas empinavam pipas. Seu estômago vazio o lembrou de quem ele era.

— Fique aqui e espere o seu tio — disse a mãe. — Agora ele vai cuidar de você. Vai levá-lo para a América. Vai lhe mostrar um mundo novo. Esse é o meu presente para você.

A mãe de Yung falou com ele em cantonês e depois com o pouco de inglês que os dois entendiam. Disse que ele tinha os olhos do pai. E falou de um tempo em que os dois voltariam a se encontrar. Mas seus lábios tremiam quando tentava sorrir.

— *Mm-goi mow hamm* — disse Yung quando ela virou o rosto. — Não chore, *mamã*.

Yung não sabia ao certo se o homem que deveria aguardar era de fato seu tio, mas duvidava que fosse. O melhor que podia esperar era que fosse um rico mercador especializado no comércio de veneno ou de porcos, porque lidar com os homens que contrabandeavam ópio era melhor do que com os membros da Sociedade dos Punhos Honoráveis e Harmoniosos, os boxers chineses que tinham massacrado missionários, estrangeiros e seus filhos. Igualmente perigosos eram os soldados coloniais mandados para reprimir a rebelião. Os aldeões, inclusive o pai de Yung, foram apanhados no cerco, na escaramuça, e agora no sorvedouro. Deve ter sido nesse momento que a mãe percebeu que o fim do mundo deles estava próximo — quando viram pescadores famintos puxando suas redes cheias de cadáveres.

Enquanto via a mãe desaparecer, deixando-o sozinho no cemitério, Yung quis gritar: “Ah-ma! Não me abandone!”. Queria correr até ela, agarrar suas pernas, chorar aos seus pés, implorando. Mas resistiu, ainda choramingando, ansioso. Fez o que foi mandado, sentindo as dores da tristeza e da solidão. Sempre obedecera à mãe... confiara nela. Mas parecia que ela tinha morrido meses atrás e só havia restado um fantasma, um esqueleto — um espírito alquebrado e desesperançoso, sem lugar para vagar e ninguém para assombrar.

A pouca esperança que tinha ela lhe legou como herança.

Assim, Yung ficou esperando, inconsolável, enquanto o sol se punha sobre o local onde a *mei mei* havia sido enterrada. Lembrou-se de sua avó chinesa, que uma vez lhe tinha falado sobre os lolos, um povo tribal do sul da China que acreditava haver uma estrela no céu para cada pessoa na Terra. Quando aquela pessoa morria, sua estrela caía.

Atentou os ouvidos e escutou o familiar disparo de canhões e rajadas de tiros. Viu quando o horizonte se acendeu com as chamas e os clarões dos morteiros. Depois o céu voltou a escurecer, e para onde olhasse estava chovendo estrelas.

LIVRE

(1902)

O HOMEM QUE NÃO ERA SEU TIO veio buscar Yung de manhã. O mercador branco de barba ruiva tirou o elegante paletó e arregaçou as mangas, revelando uma série de tatuagens antigas. Apertou o braço de Yung, puxou seus cabelos, examinou suas orelhas. Depois sorriu e acenou para seu tradutor, um chinês muito gordo, bateu palmas e gritou “*Hay sun la!*”, acordando outras crianças — um grupo de garotas e um punhado de meninos que haviam se reunido dentro e ao redor do cemitério durante a noite. Todos pareciam mais velhos que Yung, estavam pelo menos em idade escolar ou já eram adolescentes. Alguns levavam roupas de cama enroladas e transportavam seus pertences em cestos de bambu amarrados a longas cordas e tapados com uma rede, enquanto umas poucas garotas mais velhas usavam modestos vestidos costurados à mão e fitas vermelhas prendendo os cabelos. Mas havia muitos como ele, em andrajos, descalços. E todos olharam para Yung quando perceberam que ele era uma criança mestiça. Ele reconhecia o olhar, não de curiosidade ou desprezo, mas uma expressão que dizia: *Posso não ter nada, posso estar faminto e desabrigado, mas pelo menos não sou como ele.*

Yung ignorou os olhares e tentou não pensar na mãe, enquanto todos seguiam o homem na direção oposta às colunas de fumaça negra e aos sons de disparos que aumentavam ao longe. Andaram durante horas, Yung dando dois passos com suas pernas curtas para cada passo dos outros, lutando para acompanhar o ritmo. Um afluente de tristeza desembocando num fluxo maior de refugiados que se tornava uma enchente de humanidade, afastando-se do som de trovão sob um céu sem nuvens. Tomaram um barco que os levou a uma cidade no rio das Pérolas. Quando chegaram, sob a sombra de um grande navio, o ar salino fez Yung salivar, ainda que os únicos sinais de comida fossem as espinhas dos peixes recém-pescados, cozidos e comidos nas margens da água turva.

Os olhos de Yung se arregalaram diante da gigantesca embarcação, com quatro mastros e uma imensa chaminé afunilada. Todos falavam de um *Chang Yi*, mas ele não sabia se era o nome do navio ou se estavam se referindo ao homem que não era seu tio.

Nuvens de fumaça negra saindo da chaminé turvavam o céu, conferindo ao

sol uma tonalidade laranja-avermelhada, e Yung matutou sobre como um navio tão grande poderia se mover. Em seguida sentiu as pernas tremerem com as vibrações de uma grande máquina a vapor. O corpo estava cansado, exausto e dormente da marcha, mas ficou feliz por estar em pé ao ver um grupo de carregadores chineses puxando uma carroça com uma dúzia de garotas elegantemente vestidas e com os pés enfaixados. Yung ouviu um apito agudo quando elas desceram, mancando, enquanto um oficial branco da Marinha dividia o grupo, gritando num chinês precário:

— Façam fila e fiquem em silêncio!

O oficial apontou e estalou os dedos quando Yung entrou na fila, e eles foram apalpados, sondados e contados. O oficial separou os que tinham raquitismo e os de costas curvadas. Esse grupo foi tangido para longe do navio, de volta ao centro da cidade. Yung viu garotos e garotas claramente infestados de piolhos e ácaros serem mergulhados numa água malcheirosa, receberem uma muda de roupas e serem levados para outra embarcação.

Yung ouvia os marinheiros tagarelando baixo em chinês, português e inglês, e entendeu o suficiente para saber que eram aliciadores.

Sua mãe tinha falado uma vez sobre esses homens — marinheiros que vendiam chineses pobres para plantações no Havaí, foras da lei que contrabandeavam trabalhadores para o mundo ocidental e corretores que levavam noivas para homens solitários nas montanhas de ouro de Gum Shan, as ricas e misteriosas fronteiras da América do Norte.

Apesar desses alertas, o coração de Yung se acelerou quando começou a sentir o cheiro de comida de verdade — frango assado, alho e outras saborosas especiarias emanando do navio e se espalhando pela brisa.

Os oficiais berraram instruções de embarque, e Yung foi levado para o navio com sua trouxinha de roupa. Avistou outra passarela à frente da embarcação, onde o homem que não era seu tio, agora de casaco e cartola, recepcionava homens e mulheres elegantemente trajados, asiáticos e anglo-saxões, na dianteira do convés. Havia homens em uniformes militares e um bando de funcionários chineses. Yung ficou olhando, salivando ao vê-los comer e tomar vinho em taças de haste comprida. Foi conduzido para baixo com as outras crianças e adolescentes, andando por corredores escuros, passando pelas cabines da tripulação, até chegar a várias fileiras de beliches ocupadas por marinheiros chineses sem camisa que mostravam marcas no peito e cicatrizes nas costas. Yung continuou seguindo até chegar ao que parecia o porão do navio, um compartimento de carga que cheirava a pó de carvão e urina rançosa. Um constante ruído mecânico atravessava as paredes, um barulho que ele podia tanto sentir quanto ouvir.

Quando seus olhos se ajustaram ao espaço mal iluminado, Yung pôde ver que o compartimento de carga fora convertido em alojamento, dividido entre prateleiras de camas e fileiras de cercados baixos, com cobertores de lã e colchões de palha. Foi designado para um cercado com cinco outros garotos, que olharam para ele com estranheza. Um grupo de camponesas, algumas com pés enfaixados, talvez com oito ou nove anos de idade, foi alojado em cercados bem à sua frente, enquanto as adolescentes com túnicas de seda e vestidos europeus com babados, os pescoços longos com colares apertados, foram postas num recinto de madeira trancado nos fundos do alojamento. As barras de ferro indicavam que o local fora utilizado anteriormente para estocar cargas preciosas. Yung viu os marinheiros olharem para as atraentes meninas da mesma forma que ele e a mãe costumavam olhar, famintos, para os vendedores de churrasco *siu mei* nas ruas. Foi então que entendeu que as garotas bem-vestidas tinham sido trancadas para ficarem protegidas.

— Vocês vão dormir aqui, vão viver aqui e vão passar o mês inteiro embaixo do convés — vociferou um homem branco de uniforme azul-marinho. Falou em inglês, e Yung presumiu que apenas um punhado de crianças havia entendido. O homem tirou o quepe e esfregou o queixo, sentindo a aspereza da barba rente. Apresentou-se como o oficial médico-chefe do navio. — Vocês vão ficar aqui para não correr o risco de contraírem a doença da tosse. — O médico apontou para o próprio peito. — Vou fazer exames diários. Se um de vocês ficar doente, ou apresentar bolhas que sangram, não poderão colocar os demais passageiros em perigo... serão jogados ao mar. Sem exceções. No mar não há piedade. Está entendido?

Yung aquiesceu, arregalando os olhos quando um tripulante chinês traduziu as palavras do médico. Os garotos no cercado, que estavam deitados no chão, levantaram-se de imediato. Yung olhou ao redor, imaginando quem poderia estar doente. Não se atrevia a espirrar, com medo de ser arrastado de volta ao convés e jogado pela amurada.

Houve murmúrios abafados, seguidos por um silêncio nervoso.

Pouco depois ouviram-se gritos horríveis, quando o jovem médico tirou uma longa faca curva da bainha e saiu pelo recinto cortando as ataduras sujas que enfaixavam os pés de muitas meninas, tanto as ricas quanto as pobres. Yung ouviu as meninas chorarem quando seus doloridos pés eram tocados, movidos, o estalido de osso e cartilagem quando tentavam flexionar ou pressionar seus tocos em forma de lótus. Para as mais novas ele sabia que era um sentimento de euforia, liberdade e alívio, mas para as mais velhas, cujos pés já tinham sido muitas vezes fraturados, a sensação era mais de dor que de alívio.

— Vocês vão se sentir melhor em algumas semanas — disse o médico ao

mesmo tempo que jogava as ataduras sujas num balde de madeira.

O tecido cheirava a sangue, ervas e podridão.

Enquanto as garotas choravam, as elegantes adolescentes no recinto trancado ralhavam com elas:

— Parem de choramingar. Vocês estão se envergonhando. Mostrem alguma dignidade.

Apesar de ainda ser muito novo, Yung reconheceu o dialeto yue e entendeu que deviam ser filhas dos mercadores, de mais alta qualidade que o restante das crianças. Algumas garotas pobres começaram a cuspir nas adolescentes, até os marinheiros cutucá-las com bastões de junco.

As garotas mais velhas olharam para a frente, sorrindo com orgulho. É melhor ser engaiolada como um pavão, devem ter pensado, do que viver livre como uma pomba.

Yung sentou-se e notou que o grupo de garotas camponesas à sua frente tinha ficado em silêncio. Algumas movimentavam os dedos dos pés pela primeira vez em meses, esfregando a pele empalidecida, mas nenhuma delas chorava.

Os garotos de seu cercado caçoavam e davam risada das meninas, gritando “*lou geoi*”, e só pararam de rir quando foram advertidos por um tripulante.

Yung não sabia o que *lou geoi* queria dizer, mas compreendia que as palavras eram uma espécie de insulto. Sua mãe costumava conter as lágrimas sempre que homens chineses ou marinheiros europeus assobiavam e a chamavam daquilo nas ruas esburacadas do vilarejo onde moravam.

Yung percebeu que todas as camponesas usavam os cabelos em longas tranças e vestiam roupas sujas feitas de cânhamo ou rami. Pareciam ser as mais baixas na escala das rebaixadas — garotas pobres cujos pais enfaixavam seus pés para deixá-las mais apresentáveis. Só uma delas não usava tranças, e também se destacava por conta de uma túnica azul desbotada e uma faixa larga na cintura.

Yung estava começando a sofrer por causa da mãe quando marinheiros trouxeram trapos e baldes de água para cada cercado. Esperou sua vez, deixando que os meninos mais velhos se lavassem primeiro. Enquanto lavava o rosto e os dentes, Yung olhou para o balde de água suja meio vazio. Seu reflexo ondulou para a frente e para trás, oscilando quando o navio começou a se mover.

Olhou ao redor e notou que um dos garotos mais velhos tinha roubado o balde das garotas da frente, que só ficaram olhando com desdém. Yung pensou na irmã que teve por breves momentos, em seguida pegou seu balde e o levou para perto das garotas camponesas. Todas o olharam com estranheza, desconfiadas, quando instou uma delas a se sentar na beira do catre. Ajoelhou-se, imergindo primeiro um pé da garota, depois o outro na água fria. Yung tinha

visto a mãe tratar uma prima dessa maneira uma vez. Esfregou o arco dos pés dela, empurrou os dedos para trás, esticando-os delicadamente com suas mãozinhas. Enquanto lavava os pés da garota com um pano úmido, ela estremeceu por um instante, respirou fundo e depois relaxou. Ele torceu o pano e o entregou a outra garota, antes de voltar ao seu cercado. Lá, encontrou um canto desocupado do colchão. Os outros garotos olharam para ele com desprezo.

Naquela noite, Yung acordou quando o motor a vapor roncou tão alto quanto seu estômago vazio. Sentou-se e percebeu que os outros garotos também roncavam, e que o mais velho, um valentão encorpado chamado Jun, tinha pegado muitos dos cobertores, inclusive o dele. Agora o compartimento de carga estava frio, e Yung se agarrou à sua trouxa no cantinho do colchão onde se acomodara. Enquanto o navio balançava no mar aberto, ele percebeu que cada minuto, que cada hora, o afastava mais de sua aldeia, para longe da mãe, para sempre. Enxugou os olhos e sob o bruxulear de um único lampião na parede pôde ver que algumas garotas do outro lado estavam acordadas, olhando para ele. Cochicharam entre elas e em seguida levantaram um canto do cobertor que dividiam.

— Irmãozinho. — Uma das garotas acenou. — Venha para cá.

Yung deu uma olhada para os companheiros de catre, ainda dormindo. Depois andou com cuidado, nervoso, com pés descalços no piso frio de madeira. Hesitou, preocupado que aquilo talvez fosse alguma piada cruel. Mas uma das garotas estendeu o braço e o puxou pela manga para debaixo das cobertas. Abriam espaço para Yung se aninhar entre elas. Sentiu pés gelados perto dos seus, braços e mãos, quando começaram a lhe esfregar o peito e os ombros.

— Tudo bem — disse uma delas em voz baixa. — Você é um de nós.

Yung olhou para as meninas.

— O que você quer dizer com isso?

A garota de túnica azul se ergueu um pouco e olhou para ele como se a resposta fosse óbvia. Falou em chinês, com um sotaque pesado.

— Nós também somos indesejadas.

Yung engoliu o amargo remédio da verdade. Concordou com a cabeça, fechou os olhos e sentiu o cabelo delas fazer cócegas em suas bochechas, em seu pescoço, quando todas se acomodaram debaixo das cobertas. Apesar do balde de água que dividiram, as roupas delas cheiravam a mofo e coisas antigas, como as suas — exalando semanas de poeira e fumaça. Yung não se incomodou. Nem se importava com o que os outros garotos pensariam pela manhã. Ele estava

acostumado com pessoas olhando para ele na rua — os aldeões que riam ou cuspiam nele. Mas no momento, ao respirar fundo e mergulhar na generosidade daquelas meninas, sentia-se em segurança, consolado.

NEGÓCIOS ESCUSOS

(1902)

SE ESTIVESSE PREOCUPADO EM ser atormentado pelos ex-companheiros de cercado e por Jun pela manhã, Yung tinha pouco a temer. Todos continuavam deitados, enjoados, de olhos fechados, gemendo — isto é, todos, menos Yung.

O médico disse que sua resistência era uma vantagem natural por ser o menor, o mais miúdo. Yung assentiu e viu os garotos e as meninas mais velhos empalidecerem e vomitarem o caldo que haviam tomado. Agora os sapatos e os vestidos vistosos estavam manchados de vômito.

Yung ocupou-se esvaziando os baldes fétidos da sujeira noturna, lavando os pratos de lata e cuidando das garotas do seu cercado, ajudando-as a tomar o chá de gengibre fornecido para aliviar o enjoo. Suas novas companheiras se mostravam sempre gratas, murmurando: “Obrigada, Irmãozinho”, que havia se tornado seu nome de fato. Uma a uma, elas se apresentaram como Gwai Ying, Quan Gow Sheung, Wong So, Leung Gin, Fong Muey, Mui-Ji, Hoi e... *mais outros nomes*, mas ele não conseguiria lembrar quem era quem. Explicaram que a peculiar garota de azul era japonesa e tinha sido mandada para a China pela família, vendida para uma estalagem, onde trabalhou como camareira até o dono morrer e seu contrato ser comprado. A garota estranha sorriu e falou em chinês, mas, quando disse seu nome, Yung não conseguiu entender as palavras. Passou a chamar todas de Irmãs Mais Velhas.

No quarto dia, quando a maioria começou a se recuperar — a se sentar e andar, a jogar cartas ou brincar com barbantes —, foi servida comida sólida, a primeira refeição de verdade que Yung comia em mais de uma semana. A simples porção de bolas de arroz pegajoso com peixe seco fez todos gemerem de prazer. Yung tentou saborear o arroz salgado, mas, como todos os demais, comeu furiosamente, quase com violência, mastigando, engolindo e se esganando, como se a comida fosse ser arrancada de suas mãos a qualquer momento.

Yung estava lambendo os beiços depois do jantar quando o médico apareceu com uma equipe para fazer os exames rotineiros. Todos se postaram o mais eretos que podiam, braços ao lado do corpo; ninguém se atrevia a tossir ou fungar, nem mesmo respirar de maneira que pudesse ser confundida com alguma doença. Ficaram esperando enquanto o médico circulava lentamente, os saltos de

couro rangendo no piso, narinas freminho. Ocasionalmente parava para examinar a boca de alguém, ou tirava a camisa de uma criança para verificar a pele das costas.

Yung mordeu o lábio quando o homem, de cujo hálito podia sentir o cheiro, parou à sua frente. Mas ele acendeu um cigarro e o empurrou para o lado, voltando sua atenção para as meninas, em especial para a de túnica azul. Passou os dedos pelo seu pescoço, retirou as presilhas de madeira de seu cabelo e brincou com as madeixas que lhe desciam pelos ombros. Assentiu e voltou para Yung, que estava entre as meninas. O médico deu um tapinha em seu ombro e seguiu adiante. Yung o ouviu conversar amigavelmente com os outros garotos, recomendando que não criassem problemas. Deu um tapa na bochecha de Jun e lhe puxou a orelha, de brincadeira, mas com força suficiente para ressaltar o que dizia. Em seguida, parou no recinto das garotas mais velhas.

Todas sorriram e se ajoelharam. O médico estalou os dedos e disse:

— Aquela ali. — Apontou para uma garota com vestido lavanda, e um marinheiro se adiantou com uma chave e abriu a porta de ferro, que rangeu.

As filhas dos mercadores pareceram chocadas, confusas, mas se acalmaram quando eles se aproximaram de uma garota alta e esguia.

— Mas... senhor doutor, eu não estou doente... nem estou mais enjoada — protestou a garota de vestido lavanda, implorando em seu idioma nativo. — Eu me sinto ótima, olhe para mim, minha pele está perfeita, meu cabelo está limpo e brilhante. — Baixou o queixo e balançou a cabeça, fazendo os brincos se moverem para a frente e para trás. — Eu não tossi nem uma vez.

O tripulante traduziu, enquanto o médico jogava o cigarro no chão, apagando-o com o bico do sapato.

— Eu sei. É por isso que você virá conosco. — Sorriu delicadamente ao mesmo tempo que suas palavras eram traduzidas para o cantonês. — Vamos cuidar de você lá em cima. É um desperdício que fique aqui embaixo.

O rosto da garota empalideceu. Arrumou o babado do vestido e concordou, parecendo resignada. Yung ouviu o médico perguntar, enquanto levava a garota, se ela gostava de *baiju*, o vinho de arroz. E os dois saíram de lá, deixando nada mais que um silêncio repleto de significado.

— Eles não vão jogar ela no mar, vão? — perguntou Yung à garota de túnica azul.

Ela não respondeu, parecendo não entender a pergunta. Mas os garotos deram uma risadinha.

Naquela noite, quando Yung e as meninas acabaram de jantar, eles se empilharam no colchão e brincaram do jogo do cochicho. Alguém cochichava alguma coisa para a pessoa ao lado e a frase passava por todos, até voltar. Nunca voltava sem alterações, e essa era a graça da brincadeira. Yung já tinha visto esse jogo em sua aldeia, mas sempre sem ser convidado.

Ficou esperando até a garota ao seu lado afinal se virar e murmurar em cantonês:

— Eu sou um cachorro peludo que morde.

Yung levou a mão à boca para não rir. Recompôs-se e transmitiu a mensagem para a garota japonesa de túnica azul. Ela pareceu confusa, franziu a testa e fez o possível para passar a mensagem à garota ao lado.

As mensagens iam e vinham, variando de “Minha fralda está cheia” e “Açoitada com um bastão” a “Você é minha serva bonita” e “Jun é a sua patroa feia”. Esta fez Yung rir em voz alta. Quando chegou a vez de Yung formular uma frase, pensou na coisa mais tola possível. Disse para a garota de azul: “Eu vou me casar com você”.

A garota japonesa franziu o nariz, mas arregalou os olhos e deu uma risada.

Mas a frase foi levada mais a sério quando as palavras foram passadas pelas participantes. As garotas a murmuravam solenemente, suspiravam com enfado e acenavam com a cabeça, e afinal retornaram a mensagem como que comunicando uma má notícia. Para Yung, pareceu que toda a alegria e todas as risadas tinham sido apagadas como uma vela.

Ele não entendeu a tristeza que havia causado, nem mesmo quando a garota japonesa voltou com a mensagem, que só havia sido ligeiramente alterada. Pareceu envergonhada ao confessar:

— Desculpe. Ninguém jamais vai se casar com a gente.

A REPORTAGEM DE JUJU

(1962)

ERNEST TOCOU A EMBAÇADA ALIANÇA de ouro no dedo e sentiu a marca deixada pelos anos de uso. Refletiu sobre o episódio de sua infância no mar, bebericando uma xícara de chá verde que já tinha esfriado.

Suspirou ao olhar pela janela do terceiro andar de seu minúsculo apartamento de um cômodo no Hotel Publix. Uma das características da demência de Gracie era o de não se dar muito bem com homens — tinha até esmurrado um atendente do hospital. Nem Ernest estava isento. Por essa razão, ele e Gracie já viviam separados havia mais de três anos. Não era a aposentadoria que tinha imaginado. Visitava a mulher sempre que possível nos dias de sol — era o que Juju chamava de os momentos mais felizes de Gracie, momentos de lucidez — e lhe escrevia em dias nublados, quando ela não gostava de companhia. Ele sentia muita falta dela, mesmo quando estava ao seu lado — saudoso da pessoa que ela havia sido. Também sentia falta de quem ele mesmo costumava ser.

Ernest terminou o chá. Ouviu os trens de passageiros chegando e partindo, bem como o vento passando pelas rachaduras das vidraças, vedadas com fita crepe para fechar as brechas e diminuir o frio. A estação de King Street ficava a um quarteirão de distância, e ele imaginava as pessoas elegantemente vestidas desembarcando de vagões Pullman com cortinas de veludo, sendo abraçadas por entes queridos — o calor, o aroma familiar de colônias ou perfumes, a afobação e a alegria que acompanhavam a tão esperada reunião. Mas também se recordava do tormento solitário de uma despedida. De um nascer do sol tingido pelas cinzas e pela fumaça espessa de lavouras queimadas e edifícios em chamas. E a profunda tristeza marcada pela lembrança de adormecer em meio a dezenas de crianças doentes no porão de um navio que cheirava a medo e desespero.

Ernest quase conseguia sentir a chuva e a neblina no céu noturno, tanto como a melancolia. Endireitou as costas e percebeu um pináculo iluminado ao longe, que só poderia ser o topo da Space Needle.

Pensou em sua mãe morta havia muito tempo, recordando o alfinete de cabelo que ganhara dela décadas atrás. Aquele pedaço de ouro manchado — a fênix de jade que ele agora chamava de Fenghuang — o fazia se sentir culpado por não ter tanta saudade dela, como se sessenta anos depois ainda a

decepcionasse de alguma forma. Ao menos ele sobrevivera. E a triste verdade era que simplesmente não conseguia lembrar como ela era. Não tinha nenhuma foto da mãe. Mas sempre conseguiu se recordar do seu cheiro — doce como de melão maduro, mangas e frutinhas silvestres. Anos mais tarde, ao ler um livro sobre ciência, aprendeu que aquele era o cheiro de um corpo desnutrido.

Ao longo dos anos, Ernest tinha pensado mais nas muitas garotas daquele navio e no que poderia lhes ter acontecido — principalmente quando via alguma mulher mais velha em um mercado de Chinatown, com a história da sua vida estampada nas rugas do rosto.

Imaginava que, se tivessem tido sorte, as que ainda podiam andar deviam ter conseguido empregos em luxuosas mansões recobertas de hera em Broadmoor ou Laurelhurst. Ou talvez tivessem arranjado trabalho em alguma lavanderia ou confecção. As poucas escolhidas talvez tivessem ganhado dinheiro ou se casado para escapar de seus contratos, e acabado numa casa em Beacon Hill, com filhos que estudavam em Franklin High ou Garfield High. Teriam desfrutado de todas as regalias de uma vida relativamente normal.

As filhas dos mercadores provavelmente viraram noivas de retratos, casadas com estranhos que nunca haviam visto, a não ser em fotografias em preto e branco.

Ao contrário das meninas menos afortunadas — as tristes garotas que tinham sido tão boas com ele. Assim como Ernest, foram vendidas pelos pais porque as famílias não conseguiam sustentá-las ou não as queriam, ou fugiram, iludidas, pensando em enriquecer nos Estados Unidos trabalhando como empregadas domésticas. Muitas daquelas garotas foram parar no Aloha, no Tokyo ou no Diamond House, ou talvez no velho Hotel Eastern — bordéis de baixo nível. As garotas eram serviçais registradas com contratos injustos, que poderiam até fugir e procurar a polícia, mas só para serem devolvidas aos seus proprietários, como animais perdidos.

Todas aquelas mulheres, pensou Ernest — as pobres, as filhas de mercadores e o punhado de garotas da vida que sobreviveram —, agora já seriam avós, que escondiam a própria história, com filhos respeitosos que jamais se atreveriam a lhes perguntar sobre a juventude.

Os devaneios de Ernest foram interrompidos por passos no corredor.

Ele ouviu o radiador assobiando e os canos de água quente estremecendo atrás das paredes. Enquanto esperava, respirou fundo, mas logo depois relaxou ao escutar o tropel de botas pesadas na escada de mogno do velho hotel de Chinatown, que rangia e gemia.

Talvez fosse seu velho amigo Pascual Santos, um antigo residente do Publix que o ajudara na mudança quando ele perdeu sua casa.

Talvez quisesse convidá-lo para uma noite na cidade, pensou Ernest. Sabia que devia atender à porta, mas não sentia muita vontade de socializar.

Na verdade, vinha considerando se mudar para um lugar melhor, mas sempre que era despertado pelas conversas no corredor — cumprimentos em chinês, japonês e filipino, alguns educados, outros severos, vozes divagando e enrolando a língua pelo excesso de vinho barato —, Ernest percebia que se sentia estranhamente confortável ali. Naquele purgatório de quartos diminutos e assoalhos empenados, pago semanalmente, o banheiro era comum e o velho papel floral da parede estava sempre descascando, mas Ernest quase não tinha mais ambições e estava conformado com isso. Pois o Publix era um velho abrigo para operários, um esconderijo manchado de tabaco onde a individualidade perdida encontrava refúgio. Onde os mais velhos cultivavam seus jardins no telhado, e os filhos das poucas famílias que viviam ali jogavam basquete no subsolo. E, para Ernest, o hotel ainda ficava a poucos quilômetros de todos com quem havia crescido, que também cuidavam uns dos outros.

Estava prestes a preparar um novo bule de chá quando ouviu passos de novo, dessa vez o inconfundível clique de saltos femininos no piso de madeira perto da porta, seguido de uma batida.

— Pai, sou eu. Abre a porta. — A voz no corredor era de Juju, sua filha. Ernest andava tão ocupado levando e trazendo pessoas da Feira que vinha ignorando a pilha de recados em sua caixa de correio no térreo, cortesia do gerente do hotel na recepção. Agora entendeu de quem eram.

Juju mudou para uma musiquinha marota:

— Paiêê, eu sei que está em casa.

Suas filhas sempre se preocuparam com ele, em especial nos anos que se seguiram à doença de Gracie. Até mesmo Hanny, morando em Las Vegas, que parecia a um mundo de distância, ligava pelo menos uma vez por semana, pagando as ligações interurbanas. Ernest esfregou os olhos ao fitar o espelho trincado na parede. Passou os dedos pelo ralo cabelo grisalho e ajeitou o suéter bem surrado, que só tinha um botão.

Pigarreou e pôs um sorriso no rosto ao abrir a porta.

— Juju! — falou, arregalando os olhos. — Entre aqui para se aquecer. Desculpe não ter retornado seus telefonemas. Tenho andado tão ocupado esses dias... levando gente por toda a cidade. Sua mãe está bem? Você já comeu? — Quando ela o abraçou, beijando-o na bochecha, ele percebeu que não tinha se barbeado.

A filha afrouxou a capa de chuva e entrou, resmungando ao olhar ao redor. Apontou para uma velha mancha na pintura do teto e para um cano cujo conteúdo pingava num balde no chão.

— Pai, se não vai arrumar este lugar, devia ao menos me deixar fazer isso para você. Sério, como consegue viver desse jeito? Olha, eu já estou com mais de quarenta anos, então fique à vontade para me chamar de Judy de vez em quando.

— Hanny não se importa muito com isso...

Juju o interrompeu.

— Hannah também usa um chapéu de dez centímetros com reluzentes plumas de avestruz e maiô de lantejoulas para ganhar dinheiro. Mas o nome dela não é um apelido como o meu.

Ernest sorriu e tentou não revirar os olhos. Não tinha como deixar de sentir orgulho da filha, repórter do *Seattle Post-Intelligencer*. Tinha começado no *Northwest Times*, depois arranhou um emprego na grande publicação cobrindo o Clube dos Jardins das Damas e reuniões do Auxílio a Mulheres da Biblioteca de King Country. Mas de alguma forma Juju (Ernest não conseguia chamá-la de Judy) conseguira ser escalada para uma cobertura regular de Chinatown e de Rainier Beach. Claro que o mais provável era que conseguira o trabalho por ser asiática — e, mais especificamente, porque ninguém mais queria cobrir a vizinhança mestiça. Mas a região dela era também assolada por tensões raciais, com duvidosos negócios imobiliários em cada esquina e em cada terreno baldio — um solo jornalístico fértil para alguém com garra, vontade, inteligência e capacidade de trabalhar duro.

Ernest também tinha orgulho de Hanny, mas seria um eufemismo dizer que sua vocação para corista do Stardust (e às vezes assistente de mágicos) nem sempre era muito bem-vista. Não se preocupava com a profissão dela, assim como Howard Hughes não ligava para repórteres ou Elvis para o Exército. Ele dizia a si mesmo que *se sentia feliz por Hanny estar feliz*. E, sinceramente, achava impressionante que a filha mais nova tivesse conseguido o trabalho, já que era meio chinesa e não tinha a beleza de Jayne Mansfield nem a silhueta das coristas que costumava ver em cartões-postais. Mas Hanny era extraordinariamente alta (ela chamava de boa postura) e muito confiante (ela chamava de refinamento), e Ernest achava que ia muito bem.

Em certas ocasiões ele se preocupava por ela trabalhar em lugares como o Sands, que tinha feito Nat King Cole jantar sozinho em sua suíte para não ser visto no restaurante do térreo. Mas os tempos estavam mudando. E Hanny parecia imune a controvérsias. Era a Miranda de *A tempestade* de Shakespeare, sempre efusiva: “Oh, maravilha! Quantas boas criaturas existem em Las Vegas! Que beleza é a humanidade! Ó bravo mundo novo, que conta com gente como Frank Sinatra!”.

Ernest não se sentia tão impressionado, apesar de reconhecer que adorava

ouvir comentários sobre os encontros de Hanny com Billy Daniels e Peter Lawford, mesmo que tivesse de fazer ouvidos moucos a histórias de pedidos de casamento embriagados que a filha parecia receber quase todas as noites.

Ernest ofereceu a Juju um refrigerante de laranja Nesbitt e sentou-se em sua cadeira de leitura favorita. Ficou olhando enquanto ela tomava meia garrafa num longo gole. Juju enxugou os lábios com as costas da mão e se acomodou no sofá de plástico cheio de calombos.

— Então, a que devo a sua visita? — perguntou.

— Bem — começou Juju —, acho que encontrei um jeito de finalmente pôr meu nome na primeira página do jornal. Tem a ver com você e a mamãe... mas principalmente com você...

— Ela está bem? — perguntou Ernest. — Teve algum sinal de piora? Eu vou calçar os sapatos...

— Não, pai... ela está bem. Quer dizer, sabe como é, está mais ou menos do mesmo jeito. Metade do tempo continua achando que sou enfermeira dela, e na outra que sou uma empregada. Mas está feliz, afável, entrando e saindo do próprio mundo, sem pesadelos ultimamente — explicou Juju, dando de ombros, resignada. — Melhor do que nunca.

— Então qual é o problema? — perguntou Ernest, recostando-se na poltrona.

Juju olhou para ele, erguendo uma das sobrancelhas.

— Ah, não é um problema. Só que convenci meu editor a me deixar escrever um artigo abrangendo duas épocas sobre a grande inauguração da nova Feira Mundial, vista pelos olhos de veteranos que estiveram presentes na Expo Alasca-Yukon-Pacífico original, cinquenta e tantos anos atrás. Claro que o enfoque da matéria não é exatamente novo, mas durante minha pesquisa escavei alguns detalhes que podem destacar meu artigo dos demais. E, como estou com o prazo curto, pensei em verificar alguns desses fatos com você. Pois me lembro de você falando que foi àquela primeira exposição quando era garotinho.

Ernest concordou de forma educada.

— Ah, na verdade não me lembro de tantas coisas assim.

— Bem, por acaso você se lembra de coisas como esta? — Juju remexeu na bolsa e tirou um pequeno maço de recortes de jornais. Entregou um ao pai, que pôs os óculos de leitura.

Era um artigo do *The Kennewick Courier* de 1909 e dizia:

SEATTLE — Um garoto, a cargo da Sociedade Lar para Crianças de Washington, foi um dos prêmios oferecidos na exposição. Seu nome é Ernest e talvez ganhe um sobrenome se o ganhador do bilhete premiado vier buscá-lo.

Ernest abriu a boca para falar. Mas logo a fechou. Depois abriu de novo.

— Isso é interessante... quero dizer... eles distribuíram um bocado de coisas peculiares na Feira...

— Pai. — Juju apontou para o nome no artigo. — Aqui diz *Ernest*. Era você? Quer dizer... uma vez você me contou que foi parar no Lar para Crianças de Washington quando chegou da China. Também disse que arranhou trabalho como empregado doméstico depois da Feira Mundial. E que foi assim que conheceu a mamãe.

Ernest tentou rir.

— Por que você pensaria isso? Ernest é um nome bastante comum... Ernest Hemingway, Ernest Shackleton, Ernest Borgnine, Ernest...

— Ah, meu Deus, é *você*.

— Olha...

— Pai, sou uma repórter investigativa. Isso é o que eu faço para viver. Posso enxergar a verdade no seu rosto. Posso dizer só pelo tom da sua voz.

Ernest franziu a testa e respirou fundo, inspirando devagar. Uma coisa era se perder em lembranças, mas a última coisa que desejava era revelar toda aquela história sórdida para a filha. Sem falar das centenas de milhares de leitores do *Seattle Post-Intelligencer*. Deu uma tossida e tentou mudar de assunto.

— A memória da sua mãe melhorou um pouco mais esses dias?

— Acho que sim, pois foi ela quem me contou.

Ernest piscou.

— Ela contou isso para você?

— Pai, foi ela quem me contou que um garoto foi rifado como prêmio na Exposição Alasca-Yukon-Pacífico, a Eayp... disse que *você* era esse garoto. — Juju ficou olhando para ele. — Estava escutando o rádio e ouviu um comercial da nova Feira Mundial. Aí começou a falar sozinha. Achei que estava dizendo disparates até prestar atenção.

Ernest sentiu um calafrio.

— Do que... você está falando?

— Da mamãe — respondeu Juju, pondo a mão no braço dele. — Ela começou a dizer coisas. Na maior parte do tempo o que ela diz não faz sentido, mas de vez em quando... acho que ela está começando a se lembrar.

Quando a filha saiu, Ernest ligou a pequena Philco giratória que tinha comprado numa liquidação da Móveis e Utensílios Hikida por conta de um botão quebrado.

Funcionava perfeitamente, apesar de ele ter de mudar de canal com um pequeno alicate. Tentou relaxar, ouvindo o zumbido da televisão, esperando o tubo de imagem em cores aquecer para as imagens distorcidas entrarem em foco na tela.

Quanto à pergunta de Juju, Ernest tinha se esquivado. Ganhou tempo dizendo que estava cansado, prometendo ir à casa dela no dia seguinte para conversar. Queria desistir de tudo e ir visitar Gracie naquela noite, mas sabia que ela se deitava cedo e que ficava mais frágil durante a noite.

Melhor deixar que descansasse.

Ernest pensou nas pessoas que conhecia — os que haviam crescido com ele naquele bairro e também ali no Publix. Imaginava que todos da sua idade, de sua safra, tinham uma história, um segredo que nunca contaram a ninguém. Para umas poderia ser um marido abandonado no Japão, talvez um filho ou filha de um casamento anterior na China. Para outros talvez o vergonhoso segredo fosse um pai com quem não falavam mais ou um filho bebê entregue a um vizinho que nunca mais fora visto. Ou talvez um segredo profissional — jogatinas em locais ilegais, contrabando de rum do Canadá durante a Lei Seca, ou os terrores pessoais, íntimos, escondidos atrás das barretas, fitas e medalhas de um registro militar.

Todos temos coisas sobre as quais não falamos, pensou Ernest. Ainda que, na maioria das vezes, tenham sido essas coisas que nos transformaram no que somos.

Ernest lembrou-se da Eayp e refletiu sobre quanto poderia dizer sem revelar a parte de Gracie na história. Ademais, preocupava-se com o tanto de tempo que passaria até a própria Gracie se entregar, sem querer. O que Hanny ou Juju pensariam se soubessem que a mãe já fora outra pessoa — outra coisa? Para ele, a esposa seria sempre mais que uma sobrevivente das circunstâncias. Era uma pessoa forte, uma mulher de uma independência inabalável. Mas, se seu passado fosse revelado, suas amigas fofoqueiras da igreja, os antigos vizinhos — ninguém mais a veria da mesma maneira.

Esfregou as têmporas e ficou assistindo ao programa de Ed Sullivan, transmitido ao vivo da Casa da Ópera de Seattle, toda reformada, ao lado do novo coliseu sem colunas da exposição. Sullivan entusiasmou-se ao apresentar Harry Belafonte e Miriam Makeba, que dançaram e cantaram “Love Tastes Like Strawberries”. Os dois foram seguidos pelo Incrível Unus, um malabarista local que conseguia equilibrar qualquer coisa em um dedo — um guarda-chuva, uma espada, um banco de bar estofado, até um modelo em escala de dois metros da Space Needle.

Ernest deu uma olhada no relógio da parede, ao lado de um calendário da Fábrica de Massas Tsue Chong com uma bela garota chinesa em trajes

tradicionais, mas com maquiagem pesada e lábios cor de rubi. O calendário era de três anos atrás.

Soltou um suspiro:

— Gracie, onde foram parar todos esses anos?

O MUNDO FLUTUANTE

(1902)

YUNG GOSTARIA QUE ALGUÉM tivesse um relógio de bolso, ou ao menos um punhado de incensos para marcar o tempo, do tipo usado pelos monges budistas em sua aldeia para registrar as horas de sol. Mas a melhor coisa que alguém conseguiu arranjar para contar os dias, de acordo com as refeições e a hora de dormir, foi um pedaço de giz. Yung viu quando uma garota fez mais uma marca rudimentar e contou em voz baixa até dezenove.

Enquanto o navio balançava e o tempo passava, Yung chorava muito pela mãe — as lembranças surgiam e esmaeciam como um eco fantasmagórico. Mas pela primeira vez na vida estava sendo razoavelmente bem alimentado, cercado por irmãs mais velhas que sorriam e davam risada. E, nos melhores dias, seu coração jovem e sugestionável se reanimava, esperançoso por promessas no estrangeiro: as ilhas do Havaí, o sol tropical, um interminável horizonte de águas mornas e uma quantidade indescritível de cana-de-açúcar. Disseram que haveria robustos caules por onde olhassem, esperando para serem fatiados, descascados e mastigados, um néctar a ser saboreado. Yung se agarrou àquela esperança, à ilusão de que a mãe sobreviveria e de que algum dia ele estaria crescido e ganharia dinheiro suficiente para mandar para ela. Mas mesmo sua tenra imaginação desconfiava que aquilo era tolice.

Assim como as ilhas, infelizmente, uma constelação de equimoses começou a aparecer no peito, nos braços e nas pernas de um dos garotos. Por causa daquela doença, o navio não pôde atracar em Honolulu. Delirante de febre, o garoto foi posto num compartimento isolado, e pouco depois seu corpo foi jogado ao mar, enquanto o navio seguia para noroeste.

Depois daquele triste evento, um arco-íris surgiu na forma de uma cortina de lona suspensa por uma corda, que mantinha os garotos ao seu lado, inclusive Jun, separados do resto das crianças no alojamento da proa. Os garotos estavam oficialmente de quarentena, e agora eram alimentados de um caldeirão em separado. O médico prestava especial atenção neles, examinando-os duas ou três vezes por dia, embora todos estivessem saudáveis como sempre. Ou ao menos tão barulhentos como sempre — eles continuavam perturbando as garotas atrás da cortina. Principalmente Jun, que descobriu o passatempo incessante de cantar

músicas vulgares, para o desagrado de todos, a não ser dos marujos que passavam por ali. Também provocava as garotas atrás das grades, especulando em voz alta qual delas seria levada a seguir. As meninas reagiam às provocações com palavras mordazes — o tipo de insulto que só podia ser lançado da segurança de sua gaiola.

Yung e as garotas camponesas ficaram fora da disputa, dando risadinhas, até Jun dirigir sua implicância a elas. Ficava arengando até um dos marujos passar gritando em inglês e todo mundo rir mais ainda, enquanto se acomodavam para a noite sentindo-se em segurança, sabendo que, apesar dos latidos, a mordida de Jun estava contida atrás da cortina.

Yung sentiu pena dos outros garotos em quarentena.

Quando dormiu naquela noite, Yung sonhou com a mãe. Em seu sonho ele chegava cedo de suas tarefas. Faminto e entediado, revirava a velha lata de ópio que a mãe usava como caixa de lembranças. Dentro havia uma coleção de flores secas, penas, botões de conchas e um de seus dentes de leite. Ela deixou o dente no teto da casa durante um mês, uma antiga superstição que faria o dente permanente crescer mais depressa. Yung estava cheirando os frascos vazios de perfume dela quando ouviu a risada da mãe no andar de baixo e também a de um homem estranho. Procurou freneticamente um lugar para se esconder enquanto eles entravam no pequeno apartamento de um cômodo. Em seu sonho, Yung se escondeu atrás da cama da mãe, bem a tempo, quando dois pares de sapatos entraram no quarto, pesadas botas de couro e sandálias de dedo cor de lótus desbotadas. Yung sentiu uma mistura de cheiros de álcool, tabaco e suor. Continuou imóvel e em silêncio enquanto roupas caíam no chão, o antigo vestido mandarim da mãe e o colarinho engomado do homem. Yung ouviu o alfinete de cabelo dela caindo à sua frente. Estendeu o braço e o pegou, sentindo as molas de aço vergarem quando o casal se jogou na cama. Yung ouviu sons abafados que pareciam gritos em meio a uma respiração pesada e dolorosa. Agarrou o alfinete e pensou em espetar a agulha pontuda no colchão.

Yung abriu os olhos no compartimento de carga escuro, sentindo o cheiro do cobertor de lã musgoso e ouvindo o som monótono do motor a vapor do navio. Sentiu o balanço suave.

Foi só um sonho. Minha mãe já se foi.

Pouco depois ouviu um choro tímido e sentiu um movimento ao seu lado. Virou o corpo e esfregou os olhos, achando que talvez ainda estivesse sonhando, quando viu Jun subir em cima da garota ao lado. Ela lutava e choramingava, mas

Jun lhe cobria a boca com uma das mãos enquanto abria os botões de sua blusa com a outra. Seu corpanzil a recobria como uma manta, pressionando o corpo frágil dela contra o colchão de palha.

Os olhos de Yung encontraram os do garoto maior sob a luz difusa.

— Olha para o outro lado, irmãozinho — cochichou Jun.

Yung fechou os olhos, mas logo os abriu. Não era um pesadelo. Era real.

— E se você contar, eu vou fazer isso com o resto das suas irmãs. Depois vou fazer o mesmo com você.

O coração de Yung disparou. Sentiu-se confuso e aterrorizado ao se virar devagar para o outro lado. Jun tinha três vezes a idade dele e cinco vezes o seu tamanho. Mas a mão de Yung se moveu como se pensasse por si própria e pegou o longo alfinete de cabelo. Sentiu um aperto no peito e uma sensação de enjoo e terror no estômago ao ouvir a garota se debater, mas continuou paralisado de medo. Em seguida, viu que a garota japonesa ao seu lado estava sentada no escuro. Viu os olhos dela se arregalarem antes de lhe arrancar o alfinete da mão e passar por cima dele, sua túnica azulada como um fluxo de água corrente. Ela ergueu o braço como se fosse tocar o teto e o desceu como um martelo, cravando a longa ponta de cobre no traseiro do garoto. O som resultante poderia ter sido produzido num açougue, o tapa de uma mão numa peça de carne. O garoto gritou. Yung viu Jun sair cambaleando da cama e cair ferido no chão, contraindo-se e se encolhendo de dor, praguejando e gritando, chorando, com lágrimas escorrendo pelo rosto:

— *Lou geoi!* Sua *lou geoi* suja! — continuou berrando, dizendo que a garota era mais baixa que uma puta de rua que vendia o corpo por restos de comida.

Quando o garoto se pôs de joelhos, Yung viu o presente de sua mãe balançando como uma libélula num papel mata-moscas. Estendeu a mão e pegou o alfinete, arrancando-o de Jun, enquanto ele saía mancando, segurando o fundilho da calça.

— Eu não sou *lou geoi!* — gritou a garota japonesa, quase espumando pela boca. Estava sendo contida pelas garotas, que agora tinham acordado em igual confusão, choque e surpresa. Outras cuidavam da menina que Jun havia atacado.

— Eu sou *Fahn!* — berrou a japonesa, apesar de ter metade da altura dele, uma feroz menina de oito anos gritando na cara de um adolescente. Gritou mais uma vez e cerrou os dentes quando Jun se retirou para trás da cortina e os marinheiros entraram no recinto. Apontou mais uma vez para o próprio peito: — Eu sou *Fahn!*

Yung não sabia se era um apelido. Era uma palavra estranha, num dialeto estranho. Para ele as palavras queriam dizer: “Eu sou garota!”.

Quando as outras a soltaram, ela se sentou perto de Yung, recuperando o

fôlego. Com os olhos marejados de emoção, sorriu para ele e perguntou:
— Você ainda vai se casar comigo?

TODO MUNDO JOGA, NINGUÉM VENCE

(1962)

NA MANHÃ SEGUINTE À VISITA DE JUJU, Ernest viu-se lidando com as lembranças daquela noite no compartimento de carga. Recordou-se de o navio finalmente chegar alguns dias depois a Victoria, na Colúmbia Britânica, onde garotos e garotas foram separados com pouco alarde e sem explicações. Perdi minha irmãzinha depois de dois dias, pensou Ernest. Agora perco minhas irmãs mais velhas em menos de quatro semanas. Não consegui nem me despedir delas.

Sob um fiapo de lua, foi transferido com os outros para uma pequena chalupa, presumivelmente com destino a Port Townsend, em Washington — um portal para moinhos e processadoras de salmão em conserva. Ou talvez para cultivo de ostras. Os meninos viram a cidade escura deslizar pela noite a algumas centenas de metros de distância. Mas foi só um vislumbre, pois logo foram amarrados em sacos de aniagem e depositados no convés. Os marinheiros disseram que aquele subterfúgio era para o próprio bem deles, no caso de a Guarda Costeira parar o barco e oficiais da aduana quisessem inspecionar a carga. Disseram para ficarem absolutamente imóveis, em silêncio e não se preocuparem. Mas naquela primeira noite, em meio a uma comoção de buzinas de navios, gritos e o que pareciam fogos de artifício, Ernest se lembrou de agarrar o alfinete de cabelo da mãe.

Em sua imaginação, os contrabandistas eram os infames Ben Ure e Lawrence “Pirata” Kelly, homens conhecidos por trazer trabalhadores chineses ilegais para Washington via Deception Pass. Mas agora, já homem-feito, Ernest sabia que devia estar projetando. Talvez fosse algo que tivesse lido em algum livro de história — algo para explicar o terrível sentimento de desproteção ao ser içado e lançado ao mar, caindo pelo ar, batendo na água gélida e sentindo o gosto de sal. Ouvia gritos de socorro seguidos pelo gorgolejar abafado dos outros meninos afundando. De alguma forma ele conseguiu usar o alfinete da mãe para abrir um buraco grande o suficiente para passar os dedos pelo saco de aniagem, depois as mãos, até conseguir sair. Os outros garotos já haviam se afogado quando Ernest chegou à superfície, os corpos amortalhados esbarrando nele na escuridão, boiando como madeira flutuante na maré que subia.

Ernest fechou os olhos e se lembrou de luzes bruxuleando no horizonte,

aparecendo e desaparecendo atrás das ondas enquanto nadava estilo cachorrinho até a praia mais próxima, tremendo, os lábios e dedos dormentes. A água escura era tão fria que a pele ardia e comichava.

Viu o holofote de uma embarcação da Guarda Costeira ao longe, afastando-se dele. Estava exausto e aterrorizado, quase se afogando, quando um policial de patrulha na praia deve tê-lo avistado — mergulhando e o arrastando para a praia logo depois. O policial tremia enquanto envolvia Ernest com seu casaco, que cheirava a café e cigarro.

O nome do policial era Ernest, e por isso Yung recebeu o nome de seu salvador, embora nunca mais tenha visto o homem. Mas nunca se esqueceu de suas palavras:

— Você é um garoto de sorte. Nos meus vinte anos nesse trabalho, a Baía dos Homens Mortos sempre justificou o seu nome.

Ernest se agitou para afastar aqueles devaneios e olhou para o relógio. Pegou o casaco e o chapéu e foi se encontrar com o amigo Pascual na Barbearia Osami.

Os dois moravam no Publix, Ernest havia três anos, Pascual trinta. Com o amigo alternando o trabalho em turnos à noite, podiam se passar semanas sem que se vissem, por isso adotaram uma rotina de se encontrar todas as semanas para se barbear e cortar o cabelo antes de um desjejum tardio no Linyen, no Don Ting ou no Little Three Grand Café. O amigo era um fã ardoroso das muitas revistas em quadrinhos e livros populares que Osami sempre tinha no meio dos jornais asiáticos locais. Pascual chamava a barbearia de sua sala de leitura, por isso Ernest não ficou surpreso ao entrar e encontrá-lo envolvido com um exemplar de *Minha maior aventura*. A história de capa era intitulada: “Eu fui um náufrago em terra firme!”.

Era como Ernest se sentia.

— *Kuya* Ernest, eu já estava achando que você não ia aparecer. O que aconteceu, anda me evitando ou coisa parecida? — perguntou o amigo, enquanto se reclinava numa cadeira de couro vermelho e o barbeiro passava uma espuma de barbear mentolada em suas bochechas escuras e queimadas de sol e nas costeletas grisalhas. — Ontem à noite fui até o Black and Tan. Aquela viúva, Dolores, perguntou por você. Talvez tenha chegado a hora de o Cavaleiro Solitário voltar à sela. Eu sei que, tecnicamente, você ainda é casado e tudo mais, e sei que vem fazendo muito por Gracie nesses últimos anos. Só estou pensando, talvez seja hora. Talvez ela queira que você seja feliz ou algo assim.

Ernest balançou a cabeça e sorriu da melodia agradável do sotaque filipino do

amigo, o jeito como a palavra *feliz* soava como *feliss*. Ernest pegou um jornal dobrado de uma prateleira de madeira e ocupou a cadeira ao lado. A mulher do barbeiro abriu seu colarinho e jogou uma toalha de algodão sobre seus ombros. Fixou o tecido ao redor do pescoço com uma presilha de metal ao mesmo tempo que Ernest abria o jornal. Todos os cupons já tinham sido recortados.

— O de sempre, sr. Ernest? — perguntou.

Ele anuiu e falou com Pascual, que podia ver pelo espelho, com as imagens refletidas diminuindo até o infinito.

— Eu tenho andado ocupado. Além do mais, quem é Dolores?

O amigo fez uma pausa enquanto Osami passava a navalha pelo lado esquerdo do rosto de Pascual, removendo o excesso de espuma com uma toalha pendurada que trazia no braço.

— São muitas as mulheres mais velhas e solteiras que se lembram de você do tempo em que costumava ir lá com Gracie. Elas conversam comigo, mas só querem saber de você. E essa é a sua mágica cruel, meu amigo bonito... você se dá melhor do que eu, mesmo quando não está presente.

A mulher do barbeiro pôs um pano sobre os ombros de Ernest e lhe cobriu o rosto com uma toalha quente, e Pascual continuou falando, agora num tom mais sério.

— Sabe de uma coisa, alguém mais passou pelo clube ontem à noite. Juju, sua filha... ficou rondando por lá, perguntando se alguém queria falar, e as perguntas dela eram sobre você, meu misterioso *kaibigan*.

Ernest sentiu o estômago se contrair, quase sufocado pela toalha.

— Mas não se preocupe, ninguém falou muita coisa, principalmente porque ninguém ali sabe de nada. Mas você conhece a sua *bata*, ela sabe ser bem insistente. Ficou perguntando sobre a sua infância, sobre a vizinhança onde você cresceu, em que escola estudou, se foi adotado ou coisa assim, se já teve outro nome. Metade do bar a conhece do jornal ou sabe que ela é sua filha, por isso falaram um pouco, mas acho que ela assustou a outra metade. Provavelmente tacharam você de algum tipo de espião vermelho ou coisa do gênero. O que só deixou Dolores mais intrigada ainda. — Pascual balançou a cabeça. — É a sua magia, meu amigo.

Magia, pensou Ernest. Era como Pascual de alguma forma ganhava a vida, como jogador em tempo integral e malandro em meio período no Palace, uma perturbação local na forma de salão de bilhar. Pascual já fora membro do Sindicato Internacional de Estivadores e Almojarifes, até que a sede nacional os chamou de comunistas e expulsou todo mundo. Não pôde se defender da acusação porque os trabalhadores filipinos estavam sendo deportados por se associarem a organizações inadequadas. Foi assim que os dois se conheceram,

mais de trinta anos atrás, ambos como cidadãos recém-naturalizados.

— Você não contou a Juju... — perguntou Ernest.

Pascual o interrompeu.

— Não, eu não falei quase nada. Ao menos nada que consiga me lembrar. — Depois deu de ombros. — Ah, eu posso ter dito algumas coisas, mas depois, para não revelar nada demais, comecei a falar em filipino e contei como saltei do navio em Luzon, o que não é tão difícil depois de alguns *whiskey sour*. Juju deu risada e se afastou para continuar falando com os outros, mas... você sabe que ela pegou pesado com os nipo-americanos que se recusaram a lutar na guerra quando ainda era foca, mexendo com o bairro todo. Por isso os que a conheciam não quiseram falar muito. E eu... eu não entregaria você nem por um milhão de dólares, juro sobre o túmulo da minha mãe. — Pascual fez o sinal da cruz e mandou um beijo para o velho teto de zinco pintado de branco. — Que descanse em paz, *mama. Diyos pagpalain*.

— Que Deus abençoe a todos nós — disse a mulher do barbeiro enquanto tirava a toalha do rosto de Ernest e começava a aplicar a espuma de barbear em suas bochechas com um pincel de cerdas de porco.

Ernest abriu o jornal e folheou as páginas da publicação local, procurando até encontrar o nome da filha: Judy Young. E sua foto habitual ao lado de um artigo intitulado “PRECISAMOS SALVAR O MERCADO DE PIKE PLACE”, DIZ WING LUKE, O PRIMEIRO VEREADOR ORIENTAL DE SEATTLE. O título parecia razoavelmente benigno, mas o artigo sobre a recuperação do mercado, que tinha entrado em decadência depois da evacuação dos agricultores japoneses e suas famílias, não media palavras. Os velhos campos de internação eram um tabu, mas Juju não tinha problema em abordar aquele elefante na sala.

Ernest se lembrou de quando a filha se formou em jornalismo pela Universidade de Washington. De brincadeira, ele a chamou de Lois Lane. Ela respondeu:

— Prefiro que você me chame de Nellie Bly.

Ernest ouviu o sinete da porta e baixou o jornal. Viu dois rapazes chineses, provavelmente ainda colegiais, entrarem na barbearia com lápis nas orelhas. Um deles portava uma prancheta com os números da loteria de sábado impressos e o logotipo da Loja Sun May num canto.

Ernest falou:

— Não, obrigado. Eu não jogo. — Mas viu Pascual preencher dez folhas como se cada série de números fosse parte de uma complexa equação matemática, um enigma que ele poderia resolver com raciocínio coerente, com astúcia e uma pitada de malícia. Pagou com uma nota de dez dólares e ainda jogou uma moeda de prata de um dólar para eles levarem suas apostas ao

banqueiro do jogo.

— Ei, Donnie, se eu ganhar esses dez mil dólares — gritou Pascual enquanto os garotos entravam na loja ao lado —, dou cinco... não, dez por cento para cada um, tá?

Ernest viu Osami e a mulher se entreolharem, erguendo as sobrancelhas. Em seguida, menearam a cabeça em uníssono e continuaram a trabalhar. Ouviu a mulher do barbeiro falar com ele em japonês e dar risada. Depois mudou para inglês e bateu no ombro de Pascual.

— As pessoas jogam nessa loteria desde que eu nasci. — Esticou a palavra até soar como *nasciii*. — Ninguém nunca venceu o grande prêmio em dinheiro... ninguém. E garanto que, se um dia alguém ganhar, aposto que vai ser um primo do Sun May.

Ernest sorriu e olhou para Chinatown pela janela, um bairro não isento de crimes ou escândalos, mas não mais nem menos que Central District ou Fremont, que Rainier Beach ou o centro de Seattle. Agora Juju estava investigando esse bairro.

Ela é obstinada como a mãe, pensou Ernest. Juju estava fazendo pequenas apostas por toda a cidade, da mesma forma que Pascual jogava na loteria, esperando ganhar alguma coisa no fim das contas.

O DESPERTAR DA GRAÇA

(1962)

UMA HORA DEPOIS, ERNEST OBSERVAVA o anjo de plástico pendurado no espelho retrovisor do Volkswagen vermelho de Juju, indo de Chinatown para a casa dela, no lado sul de Queen Anne Hill. O penduricalho balançava para a frente e para trás, com filamentos dourados se emaranhando no halo da figura, fazendo o mensageiro celestial parecer ter sido linchado.

— Desde quando você se tornou uma religiosa ostensiva? — perguntou Ernest.

— Foi um presente — respondeu Juju. — De uma velha amiga da mamãe da igreja. Você sabe como elas são, todas são minhas tias e torcem para eu me estabelecer, encontrar um bom homem para tomar conta de mim, talvez um médico ou advogado... ou quem sabe alguns dos sobrinhos delas cheios de espinhas. Elas querem que eu tenha filhos, frequente as suas reuniões e organize festas. Aquelas senhoras estão sempre querendo salvar a minha alma, um badulaque religioso de cada vez.

— Amém — concordou Ernest, lembrando a última vez que tinha ouvido os sinos da igreja batista da King Street.

Havia anos não passava por lá, principalmente por ser a igreja de Gracie, enquanto Ernest se considerava um jesuíta xintoísta, deísta e agnóstico — uma mixórdia, um refugiado espiritual que tinha escapado de um regime opressivo quando criança e nunca conseguiu ser assimilado em lugar nenhum. Apesar de as senhoras da igreja serem simpáticas e ele sentir falta do bingo, dos jogos de cartas e do mahjong das noites de terças e quintas.

— Agora que eu concordei em vir te buscar — disse Juju, acendendo um cigarro e mudando de assunto —, você vai me contar a história toda da sua infância, não é?

Ernest abriu a janela e viu a fumaça do cigarro mentolado da filha passar pela sua frente. Notou marcas de queimadura no painel, onde os cigarros de Juju tinham derretido o plástico.

— Juro dizer a verdade — falou. — Toda a verdade e nada além da verdade...

— E que Deus o ajude?

Ernest deu uma risada.

— Que ajude a mim e à pobre gente do Black and Tan.

— Então o tio Paz te contou que eu passei por lá ontem à noite? — perguntou Juju. — Desculpe, pai, eu só estava fazendo meu trabalho, isso é só o começo... você entende como é. Escrever arduamente, morrer livre... Rá-rá-rá. Além do mais, um bom repórter sabe quantas outras matérias pode descobrir pelo caminho.

Ernest fez uma careta.

— Sabe quem foi o primeiro asiático a ganhar um Pulitzer? — Juju respondeu antes de Ernest responder. — Carlos Romulo, em 1941, que depois se tornou presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas. Sabe quem foi a primeira mulher... na categoria jornalismo?

— Não. — Ernest se sentiu um pouco enjoado. — Mas tenho certeza de que você vai me dizer...

— Anne O'Hare McCormick... que depois fez parte do conselho editorial do *New York Times*. E sabe quem foi a primeira mulher asiática?

Ernest abriu um sorriso e falou:

— Estou imaginando que nenhuma ainda, mas a principal candidata trabalha no *Seattle Post-Intelligencer* e tem como hábito pressionar velhos que moram no Hotel Publix.

— Pai... você me conhece melhor do que isso. Sou tão carreirista quanto qualquer um, mas isso não tem nada a ver comigo nem com você, tem a ver com o que esses repórteres tinham em comum. Eles não tiveram medo de revirar todas as pedras e examinar as coisas gosmentas embaixo delas. Tem a ver com *todas* as pessoas marginalizadas que nunca contaram direito suas histórias. E, sim, agora eu entendo que tem gente, como você, que não tem vontade de falar sobre o passado, mas alguém acaba falando. E pode ser comigo... com a sua filha. — Juju sorriu e deu um tapinha na mão do pai. — Confie em mim, você vai ficar bem na foto.

Ernest mordeu o lábio. *Não é comigo que estou preocupado*. Viu um sinal passar do verde para o vermelho. Acenou distraído para um músico de rua na esquina.

— Vou contar tudo o que puder — insinuou, permitindo-se uma pequena mentira inocente. — Mas acho que você devia primeiro falar com a sua mãe. Nós não temos uma conversa significativa há mais de um ano, e mesmo então...

Ernest deu um suspiro. Não sabia como explicar que a infância *dele* era também a infância de Gracie. E fossem quais fossem as indignidades que tinha sofrido, as dela eram mil vezes piores — principalmente aos olhos de vizinhos e amigos.

— Você acredita...? — Ernest hesitou. Não queria ter esperanças. — Você

acha mesmo que ela vai me reconhecer hoje? Quer dizer... já faz um bom tempo...

A cinza do cigarro de Juju caiu no volante e ela o apagou no cinzeiro. Tossiu e respirou fundo, soltando o ar devagar, num suspiro inquieto que parecia mais um gemido suprimido ao subir a rampa da entrada da garagem. Recoberta de hera, a casa vitoriana onde morava ficava entre magnólias e estava lá desde que ela nascesse, eclipsada por uma série de novas antenas de televisão que se erguiam da colina e se estendiam em direção ao céu encoberto.

Juju puxou o freio de mão.

— Acho que vamos saber logo.

Você sabe quem eu sou? Eram essas as palavras que Ernest repetia dentro da própria cabeça sentado em frente à esposa, que cochilava na sala de estar. Agitava-se como um garotinho, olhando com curiosidade para os retratos que decoravam as paredes, a mesinha de centro e a cornija da lareira. Retratos de família, alguns com uma Gracie mais jovem, sorrindo com aquele conhecido brilho malicioso no olhar. O mesmo brilho presente nas fotos de casamento dos dois, das férias em São Francisco e da formatura. Juju explicou que o dr. Luke tinha recomendado a exposição daquelas fotos do seu passado.

Na vida real, Gracie estava recostada numa poltrona, imóvel.

Juju cumprimentou a mãe como se ela estivesse acordada, ouvindo de olhos fechados. Ernest ficou olhando a filha pegar uma escova e ajeitar os ralos cabelos de Gracie tingidos de prateado. Arrumou os botões de cima do pijama manchado de café, abotoados fora de ordem. Depois segurou as mãos da mãe com delicadeza e cochichou alguma coisa em seu ouvido. Gracie, que ainda não tinha aberto os olhos, não respondeu.

Juju olhou para Ernest.

— Ela anda meio teimosa esses dias. Juro que ela me ignora só para me irritar.

— Não... — disse Gracie. — Não fale sobre mim como se eu não estivesse presente.

Ernest percebeu a lucidez na voz dela.

— Ora, olá, mãe. Nem sabia que estava acordada. Papai está aqui. Ernest, lembra? Ele é o garoto que você mencionou... o garoto que foi rifado na Feira tantos anos atrás. Lembra da Feira de que falamos a respeito? — Juju falava devagar e em voz alta, como se a mãe tivesse dificuldade para ouvir. — Ele está aqui. Olha como ele cresceu, como você. E veio de Chinatown até aqui para te

ver. Achei que vocês pudessem conhecer as mesmas pessoas. — Recostou-se e sussurrou para Ernest: — Vou querer saber a história toda quando encerrarmos aqui.

Gracie aquiesceu com prazer e enfiou o braço fino num roupão surrado pendurado no encosto da cadeira. Falou alguma coisa sobre o frio e pôs os pés em chinelos que não combinavam. Piscou para ele e depois para Juju. Em seguida voltou a atenção para a paisagem do estreito de Puget, marcada pelas esteiras em forma de V dos barcos de passeio, a neblina esverdeada das Montanhas Olímpicas e um minúsculo colibri adejando perto de uma garrafinha colorida pendurada de um soffito do lado de fora da janela da sala. Fungou e pareceu agitada ao apontar um dedo trêmulo para o passarinho, que ziguezagueava para cima e para baixo, para a frente e para trás, como uma abelha com bico em forma de uma agulha comprida.

Ernest olhou para a filha e depois para o passarinho, tendo ao fundo a Expo Século XXI: a silhueta da nova Space Needle erguendo-se acima da curva em declive do monotrilho, o teto em forma de pirâmide do Coliseu do Estado de Washington, e as colunatas e arcadas do Pavilhão de Ciência dos Estados Unidos. Ouvira dizer que as árvores retiradas da frente de sua casa tinham sido replantadas ali. Aquela fileira de carvalhos agora alinhada perto de um dos grandes pavilhões.

— Mãe, o papai veio aqui para falar com você. E conversar sobre a Feira — disse Juju.

A mãe empalideceu ao som daquelas palavras.

— Ah — replicou Gracie, surpresa. — Nós não devíamos falar sobre essas coisas.

Juju riu e balançou a cabeça.

— Não, mãe. Ernest veio para falar sobre a Expo Alasca-Yukon-Pacífico... *a Grande Feira Mundial*, lembra? Ele estava lá, e você também, por isso achei que os dois deviam se ver, se reconectar. Talvez consigam lembrar histórias dos velhos tempos. Que tal? Ele adoraria ouvir algumas das suas lembranças, das suas histórias. Talvez ele possa responder algumas perguntas... ajudar a preencher as lacunas, sabe.

Gracie continuava ignorando Ernest. Mas, quando Juju não estava olhando, ele seria capaz de jurar que viu sua mulher piscar e esconder um sorriso maroto.

Juju disse a Ernest:

— Eu vou fazer um chá para nós... ver se temos alguns biscoitos ou algo assim.

Ela ligou um rádio de mesa na Krab, onde um cantor local chamado Ron Holden interpretava seu single de sucesso, “Love You So”. A música tinha se

destacado na lista das dez mais da *Billboard*, mas a maioria das emissoras locais, como a KJR, se recusava a tocá-la.

— Você tem um bom gosto musical — comentou Ernest, que adorava canções de amor, baladas e músicos negros.

— O que eu posso dizer? Eu sou filha do meu pai — disse Juju, aumentando o volume. — Vou até a cozinha. Se precisar de mim, grite.

Ernest sorriu e puxou a cadeira para mais perto de Gracie. Ela parecia tão magra. Mantinha o cabelo comprido, como sempre, e as lindas maçãs do rosto estavam um pouco encovadas. Os olhos pareciam fatigados, embora não tanto quanto os dele. Os dois tinham visto muita coisa na vida.

Para onde você foi, minha querida e meiga garota? Depois de três anos tentando se aproximar da mulher e vê-la parecer aterrorizada, lacrimosa ou praticamente catatônica com suas tentativas, Ernest acabou aceitando a situação. Mas naquele dia não iria simplesmente repetir a atitude de um amável cuidador. Ou de um amigo distante. Naquele dia, Ernest ousava ter esperança.

Pigarreou e disse:

— Olá, Graciosa.

Prendeu a respiração quando ela estendeu os braços e segurou a sua mão. Procurou um lampejo de reconhecimento em seus olhos.

— Já faz tempo. Você se lembra de mim? — perguntou, sentindo saudade da mulher que conhecera há anos, antes do zumbido nos ouvidos, antes das dores de cabeça repentinas e das tonturas, antes dos ataques que a levaram embora.

Gracie aquiesceu e respirou fundo, soltando um suspiro.

— Faz muito tempo. Ninguém me chama de Graciosa há... — Piscou, olhando para ele, apertando os lábios e meneando a cabeça como se Ernest fosse um quebra-cabeça esperando para ser montado. — Há uma eternidade.

Ernest sorriu e concordou, embora a tivesse chamado por aquele nome apenas na semana anterior. Mas Gracie não se lembrou dele e o mandou embora.

Mas, naquele dia, ela tocou em seu rosto, sentiu sua barba. Acompanhou as linhas do rosto, as bolsas sob os olhos cansados. Naquele momento ele ignorou como os anos haviam se acumulado sobre Gracie, as lembranças que deixaram suas marcas e cicatrizes, que se sobrepuseram como camadas de sedimentos. Sentiu a própria idade, e seu coração pareceu um relógio sem corda, batendo devagar. E lamentou os anos que havia perdido e toda a vida que Gracie tinha esquecido.

— Ernest — murmurou Gracie, aquiescendo. — Young.

Ernest suspirou aliviado, sufocado numa súbita maré de emoções.

— Eu estou aqui. — Ficou segurando as mãos dela, quentes, marcadas por veias e manchas de uma vida muito bem vivida. Não se atreveu a beijá-las.

— E de repente... aqui está você — disse Gracie, franzindo a testa e depois voltando a sorrir. — Eu não estou imaginando isso, estou?

Ernest fez que não com a cabeça.

Gracie tossiu e encontrou um fio solto no quimono, puxou a linha vermelha e a arrancou. Ficou com o fio na mão e depois o soltou em um cinzeiro lotado, suspirando.

— Ah, que coisa... Desculpe por estar me vendo desse jeito.

— É sempre bom te ver, Gracie. Você está linda como sempre. — Ernest olhou para a cozinha, de onde Juju espiava, sorrindo. — E nossas filhas, elas são iguaizinhas a você. Você deve se sentir orgulhosa...

— E lá vai ele — disse Gracie ao notar o colibri sair voando.

Os olhos dele se fixaram nos dela e ele viu a lucidez que ia e vinha, bruxuleante como o sinal de uma televisão durante uma tempestade. Desligou o rádio. Voltou a se sentar.

— Você se lembra de nós? — perguntou ao pegar na mão dela de novo.

— Ah, eu me lembro de você. — Gracie concordou com a cabeça, mas o semblante fechado dizia outra coisa. — Você era o meu... amigo mais dedicado. Como eu poderia me esquecer... de você?

Ernest voltou a atenção para o par de alianças dos dois.

— E você... você foi a garota precoce que roubou meu coração.

— Hummm... — Gracie recostou-se e sorriu. Pareceu perdida em pensamentos saudosos ao levar a mão aos lábios. Depois riu com delicadeza e perguntou: — Você quer de volta?

Ernest apertou a mão dela.

— Não, minha querida. É seu, para sempre.

Ele a viu fechar os olhos, parecendo contente, reconfortada. Ouviu sua respiração se acalmar quando ela relaxou, puxando a manta do colo até o queixo e descansando a cabeça numa almofada perto dele. Ernest se virou para a filha, cujo sorriso se evaporou ao retornar à sala de estar. Deu de ombros como que pedindo desculpas, como se dissesse: *Vamos tentar de novo alguma outra vez*. Mas Ernest não se incomodou. Sentia-se feliz sentado ao seu lado, vendo Gracie dormir tão tranquilamente. Foi o melhor momento que teve com ela o ano todo.

Ernest sentou-se ao lado de Juju no pequeno quintal coberto de musgo, bebericando uma xícara de chá. O gramado dela não era aparado havia uma eternidade, e o capim tinha tomado conta da pequena área que já fora um modesto jardim. Olhou por cima do ombro na direção da casa e voltou a olhar

para a filha.

— Sua mãe está fantástica. Com a cabeça mais lúcida que já vi em... anos. Cansada, mas ainda assim parece tão... contente. Mas, agora que está mais presente, ela não sai por aí sozinha quando você está fora?

— Ela nunca sai — respondeu Juju, passando o cabelo por trás da orelha. — Sempre se contenta com seus programas de variedades, feliz, ouvindo o rádio e olhando os passarinhos... uma perfeita companheira de casa. A gente faz uns passeios pelo Kerry Park. Ou eu a levo para fazer compras no mercado. Ainda fica confusa quando encontramos alguém que a conhece e ela não consegue lembrar... antes ficava muito inquieta, até agitada. Mas ultimamente anda mais relaxada. Como se estivesse redescobrando coisas. Eu estive pensando que talvez, só talvez, a gente pudesse levá-la à Feira Mundial. Talvez parte daquele entusiasmo possa abrir algumas dessas portas fechadas.

Ernest piscou e pensou a respeito. Gracie parecia tão feliz, tão em paz. Será que não seria melhor deixá-la nessa paz, em vez de remexer o passado querendo algo além? Há coisas boas no passado, mas há também coisas que não deveriam ser perturbadas.

Juju abriu seu bloco de anotações, apertou a caneta, que fez um clique.

— Bom, meu prazo está ficando cada vez mais curto.

Ernest aquiesceu. Tinha concordado em contar, falar sobre o passado.

— Pelo que consegui saber nos arquivos do jornal e nos microfilmes da biblioteca, você era o quê... um recém-nascido, ou já estava começando a andar? — perguntou Juju. — E ninguém se apresentou com o bilhete premiado para te buscar, correto?

Ernest balançou a cabeça e olhou para as próprias mãos, velhas e enrugadas — mãos de um homem velho. Tocou na aliança e pensou em Gracie dormindo tão perfeitamente, sonhando com dias melhores. Pigarreou e voltou a olhar para a filha.

— Não, apesar de eles terem tentado dar um bebê na exposição das incubadoras. Eu não era esse bebê, nem estava só começando a andar. Eu já era um pouco mais velho. E, sim, uma pessoa foi me buscar.

LÍNGUAS NATIVAS

(1909)

SETE ANOS APÓS TER CHEGADO aos Estados Unidos, Yung Kun-ai já não sonhava mais em cantonês. Apesar de às vezes ainda ter pesadelos com as decrepitas instalações do Serviço de Imigração dos Estados Unidos, no lado norte da baía de Elliot. Ficou meses jogado naquele buraco junto com cinquenta ou sessenta pessoas, chineses e japoneses, todos dividindo três baldes de cobre para se lavar. Seu primeiro Natal foi com biscoitos de gengibre e torta de carne, que voluntários devem ter preparado para os detentos. E havia os momentos estranhos e festivos, quando mulheres japonesas se casavam no local com trabalhadores migrantes que vinham buscá-las, tendo os funcionários do Serviço de Imigração como testemunhas. As mulheres sempre choravam, às vezes de soluçar, e Ernest nunca sabia dizer se as novas noivas estavam felizes ou tristes, alegres ou em estado de luto.

Yung Kun-ai tinha se tornado um garoto que todos chamavam agora de Ernest Young. Nem oriental puro nem branco, não totalmente americano nem chinês, saiu da instituição e ficou sob a guarda do Estado, passando por uma série de reformatórios e colégios internos estaduais, onde praticou esportes e estudou em livros americanos. Sonhava com beisebol e em ganhar uma partida numa tacada só (ou pelo menos avançar uma base). Sonhava com um rosbife macio com molho de ervas aos domingos, e poder repetir. Sonhava com as viagens ao campo nas tardes de sábado quando estava na Biblioteca Pública de Seattle. E sonhava em namorar Maud Brewster, a aventureira alta e inteligente de *O lobo do mar* de Jack London.

Ernest sonhava com todas essas coisas, até mesmo às 5h15 da manhã, sentado na privada gelada no banheiro escuro e sem aquecimento da Academia Holy Word, enquanto esquentava a porcelana para um dos garotos mais velhos, que acordaria às 5h30.

Trabalhar para os alunos mais velhos era parte da rotina prescrita a todos os garotos de segunda classe — os meio índios, os mulatos, os lesos e os tímidos, muitos dos quais eram patrocinados por docentes ricos como a sra. Irvine, também santa padroeira de Ernest, que concordara em administrar seus assuntos a distância. A senhora de idade era educada, porém severa, e sempre o lembrava

da boa sorte de Ernest e da imensidão do coração caridoso dela. Mas sua paciência e seu interesse pareceram se desviar quando ele ficou mais velho, e a atenção dela se estendeu para crianças mais novas, mais fáceis de contentar.

Assim, nas manhãs dos finais de semana Ernest engraxava botas de couro com Vici Paste, estendia lençóis, arrumava camas, secava toalhas, aquecia banheiros e escovava dezenas de casacos de linho e lã. Não importava como fosse tratado na Holy Word, as condições eram infinitamente melhores que no seu primeiro ano nos Estados Unidos, quando foi enviado por engano a uma escola indígena em Tulalip e proibido de falar em qualquer língua a não ser inglês. Foi quando ele ansiava por outras coisas, como passar um dia sem ter de marchar pelo pátio, na chuva ou na neve, usando botas que apertavam os pés. Era onde sonhava com uma vida melhor, ou pelo menos com uma tarde em que não fosse obrigado a ver outros garotos serem açoitados por terem falado sem querer em klallam, okanagan ou salishan.

Um ano depois, o sonho coletivo dos alunos se realizou quando a escola misteriosamente pegou fogo. O dormitório, as salas de aula, as máquinas e oficinas, o berçário, tudo foi queimado. Ernest lembrava-se de ter ficado com sua mochila vendo as chamas enquanto o calor fazia as tábuas estourarem e subirem ao céu como tapetes mágicos. Ele ficou espantado, de certa forma ainda em choque e incrédulo, quando um homem que trabalhava na escola chegou e espetou um crachá em sua camisa antes de embarcá-lo num ônibus para o Lar para Crianças de Washington, em Dow's Landing.

Lá, Ernest raramente pensava na escola indígena, pois em comparação seu novo lar era muito plácido. Passou um ano idílico, rodeado por rostos brancos cheios de esperança e falsas alegrias. Ernest adorava viver naquela velha casa às margens do lago Green, com seus gansos no verão, as raras patinações no gelo no inverno, o sempre presente som das aulas de piano. Não se incomodava com o fato de que todos os amigos encontraram lares adotivos ou trabalho em fazendas, enquanto ele ficara para trás. Poderia ter morado lá para sempre, mas a sra. Irvine acabou chegando e o escolheu em uma fila de garotos mestiços considerados inadotáveis. Resolveu que, já que ele era meio branco, merecia ser mandado a Holy Word, um internato. Custeou sua educação para que Ernest pudesse frequentar a escola com crianças ricas e de boas famílias, para fazer dele um jovem educado. Ainda que a maioria dos alunos, professores e administradores não tivesse o mesmo entusiasmo.

A estadia de Ernest em Holy Word foi até quase o sétimo ano, culminando com a revisão anual de outono na biblioteca da escola. Ele entrou no salão e ficou de prontidão diante da sra. Irvine, que continuou sentada. Um empregado e acompanhante, um homem magro e calvo de terno preto, pairava atrás dela.

— Olá, Ernest, querido. — Ela tinha uma pilha de papéis na mão e Ernest sabia que eram suas notas e os relatórios de seus progressos, a atual tabela de méritos e ocasionais deméritos. — Puxa, olha só como você cresceu.

Ernest sorriu, tentando *não* se mostrar inquieto. Não a via fazia um ano — mal a conhecia —, apesar de ter de escrever para ela todos os meses com uma atualização de seu progresso. Ela nunca respondia, a não ser com alguma saudação genérica em algum feriado. Mesmo assim, sentia-se agradecido pelo seu patrocínio e sabia ter uma grande dívida com ela.

A sra. Irvine acenou com os papéis como um floreio.

— Estou muito orgulhosa de você, meu jovem. Você chegou longe em poucos anos aqui entre os outros garotos. — Ela sorriu e enxugou o canto do olho com o dedo enluvado.

Aquela rotina sempre fazia Ernest sentir falta da mãe. Também sentia saudade de casa, o que era confuso, pois ele jamais tivera uma casa de verdade.

— Diga uma coisa — recomeçou a sra. Irvine —, qual foi a melhor parte do seu verão? Gostou da corrida de barcos e das lições de navegação? Que tal o salmão assado em Alki Beach? Está empolgado com o ensino médio?

Ernest aquiesceu educadamente. Não queria decepcioná-la dizendo que havia sido excluído de todos aqueles passeios da escola. Tinha ficado o tempo todo ali mesmo — na biblioteca, com outras crianças com bolsas de estudo, que se tornaram suas amigas e confidentes marginalizadas, lendo, estudando, aprendendo por horas a fio, às vezes por curiosidade, às vezes por puro tédio. De fato, não importava qual fosse a verdade, pois as respostas de Ernest eram sempre bem ensaiadas. Um conselheiro da escola escrevia as respostas recomendadas para ele uma semana antes da visita da sra. Irvine e o fazia praticá-las. Ernest costumava achar que o roteiro era para ajudar no seu inglês, mas agora que falava quase tão bem quanto qualquer aluno, percebeu que aquela representação era outra coisa.

— Eu ando pensando, Ernest... — A sra. Irvine pigarreou enquanto deixava os papéis de lado e aceitava uma xícara de chá de um secretário da escola. Soprou o líquido fumegante e tomou um gole, antes de passar a xícara ao homem calvo de terno preto, que acrescentou açúcar e uma fatia de limão. — O que você acha de trabalhar aqui? Talvez depois da oitava série eu consiga colocá-lo no setor de custódias. Se trabalhar arduamente e com dedicação, você poderia chegar a chefe da vigilância. Você gostaria disso?

Ernest se viu anuindo, concordando por hábito, mesmo pensando o quanto isso seria como se formar para uma detenção perpétua. Os outros garotos falavam em ensino médio, em um dia seguir seus estudos no Seattle College, mas Ernest tinha ouvido falar que aquilo era vedado a mulheres e a estudantes

que não fossem brancos. Não se deu ao trabalho de perguntar se a proibição se estendia aos orientais.

— Obrigado — disse Ernest, ainda de prontidão, tentando se lembrar do que fora instruído a dizer. Sentia-se confuso, frustrado e decepcionado, e aquelas palavras pareciam não ter sentido. Mas continuou: — Eu estou muito feliz nesta ótima escola interna. Minha formação moral e educacional são... — Fez uma pausa. — Vitais para o meu futuro, não importa qual...

A sra. Irvine sorriu e tomou mais um gole de chá, aprovando com a cabeça para o empregado e para Ernest.

— Continue — falou.

— Meu futuro... — Ernest pensou na rotina daquela manhã, servindo aos outros garotos, que nunca se mostravam agradecidos, na monotonia de estar sempre do lado de fora olhando para dentro. Gostaria de estudar numa escola pública com crianças normais, voltar à tarde para uma casa de verdade. Sentia-se agradecido pelo estômago cheio e por uma cama quente, contente por aprender, mesmo tendo que sentar na última fila da classe, onde quase sempre precisava lutar para enxergar o quadro-negro e onde os garotos de segunda classe nunca eram notados. Mas chegava a um ponto em que a maioria parava de tentar, deixava de levantar a mão. Eles eram invisíveis para os professores, tolerados, mas não estimulados a esperar as mesmas coisas que os outros garotos. — Meu futuro... — As palavras de Ernest se desgarraram da página roteirizada que havia memorizado. Engoliu em seco e disse: — Sra. Irvine, sou muito grato por tudo que tem feito por mim. — Sentiu a própria decepção se transformar em frustração. — Mas eu estive pensando...

— O que você quiser — afirmou a elegante senhora. — É só pedir.

Ernest soltou um silencioso suspiro de alívio. Sorriu e se sentiu encorajado, ainda que apenas por um momento fantasioso.

— Bem, senhora, eu andei pensando... — Ernest olhou para os sapatos. Depois voltou a olhar para cima. — A senhora acha que eu poderia sair dessa escola? Talvez ir para outra escola, ou mesmo voltar para Dow's Landing? Não é que eu esteja buscando uma saída fácil, ficaria feliz vendendo jornais numa esquina depois da escola, lavando prato em algum lugar em troca de hospedagem. Não espero que ninguém me adote de verdade. Só estava pensando que poderia ter oportunidades melhores em outro lugar. Acho que eu não...

Pareceu que a sra. Irvine tinha mordido o limão.

— Você não quer ficar aqui? — perguntou com a testa franzida, esticando o pescoço. — Esta é a escola mais cara de cinco estados, eu estou pagando os seus estudos...

— É uma escola maravilhosa. — Ernest esperava que sua expressão não

revelasse a verdade. — Mas é que existe um mundo grande aí fora, e acho que eu poderia ser mais feliz...

— Felicidade é um estado de espírito, não uma coisa que se encontre num mapa — disparou a sra. Irvine. O empregado renovou o chá e se inclinou, murmurando alguma coisa no ouvido dela.

Ernest ficou olhando quando os dois se levantaram e foram até o corredor. Pela porta aberta, ele viu um administrador que passava se juntar à conversa. O homem e a sra. Irvine discutiram por um momento, falando um com outro. Em seguida o administrador estalou os dedos e chamou uma secretária, que trouxe um jornal para ele. Apontaram para um artigo na primeira página e aquiesceram, chegando a algum acordo.

Ernest notou que o semblante da sra. Irvine se suavizou. Abriu mais os olhos. Chegou a sorrir quando voltou, mas não se sentou. Permitiu que o homem calvo a ajudasse a vestir o casaco de pele.

— Eu tenho uma ideia melhor, meu jovem — falou. — Algo que pode satisfazer seu desejo de deixar meus cuidados e também preencher uma crescente necessidade de uma organização cívica da qual faço parte.

Ernest se sentiu aliviado, mas também confuso.

— O que você acha da Feira Mundial? — perguntou a sra. Irvine. — A grande Exposição Alasca-Yukon-Pacífico de que todo mundo está falando a respeito. Temos uma oportunidade única surgindo, perfeitamente apropriada para você.

Ernest mal conseguia acreditar na sua boa sorte. Estava lendo sobre a Eayp havia semanas nos jornais. A maioria dos garotos já tinha ido lá várias vezes, mas os estudantes com bolsas de estudos raramente saíam da escola. A sra. Irvine deve ter percebido a reação nos seus olhos, pois ele praticamente saltitou, todo animado.

— Então vai ser perfeito. — Ela sorriu. — Vou levá-lo daqui a uma semana, para o seu aniversário... você vai ser meu convidado mais especial. Ah, e faça suas malas — acrescentou com um aceno da mão enluvada. — Pois quando sair daqui comigo, não vai mais voltar.

GAROTO SAUDÁVEL, LIVRE

(1909)

ERNEST FICOU SABENDO TRÊS COISAS pela sra. Irvine no dia do seu aniversário de doze anos: que finalmente ele ganharia um bom lar, que veria o presidente dos Estados Unidos (ainda que a distância) e que seu nome legal agora era, de fato, Ernest Young.

A primeira informação foi uma surpresa. Havia muito ele já tinha perdido a esperança de ter uma família adotiva, sobretudo por não ser chinês o suficiente para uma família asiática e por não ser branco o suficiente para um lar caucasiano. Na verdade, ele não parecia propriamente oriental, mas sua aparência era diferente o bastante para ninguém querer saber dele.

Então, quando a sra. Irvine disse tudo aquilo a caminho da Feira, Ernest sentiu-se naturalmente cético quanto à parte “um bom lar”. A coisa toda, em particular a parte sobre ser adotado, parecia boa demais para ser verdade. Como aquela possibilidade tinha se materializado tão de repente? Primeiro uma viagem de carruagem — algo que raramente fazia —, e agora essa estranha revelação.

Durante toda a semana Ernest especulou sobre as palavras de despedida da sra. Irvine — para onde ele iria depois de ser levado à Feira? Ficou preocupado em ser mandado para uma fazenda pobre, ou voltar para a escola indígena; talvez o melhor que pudesse esperar era que o deixassem fugir com um circo — e até isso era fruto de uma fantasia positiva, porque, para dizer a verdade, um lar permanente sempre estivera além do alcance de sua esperançosa imaginação. Por isso, a cada quilômetro ele observava a cidade se aproximar, esperando que a terrível verdade se apresentasse, como nos contos de fadas góticos que havia lido — as versões mais antigas e não suavizadas, em que as meias-irmãs de Cinderela cortavam os calcanhares e decepavam os dedos na esperança de que os pés coubessem no sapato de cristal. Ou a do Flautista de Hamelin, que não foi pago por ter expulsado os ratos da aldeia e voltava para levar as crianças do vilarejo e afogá-las num rio.

A segunda coisa — ver o presidente Taft — era empolgante, claro, mas não tanto quanto ver a Exposição Alasca-Yukon-Pacífico, onde o comandante supremo do país estaria presente. Ernest tinha passado meses querendo ir à Eayp — a Feira Mundial de Seattle. Ficava ouvindo com uma inveja palpável

quando os outros garotos voltavam ao dormitório nas tardes de sábado, contando histórias de espetáculos com animais e desfiles de carnaval. Mas quando Ernest chegou com a sra. Irvine, passando pelos barulhentos visitantes da entrada sul e por todas as coisas com que havia sonhado — o Tobogã das Fadas, a Queda Livre e o carrossel —, a realidade musical resplandecente, coruscante e esplendorosa era muito melhor que as histórias que tinha ouvido ou as fotos que vira nos jornais. Ernest devorava as resenhas diárias do *Seattle Post-Intelligencer*. Pesava as possibilidades e sabia que não havia como o vigésimo sétimo presidente se comparar ao Mistério Hindu, aos comedores de cães do Vilarejo Igorot ou ao Dia dos Peles-Vermelhas, quando centenas de pessoas participaram de uma batalha encenada entre índios e soldados. Ernest leu que alguém havia morrido durante a encenação, com uma bala de festim com ponta de cera disparada à queima-roupa. Não sabia quem tinha morrido, mas secretamente torcia para que o infeliz fosse um soldado. Ernest sempre precisava usar uma pena quando os garotos brincavam de caubóis e índios na Academia Holy Word. E, como ex-interno da escola Tulalip, era sempre a favor dos pobres-diabos em geral e dos nobres selvagens em particular.

A última coisa de que fora informado foi a menos surpreendente de todas. Ernest nunca se esquecera de sua *ah-ma* e do nome chinês que a mãe inscreveu certa vez no livro das famílias do pequeno templo budista na aldeia onde moravam, perto de Toisan. Mas havia anos, desde que chegara a Washington, via seu nome escrito como Ernest Young. O fato de agora ser oficial era um tanto confuso, embora já houvesse se acostumado com seu novo nome em inglês.

Quando a sra. Irvine o levou na direção do Círculo do Klondike, Ernest viu um balão de hélio perdido sobrevoando as árvores recém-plantadas — as figueiras e os pinheiros — depois do passeio de gôndola e dos cabos do balanço que dividiam o céu azul ao meio. Era como ele se sentia — flutuando por dentro, mas radicalmente dividido entre o passado e o presente, entre sua origem e seu destino, apanhado entre a alegria e o desconhecido. Mesmo assim, não pôde deixar de sorrir quando inalou um arco-íris de fragrâncias e aromas; seu coração bateu mais depressa. Imaginou o futuro, com o frescor de refrigerante Hires, sanduíches de waffle quentes e crocantes, o interminável entrelaçado sedoso do algodão-doce. A sra. Irvine até comprou um e lhe ofereceu uma mordida, doce e mais leve que o ar.

O Céu deve ser assim, pensou Ernest, olhando ao redor. Todo mundo parecia ser aceito ali — abraçado pela emoção coletiva do momento, como se o futuro fosse de infinitas possibilidades. Céu? Não... isso deve ser o que é o amor.

A ideia surgiu em sua cabeça espontaneamente. Ernest não tinha muita experiência com assuntos do coração. A mãe dele o amava, é claro, assim como,

acreditava, as meninas do navio — ainda que por pouco tempo. Fora isso, o amor ainda era um mistério.

Enquanto andava, Ernest praticamente implorou à sra. Irvine para parar na Aldeia Esquimó, mas claro que ela tinha outros planos. Abria passagem em meio à multidão sem se deter, como um quebra-gelo no mar polar. E quando ele ficou para trás, boquiaberto com o Edifício Forestry, ela o pegou pela mão e o levou até um banco no degrau mais alto do recém-construído Edifício das Mulheres. Era onde a multidão estava se reunindo para ouvir o presidente Taft falar. De lá, Ernest tinha uma visão panorâmica da lagoa cintilante e de milhares de visitantes se agitando em expectativa, portando guarda-sóis, bandeirinhas americanas e uma ocasional ventoinha girando preguiçosamente na brisa fresca de setembro. Misturadas à multidão havia companhias inteiras de infantaria em uniformes avermelhados. Pareciam mais soldados de folga, menos intimidantes que a polícia montada, que abria caminho por entre as pessoas com seus capacetes de metal e perneiras justas, os fuzis de prontidão a tiracolo.

— Desde que o presidente McKinley foi assassinado na Expo Pan-Americana de Buffalo, o governo atual não está se arriscando — explicou a sra. Irvine enquanto se agarrava à bolsa e verificava as horas no relógio de pulso de prata.

Ernest observou os prédios ao redor, procurando por algum sinal do presidente e seu *entourage*, enquanto a sra. Irvine trocava gentilezas com as pessoas à sua volta. As damas falavam sobre suas esperanças de que a Feira limpasse afinal a cidade de sua notória reputação, usando palavras como *putrescência* e *degradação*, *feculência* e *corrupção*. Foi quando Ernest percebeu que era o único homem presente, um corpo estranho entre as matronas da Associação de Mulheres Sufragistas de Seattle. Ficou mexendo nos botões do casaco enquanto considerava se iria para casa de uma dama mais velha, com cara de uva-passa, que cheirava a naftalina e linimento. Olhou em volta procurando alguém mais novo.

Percebeu que as mulheres o apreciavam. Sorriam educadamente e cochichavam: “É esse? Esse é o garoto?”. Ou: “Puxa, como é alto, de onde ele é?”. Ou: “Bem bonito, na verdade, parece George Primrose sem maquiagem”.

— De onde você é? — perguntou uma das mulheres.

Ernest olhou para a sra. Irvine, cuja expressão pareceu dizer *pode responder*.

— Hã... Eu fui criado em Green Lake — respondeu Ernest, apesar de não saber se era a resposta certa. — Na Academia Holy Word, acho.

— Não, querido — replicou a mulher. — De onde você é de verdade?

A sra. Irvine interrompeu.

— Ele chegou aqui de navio do Extremo Oriente, mas é só metade oriental. O pai dele era europeu, e o jovem Ernest fala inglês maravilhosamente. E apesar de

não ter traços orientais, também não é caucasiano. Ele é... único.

Envergonhado, Ernest remexeu num botão solto e se virou para as colunas de mármore do grande Palácio do Governo do outro lado do passeio. Ficou absorvido pelo delicado murmurejo da Bacia do Gêiser. Consequia ver as correntes de águas cristalinas cascadeando e o reflexo espelhado do monte Rainier na placidez das bordas da lagoa. Maravilhou-se com a multidão — um desfile de chapéus enfeitados e gravatas-borboletas, um cortejo de mulheres de corpetes inclinadas para a frente, como se disputassem uma corrida, porém retardadas pelas saias armadas sempre esbarrando nas mantas e nos casaquinhos. Os homens andavam no ritmo estabelecido pelas damas com que estavam de braços dados, e todo mundo parecia se mover em câmera lenta.

Foi quando Ernest notou um rosto mais próximo, depois dois, depois mais de uma dezena. Todos olhando em sua direção — não só em sua direção, *diretamente para ele*. Atônito, ele olhou para trás e viu que as damas continuavam a conversar, mostrando seus bilhetes uma para as outras. Os bilhetes não eram para entrar na Feira, mas para alguma outra coisa. Ernest olhou para a bandeira amarela e roxa no alto do prédio, depois para sua calça. Imaginou se os fundilhos tinham se descosturado.

Virou-se e deu de cara com a sra. Irvine. Ela pôs as mãos em seu ombro e cochichou em seu ouvido:

— Todos estão aqui por sua causa, meu jovem... Que coisa maravilhosa! Toda essa gente viria aqui hoje, com chuva ou sol, para ver *você*... para descobrir quem está com o bilhete especial. Para descobrir quem é o feliz ganhador. Não é emocionante?

Bilhete especial? Ernest franziu a testa e piscou, uma vez, duas. Desde a inauguração da Eayp, no dia 1º de junho, todos os dias havia uma rifa. Aquele dia não era exceção, e o ganhador seria sorteado depois do discurso do presidente Taft. Aliás, o próprio Taft iria extrair o bilhete premiado. Ernest lembrou que, no Dia da Anaconda, a delegação de Butte, Montana, tinha doado cinco mil lingotes de cobre. No Dia de Yakima, os visitantes ganharam barris de maçãs e galhetas de vinagre de sidra. E no Dia da Agricultura, alguém tinha ganhado uma vaca leiteira.

Mas hoje é o Dia do Presidente, pensou Ernest. O que eles poderiam oferecer...? Ele sentiu sua alegria genuína e seu entusiasmo sumirem, e o estômago revirar.

Lembrou-se de que também era o Dia do Lar para Crianças de Washington.

— Alguém vai levar você para casa — disse a sra. Irvine alegremente. — Aposto que nunca pensou que iria encontrar uma casa de verdade, mas às vezes os desejos se realizam.

Ernest se virou para a multidão e percebeu que *todos* estavam olhando para ele — trinta mil pessoas sorrindo, gargalhando, apontando —, todos esperando, enquanto as palavras da sra. Irvine ecoavam em sua mente: *Todos estão aqui por sua causa*. Em seguida notou os portadores dos bilhetes. Eles se destacavam da massa, centenas deles, verificando e reverificando seus números, acenando com os bilhetes, abanando-se com os pequenos retângulos impressos de cartolina.

— Eu sou... o prêmio — murmurou Ernest. Aquelas quatro palavras pairaram no ar como o balão de hélio perdido. Eu vou ser doado. Pertencço a um dos que têm um bilhete. Todos estão aqui pelo espetáculo, por mim, e pelo presidente, claro.

Quando o mestre de percussão movimentou a banda em frente ao Palácio do Governo, Ernest olhou para a sra. Irvine, que sorria, ajustando sua fita do Dia do Presidente. Soldados e policiais começaram a marchar, criando um breve momento de reverência, até que uma vibração coletiva, um rugir profundo, emanaram da multidão.

Ernest ficou olhando, entorpecido demais para se emocionar, quando as damas fizeram uma mesura ao verem a figura corpulenta e inconfundível do presidente Taft, com seu grande bigode em forma de guidom. Ernest olhou para a multidão e se perguntou qual daqueles estranhos iria levá-lo, e para que finalidade, para que propósito? Ouviu o público aplaudir quando o presidente desceu os degraus do Palácio do Governo, de cartola e casaca preta com as abas ao vento. Uma mulher peculiar, com uma cintilante pena de pavão no chapéu de palha dourado, sorriu e levou à boca um cigarro quando ele se aproximou. Ernest ficou olhando em silêncio, meio chocado, quando o presidente parou, tirou um isqueiro prateado do bolso e acendeu o cigarro espetado na piteira da mulher. Abriu um sorriso caloroso e continuou a apertar mãos e beijar criancinhas a caminho do palco, onde proferiu um discurso incitante, com seu forte sotaque de South Midland, sobre alguma coisa que Ernest mal compreendeu e logo esqueceu.

Quando o presidente encerrou o discurso, a banda tocou “Hail to the Chief”, mas a multidão continuou agitada, aplaudindo e gritando. Ernest viu o homem que Teddy Roosevelt havia chamado de Velho Confuso embevecido com sua glória presidencial adquirida duramente, mas ele sabia muito bem que os visitantes da Feira estavam apenas esperando por outro prêmio a ser rifado.

Ouviu uma das mulheres falando atrás dele:

— Céus! As fofocas e os boatos estão à solta. As pessoas estão dizendo que o garoto devia ser negro... outras dizem que é herdeiro de uma grande fortuna. O *Seattle Star* chegou a especular que o prêmio era na verdade um anão vestido de garoto e que o evento todo era uma piada. Dá para acreditar? — As outras

senhoras riram e continuaram a cochichar.

Mas quando Ernest viu o presidente Taft tirar as abotoaduras, arregaçar a manga da casaca de cauda longa e enfiar a mão numa enorme esfera de arame cheia de bilhetes, ele sabia que não era uma piada. A Eayp tinha aperfeiçoado as rifas de gado e de barris de produtos agrícolas realizadas nas feiras de Buffalo e de São Francisco.

Ernest prendeu a respiração, e por um momento o rufar dos tambores soou como uma rajada de tiros, o bumbo como o trovejar de canhões, as tubas berraram — solitárias buzinas de navio ecoando numa superfície de águas negras e frias. Piscou e viu a mãe entre os espectadores, um esqueleto de vestido mandarim e sapatos amarelos, tocando o próprio coração e acenando um lento adeus. Ernest sentiu uma pontada de dor, estendeu os braços e deu um passo em sua direção, enquanto ela desaparecia na multidão, que ficou em silêncio.

Isso é tudo o que você sempre quis para mim, pensou Ernest.

Soltou a respiração e piscou mais uma vez quando os tímpanos rufaram num crescendo e o presidente retirou um único pedaço de papel, aleatório, capaz de mudar seu destino e definir sua sorte. Entregou o bilhete a um homem, apresentado como o superintendente L. J. Covington, que anunciou através de um estridente microfone:

— Seja quem for que tiver o bilhete premiado pode resgatar imediatamente o prêmio de hoje... bonito e de pele escura, forte e inteligente, doado pelo Lar para Crianças de Washington, um garoto saudável. Perfeito para uma boa família!

Metade da plateia vibrou, a outra riu ou emitiu expressões de espanto. Houve até algumas zombarias.

— Ele também sabe cantar e dançar? — gritou um homem. — Faz truques de mágica?

— Eu prefiro uma garota que saiba cozinhar — palpitou outro.

— Eu preciso de um garoto de braços fortes — gritou uma mulher.

— Vamos logo com isso — alguém disparou, com a multidão ficando inquieta.

O superintendente ergueu os braços com o bilhete premiado, o que acalmou um pouco a multidão. Leu os números no microfone: 0-9-2-5-7-5. Silêncio, mas logo os portadores dos bilhetes emitiram um gemido coletivo e a plateia começou a tagarelar. Ernest procurou alguém na multidão, qualquer um que se apresentasse — gritando ou cantando, jogando o chapéu para o alto. Mas ninguém apareceu. E a mãe dele tinha ido embora, para sempre. Ernest se sentiu totalmente só, em uma reunião de estranhos no rigor da moda.

O superintendente leu o número novamente, mas agora num tom que parecia mais de súplica que de comemoração, e mais uma vez a resposta foi o silêncio.

Em seguida houve alguma agitação, gemidos de decepção e afinal apatia, quando o presidente ensaiou sua saída e o público começou a se dispersar em busca da próxima atração.

Ernest sentiu o medo e a ansiedade se dissipando, assim como suas expectativas. Balançou a cabeça. Era aterrador que seu destino fosse determinado por algo tão aleatório como uma rifa. Porém, mesmo sem ter percebido, naquele breve momento, de alguma forma, seu coração foi iluminado por um brilho de esperança. Ousou sonhar, e agora de repente tudo parecia uma notícia de ontem, uma trivialidade da semana anterior. Depois de ver tantas crianças entrando e saindo do Serviço de Imigração e pais visitando os filhos na Holy Word, ele nunca havia se permitido aspirar à vida que os outros viviam, o que deixou uma cavidade dolorosa em seu peito. Esfregou os olhos e engoliu o pouco do orgulho que ainda lhe restava ao constatar que naquele dia não haveria vencedor, apenas um perdedor solitário. Respirou fundo, um suspiro longo e lento, enxugando uma lágrima, quando o sol encontrou seu esconderijo habitual entres as nuvens chuvosas de Seattle e a banda municipal tocou “Seattle Victory March”. Atordoados, ficou vendo o presidente acenar mais uma vez para a multidão enquanto ele e sua delegação saíam escoltados. Até mesmo de graça, como prêmio de uma rifa, ele era um total indesejado.

Talvez fosse tudo uma piada, pensou Ernest. Um truque lançado pelos jornais. Baixou a cabeça e se amaldiçoou.

A sra. Irvine parecia confusa, frustrada. Chamou-o para perto, e Ernest desceu devagar os degraus em direção à fonte. Os dois chegaram à praça, onde encontraram outro grupo de mulheres. Para Ernest elas pareciam mais jovens, mais rudes e mais toscas, mas estavam igualmente bem-vestidas, tão prósperas quanto as corpulentas matronas de cabelos de algodão do Edifício das Mulheres. Pareciam mais coloridas em seus vestidos e modos — literalmente, por causa da maquiagem que usavam. Ernest viu uma mulher de cabelos cor de morango e pescoço longo enfiar uma pitada de rapé entre a bochecha e a gengiva e cuspir o resíduo do tabaco perto dos pés da sra. Irvine. Quando a mulher que Ernest avistara ao longe passou por perto, a vanguarda das senhoras se dividiu. Era a mulher para quem o presidente havia parado a fim de lhe acender o cigarro. Parecia ser pelo menos dez anos mais nova que a sra. Irvine, talvez vinte. Alisou as plumas da pena azul e verde do chapéu e passou os dedos na gargantilha. O cigarro ainda estava aceso, espetado na piteira que balançava para cima e para baixo no canto da boca quando ela falava.

— Olá, Ida. — A estranha mulher tinha uma pilha de bilhetes na mão. — Como vai o seu marido? — Apertou os lábios e sorriu, mostrando os dentes escurecidos. — Há tempos não o vemos no nosso salão. Diga que ele é sempre

bem-vindo.

— Florence. — A sra. Irvine cumprimentou-a rapidamente, olhando-a com uma expressão gelada. — Só você teria coragem de pedir ao presidente dos Estados Unidos para acender seu cigarro, mesmo sabendo que o tabaco é ilegal há dois anos. Você fez dele um cúmplice.

— Tem razão — concordou a mulher chamada Florence. — Agora somos parceiros num crime com o qual ninguém se importa... a não ser você. Metade dos juízes fuma em seus gabinetes, querida. Pode acreditar. — Sorriu mais uma vez. — Eu sei disso. E o que mais você impôs à boa gente de Seattle? Vamos ver, agora é ilegal para mulheres usar calças em público, os bares devem ser abertos à vista do público... Ah, e não é mais permitido dar gorjetas de qualquer tipo dentro dos limites da cidade. Puxa, como você adora as suas regras.

A sra. Irvine apontou os bilhetes.

— E as regras da rifa dizem muito claramente: *para um bom lar*. Não *para uma casa de tolerância*. — Cruzou os braços e retorceu os lábios, como se tivesse acabado de provar alguma coisa amarga.

Florence abriu os bilhetes como um leque à frente do rosto, fingindo estar envergonhada, ainda que só por um instante. Piscou por cima deles e logo mostrou uma postura severa. Separou o bilhete premiado e o expôs para todas verem.

— Demorou um pouco para encontrar o bilhete certo. Afinal, nós compramos tantos. Mas, como pode ver, agora estou aqui para pegar o meu prêmio. Nós duas temos as mesmas intenções, Ida querida, só temos métodos diferentes de conseguir o que queremos...

— Não se atreva a me comparar com...

Ernest ficou ouvindo as mulheres se bicarem por questões de comportamento e decoro, interrompendo umas às outras, enunciando palavras duras, mostrando os dentes, narinas infladas, bochechas coradas. Quanto mais se aproximavam uma da outra, mais o dia parecia confuso e irreal. Ernest notou isso quando a discussão entre as duas se tornou um ruído de fundo, misturando-se aos sons da Feira — uma pedra rolando ao longe, um melodioso órgão de tubos, crianças rindo num carrossel, o espocar vítreo de um clarão de pólvora. Percebeu que naquele outro grupo de damas maquiadas as mulheres mais velhas faziam o rosto parecer mais novo, enquanto as mais novas, mal saídas da adolescência, maquiavam-se para parecer mais velhas. Mas havia certa determinação em todas elas, como se cada olhar fosse uma ousadia, um desafio e uma promessa.

Todas pareciam simpáticas. Ernest achou que qualquer uma delas seria um milhão de vezes preferível à monotonia do internato. Onde a vida era uma canção de uma nota só. Sem melodia e sem coro, apenas um tom monótono.

Ernest não se sentia totalmente confortável, mas ao menos ficou intrigado ante a ideia de ir para casa com qualquer uma daquelas mulheres jovens e divertidas. Imaginou onde cada uma delas morava, quem eram os seus maridos. Será que tinham outros filhos?

Foi aí que Ernest viu a menor — nem era ainda mulher, uma garota, na verdade, e pouco notável, aliás. Viu que permanecia à margem do confronto verbal, usando um vestido roxo à altura dos joelhos e um monograma com a letra M no meio de um laçarote, com belos cabelos louros, tão curtos que quase parecia um garoto — quase. Estava com um chapéu estranho, parecido com o da srta. Florence, a líder da matilha. Mas, no lugar de penas de pavão, dois colibris empalhados enfeitavam a aba do seu chapéu. Ernest notou seus olhos grandes e luminosos — dois lagos azuis, com sardas pontilhando generosamente o nariz e as bochechas.

Os dois ficaram se olhando, uma competição de quem desviaria primeiro o olhar que durou só meio minuto, mas que pareceu se estender ao infinito, até os dutos lacrimais começarem a arder e Ernest se render, piscando. A garota revirou os olhos e virou para trás. Sua expressão ambígua parecia cheia de algo semelhante a desprezo — como uma rixa antiga por um pecado que ele ainda não havia cometido. Aproximou-se dele e mostrou o que pareceu a maçã do amor mais perfeita do mundo — uma iguaria que era como um rubi espetado num palito. Cintilante como a Estrela da Índia.

Ainda sem nenhuma mordida.

Ernest se sacudiu para sair daquele estado de choque e estupor, dando-lhe um educado aceno, cumprimentando-a.

A estranha garota ficou olhando fixamente para ele. Depois voltou para a maçã do amor pela qual Ernest se sentia fascinado, como se tivesse esquecido momentaneamente que estava com ela. Fez uma pausa e pareceu examinar o próprio reflexo na superfície vítrea e açucarada. Virou-a de cabeça para baixo, segurando o palito com dois dedos, como se fosse o rabo de um rato morto. Ernest observou quando ela se dirigiu até uma lata de lixo próxima, olhou para ele, inclinou a cabeça e jogou a maçã no lixo com um baque surdo.

O TENDERLOIN

(1909)

ERNEST ESTAVA COM A MOCHILA no colo, no banco traseiro de um táxi, um trepidante Modelo T. Ficava espremido entre a mulher alta com chapéu grande e a garota que o odiava por razões desconhecidas. Quase todas as outras mulheres tinham optado pelo bonde, um jantar na cidade e algumas compras, segundo disseram.

Não era a família que imaginara, pensou Ernest, olhando pela janela e vendo o sol se pôr sobre as águas do estreito de Puget. Sentia-se como uma folha solta flinando ao vento, rolando pela extremidade sul da cidade.

A sra. Irvine tinha lutado bastante, embora Ernest não entendesse bem suas razões. Discutiu, se apoderou dos bilhetes e os lançou ao léu. Escondeu Ernest atrás dela, e ele viu os fragmentos caírem como uma chuva de fitas sobre um desfile, o que criou uma peculiar aparência de comemoração, um momento alegre em meio à disputa, até um homem de barriga saliente e terno de lã interromper o tumulto. Cofiou o bigode de morsa e enfiou a mão em seu abarrotado colete, com os botões quase estourando, e sacou um distintivo dourado. Ernest achou que tinha vindo para salvar a sra. Irvine bem a tempo, mas ela chamou o homem de salafrário e vigarista. A gritaria e a estridência da discussão foram o mais próximo que ele chegou de ouvir a sra. Irvine praguejar.

Quando o táxi ultrapassou uma carruagem e Ernest imaginou que era possível que a sra. Irvine estivesse do lado errado da lei, foi levado a reavaliar tudo que tinha visto e ouvido falar, a reconsiderar tudo o que sabia.

Por exemplo, ele nunca tinha andado num veículo motorizado. Ouvira dizer que eram feios, barulhentos e sem graça, geringonças malcheirosas. Mas quando passaram por uma brigada de lixeiros que recolhiam maçãs da rua e matavam moscas, Ernest achou o contrário. Acomodou-se no assento de couro polido, que cheirava melhor que um cavalo selado.

Nunca havia chegado nem perto da misteriosa zona sul de Seattle, situada ao sul da avenida Yesler, mais conhecida como Linha da Morte. Durante anos, seus professores falaram sobre ratos de esgoto que infestavam a área, de cascavéis e lobos que vagavam pelo bairro de White Chapel esperando para fincar os dentes na boa gente de Seattle, que uma canção regional chamava de Cidade sem Igual.

Ernest tinha imaginado criaturas magricelas e sinuosas, com garras afiadas e pelo emaranhado e sarnento, mas quando olhou para a avenida só viu placas de bares e salões de dança. Chegou a ouvir um violino tocando uma melodia alegre ao longe quando os lampiões a gás nas esquinas das ruas ganharam vida, iluminando as calçadas úmidas num tom vermelho e alaranjado. Dos edifícios de tijolos às calçadas, dos postes de iluminação aos bancos dos parques, tudo se apresentava novo e envernizado, até os caminhões de cerveja, que pareciam estar em todas as esquinas.

Ernest olhou para madame Florence. A mulher ainda não tinha tirado o chapéu, a pena emplumada balançava para a frente e para trás, roçando o teto do carro a motor quando ela virava a cabeça. Tentou avaliar que tipo de criatura ela parecia aos olhos da sra. Irvine.

Ela pareceu notar seu olhar.

— É sua primeira vez *deste lado da divisa*, imagino.

Ernest concordou com a cabeça.

A mulher sorriu e apontou pela janela.

— Não é difícil entender quando se pensa a respeito. O norte da divisa foi assentado por Arthur Denny... que não bebia. O sul da divisa eram terras de propriedade de Doc Maynard, que, vamos dizer, gostava de entornar. Por isso, meu jovem, ao norte você tem a prefeitura, os tribunais e a delegacia de polícia, e no sul temos bebida, cassinos e todos os tipos de afagos. Esta é a sua Seattle, a terra onde alguns *têm* posses, outros *têm* prazer.

Ernest achou que a explicação dela fazia mais sentido que as fábulas de seus professores.

— Eu me chamo Florence Nettleton, a propósito. Mas pode me chamar de madame Flora. — Ela entregou a Ernest o bilhete ganhador. — Guardei isso para você, uma lembrancinha desse seu dia auspicioso. Afinal, nós dois ganhamos, não foi? — Apontou para as outras com a piteira. — Essa no banco da frente é Jewel. Uma das minhas novas garotas. E esta é minha irmã caçula, Margaret... meu pequeno colibri, mas todas a chamamos de Maisie May, a Flor de Maio. Diga um alô, querida.

— Me chame apenas de Maisie — retrucou a garota sem se dar ao trabalho de virar a cabeça da janela. Tirou o chapéu e o enfiou entre ela e Ernest.

O garoto hesitou por um momento. Eram tantas as perguntas que gostaria de fazer. Tanta coisa que queria saber sobre sua nova família e sobre White Chapel — como o bairro tinha ganhado esse nome, por exemplo. Ao olhar ao redor, viu uma barbearia, um armarinho e alguns alfaiates — viu até alguns cassinos —, mas não viu nenhuma capela.

— Você vai morar aqui comigo, na Washington Court. — Madame Flora

apontou para um prédio de tijolos de quatro andares na esquina quando os freios do carro gemeram e os pneus pararam de girar. — Sua velha amiga, a sra. Irvine, certa vez chamou esta parte da cidade de um caldeirão sem fundo, repleto de pecado e do fogo do inferno. Os índios Duwamish, por outro lado, a chamam de Local de Passagem; é como eu gosto de pensar sobre este bairro. O que você acha?

Ernest olhou para o prédio novo e deu de ombros.

— Para mim parece agradável.

— É exatamente o que eu sinto — concordou madame Flora. — Você será o único garoto aqui, por isso vai ter seu próprio quarto, sorte sua... Mas terá que trabalhar duro para pagar por sua moradia. Pergunte à srta. Amber, ela é minha governanta, minha sócia e administradora. É encarregada de todas as empregadas e meio difícil de lidar, mas tem um bom coração, ainda que seu humor atrapalhe um pouco de vez em quando. Ela vai cuidar bem de você. Pode ir na frente, querido, a gente se vê de manhã. Eu e Jewel temos um compromisso com uma costureira, ela vai fazer um vestido muito especial.

Ernest guardou o bilhete no bolso e seguiu Maisie pela calçada. Olhou para o prédio alto e deu uma espiada na avenida movimentada. As ruas eram cobertas de cascalho, com poças de lama deixadas por automóveis cintilantes, lustrosas carruagens puxadas a cavalo, bondes elétricos, ciclistas e pegadas de muitos pedestres — e todos pareciam contentes andando pela rua, passando e desviando uns dos outros. Ernest não conseguia entender como tanta gente caminhava tão depressa em tantas direções diferentes sem matar umas às outras acidentalmente. Talvez essa fosse a razão de a sra. Irvine ter ficado tão preocupada.

— Seja bem-vindo ao Tenderloin — disse Maisie. — Venha comigo.

A entrada do prédio era magnífica, com um brilhante lustre voltaico, o vestibulo assoalhado com madeira de lei bem encerada. Maisie o levou para um passeio pelos cômodos do andar térreo, inclusive a chapeleira, a biblioteca, algo que ela chamou de sala de ensino e a sala para fumar. Mas foi o esplendor do grande salão que tirou o fôlego de Ernest. Nunca na vida ele tinha visto uma casa tão opulenta. Para onde olhasse havia tapeçarias, paredes recobertas de adornos, mobiliário francês de luxo, dourado e carmesim, querubins de mármore com arcos e flechas, anjos, bustos estoicos de figuras históricas barbudas e estátuas maliciosas — deuses de bronze e deusas gorduchas que ele não reconheceu. Tudo cheio de velas, lampiões a óleo, espelhos e cintilantes cântaros de vinho e licores. O piso era liso e macio, as paredes de reboco e as decorações de madeira haviam sido pintadas recentemente, imaculadas pela fuligem dos lampiões de querosene. Quando Ernest afinal recuperou o fôlego, sentiu fragrâncias perfumadas e o cheiro de tabaco aromático, de flores recém-colhidas e saborosos

temperos — sálvia e tomilho — no forno de alguma cozinha invisível.

Um negro de smoking azul e gravata-borboleta frouxa no pescoço ensaiava uma melodia num piano de cauda. Ernest viu quando ele parou, mergulhou uma pena num vidro de tinta, escreveu algumas notas numa folha de papel e continuou a tocar. Às vezes cantava algumas palavras sussurradas com rimas na melodia, aquiescendo antes de prosseguir. O homem parou de tocar quando os notou.

— Flor de Maio! — exclamou ao abraçar Maisie. — E este jovem deve ser o novo empregado... quero dizer, o *único* empregado. Um dia você vai ser um excelente chofer, filho.

Ironicamente, assim que foi chamado de filho, Ernest percebeu que na verdade não tinha sido adotado como filho, nem como meio-irmão ou membro de uma família de verdade. Elas o estavam fazendo de empregado — um ajudante —, sem passar pelo percalço de ter de contratar alguém. Deu uma parada, refletindo, animado, porém nervoso, e um tanto zangado por ter sido mais uma vez manipulado. Porém, mais do que qualquer coisa, ele se sentiu esperançoso.

Um emprego é melhor do que qualquer dia naquela escola, pensou, apesar de se perguntar que tipo de tarefas cumpriria numa casa tão luxuosa. Ele era terrível em trabalhos na cozinha.

— A grande ideia de madame Flora. — Maisie balançou a cabeça. — Eu queria outra menina, mas o que fizemos foi pegar... um garoto.

— E quanto a mim? — perguntou o pianista. — Eu não sou tão ruim assim, sou?

— É verdade, mas você volta para casa de manhã — lembrou Maisie, dando risada.

Pelo menos ela consegue rir, pensou Ernest. E parecia bem popular entre o punhado de mulheres jovens em vestidos extravagantes que desciam a escada e beijavam o rosto de Maisie, lhe davam um rápido abraço ou faziam festa em seu cabelo quando passavam. Todas cumprimentaram Ernest, acenando ou dando risadinhas maliciosas, dando gritinhos e o chamando de querido ou boneco. Uma delas disse:

— Vejam só o nosso querido empregado, é simplesmente adorável. — E o abraçou e apertou seu rosto contra o colo perfumado.

Ernest começou a suar nas palmas das mãos e, apesar de sorrir educadamente e dizer que estava feliz em trabalhar ali, ainda se sentia um penetra numa festa elegante de alguém. Uma pequena parte dele se lembrou das semanas no navio, rodeado por meninas que o acolheram.

— Essas são algumas das moças que moram aqui... você vai acabar

conhecendo todas, tenho certeza. E eu sou o Professor Trovador — disse o homem, apertando a mão de Ernest e olhando para ele por cima dos óculos de lentes grossas. — Mas você pode me chamar só de [True](#)¹... e saiba que eu nunca, nunca falo uma mentira.

Ernest parou, imaginando que tipo de professor o homem poderia ser. Só havia conhecido algumas poucas pessoas negras e nenhuma delas era professor.

— True é mesmo o seu nome? — perguntou.

— Agora é.

— E você é um professor de verdade?

— Você está me vendo, não está?

— Nós vamos passar muito tempo juntos? — perguntou Ernest.

— Eu sou pianista e cantor, mas não sou vidente, filho. — O homem deu uma risada enquanto dava tchau para as garotas. — Temo que o futuro esteja totalmente por sua conta.

Ernest franziu as sobrancelhas, espantado com aquele pensamento. Quase nunca tivera escolha sobre qualquer coisa, talvez nunca mesmo. Desde o que vestia ao que comia, sua vida tinha se passado flutuando nas marés dos desejos e expectativas de outras pessoas. As palavras do homem eram o contrário do que a sra. Irvine vinha lhe dizendo durante anos. Ela estava sempre o lembrando de que devia se submeter aos outros, seus superiores, e que seu destino estava inteiramente nas mãos deles ou, mais especificamente, nas dela.

— E se eu quiser me mudar algum dia? — perguntou Ernest.

O pianista fez uma pausa.

— Agora eu não saberia dizer por que você faria isso, mas suponho que se precisar realmente ir para algum outro lugar, a porta da frente estará sempre aberta.

Ernest não esperava aquilo.

— E... se eu não gostar do meu trabalho?

— Aí você sai e arranja outro. Mas este é um lugar muito especial, se quer saber.

A liberdade implícita naquelas palavras pareceu magia quando o pianista retornou à sua canção e Ernest seguiu Maisie por uma grande escadaria de mogno. Olhava ao redor, apreciando os quadros a óleo nas paredes quando ela mostrou um quarto no segundo andar.

— Este é o quarto da Amber. Bata com força... ela dorme como um urso no inverno.

Sem esperar para ver se ele conseguia acordar Amber, Maisie entrou em outro quarto e fechou a porta. Ernest ouviu a fechadura sendo trancada. Quando ficou sozinho, o corredor pareceu sinistramente silencioso — uma calma que

contradizia a luxuosa decoração, como se ele estivesse no cavernoso covil de alguma criatura mítica. Olhou ao redor, inquieto, cauteloso.

Enquanto olhava para a pesada porta de madeira, ficou pensando como alguém poderia dormir até depois da hora do jantar. Talvez a srta. Amber estivesse doente, ou fosse propensa a beber demais. Hesitou, mas não sabia para onde mais poderia ir ou o que fazer com seus pertences. Bateu de leve na porta.

Não adiantou.

Por fim, esmurrou a madeira com o punho cerrado, várias vezes.

A porta se abriu e uma mulher grande, de cabelos pretos e curtos, apareceu de camisola, esfregando os olhos e piscando. Era bem mais velha do que Ernest imaginava, e também mais alta.

Ele se desculpou por tê-la acordado.

— Madame Flora pediu para que eu falasse com a senhora.

— Minha Nossa Senhora. — A mulher se espreguiçou e olhou para ele. — Você é o novo empregado?

Ernest aquiesceu.

— Não acredito que Flora foi lá e conseguiu... ela comprou o maior número de bilhetes para ficar com *você*. Flora sempre quis um filho... mas só Deus sabe por quê... — A srta. Amber balançou a cabeça e estalou as juntas dos dedos. — Vem comigo, garoto. — A estranha mulher nem se incomodou em vestir um roupão ou jogar um xale nos ombros. Simplesmente saiu pelo corredor, só de camisola e meias. Levou Ernest pelo corredor e fez uma curva até chegar a um quartinho com uma *única* cama, perfeitamente arrumada, uma pia, um penico, um pequeno armário com um espelho e um tapetinho.

— Seja bem-vindo ao nosso porto de carruagens, garoto. Amanhã vamos orientá-lo e apresentá-lo a todo mundo... até o fim da semana você já conhecerá a rotina. Melhor ficar no seu quarto hoje à noite; sugiro que durma cedo. As coisas podem ficar movimentadas por aqui daqui a algumas horas e eu não quero você me atrapalhando. Desça para tomar o café da manhã, lá pelas onze e meia. Aqui nós gostamos de dormir...

Ela bateu a porta quando saiu.

O estômago de Ernest roncou. Ele não tinha comido nada.

Quando os últimos ecos do conto de fadas esvaneceram, a realidade se impôs. Ernest viu o sol se pondo pela única janela e voltou a olhar para a porta fechada. Bateu no bolso da camisa, tirou o bilhete premiado e passou os dedos pelos números impressos e pelas bordas. Seu destino fora decidido por aquele simples pedaço de cartolina. Ele era o prêmio, o motivo da comemoração, embora não tivesse opinado sobre a questão. Mas ao menos madame Flora parecia animada com ele, ainda que as outras mulheres fossem um mistério. Encaixou o bilhete

no canto do espelho e contemplou o próprio rosto, com nuances de tristeza e alívio. Depois sentou na beirada da cama e se lembrou do dormitório de um dos internatos, onde dividia um quarto com não menos que outros cinco garotos de segunda classe — às vezes com até uma dúzia. Aliás, percebia agora que nunca tinha dormido sozinho na vida — pelo menos não que conseguisse lembrar.

Não se consolou muito com o silêncio de sua nova casa, por isso abriu a janela. Gostou do som das conversas aleatórias que ouviu vindas do andar de baixo. Apoiou-se na janela e olhou para a rua. Ficou fascinado com os automóveis e caminhões de entrega, que manobravam e desviavam uns dos outros. Viu os cavalos trotando e os corpos quentes fumegando no ar frio de setembro. Ouviu os gritos dos cocheiros e os sinos de latão dos bondes. Estava no coração pulsante de uma cidade populosa, mas ao ver casais felizes passando de braços dados, duplas que se moviam como se fossem uma só pessoa, sentiu-se vazio, confuso por estar num ambiente tão moderno, ter um lugar tão luxuoso como lar e ainda assim se sentir tão sozinho. Por um momento passageiro pensou que o Tenderloin era bom demais para ser verdade, que talvez devesse fugir desse lugar, experimentar sua nova liberdade — poderia estar a quilômetros de distância antes que qualquer um notasse sua ausência. Mas duvidava de que conseguisse outro emprego num lugar tão agradável. Além do mais, estava com fome. Melhor esperar ao menos uma semana, talvez até um mês, antes de considerar outras opções.

Sem querer causar problemas no seu primeiro dia (e na sua primeira noite), Ernest deu um suspiro e fechou a janela. Achou um jornal velho no armário e ficou lendo por uma hora. Encontrou pó dental e escovou os dentes. Vestiu-se para dormir, mas os lençóis pareciam frios e a fronha cheirava a flocos de sabão e alvejante azul. Fechou os olhos e tentou dormir, mas a solidão do quarto era enlouquecedora, e a cama era macia demais comparada aos colchões de lona em que havia dormido nos últimos sete anos. Ficou se virando na cama até ouvir o piano lá embaixo — não só o ensaio, mas a execução completa da música em que o Professor True estava trabalhando mais cedo.

Ernest pegou o cobertor e o travesseiro e se enrodilhou no tapete que estava no chão ao lado da cama. Sentiu o ar quente passando por baixo da porta, mas não se incomodou com a corrente de ar nem com a dureza do piso de madeira. Enrolou o cobertor nos ombros, voltou a fechar os olhos e continuou escutando os joviais murmúrios das conversas, o espocar das rolhas de champanhe e o tilintar das taças. Ouviu passos e diálogos subindo e descendo as escadas. Mordeu os lábios e adormeceu ao som das risadas.

Enquanto dormia, Ernest sonhou com o internato. Estava no vestíbulo, debruçado na janela, vendo alguns garotos partirem com os pais para o Natal. Às vezes aparecia uma família inteira, fazia o passeio, se inteirava da programação dos feriados; outras vezes era apenas um cocheiro esperando numa carruagem — mas o resultado era sempre o mesmo. Ernest era deixado para trás para passar outro Natal sozinho, comendo com os poucos empregados que ficavam de plantão. Teve um sono agitado, despertando sempre que ajeitava o travesseiro debaixo da cabeça.

— Acorde — ele ouviu alguém sussurrar no escuro.

Piscou uma vez, duas, e levantou devagar. Notou a luz prateada que entrava pela janela, a lua, os postes de iluminação ou uma combinação das duas coisas. Olhou ao redor do quarto, a cama, o guarda-roupa aberto, tudo continuava vazio.

Talvez ele ainda estivesse sonhando. Bocejou e se espreguiçou. Ainda grogue, procurou por uma possível origem da voz.

— Psssiu... agora você está acordado?

— Acho que sim — respondeu Ernest, apesar de ainda não saber dizer de onde vinha aquela voz.

— Que bom. Você estava rocando como um serrote até há pouco.

Era uma voz de menina, mas não a de Maisie. Tinha sotaque.

A estranha voz prosseguiu.

— Eu ouvi seu ronco do meu quarto, apesar da música. Elas disseram que você já tinha ido para a cama. O que aconteceu, você dormiu no chão?

Ernest olhou ao redor, atônito.

— Onde... onde você está?

— No quarto embaixo do seu. Tem um duto de aquecimento no canto.

Ernest encontrou uma pequena grade de latão ali perto e engatinhou até o duto metálico. Sentiu o bafejo de ar quente subindo, nuançado por perfume e fumaça de tabaco, mas só viu uma sombra vaga na luz difusa do quarto de baixo.

— Eu estou te vendo — cantarolou a garota e deu uma risadinha.

— Quem é você? — Enquanto falava, escutou risadas lá embaixo e o som da porta de entrada abrindo e fechando. Ouviu as saudações, os “olá, querido”, os “boa-noite” e as afetuosas despedidas. Se perguntou que horas seriam. — Você é uma das garotas da madame Flora?

A garota deu risada.

— Não. Não sou uma das garotas, eu só trabalho aqui.

— Como assim?

— Eu sou uma empregada... trabalho na cozinha. Todas as empregadas dormem no térreo, mas como você é um menino, acho que Amber quis que ficasse no segundo andar, para ficar de olho em você. A propósito, você me

parece familiar. Vi você da despensa quando entrou e pensei: Ei, ele é igualzinho a mim. Mal podia esperar para falar com você.

Ernest ficou se perguntando o que ela estava querendo dizer. Tentou imaginar quantas empregadas haveria num lugar tão grande. Tinha visto muitas garotas quando chegou. Não era possível que todas fossem empregadas.

— Aposto que está morrendo de fome — disse a garota.

— Como você sabe?

— Porque os horários de Tenderloin são bem estranhos. Levei algum tempo para me acostumar com o jeito que madame Flora e a srta. Amber administram as coisas, mas é um lugar maravilhoso para se trabalhar. Você vai pegar o jeito — falou. — Ah, eu não posso subir aí à noite, mas arrumei um jeito de deixar uma coisa para você. Abra a porta e dê uma olhada.

Ernest pôs o ouvido na fechadura, depois girou a maçaneta com todo o cuidado. Quando abriu a porta ouviu mais música, mais risadas libidinosas. Olhou para o chão e viu um pacotinho, um pano de algodão amarrado com uma fita vermelha. Pegou o embrulho, fechou a porta depressa e abriu seu presente. Era um grande punhado de biscoitos de aveia. Devorou um deles, repleto de nozes e passas. Era mais saboroso que qualquer coisa no mundo naquele momento.

— Gostou? — murmurou a garota enquanto ele comia.

— Muito. — Ernest falou com a boca cheia. — Muito obrigado.

— De nada. Eu fiz esses biscoitos depois do trabalho, só para você.

Ernest continuava confuso, mas ao menos seu estômago não estava mais roncando.

— Por que está sendo tão boa comigo? — perguntou. — Você ainda nem me conheceu...

— Porque este lugar é cheio de truques. Seu nome é Ernest, certo?

Ele concordou com a cabeça, mas lembrou que ela não podia vê-lo.

— Sim. Ernest Young.

— Bem, Ernest Young, como madame Flora sempre diz, este é um negócio de toma lá, dá cá, num mundo de toma lá, dá cá. Mas eu queria fazer alguma coisa por você... por bondade do meu coração, porque já gosto de você. Acho que devíamos ficar juntos. Por enquanto, esse é o meu presente. Mas da próxima vez que eu tiver de desobedecer a uma regra para lhe fazer alguma coisa boa, você vai ficar me devendo. Que tal?

— Tudo bem, eu acho — disse Ernest, esfregando a testa, totalmente confuso.

— Então estamos combinados. Vá dormir, Ernest Young. Amanhã vai ser um dia muito agitado para você... o primeiro de muitos. A gente se vê no café da

manhã. As empregadas... nós comemos juntas na cozinha, longe do resto...

— Flor de Maio está entre *o resto*? — interrompeu Ernest, surpreso consigo mesmo pela curiosidade a respeito da garota. — O que ela faz aqui?

Não houve resposta.

— Oi...?

Ele ficou de ouvidos atentos, mas só conseguiu ouvir o gotejar dos canos em algum lugar no subsolo ou na sala da caldeira. E naquele momento Ernest poderia jurar que sentiu o ar quente do aquecedor ficar alguns graus mais frio.

Pouco depois, finalmente ouviu a voz resmungar:

— Vai dormir.

AS CRUZADAS DE WAPPYVILLE

(1909)

DE MANHÃ, ERNEST ENCONTROU um uniforme de empregado da casa recém-passado a ferro pendurado na maçaneta. O terno preto e simples parecia muito mais elegante e adulto que os uniformes que tivera de usar na escola. Vestiu-se com alegria, pegou o alfinete da mãe e o espetou na lapela. Já vestido, seguiu com o nariz o cheiro de café e pão no forno até uma estreita escada em espiral no fundo da casa, que descia para a minúscula sala de refeições dos empregados e para a cozinha anexa. Lá, uma mulher corpulenta que parecia ser a cozinheira da casa estava muito apressada, de rosto vermelho devido toda a agitação.

— Ah, você deve ser o Ernest, o novo homem da casa, por assim dizer. Eu sou a sra. Blackwell. Você vai ser um alívio, devo dizer. Essa calça serviu bem? Se não, alguém pode procurar uns suspensórios por aí em algum lugar... as pessoas esquecem todo tipo de coisa num local como este, sabe. — A mulher gargalhou enquanto servia um desjejum de pães quentes, geleia e mingau grosso. Limpou as mãos no avental salpicado de farinha e o convidou a sentar enquanto se servia de uma xícara de café. Pelo jeito, ele era o primeiro empregado a aparecer para o café da manhã.

Ernest se sentiu agradecido por não estar usando os calções de veludo cotelê e as camisas enfunadas de pequeno príncipe que a sra. Irvine comprava para ele. As golas plissadas sempre o faziam se sentir como uma garota de vestido de babados duas vezes o seu tamanho.

— Obrigado, senhora. A roupa serviu como uma luva — disse Ernest.

Enquanto ajeitava o colete, três mulheres jovens entraram, de vestidos brancos e longos e toucas curtas e justas. Olharam para ele e sorriram.

— Esta é Iris — disse a sra. Blackwell. — Aquela é Violet, que atende nos salões e na biblioteca; e aquela é Rose, nossa lavadeira. Sim, todas têm nomes de flores. E não, elas não são parentes. Madame Flora gosta de arranjar esses nomes coloridos.

Ernest conjecturou se todas também eram adotadas e, se fossem, de onde vinham.

A sra. Blackwell pareceu notar seu olhar de curiosidade.

— Todas foram abandonadas, como você, rapaz. Iris estava num coral de

órfãos e veio de Boston. Pegou febre escarlatina, acabou num hospital e a igreja dela a abandonou. Violet trabalhava numa fábrica de sapatos, mas não se deu bem e recusou a especial atenção do gerente do andar dela. E Rose... — A sra. Blackwell soltou um suspiro. — Oh, céus, nossa espinhosa Rose chegou até nós vinda de Portland, onde se sentiu atraída por um cavalheiro mais velho, um rico Príncipe Encantado que ela depois descobriu já ser casado.

— E como eu ia saber? — protestou Rose, de olhos arregalados. — Ele disse que a aliança era da *falecida* esposa e que simplesmente não saía do dedo.

A sra. Blackwell revirou os olhos.

— As garotas do andar de cima também têm suas histórias. Mas veja como somos, garotas festeiras e serviçais, uma grande família feliz.

As belas empregadas ficaram em fila, dando risada, provocando umas às outras e falando sobre o quanto o Tenderloin era um lugar agradável, uma ótima residência para trabalhar, onde havia muitas festas interessantes... e visitantes muito importantes.

Ernest aquiesceu e cumprimentou todas elas, embora continuasse pensando em silêncio na outra garota com nome de flor, Maisie — a Flor de Maio da madame Flora. E quem seria a menina que conversou baixinho com ele na noite anterior?

A sra. Blackwell falou:

— Você deve saber, já que aqui não mora nenhum homem... exceto o aqui presente, que nós nunca precisamos de um laçao e de nenhum homem na casa. E o Professor, que Deus o abençoe, é o que temos de mais próximo de um mordomo, mas ele volta para casa todas as noites. Se tivéssemos um estábulo, acredito que você seria um ajudante, mas não temos, então por ora você vai engraxar sapatos, envernizar botinas, fazer pequenas tarefas, esvaziar escarradeiras e cuidar da fomalha e da lareira... ficou claro?

Ernest concordou e falou:

— A srta. Amber disse alguma coisa sobre porto de carruagens? Devo polir as charretes ou cuidar dos arreios?

As empregadas deram um risinho abafado.

A sra. Blackwell abriu um sorriso generoso, mostrando a falta de um dente. Colocou as mãos no ombro de Ernest.

— Nós não temos nenhuma carruagem, meu caro.

Ernest pareceu confuso.

— Ela chama esse tipo de trabalho de porto de carruagens porque carroças puxadas a cavalo, as barulhentas carretas a vapor, bondes elétricos e até ruidosos automóveis entram e saem, trazendo perspicazes cavalheiros que fazem negócios aqui. Eles entram, tomam um copo de conhaque, um bourbon de Baltimore ou

fumam um charuto cubano, relaxam, se divertem, cuidam de seus negócios e puf... vão embora de manhã. Você *sabe* que tipo de casa é esta, não sabe?

Ernest aquiesceu mais uma vez, embora não fizesse a mínima ideia. Raramente saía da escola interna. Logo depois ouviu uma música. Não o estalido das teclas de piano no grande salão, mas o rumor distante de tambores que soava como um trovão. Ouviu címbalos batendo e cornetas de metal arranhando uma canção medonha.

— Minha Nossa, de novo! — gemeu Violet. — Eles estão começando cada vez mais cedo.

A sra. Blackwell tomou seu último gole de café, limpou a boca e pendurou o avental. Esticou as costas e bateu palmas.

— Bem, é tempo de salvação, meu jovem — falou enquanto erguia as sobancelhas. — Venha comigo.

Ernest saiu com todas pela porta dos fundos para a ruela e chegou à calçada, onde viu uma bandeira com a insígnia com sangue e fogo do Exército da Salvação e uma banda de metais liderando a marcha de mulheres muito bem-vestidas descendo pelo meio da Segunda Avenida. Deu um passo à frente para ter uma visão melhor da multidão, que se estendia por três quarteirões inteiros, talvez até mais — uma plantação de algodão, um bando de matronas de cabelos brancos e mulheres que já pareciam avós —, talvez umas mil mulheres. Portavam cartazes que diziam: ACABEM COM ESTE VÍCIO, MOBILIZEM A CIDADE E PONHAM UM FIM A WAPPYVILLE!

Um homem alto, um pastor, pelo colarinho que usava, liderava a passeata. Ao seu lado estava a sra. Irvine num longo vestido preto, o uniforme tradicional das sufragistas. Viu Ernest e o chamou, mandando-o sair dali, mas ele continuou no mesmo lugar, enquanto ela se juntava a um grupo de cantores que entoavam “Venha a nós, pecadoras, pobres e arruinadas”.

Enquanto Ernest observava tudo aquilo, perplexo, algumas manifestantes pareciam divididas, metade rezando e abençoando os espectadores nos arredores e a outra praguejando e cuspiendo nas mulheres na calçada. Ernest olhou para os dois lados da rua, onde janelas fechadas se abriam e diversas mulheres de camisola riam e faziam poses, ou respondiam aos gritos, provocando as manifestantes. Ele ficou de queixo caído quando dezenas de mulheres sensuais tiraram as calcinhas e as jogaram pela janela. Calçolas de cetim e anáguas de todas as cores rodopiavam no ar, às vezes flutuando com a brisa, mudando de direção antes de pousar suavemente no ombro de uma matrona manifestante, que estremecia e gritava como se atingida por óleo quente ou uma flecha venenosa. Uma mulher rotunda, com seios que pareciam balões, apareceu numa varanda no terceiro andar e desamarrou o corpete...

— Não olhe, jovem Ernest.

Ernest reconheceu o sotaque e sentiu duas mãos lhe cobrindo os olhos por trás. Os dedos quentes transmitiram uma sensação agradável ao tocar suas bochechas geladas.

— Você é a garota do andar de baixo, não é? — perguntou, ouvindo as manifestantes gritarem de terror, o que só provocou mais risadas e assobios das janelas acima.

— Desculpe a gente não ter se encontrado no café da manhã — a menina cochichou no ouvido dele. — Às vezes a sra. Blackwell me faz comer na cozinha para ficar de olho no que estamos preparando para o almoço... para não deixar que nada queime ou transborde.

Ernest ouvia a multidão efervescente.

— Quem *são* todas essas pessoas?

— Agora você mora no bairro da luz vermelha, jovem Ernest, saiba que as coisas vermelhas aqui são as roupas de baixo das garotas. — Ela deu uma risada. — Essas cruzadas são organizadas pelo reverendo Mark Matthews, junto com as Mães da Virtude e a Sociedade de Resgate e Proteção, mais algumas mulheres obstinadas das Voluntárias da América. Elas fazem passeatas aqui para salvar nossas almas, destruir os caça-níqueis, evitar que se beba aos domingos, tentar impor a religião delas, esse tipo de coisa. Às vezes arrastam alguém para ser batizado no lago Washington. Mas na maioria das vezes elas só atormentam moças que andam sozinhas na rua, até mesmo as honestas, pelo amor de Deus, e tentam envergonhar a polícia, o que é um absurdo, se quer saber. Todo mundo sabe que os impostos sobre o pecado financiaram metade das construções da prefeitura.

Aquilo, é claro, era novidade para Ernest.

— É uma mistura de velhas senhoras, esposas corneadas e sufragistas, que conseguiram votar alguns anos atrás, mas perderam o direito quando quiseram moralizar a cidade. A maior parte do bairro se mudou para o sul, a alguns quarteirões daqui, depois de Skid Row. Mas acho que não foi suficiente, por isso elas continuam voltando... pelo menos uma vez por mês. Elas enxameiam como um ninho de vespas, mas só o que conseguem fazer é arruinar o sono das moças... o que é um golpe baixo para as garotas de programa e para quem gosta de se divertir.

Ernest percebeu que as manifestantes gritavam cada vez mais alto.

— O que aconteceu agora?

A garota riu.

— Nem *queira* saber. Confie em mim. Escaldaria os seus olhos.

Ernest não conseguia ver nada. A garota apertava firme os seus olhos e sua

imaginação correu solta, junto com o que deve ter sido o restante das roupas da mulher. Em seguida se lembrou das garotas coloridas do *entourage* de madame Flora, as garotas que desceram a escada ontem, provocando-o enquanto sassaricavam pelo salão.

A multidão rugia. As velhas senhoras imprecavam. As garotas assobiavam.

— Você acabou de entender que tipo de lugar é o Tenderloin, não foi? — perguntou a menina que cobria os seus olhos.

— Por que você acha isso? — perguntou Ernest, que realmente havia entendido. Sentiu pessoas correndo em todas as direções quando a banda parou de tocar, os cantores pararam de cantar e a garota o puxou para mais perto de forma delicada.

— Porque dá para sentir que você está corando.

Ernest tirou as mãos dela do rosto e se virou. Sabia que suas bochechas estavam rosadas de vergonha. Sentiu-se atônito, confuso, mas ao mesmo tempo aliviado, tomado por uma estranha alegria. Nunca estivera tão próximo de alguém assim, fisicamente, desde que ainda engatinhava nem tinha jamais segurado as mãos de uma garota entre as suas, a não ser quando dançava uma valsa ou quadrilha uma vez ou outra na escola.

A garota olhou para ele com um grande sorriso, sobrancelhas erguidas, uma expressão de expectativa nos olhos.

Ernest retribuiu o olhar, ainda segurando as mãos dela, bonitas e pequenas, sem a aspereza de alguém que trabalhava na cozinha. Parecia ser alguns anos mais velha, como Maisie, talvez uns quinze anos em comparação aos seus doze. E era alguns centímetros mais baixa, mesmo de botinas; esguia e de cabelos negros presos na nuca. A pele era um pouco morena, como a dele, olhos escuros, como os dele. O estranho sotaque agora fazia sentido — era uma oriental. Seu sorriso era radiante.

— *Konichiwa*? — perguntou. — Ou você prefere *ni hao mah*? De qualquer forma, olá. Eu sou sua vizinha do andar de baixo. — Ela voltou a sorrir, radiante por ter se apresentado.

Olá, com certeza. Tentou pensar em algumas palavras, mas ficaram engasgadas quando ele tentou falar com o coração e não com a razão, pois a garota não parecia em nada com o que ele imaginava ser uma auxiliar de cozinha. Deduziu que fosse japonesa. Vestia-se com simplicidade, não usava maquiagem, mas tinha uma beleza natural, difícil de ignorar. E parecia vagamente familiar.

— Você não está me reconhecendo, não é? — perguntou ela. — Sinceramente, eu também não reconheci você na hora, mas isso me diz tudo que preciso saber. — Tocou no alfinete de cabelo na lapela do paletó dele.

— Desculpe. Eu não me lembro... — disse Ernest.

— Tudo bem. Já faz o que... sete anos desde que chegamos aqui juntos naquele navio. Ah, você ainda vai se casar comigo?

Ernest franziu a testa. Teve um sobressalto ao se lembrar do grupo de crianças no compartimento de carga do navio, uma voz cochichando ao seu ouvido, ele se virando para cochichar alguma coisa também. Lembrou-se da garota japonesa no meio de todas aquelas meninas chinesas, uma garota com um nome estranho e pavio curto. Como se um dia ele pudesse esquecer.

Ela cobriu a boca, dando risada, levou uma das mãos à cintura, inclinou-se para a frente, ergueu a cabeça, fechou os olhos e lhe deu um beijo. Não um beijinho delicado na bochecha, mas nos lábios; o gosto era adocicado, como o algodão-doce da Feira, uma nevasca de flocos de neve açucarados derretendo em sua língua.

A garota recuou, os lábios grossos abertos, avaliando-o.

— Você nunca foi beijado, não é?

Ernest não sabia o que dizer, ficou piscando, meneando a cabeça devagar, o coração disparado. Continuou ali parado, sorrindo como um bobo feliz, no meio do bairro da luz vermelha invadido por uma massa agitada de manifestantes histéricas, mulheres gritando, garotas dando risada, cantoras infelizes, membros da banda desorientados e um ocasional homem da lei ocioso revirando os olhos e olhando para o céu.

Ernest fez força para mover os lábios.

— O que... para que tudo isso?

Fahn beliscou a bochecha dele.

— Lembra o que eu disse ontem à noite?

Ernest franziu a testa e aquiesceu.

— Bem, os biscoitos foram um presente — sorriu. — Mas esse beijo foi um favor. Agora, Ernest, você me deve uma.

BEM-VINDO AO FUTURO

(1962)

ESTA É UMA HISTÓRIA DE AMOR, mas a de Romeu e Julieta também era. Foi a maior história de amor de todos os tempos. E todos sabemos como acabou.

Essas foram as palavras que Ernest leu em voz alta para ninguém, na empoeirada biblioteca de um só volume de sua mente, diante de uma máquina de escrever em seu minúsculo apartamento. A velha relíquia que tinha comprado na loja de penhores do Barney na Pioneer Square custou dez dólares e cheirava a cigarro, ferrugem e óleo de máquina. Mas funcionava. No entanto, ele lutava para escrever alguma coisa que pudesse ter valor para Juju.

Depois de ter conversado com ela sobre o Tenderloin, as eclusas de sua memória se abriram. Abriram tanto que ele resolveu tentar escrever tudo — para conter suas lembranças fugidias, para administrar suas emoções indóceis. Mas não conseguia passar da página em branco, que parecia um lote de terreno que ele jamais poderia semear. Era inevitável que ervas daninhas e outras sementes silvestres se enraizassem em meio à sua labuta.

Suspirou e tirou os óculos de leitura, sentindo um renovado respeito pela profissão de Juju. Pensou sobre o que deveria dizer, que partes poderia costurar para esconder os detalhes amargos do passado peculiar dele e de Gracie.

Já tinha explicado como foi parar no Tenderloin, o que deixou Juju tão arrebatada quanto chocada.

— Está dizendo que na verdade eles doaram você? — perguntara ela, atônita, ao constatar que o boato que tinha ouvido era de fato verdade. — Como um barril de maçãs ou um alqueire de milho. Como as pessoas puderam fazer isso? Isso é mais que ridículo, é cruel.

— Era uma época totalmente diferente — replicara Ernest, dando de ombros. Ele tinha chegado num navio com crianças que depois foram vendidas como serviçais. Por isso, ter sido dado a pessoas de posse, que lhe ofereceram um emprego e uma nova vida, que parecia maravilhosa no fim das contas, era um acaso feliz naquelas circunstâncias. — No meu modo de ver — dissera Ernest —, se não tivesse sido acolhido por madame Flora, eu poderia ter acabado como um menino de rua, ter sido mandado para um albergue ou um reformatório mais parecido com uma cadeia, ou pior...

— O que poderia ser pior do que isso? — questionara Juju.

Ernest abriu um sorriso triste, sentindo os olhos reluzirem ao tocar no braço da filha.

— Se não tivesse ido parar no Tenderloin, talvez eu nunca conhecesse sua mãe.

Ernest desistiu de escrever. Era tarde demais para tentar reescrever o passado. Juju já havia começado um artigo comparando o mundo daquela época com o de agora, desde o preço de uma caixa de leite até a forma como as mulheres influenciaram a política. Além disso, já havia encontrado dezenas de moradores locais que estiveram na Eayp — os que tinham a idade dele ou mais velhos, homens e mulheres que poderiam fornecer reflexões e comentários sobre os dois espetáculos, separados por mais de cinquenta anos. O jornal os definiu como Embaixadores Especiais do Futuro.

Para Ernest, as feiras eram apenas ornamentos, sentinelas esculpidas em pedra e enraizadas no solo, imóveis. Sua vida, a vida de Gracie, era o mistério situado entre os dois eventos.

Valia a pena escrever a respeito, pensou Ernest, no mínimo para ajudar Gracie a se lembrar dos momentos agradáveis. Não a sujeira antiga, e com certeza não todas essas coisas novas. Não a Catedral da Ciência. Nem o monotrilha. Nem o Teleférico Espacial, o Espaçoteleférico... fosse qual fosse o nome daquela engenhoca.

A ideia da Feira tinha surgido alguns anos atrás, quando o *Sputnik* começou seu bip-bip-bip lá em cima, inaugurando a Corrida Espacial. Os Estados Unidos e a Boeing, com sede em Seattle, foram arrastados para o futuro. E que melhor maneira de mostrar Seattle para o mundo inteiro (principalmente para os soviéticos, para a República Popular da China e para a Coreia do Norte) do que hospedar uma nova e épica Feira Mundial? Foi quando as pontadas de nostalgia em Ernest, profundamente enterradas, começaram a estremecer com um sismo.

Preocupado com que alguma velha matéria de jornal — possivelmente até a que Juju tinha encontrado — pudesse levá-lo a um frenesi, Ernest decidiu fortalecer suas lembranças para enfrentar um tsunami de indagações e entrevistas que nunca aconteceram. A cada boletim de notícias mostrando a construção da Feira e um membro da velha guarda que esteve por lá na época, a cada lembrança excessivamente otimista, antiquada, que entrava e saía sem mencionar o nome dele, Ernest relaxava, se acalmava e desfrutava o conforto de seu anonimato. Se sua vida fosse uma peça teatral, ele teria tido seu momento na ribalta, e então uma saída discreta.

Jamais havia imaginado que a filha mais velha seria a primeira a revirar seu passado.

Ernest ainda olhava para a página em branco quando ouviu baterem na porta. Pensou que talvez Juju tivesse voltado, até ouvir um “*Psssiu!*” familiar vindo do corredor. Ele soltou um suspiro, destrancou as fechaduras, abriu a porta e foi saudado por Pascual. Notou que o amigo usava um terno preto — seu único terno. Também usava um suéter apertado de gola em V sobre um peitilho bem passado e uma gravata estampada, o que geralmente significava só uma coisa.

— *Kuya*, eu estou indo para o Black and Tan — disse Pascual com uma piscadela.

— Eu estou meio ocupado... — replicou Ernest.

— Foi por isso que achei que você poderia vir comigo, irmão... para fazer uma pausa. Além do mais, um homem solteiro da nossa idade é apenas um sujeito solitário procurando encrenca. Mas uma dupla de cavalheiros elegantes... aí a magia fica respeitável. — Enfiou a mão no bolso e tirou uma garrafinha de metal. — Podemos tomar isto no caminho.

Ernest estava prestes a dizer que não, que preferia ficar em casa e ler um bom livro, quando lembrou que iria se encontrar com Juju no dia seguinte no local da Primeira Feira Mundial. De repente uma bebida mais forte se tornou irresistível. Olhou o próprio reflexo no espelho trincado em cima da cômoda e ajustou a gravata. Ajustou o jaquetão Windsor. Por que não?, pensou ao colocar as abotoaduras e pegar o casaco e o chapéu do cabide perto da porta.

Enquanto isso, o amigo derramou um pouco de uísque no canto da sala.

— Isso é para o demônio. — Pascual abriu um sorriso maroto, parecendo um colegial de cinquenta anos. Ofereceu a garrafinha a Ernest, que tomou um grande trago, sentindo o álcool lhe queimar a garganta. Em seguida os dois desceram a escada e saíram na noite fria e enevoadada, que cheirava a folhas fétidas e pinhas podres que entupiam os bueiros em cada esquina.

Seguiram contra a maré de trabalhadores do turno da noite levando suas marmitas para as docas, tentando não ser atropelados por entregadores de bicicleta carregados de comida chinesa enquanto se dirigiam ao último grande clube de jazz do bairro. Ao se aproximarem, Ernest pôde ouvir a música acima do som de borracha dos pneus no asfalto molhado.

O Black and Tan estava lá desde os tempos da Lei Seca, enfurnado no subsolo da drogaria Chikata e quase invisível na esquina das ruas Doze e South Jackson. Ernest e Gracie já tinham visto grandes nomes tocarem no lugar, como Lionel Hampton, Duke Ellington e Cab Calloway, mas a casa tinha decaído desde seus dias mais gloriosos. Agora só apresentava uma banda cover. Fazia o melhor possível para recriar o *bebop* do passado com as luzes do palco e a aveludada e esvoaçante fumaça dos cigarros.

Durante horas Ernest ficou sentado num banquinho minúsculo, revestido de

couro falso, entretendo-se com um coquetel de champanhe, mas Pascual afrouxara a gravata e dançava o *watusi* com um bando de mulheres brancas que tinham metade da sua idade. Ernest ficou observando o balanço alegre de seus vestidos de algodão estampados da Woolworth, com penteados bufantes que as deixavam mais altas que o amigo.

— Tem certeza de que não quer dançar? — A mulher simpática que Ernest reconheceu como Dolores apareceu, sorrindo. — Seu amigo me disse que você dança muito bem.

— Eu adoraria — respondeu Ernest. — Mas estou guardando a última dança para outra pessoa.

— Ah, e ela está aqui? — perguntou Dolores, olhando ao redor.

— Ainda não. — Ernest balançou a cabeça. — Mas continuo esperando que um dia ela volte.

Dolores o examinou com olhos tristes, de cachorrinho. Em seguida se aproximou e o abraçou e o beijou com carinho na bochecha antes de voltar à pista de dança.

Ernest sorriu e limpou o batom com um guardanapo. Continuou observando Pascual, e às vezes trocava palavras com as garçonetes que o conheciam vagamente, até ficar sem cigarros e começar a se sentir inquieto. Deu um aceno de despedida para o amigo, que pareceu não notar.

Voltou a pé para casa debaixo de uma chuva leve, passando por lojas de bebida vinte e quatro horas e carrocinhas vendendo flores, desviando-se de marinheiros de azul e prostitutas de guarda-chuvas e saltos altos discutindo com a guarda costeira, homens uniformizados que vagavam pelo bairro com capacetes brancos, girando cassetetes lascados. Ernest passou em silêncio por inofensivas lojas familiares que sabia serem fachadas para muitos cassinos de fundos em Chinatown. Levantou a gola para se proteger no frio úmido de abril, grato por estar só garoando, enquanto seguia pelos círculos de luz projetados pelos postes de iluminação, desviando-se de poças de lama que refletiam constelações esquecidas e estrelas solitárias no céu do norte. Não se sentia frustrado por ter feito o papel de Dean Martin diante do Jerry Lewis de Pascual, pois precisava de uma saída à noite. Estivera sobrecarregado de lembranças a semana inteira, e agora o passado parecia mais resplandecente que o presente. Mas o passado era uma terra de ninguém. Deu cinco dólares ao mendigo da frente do Publix e subiu as escadas rangentes para seu apartamento, pensando de novo em como poderia contar o resto de sua história a Juju.

Ainda continuava pensando no assunto quando viu duas pessoas sob o brilho mortiço da solitária lâmpada de quarenta watts pendurada no teto do corredor. Em meio ao caos da parede cheia de bolhas, um casal discutia.

— Não sei por que você me arrastou até este muquifo — disse o homem. — A gente não podia se encontrar com ele num restaurante ou algo assim?

Ernest entendia. O Publix exigia um gosto específico. Só o endereço já teria intimidado algumas pessoas, pois o bairro não era mais o que costumava ser. A maioria dos clubes de luxo não existia mais, substituídos por restaurantes vinte e quatro horas como o Bamboo Café. As luzes de néon tinham se desvanecido e apagado. Agora as travessas da Quinta Avenida que desembocavam na Pioneer Square e em Chinatown eram iluminadas por sinais de tavernas e lojas de penhores. Latas vazias e enferrujadas de cerveja Olympia e Brew 66 atulhavam as outrora gloriosas ruas de paralelepípedos. As avenidas construídas à mão, tijolo por tijolo — esculpidas ao redor de lustrosos trilhos de bondes agora soterrados — foram cobertas por uma camada de asfalto fumegante e depois revestidas por vinte anos de bilhetes perdedores e tocos de cigarros. Agora o cheiro de desespero era tão forte que nem a chuva conseguia lavar.

Então Ernest ouviu uma voz conhecida.

— Ora, foi você quem disse que queria conhecer minha família. Bem, minha família mora aqui... enfim, parte da minha família. Então é isso aí. Se você prefere se mandar e jogar dados até o amanhecer, como sempre faz, por mim tudo bem, mas o mínimo que pode fazer é tirar cinco minutos para conhecer o meu pai como prometeu. É uma surpresa.

— Você está sendo infantil.

— Eu? — retrucou a mulher.

— Sim, você. Quem gosta de surpresa são garotas de oito anos — bronqueou o sujeito. — Homens adultos odeiam surpresas.

Ernest pigarreou.

— Nem todos os homens adultos. — Entrou no círculo iluminado e esperou pela reação dos dois. O homem parecia irritado, a mulher ficou confusa por um breve momento e depois...

— Pai!

— Será que um grupo de dançarinas em algum lugar de Las Vegas está sentindo falta de sua principal estrela neste momento? — perguntou Ernest, tirando o chapéu. — Hanny, que surpresa maravilhosa... da melhor espécie. Eu não ligo para o que as pessoas dizem. — Piscou para o homem estranho, que lhe deu um sorriso, mal conseguindo esconder o constrangimento.

Hanny deu um gritinho e largou a bolsa para abraçar o pai.

— Pai! Estou com tanta saudade... da mamãe também. Juju ligou dizendo que mamãe está se recuperando. Por isso larguei tudo e peguei o primeiro voo que consegui. Chegamos uma hora atrás. Ah, e eu tenho outra surpresa.

Hanny enlaçou o sujeito alto de cabelos perfeitamente ruivos, dentes

imaculados e uma fenda no queixo parecida com a do ator Cary Grant.

Ernest sorriu.

— Já estou imaginando.

— Eu sou Rich — interrompeu o homem, estendendo a mão para Ernest. — É um prazer conhecê-lo, afinal. Ouvi falar muito do senhor. Ah, e se um dia precisar de um advogado especializado em entretenimento, conheço alguns... a começar por este seu criado.

— Muito prazer — disse Ernest, notando as pedras preciosas nos dedos do homem. A maior tinha o tamanho da unha do seu polegar. Olhou para Hanny, que sorria e se agitava de contentamento.

— Pai — começou Hanny —, Rich é advogado, mas é também meu noivo. — Levantou a mão e apontou para um pequeno diamante no dedo. — Era da avó dele. Ela sobreviveu ao naufrágio do *Titanic*... dá pra acreditar?

Ernest fez uma pequena pausa, esperando que Allen Funt saísse do armário do zelador com a equipe de *Câmera Indiscreta* a tiracolo.

— Puxa, é muita coisa para assimilar — falou.

Abraçou a filha, recebendo-a da melhor forma possível, apesar do choque. Apertou a mão de Rich mais uma vez, desejando tudo de bom. Ernest continuou falando com entusiasmo, tentando imaginar o que Gracie, lúcida ou não, poderia achar daquela notícia. Desejou que ela estivesse ali para dizer alguma coisa que o ajudasse a entender tudo aquilo, ou ao menos dar um sinal de alerta para Hanny quanto ao iminente iceberg no caminho daquele relacionamento. Hanny sempre pôde escolher qualquer pretendente que quisesse — desde o colégio —, mas tinha acabado com... *este sujeito*.

Ernest percebeu que estava rilhando os dentes e relaxou a mandíbula. Respirou fundo, bateu uma mão na outra e as esfregou. Não iria se permitir duvidar da filha, não seria tão cínico.

— Sabe de uma coisa... acho que Rich tem toda razão — disse Ernest. — Isto aqui não é lugar para se comemorar. Por que não saímos todos para comer alguma coisa?

— Nós viemos de primeira classe — contou Hanny. — Comemos frango à Kiev no avião. Mas você me conhece. Estou sempre pronta para uma sobremesa. Que tal o Jasmine Room?

Ernest sorriu.

— Seria perfeito.

O ROCHEDO DA FLOR DE MAIO

(1909)

O CORAÇÃO DE ERNEST ainda estava disparado, a cabeça girando. Seria capaz de jurar que ainda sentia o beijo de Fahn, mesmo depois de comer uma tigela de mingau. Estava delicioso, recoberto com chocolate ralado e coco tostado. E o leite — Ernest se surpreendeu com o sabor, a textura rica e cremosa de leite de verdade. Todos esses anos no internato ele raramente tomava qualquer coisa além de chá e da coalhada em pó que serviam diariamente, que deveria deixar todos fortes e saudáveis, mas tinha gosto de leite morno misturado com giz.

Ernest não entendia por que a sra. Irvine estava tão irritada.

Eu não trocaria este lugar pelo Céu, pensou Ernest, enquanto tentava dar uma olhada em Fahn, ocupada na cozinha. Fahn percebeu o seu olhar, deu uma piscada e voltou a desaparecer. Ernest acenou de volta para o vácuo, mas sorriu assim mesmo. No abrigo para crianças as garotas moravam em um prédio separado e o ignoravam na sala de aula. Mas aqui sua nova vida estava começando com tudo.

Não chegou a se incomodar de passar a hora seguinte escavando carvão no subsolo. Assobiava, cantarolava, praticamente dançando no monte de carvão enquanto trabalhava. Depois trocou de roupa, lavou-se e ajudou Fahn e Violet a servir o desjejum das garotas da noite. Ernest observou a precisão com que Fahn posicionava os talheres brilhantes, os pratinhos, os recipientes para ovos, copos para suco e diferentes conjuntos de porcelana para chá e café. Tentou fazer o melhor que pôde enquanto Violet organizava as elegantes cadeiras, abria as cortinas e as persianas e cuidava dos vasos de flores distribuídos pela sala de jantar formal. Ela aparava os caules que ainda não haviam florido, separando os ressecados e os mortos.

Ernest ficou em posição de sentido quando madame Flora e o resto das moças dos andares de cima, de vestidos acetinados, entraram na sala. Umas treze, pensou Ernest, contando Maisie, mais do que nunca parecendo um garoto, com um chapéu masculino de abas curtas grande demais para sua cabeça. A srta. Amber entrou logo atrás, agora toda elegante, com suas longas tranças avermelhadas.

— Você conhece as regras, menina. Nada de chapéu dentro de casa —

advertiu a srta. Amber. — Pode levar essa coisa horrível para a seção de achados e perdidos. Alguém pode querer isso de volta.

Ernest notou Fahn revirando os olhos e soltando um suspiro enfadonho por causa de Maisie, ou da srta. Amber, ou talvez pelas duas — não sabia ao certo. Virou o rosto, contendo uma risada.

Enquanto isso, madame Flora apresentou Ernest às moças da mansão: Ruth, Pearl, Lillian, Emma, Josephine, Beatrice, Hilda, Cora, Hattie, Mary Alice — muitas das quais ele já encontrara casualmente quando chegou. Madame Flora sorriu quando cada uma delas abaixou levemente a cabeça com um sorriso educado.

— Minhas garotas parecem desenhadas por Charles Gibson: as mulheres mais encantadoras de Seattle. Alguma vez você já viu tanta graça, postura, beleza e refinamento? Elas são a elegância personificada, a perfeição em pensamento e ação...

Ernest sorriu e deu um aceno, pensando que elas se pareciam com as garotas de Charles Gibson que tinha visto retratadas em revistas e propagandas — frágeis, porém voluptuosas, cheias de confiança e energéticas, mas alegres —, o oposto das sufragistas tradicionais.

— Ah, não se deixe enganar, garoto — interrompeu a srta. Amber, dando risada. — São carneiros vestidos de cordeirinho, todas elas.

Com isso, Violet e Fahn saíram da sala, deixando as moças com seu desjejum, dando risada do desfile e da cena na rua daquela manhã. Davam risadinhas, praguejavam e contavam piadas. Ernest não entendia. Elas tomavam chá fazendo barulho de propósito, acotovelando-se, algumas comendo com as mãos, mexendo o café com a faca de manteiga, só para provocar madame Flora, que balançava a cabeça e suspirava, tamborilando na mesa com as unhas pintadas.

— Acho que elas só estão desmanchando um pouco os cabelos, por assim dizer. As que não usam peruca — comentou madame Flora, piscando para a srta. Amber. — Mas posso assegurar que essas garotas têm muita classe... literal e figurativamente. Agora, meninas, comam... vocês têm aula de dicção daqui a uma hora no salão. Depois, dever de casa e música logo a seguir.

Uma das garotas mais velhas meteu a colher num ovo quente.

— Sim, senhora, capitã Flora. Ouviram, garotas? São as ordens da capitã e da imediata... de dia expandimos nossa mente. E à noite abrimos as nossas...

— Já chega, querida — interrompeu madame Flora com um sorriso pálido.

— Sempre impetuosa, essa aí — resmungou a srta. Amber.

Ernest corou mais de uma vez enquanto as garotas tagarelaram até terminarem a refeição.

— E você, meu jovem, eu tenho algo importante para você fazer hoje. — Madame Flora apertou os lábios e mostrou um pequeno maço de cartas endereçadas com muita elegância. — São convites especiais para as festividades deste mês. Todas devem ser entregues ainda hoje. Minha pequena Flor de Maio vai com você, não é, querida?

— Obrigado, madame, mas não há necessidade de incomodá-la — disse Ernest. — Talvez alguma outra funcionária possa me ajudar.

— Bobagem — retrucou madame Flora. — Maisie pode fazer isso uma última vez.

Maisie deu uma enorme mordida num pedaço de pão e afastou o prato.

— Vamos lá, garota — bufou a srta. Amber. — Faça o que Flora está dizendo. Você não pode ser uma moleca travessa para sempre, sabe?

Maisie olhou para a srta. Amber, mastigando devagar antes de engolir. Depois sorriu e disse:

— Tenho imensa satisfação em orientar o garoto. — Mas sua expressão sugeria que ela preferia depenar uma galinha viva com os dentes.

Maisie andava tão depressa pela Segunda Avenida que Ernest quase precisava correr para acompanhá-la. Caminhava atrás dela enquanto Maisie o conduzia pelo tráfego, ao redor de carruagens estacionadas e automóveis buzinando e se desviando. Os motoristas mais lentos eram acompanhados por lacaios a pé correndo na frente dos automóveis dos patrões com bandeiras vermelhas de alerta.

Maisie passou por ruas comerciais atulhadas de rolos de fiação e cabos telefônicos, por movimentadas ruas residenciais que cheiravam a sabão e lixívia das roupas penduradas nos varais. Avançou por estranhas ruelas, beirando casas com sinais de alerta, de quarentena por causa da coqueluche, dando tantas voltas que Ernest tinha certeza de que na melhor das hipóteses ela estava tentando confundi-lo, e na pior queria que ele se perdesse. Ignorava os cavalheiros que às vezes tocavam a aba do chapéu ou anuíam quando ela caminhava apressada, e parecia incomodada com os garotinhos que passavam ruidosamente por ela na calçada com carrinhos feitos de caixas de sabão.

— Para onde estamos indo? — perguntou afinal Ernest, sem fôlego, quando passaram pelo túnel Great Northern pela segunda vez e seguiram na direção da Pioneer Square.

— Para qualquer lugar e para lugar nenhum. — Maisie entregou metade dos envelopes a Ernest. Devia haver uns cinquenta ao todo. Os convites com laços

brancos estavam lacrados com cera de abelha perfumada, todos carimbados com um *T* ornamental. — Você conheceu Jewel no automóvel ontem. Ela está fazendo dezesseis anos, e vamos fazer uma festa de estreia na sociedade... os melhores clientes do Tenderloin estão convidados. Nada de homens em viagens de negócio e folgazões ou ratos de adega, e com certeza nada de soldados ou marinheiros. Madame Flora diz que *nossa casa não é desse tipo*.

— Estreia na sociedade? — Ernest visualizou o elegante Grand Cotillion de Seattle, com charretes puxadas a cavalo e quartetos de corda. Lembrou-se de como as garotas do Lar para Crianças recortavam com todo cuidado fotografias de jovens em luxuosos vestidos das colunas sociais do jornal de domingo. Brincavam com aquilo como se fossem bonecas de papel. — Como um baile de debutantes? — perguntou.

— Santo Judas, você por acaso nasceu ontem? — Maisie bufou e continuou andando. Mas parou logo, apoiou uma das mãos no quadril e falou num tom rouco e grave, imitando o jeito como as meninas mais velhas falavam. — Ela vai fazer dezesseis aninhos, querido. Vai para o lance mais alto. Vamos só esperar que seja tão bonito quanto rico.

Ernest parou de repente.

— Qual é o problema? — perguntou Maisie, dando de ombros. — Será que o porto de carruagens é demais para sua sensibilidade delicada? Ou será que o novo empregado se acha bom demais para nós? Espero que não, pois seria muito engraçado, considerando que ganhamos você num concurso.

— Foi uma rifa.

Maisie balançou a cabeça e continuou andando.

— Sinceramente, eu estava querendo um pônei, mas claro que ele tinha de ser rifado na semana anterior.

Ernest abandonou os últimos resquícios de sua relutância e continuou seguindo Maisie, fascinado ao compreender que o Tenderloin não era um hotel de luxo nem um clube social de mulheres, como tentou se convencer de início. Aliás, o imponente edifício de tijolos era exatamente o tipo de lugar sobre o qual a sra. Irvine tentou alertá-lo em suas primeiras entrevistas. Se as crianças não protegerem suas virtudes, sua natureza carnal as levará inevitavelmente à ruína. E para a sra. Irvine a ruína era sempre muito parecida com o Tenderloin — um bordel de luxo, uma casa de jogos, um covil de iniquidades, um lugar obscuro e de má reputação.

— É só uma festa de estreia — disse Maisie. — Além do mais, a idade de consentimento é de dez anos, e metade das garotas da cidade se casa e engravida com dezesseis. Quando chegam aos vinte já estão atoladas em fraldas sujas, morando em alguma casa de campo comprada num catálogo da Sears,

apaixonadas por maridos bêbados e namoradores, que espancam as mulheres para mantê-las na linha. E, se forem solteiras, acabam como operárias numa fábrica, trabalhando doze horas por dia, sendo apalpadas por algum patrão crápula, tudo isso por cinco dólares por semana, o que não dá para viver. Ou, o pior de tudo, acabam como velhas empregadas... professoras do interior que não podem namorar e nem soltar o cabelo para não dar ideias erradas aos seus alunos. As garotas do Tenderloin são as mais sortudas, Ernest. Têm uma boa educação, vão ao médico sempre que precisam e podem cuidar bem dos dentes. E ganham cinquenta dólares por dia. E ainda podem visitar os namorados uma vez por semana, se quiserem ter um namorado.

Ernest não estava a fim de discutir, por isso lia os endereços nos envelopes enquanto andavam. Não reconhecia os nomes, mas começou a se admirar com os títulos e voltou a ficar confuso. Havia convidados normais, como o gerente da Western Union. Outros pareciam mais poderosos, como o presidente da Madeireira Greenwood. Mas o mais surpreendente — até alarmante — eram os nomes de vereadores e políticos — republicanos, democratas, proibicionistas, socialistas, membros da liga da independência e até uma personalidade rara, beatificada e eleita, conhecida como o Distinto Prefeito de Seattle.

— Madame Flora diz que eles são os nossos santos padroeiros — continuou Maisie. — Depois do Grande Incêndio, o Tenderloin foi um dos primeiros locais a serem reconstruídos... melhor do que antes. A velha madame Lou ajudou o bairro a se reerguer, apesar de ter sido expulsa da cidade mesmo assim. Mas madame Flora sabe o que faz, apesar do mau gosto de manter a srta. Amber.

Ernest notou que Maisie torcia o nariz ao pensar na sócia da madame Flora.

— A maioria dos melhores clientes de madame Flora está aqui, no coração da cidade. — Maisie apontou quando eles passaram pela McDougal and Southwick Company e pelo Teatro Majestic. Ernest ficou deslumbrado ante um cartaz pintado à mão retratando patinadores em cima de um gigantesco bloco de gelo. — É melhor entregarmos os convites nos locais de trabalho que na casa deles, se você me entende.

Maisie o levou da zona portuária até First Hill e voltou, passando pelo Banco Hayes & Hayes e pela Cervejaria Rainier. Finalmente, a curiosidade de Ernest foi mais forte e ele reuniu coragem para perguntar:

— Então... Flora é mesmo sua irmã? Quer dizer, claro que ela é sua irmã de casa... você sabe o que quero dizer, mas talvez você tenha sido adotada como as demais, como as empregadas do térreo?

Maisie reduziu o ritmo, parecendo confusa por um momento, e pouco depois parou e olhou para o céu. Ernest pensou ter vislumbrado certa tristeza em seus olhos azul-claros.

— Desculpe — disse. Depois de ter sido jogado de um lado para outro durante anos como tutelado do Estado, Ernest estava acostumado a falar sem rodeios sobre idas e vindas de pais, avós, irmãs e guardiões. — Se era alguma coisa que eu não devia ter perguntado...

— Tudo bem. Não é um grande segredo para ninguém que mora no Tenderloin. Suponho que seja melhor ouvir de mim do que de uma das moças — disse Maisie, fungando e comentando alguma coisa sobre o ar do outono, apesar de o sol estar brilhando. — No bairro existem bordéis e salões, e às vezes madame Flora seleciona garotas novas com potencial em lugares ruins... como as espeluncas decadentes da vizinhança. Outras garotas ela encontrou na rua e resgatou anos atrás. Mas, de um jeito ou de outro, Flora adotou quase todas do Tenderloin. As mais atraentes ela põe para trabalhar nos andares de cima. É uma vida glamorosa, ela cuida da educação de todas, mas só se forem talhadas para serem verdadeiras garotas Gibson. As outras acabam ficando no andar de baixo, trabalhando como faxineiras, cozinheiras e governantas. Ninguém parece se incomodar muito com isso... todas fazemos o que nos mandam fazer. Todas são unha e carne umas com as outras, todo mundo é feliz e cada uma cuida da própria vida. Bem, com exceção da Fahn, que está sempre aprontando alguma.

Enquanto ela falava, uma represa de emoções contidas parecia se romper. Ernest continuou andando, olhando para ela — Margaret, Maisie May, a Flor de Maio, o colibri de madame Flora. Com seu cabelo de menino, ela parecia destinada a trabalhar no térreo, mas havia algo naqueles olhos azuis — uma grande beleza, escondida em plena vista. E parecia mais inteligente que as outras. Ernest se perguntou onde ela estaria dali a alguns anos.

— No Tenderloin nós somos como uma grande família feliz; eu e Fahn somos quase irmãs gêmeas. Até o Professor True é como um tio. Mas, apesar disso tudo, você deveria saber que madame Flora definitivamente *não* é minha irmã de verdade.

Ernest olhou para ela.

— Madame Flora é minha *mãe de verdade*.

Ernest piscou, afastando-se do meio-fio quando um ônibus passou roncando.

— O negócio é o seguinte. Ela não quer que ninguém de fora saiba disso, porque é ruim para os negócios. Madame Flora já teve um bocado de pretendentes no passado... homens ricos e poderosos, alguns até quiseram se casar com ela. Mas... daí eu apareci e entrei na festa de penetra. Amber diz que meu pai era um banqueiro. Pelo que sei, ele já tinha uma esposa em Chicago, por isso quis que Flora se livrasse de mim quando descobriu que estava embarrigada. Tentou suborná-la, mas ela se recusou. É por isso que sei que ela me ama.

Ernest parou de repente.

Maisie afastou a longa franja dos olhos.

— Amber disse que o homem perdeu um milhão de dólares no ano em que eu nasci. E nossa aposta é que tenha perdido o que sobrou no pânico causado pela derrocada do banco Knickerbocker, pois bem naquela época ouvimos falar que ele pulou de um píer em Nova Jersey e nunca mais foi visto. Provavelmente foi comido pelos tubarões. Depois disso madame Flora pendurou as meias, de uma vez por todas, partindo corações e egos de um monte de cavalheiros ricos. Desde então ela fala para todo mundo que eu sou sua irmã mais nova... assim fica menos complicado. Além do mais, acho que isso a faz se sentir mais jovem.

Maisie deu de ombros mais uma vez.

— Ademais, duvido que Flora seja a primeira mulher da vida a chamar a filha de prima ou de irmãzinha...

— Mas... ainda assim, ela é sua mãe — disse Ernest. — E você é filha dela, é...

— Eu não sou nada de ninguém, Ernest. — Maisie o interrompeu, entregou a ele o resto dos convites e se afastou. — Eu não sou a *Flor de Maio*. — Virou-se e bateu no próprio peito. — Eu sou o Rochedo de Plymouth.

SANGUE DE DRAGÃO

(1909)

QUANDO TERMINOU DE ENTREGAR os convites, Ernest voltou ao Tenderloin e encontrou Fahn esperando por ele na escada da frente. Estava descascando maçãs verdes, fatiando-as e jogando os pedaços num caldeirão de cobre cheio de água. Enxugou as mãos num pano de prato e balançou a cabeça.

— Quando viu que *Flor de Maio* tinha atracado de volta sem o tripulante, a srta. Amber deu uma bronca nela ou algo pior e me mandou procurar você. Circulei por alguns quarteirões, mas sabia que você ia resolver tudo sozinho. — Fahn sorriu e inclinou a cabeça. — Ao menos foi o que esperei. Pega esse caldeirão e vem comigo.

Enquanto seguia atrás dela, Ernest tentou não derramar água nos carpetes nem no assoalho de madeira, e tentou mais ainda não pensar em Maisie e em sua insistência em aceitar aquelas circunstâncias. Lembrou-se da última vez que vira a mãe na China. A vida dela — a morte dela — havia se tornado mais um mito que uma lembrança. Sabia que tinha nascido perto do delta do rio das Pérolas, mas agora nem conseguia mais achar o local num mapa. E lembrava-se da mãe dizendo que jamais poderia ser uma boa esposa chinesa, que nunca se conformaria com as três obediências — fossem lá o que fossem.

Pôs o caldeirão na bancada da cozinha, onde uma dúzia de fôrmãs de cerâmica já estavam dispostas, cobertas com massa de torta fresca. Sentiu o calor irradiando do grande fogão a gás.

— Nós vamos fazer torta? — perguntou Ernest. — Eu não sei nada de...

— A sra. Blackwell deve estar fazendo um intervalo — interrompeu Fahn. — É ela quem faz as tortas. Eu só faço o trabalho pesado. Mas não me incomodo, pois consegui guardar para você a melhor maçã de toda Washington... talvez do mundo todo.

Ernest ficou olhando enquanto ela pendurou o avental, limpou uma maçã perfeitamente esférica, cortou em duas partes e removeu o caroço delicadamente com uma faquinha. Em seguida pegou uma concha de madeira e gotejou mel sobre a fruta. Passou metade a Ernest e deu uma mordida na outra, limpando o queixo com as costas da mão.

— A srta. Amber me pediu para pegar latas de rapé para as garotas de cima.

Elas mascam tabaco para emagrecer e se manter em forma. Depois preciso ir buscar o novo remédio de madame Flora — disse Fahn com um sorriso animado. — Amber acha que você deve vir comigo para saber onde fica o lugar para a próxima vez.

As pernas de Ernest estavam cansadas de tentar acompanhar Maisie, os pés inchados nos sapatos de couro apertados, mas a maçã estava uma delícia.

— Eu adoraria — respondeu.

Ernest saiu com Fahn, que felizmente caminhava bem mais devagar que a marcha de batalha de Maisie. Quando viraram à esquerda na estação de King Street e seguiram para o leste, para a South Jackson, ela lhe mostrou lugares famosos, como o Salão Maple Leaf, o Triangle Bar e o People's Theater, num subsolo na Segunda Avenida.

— Não se deixe enganar pelo nome — confidenciou Fahn. — Não é uma pensão barata. É uma espelunca tosca com bebidas aguadas. Se por acaso um cliente rico entrar num lugar desses, está sujeito a tomar uma pancada na nuca e acordar nos alagadiços, sem a carteira. Madame Flora detesta esse tipo de lugar. Diz que eles tratam muito mal as garotas e dão má reputação ao Garment District.

Ernest ainda estava boquiaberto com os prédios quando eles passaram por um vendedor de jornais que anunciava as manchetes em frente a uma barraca de frutas.

— Ty Cobb vence a partida na nona chegada à base! — ele bradava para ninguém em particular, segurando o jornal. — Só um níquel! Leiam as últimas notícias!

Fahn sorriu para o garoto.

— Talvez quando a gente voltar, querido.

Enquanto continuavam seguindo para a Zona Leste, Ernest notou que os avisos na fachada das lojas mudavam de inglês para chinês. Mas havia também alguns caracteres orientais que ele não reconhecia — japoneses, imaginou. Lembrou que uma vez a sra. Irvine tinha levado todos os garotos do Lar para Crianças ao Teatro Majestic para assistir a uma produção de *Jappyland*. Mas todos os artistas, cantores, dançarinos, o imperador, a rainha e até as gueixas e os figurantes eram gente branca com túnicas pesadas e *pancake* no rosto — um contraste com as pessoas que passavam pelas ruas naquele momento. Homens de terno de lã eram uma raridade, substituídos por orientais de golas brancas, chapéus pretos e túnicas de seda com belos bordados chineses. Ernest não

conseguia ler os símbolos nas roupas, mas recordou vagamente que as túnicas e as miçangas desempenhavam uma função na comunidade.

— Para onde estamos indo? — perguntou quando entreouviu um grupo de homens discutindo num dialeto que o fez se lembrar da aldeia em que nascera.

Fahn segurou a mão dele.

— Estamos indo à loja de ervas de Jue Young Wo para comprar flores de dracena. — Entrelaçou os dedos nos dele e os apertou bem. Em seguida, ergueu uma sobancelha, maliciosa. — Eles costumam fazer sangue de dragão.

Deveria ser alguma droga ilícita, pensou Ernest, fazendo uma careta ao lembrar dos velhos na zona portuária chinesa que dormiam envolvidos pelo cheiro pesado da fumaça de ópio, doce e enjoativa. Ou das ervas que alguns homens chineses usavam para aumentar a virilidade.

O coração de Ernest bateu mais depressa quando ele olhou sub-repticiamente para seus dedos entrelaçados com os de Fahn. A simples magia do toque dela o lembrou do quanto se sentia confortável no Tenderloin, alegre e animado pela sensação de fazer parte de alguma coisa, algo com que só havia sonhado todos aqueles anos que passara no internato. De alguma forma, ele tinha afinal achado um lugar. Foi quando notou o próprio reflexo e o de Fahn na vitrine da Merceria Gom Hong, as mãos balançando entre os dois, como um elo. O passeio por Chinatown foi também uma espécie de volta ao lar. As pessoas, os rostos, os cheiros e aromas de pato, pombo e linguiça curada com canela assados evocaram lembranças de um adorável sonho havia muito esquecido. Mas os rostos das poucas chinesas que viu o fizeram se lembrar da mãe, enquanto os japoneses o fizeram se lembrar dos alertas da mãe.

— Fique longe dos *law baak tau* a qualquer custo — alertava ela com um olhar severo, apesar de a Guerra de Jiawy ter ocorrido antes de Ernest nascer. Nunca tinha visto um japonês antes de chegar aos Estados Unidos, e os que encontrara não tinham cabeça de rabanete, como a mãe os chamava. Eram parecidos com ele, de certa forma. Se alguém parecia ter feias cabeças de batata, eram os marinheiros carecas que o trouxeram para o novo país.

Ernest sentiu um calor subir pelo peito quando Fahn disse:

— Eu gosto de segurar sua mão. Nós fazemos uma boa dupla, não acha?

Tentou dizer alguma coisa charmosa em resposta, mas só conseguiu balbuciar:

— Obrigado.

Ernest se lembrou de quando dormiu ao lado dela, um garotinho entre tantas irmãs mais velhas. Agora Fahn parecia mais velha, e mais do que poucos anos. Deu uma olhada nela, esperando ver uma expressão de decepção, mas a garota simplesmente sorriu, ressaltando seus malarres perfeitos.

Foi quando Ernest notou que todos os homens olhavam para Fahn em Chinatown. Passaram por cestos de peixe seco e caixotes de madeira cheios de gelo e caranguejos azuis. Mesmo os que jogavam baralho ou deslizavam peças de mahjong, fumando e bebendo, todos faziam uma pausa para pousar os olhos nela. Ernest notou que mudavam o olhar dela para ele, depois voltavam para a menina — alguns sorriam, mostrando dentes tortos ou falhos. Outros apontavam, enquanto muitos davam risada e se dirigiam aos dois com um forte sotaque cantonês. Ernest gostaria de saber o que estavam dizendo.

— Não há muitas mulheres em Chinatown — comentou Fahn. — Só senhoras e um punhado de garotas chinesas ou japonesas. Isso faz de mim uma atração de vaudeville sempre que venho aqui, como as mulheres em exposição na Aldeia Japonesa da Feira. E meu vestido americano me destaca ainda mais. Eles sempre pensam que sou a filha de Goon Dip, que construiu a maioria desses prédios, a noiva adolescente de algum outro rico comerciante ou a nova concubina de algum homem de negócios... não seria incrível?

Ernest aquiesceu, como se tudo aquilo fizesse todo sentido.

— É por isso que fico contente de você estar aqui... me sinto mais segura na companhia de um cavalheiro. Geralmente é o Professor True quem me acompanha nesta parte da cidade.

Ernest se sentiu lisonjeado, mas ao mesmo tempo desapontado por alguma razão.

Antes que ele pudesse começar a ruminar sobre aquele pensamento, Fahn apontou para um prédio próximo na ladeira.

— Aquele é o Tangerine... um bordel barato. Era aí que eu ia passar os meus dias... e também as noites.

Ernest olhou para ela com uma expressão interrogativa.

— Quando meu empregador morreu na China, vim com dezenas de outras garotas, pobres noivas japonesas encomendadas a partir de retratos, chinesas do rio das Pérolas, todas vendidas por nossos pais como *mui tsai* ou *karayuki-san*... contratadas para ser irmãszinhas, empregadas domésticas. Eles forneceram os passaportes de outras garotas para entrarmos no país. Faziam a gente assinar o nome com o polegar, já que muitas não sabiam ler nem escrever. Os marinheiros nos levaram para um barracão na zona do porto, onde nos lavaram. Depois puseram a gente no subsolo de outro prédio e tiraram nossas roupas.

Ernest arregalou os olhos e estremeceu, sem saber se queria ouvir mais.

— Na melhor das hipóteses, nossos pais acharam que estavam nos mandando para trabalhar como empregadas em casas chiques ou, na pior, para ser operárias em alguma fábrica de roupas. E as garotas sem contrato, aquelas ricas que olhavam para gente de nariz empinado, pensaram que iam se encontrar com os

novos maridos, que acabaram se revelando os mesmos velhos encarregados de todas nós. Os mesmos homens que nos leiloaram como gado. Eu só tinha oito anos e acabei ali como serviçal e faxineira.

Ela apontou de novo para o Tangerine.

— No navio, as chinesas me chamavam de Fahn, que acho que quer dizer *garota* ou algo assim, e o nome pegou. E era assim que me chamavam no Tangerine, onde eu lavava roupa, engraxava e enchia sapatos de jornal, dava banho nas garotas de programa mais velhas, mantinha garrafas de vinagre perto da privada, cheguei até mesmo a cozinhar. Então madame Flora pediu para a polícia invadir o lugar e me levou embora.

Ernest queria saber mais, porém naquele instante o aroma pungente de gengibre seco e absinto os envolveu.

— Chegamos — declarou Fahn quando passaram por uma porta aberta.

A lojinha parecia um capítulo perdido da infância de Ernest, apesar de ser maior e muito mais bonita do que a que sua mãe costumava ir na aldeia onde moravam, a fim de comprar milefólio para tratar de febres e resfriados. Ernest ficou olhando e ouvindo quando Fahn pediu duas onças de dracena e pagou pelas ervas vermelhas com um dólar de prata novo. O balconista pesou cuidadosamente as folhas secas numa balança de farmácia, antes de despejá-las num pedaço de jornal enrolado em forma de cone. Fechou a parte superior e entregou as ervas a Fahn.

— São flores de bambus da sorte — explicou Fahn, passando o pacote perto do nariz de Ernest. — Madame Flora mistura com vinho tinto e bebe.

— Por quê?

— Para tratar de um velho ferimento de guerra, ela diz... estado de nervos por causa do trabalho. Ela tem dores de cabeça. Tontura. Falhas de memória. — Fahn deu de ombros. — Já tentou os remédios mais modernos... fosfato de ácido de Horsford, tinturas de mercúrio e até longos banhos de imersão com sais minerais do lago Soap, mas parece que nada ajudou. Aí ela leu sobre um médico chinês de São Francisco que conseguia curar certas doenças com ervas secas. Flora escreveu uma carta falando sobre seus acessos de melancolia, e foi isto que ele receitou. — Fahn abaixou o tom de voz. — Se você me perguntar, acho que ela pegou o *grande cassino* quando ainda trabalhava como garota de programa. Dizem que a sífilis faz a gente fazer coisas malucas quando fica mais velha.

Ernest não fazia ideia do que a doença de madame Flora tinha a ver com um cassino, grande ou pequeno. Mas já havia ouvido a *outra* palavra e sabia vagamente que era uma doença vergonhosa.

— E as ervas funcionam?

— É o que vamos descobrir, não é?

Quando saíram da loja de ervas, Ernest teve coragem de oferecer o braço a Fahn, que o aceitou sem cerimônia. Continuou falando sem parar, às vezes fazendo uma pausa para apontar para uma nuvem fofa no céu azul que parecia um animal de circo, para admirar os patos laqueados pendurados na vitrine de algum restaurante chinês ou alguns lírios, sua flor favorita, num carrinho de floricultura — a rua proporcionava um suprimento infinito de coisas banais que a divertiam e deliciavam. Na esquina, onde ficaram esperando o bonde, ela chegou a elogiar o sorriso de Ernest.

Quando passaram de novo pela Pioneer Square, o vendedor de jornais ainda estava lá, anunciando as notícias do dia — algo sobre um aeroplano dos irmãos Wright que caiu na França e matou o piloto, e o retorno de um grande cometa. Fahn parou, e Ernest ficou olhando enquanto ela lia as manchetes do jornal, depois olhou para o garoto, ainda de pé em seu caixote emborcado. Fahn jogou um níquel numa lata de metal e ele desceu para lhe entregar um jornal, que ela ignorou. Em vez disso, segurou o garoto pelos ombros, ficou na ponta dos pés, inclinou a cabeça e o beijou nos lábios.

Depois sorriu, pegou a mão de Ernest e continuou andando, deixando o atônito vendedor de jornais ali parado, sem sequer olhar para trás.

— Eu não gosto de pagar para ler más notícias.

Ernest olhou para o vendedor de jornais, que parecia aturdido.

— Mas... por que você fez aquilo? Ele é um total estranho!

— Bem, nós não somos *tão* estranhos, Ernest. Eu vejo esse garoto nessa mesma esquina pelo menos uma vez por semana.

Ernest se lembrou do beijo que Fahn lhe deu e ficou ainda mais confuso e com um pouco de ciúme.

Fahn pareceu notar sua perplexidade.

— As mulheres buscam a admiração dos homens, o que não vale nada. Um cachorro pode admirar árvores o dia inteiro, mas só respeita uma vara pontuda. É o que madame Flora sempre diz. Ela fala que precisamos encontrar nosso caminho no mundo sem depender de homens para nada. Às vezes, isso significa que temos que correr atrás do que *queremos*, para variar. Por isso eu beijei o garoto, por querer acrescentar alguma coisa à minha coleção.

Ernest sentiu que ela apertou sua mão.

— Tem gente que coleciona moedas ou penas. Outras colecionam fitas comemorativas ou selos do mundo. Eu coleciono primeiros beijos. Mas esse não foi o primeiro beijo dele. — Ela meneou a cabeça. — Pode apostar. Tem um monte de garotos na minha coleção, e agora eu já sei diferenciar.

Ernest continuou segurando a mão dela enquanto andavam. Ou, para ser mais exato, ela segurava a mão de Ernest e o levava pela avenida. Ele não se

incomodou. Não muito, enfim. Sentia-se deslumbrado com aquele estranho lugar, com essa nova vida feliz. Mas quando voltaram e Fahn largou a mão dele para subir a escada de dois em dois degraus, Ernest ficou triste por ter sido deixado para trás, desapontado por ela não colecionar segundos beijos, ou terceiros.

O VELHO DO CAMPUS

(1962)

ERNEST APRECIAVA A COLEÇÃO de itens sentimentais que tinham se acumulado na gaveta de sua escrivaninha — cartões-postais, broches de lembrança, crachás de campanha (mais perdedoras que vencedoras) e canhotos de ingressos de filmes antigos. E, claro, recortes dos últimos artigos de Juju e programas e reprodução de cartazes das muitas apresentações de Hanny em Reno e em Las Vegas.

Tem gente que adora um holofote, matutou Ernest.

Quando morava no Tenderloin, ele tinha ouvido falar muitas vezes de uma japonesa conhecida como Oyae da Arábia. Sempre usava meias azuis brilhantes e diziam que era rival de todas as garotas Gibson do Tenderloin. Fahn tinha até visto Oyae uma vez, tarde da noite na King Street, uma mulher magnífica, sempre rodeada por um séquito de serviçais e homens ricos, todos lutando por sua atenção. Aquele encontro, anos antes de Ernest ter chegado, deixou-a muito impressionada. Ela disse a Ernest que queria mais da vida que seus deveres domésticos. Queria ser o assunto de Chinatown, se não até da cidade. Fahn queria ser como Oyae: queria se tornar a próxima figura de grande destaque.

Ernest bebericava seu café e lia o jornal. Tentou não se preocupar demais com o novo noivo branco da filha. O advogado Rich era *rico*, bonitão e bem-sucedido, e tinha dito todas as coisas certas sobre a torta de maçã à la mode. E nitidamente gostava muito de Hanny, mas... casamento, e ainda mais inter-racial... era um empreendimento complicado. Ernest se lembrou da revista favorita de Gracie, *Ladies' Home Journal*, e a coluna que era sua marca registrada: “Será que este casamento pode ser salvo?”.

Era fácil desfazer um casamento em Las Vegas, pensou Ernest. Talvez por isso Hanny estivesse entrando nesse arranjo tão de repente, depois de rejeitar tantos outros pretendentes. Por outro lado, o sistema judiciário de Washington se recusava a reconhecer divórcios assinados em Nevada — que dirá os do México. O que já fora tão conveniente para Katharine Hepburn, Elizabeth Taylor e até o ano passado para a pobre Marilyn Monroe e Arthur Miller nunca funcionaria em Seattle. Não que Ernest tivesse considerado se divorciar de Gracie, fosse qual fosse seu estado ou mesmo que ela nunca se lembrasse dele.

Ernest balançou a cabeça e voltou ao jornal, onde leu sobre o musical *Amor*,

sublime amor, ganhador de vários prêmios da Academia. Ele tinha assistido ao filme, sozinho, no Cine Atlas. A história o fez se lembrar de tragédias românticas clássicas como *Piramo e Tisbe*, *Odisseu e Penélope* e, claro, a famosa história da filha dos Capuleto e do filho dos Montéquio, que por sua vez o fez se recordar de seus anos de dor e sofrimento adolescente com Fahn e Maisie. Mas isso fora há uma eternidade. Mordeu o lábio e pensou em coisas mais espantosas e menos nostálgicas. Estava lendo sobre um piloto de teste chamado Neil Armstrong quando o telefone tocou no vestíbulo do andar de baixo.

Quando ouviu o gerente do hotel gritar seu nome na escada, Ernest desejou que cada quarto tivesse um telefone. Foi então que percebeu que estava atrasado para seu encontro com Juju na Universidade de Washington — ela achava que caminhar pelo antigo terreno da Eayp poderia despertar algumas lembranças. Pegou o chapéu e o casaco e desceu rapidamente as escadas, passando pelo gerente, que segurava o telefone na mão.

— Diga a ela que já estou a caminho — falou.

O homem revirou os olhos, mastigou o charuto apagado e voltou a ler sua revista *Life*, com a chamada de capa FEIRA DO OUTRO MUNDO EM SEATTLE.

Ernest entrou em seu velho Cadillac preto, pensando na bela vida que já tivera com o elegante sedã, como motorista predileto de vários músicos de jazz que vinham à cidade, celebridades negras e um ocasional pugilista. Gracie sempre adorou esse carro também, e ele tinha muitas boas lembranças de viagens, escapadas de fim de semana. Mas ele também tinha recordações de idas ao hospital e de ter levado Hanny ao aeroporto de Seattle no ano anterior.

E agora ela estava de volta, pensou. E tenho mais gente de quem esconder os segredos de Gracie.

Quando sua mulher foi morar com Juju e Hanny saiu da cidade, Ernest entrou num limbo matrimonial. Cuidava de um jardimzinho no que era o Kobe Terrace Park. Trabalhou como voluntário para o Centro da Comunidade Chinesa. E frequentava a Biblioteca Pública de Seattle para pegar montes de livros que desejava ler. Até se sentir inquieto e fazer uma visita à Kawaguchi Travel, onde Gracie tinha um emprego de meio período, e num impulso pedira informações sobre uma viagem a Cantão. Uma parte dele tinha vontade de encontrar o vilarejo de seu nascimento, onde a mãe deve ter morrido. Mas depois percebeu que viajar não era uma opção — era proibida a entrada de cidadãos norteamericanos na China.

Por isso, Ernest foi obrigado a se conformar com um livro de poesia chinesa.

Enquanto dirigia, pensava nos versos do grande poeta Shijing:

*Procuro, mas não consigo encontrá-la,
acordado, dormindo, pensando nela,
incessante, incessantemente...*

O trajeto de Ernest até a universidade era paralelo à escavação de uma construção já quase cicatrizada, que deixou uma marca do tamanho de uma autoestrada passando pelo coração da cidade. Ao ver a imponente figura de George Washington que marcava a entrada do campus, Ernest percebeu que as lembranças sempre pairaram em torno dele, estabelecendo relações com lugares e pessoas. Parou num semáforo perto da estátua, erguida quando o terreno foi transformado num campus universitário após o término da Eayp. Recordou-se de que, quando era garoto, a escultura resplandecia, brilhando num azul quase tom de cobalto. Mas agora o primeiro presidente tinha assumido um matiz escuro e acinzentado, com os ombros cobertos de dragonas de cocô de pombo.

Todos nós já nos vestimos melhor, ponderou Ernest.

Quando estacionou, ele depositou uma moeda no parquímetro e pôs o chapéu. Andou depressa pela velha praça de tijolos vermelhos conhecida agora como Red Square, em direção à antiga Bacia do Gêiser, que fora reformada e rebatizada como Fonte de Drumheller. Ernest usou o espelho d'água como uma bússola para se orientar. As árvores já tinham crescido por cinquenta anos e a visão do monte Rainier não era tão espetacular quanto ele lembrava, mas se fechasse os olhos quase podia rememorar a grande vista, as quedas-d'água cascadeantes agora substituídas por uma simples passarela. A Corte de Honra, o imenso Palácio do Governo e a Grande Cúpula de Denny Hall não mais existiam. E a maioria das construções da virada do século tinha sido substituída por estruturas de tijolo de uma era mais moderna, projetadas para agradar administradores de escolas em vez de visitantes de países longínquos.

Agora por ali circulavam estudantes, indo de bicicleta de uma sala de aula a outra, correndo de um prédio a outro, agarrando-se na grama úmida.

Enquanto mergulhava em lembranças, Ernest procurava os prédios sobreviventes que conseguia lembrar dos dias da Feira. Alguns dos grandes salões permaneciam, mas suas colunas dóricas eram agora um remendo de reparos. Continuou caminhando até finalmente encontrar os degraus de mármore de um prédio modesto que parecia ter brotado seus dois andares de um aglomerado de árvores altas. A placa dizia AUDITÓRIO CUNNINGHAM, rebatizado em homenagem ao famoso fotógrafo de Seattle, mas Ernest se lembrava de estar

naqueles degraus cercado por matronas mais velhas do Clube do Século das Mulheres e das Filhas de São Jorge, sendo rifado como a estranha e peculiar novidade que era.

Parou por um momento e olhou para a manta de flanela cinza e úmida que fazia as vezes de céu em Seattle, sentindo a névoa no rosto, o cheiro da chuva recente e o frio sóbrio que chegava antes das primeiras gotas dos pesados aguaceiros da primavera. Observou o sol eremita espiando por trás das nuvens, para logo desaparecer como que dizendo: *até logo, adeus, foi um prazer conhecê-lo*. Ouviu o rugido surdo de um trovão, como o de uma árvore rachando e caindo em alguma floresta distante.

Nesse momento avistou Juju, que acenou e começou a percorrer o caminho do parque. Sentiu orgulho da filha, sabendo que ela não queria apenas se encontrar com ele no local da Primeira Feira Mundial — queria ir com ele até o passado.

Abotoou o casaco e desceu os degraus, como havia feito cinco décadas atrás.

— Achei que você ia me dar o cano — disse Juju quando se encontraram no meio do caminho. Localizaram um banco isolado e relativamente seco embaixo do espesso dossel de um medronheiro vermelho.

— Bem que eu fiquei tentado — confessou Ernest. Sentou-se ao lado dela e viu o monte Rainier desaparecer quando a chuva começou a salpicar o chão.

— Para fazer o quê? — provocou Juju. — Fugir de seus deveres paternos de dar a mão de Hanny em casamento ao advogado de Las Vegas de queixo quadrado?

Ernest anuiu.

— Isso também, já que você tocou no assunto. — Ficou ouvindo o tamborilar da chuva nas folhas acima deles enquanto os pingos esparsos se transformaram em garoa. — Imagino que vocês já se conheceram?

— Hoje eu tomei café da manhã com Rich e Hanny. Sujeito interessante. Eu entendo. Hanny não é mais tão jovem e o relógio dela está batendo. — Juju revirou os olhos. — Depois Han veio me visitar sozinha. Mamãe a reconheceu imediatamente, o que foi estranho... e surpreendente... e maravilhoso. Além disso, a mãe está falando cada vez mais... de fatos reais, conversas importantes. Fazia muito tempo que ela não se mostrava tão participativa. Chegou até a sugerir que a gente jantasse hoje à noite, você consegue acreditar nisso?

Ernest sentiu-se tão satisfeito quanto apavorado.

— Então, eu estava pensando — começou Juju. — Nós podíamos apresentar mamãe a Rich no Ruby Chow's, que sempre foi o preferido dela... pedir todos os pratos de que ela mais gostava. Podemos chegar algumas horas mais cedo, antes do movimento maior do jantar, e sentar perto da saída, num daqueles reservados

no fundo. Há anos ela não vai lá, mas o pessoal do Ruby conhece mamãe desde sempre, eles sabem tudo sobre o estado dela.

Não exatamente, pensou Ernest.

— Tem certeza de que isso não vai ser demais para ela? — perguntou.

— Acho que não — respondeu Juju enquanto abria o bloco de anotações e lambia a ponta do lápis. — Vai ser só mais um pequeno passo... como você me contando o que preciso saber para a minha reportagem.

— Talvez — disse Ernest, quando a garoa se transformou numa chuva pesada. — Sabe o que eles diziam no meu tempo? Não só que estava chovendo... que estava chovendo de *cachorro beber em pé*. As coisas eram muito diferentes naquela época.

— Esse é o eufemismo do ano! Principalmente se considerarmos que eles não viam problema nenhum em rifar um garotinho. — Juju encontrou uma página em branco no bloco. — Quero saber todos os detalhes que você possa lembrar... não importa se acha que foi pequeno ou insignificante. Vamos encarar uma coisa, você está prestes a se tornar a maior matéria da Expo Século XXI... ninguém vai acreditar que isso aconteceu de verdade. Meu editor apostou cem dólares que não vou conseguir fazê-lo falar, também tem isso.

— Eu ganho metade se for um participante consensual? — perguntou Ernest.

— Sem a menor dúvida — respondeu Juju. — Mas talvez a gente tenha que dividir por três se a mamãe se abrir hoje à noite e também começar a falar.

Ernest aquiesceu. Pensou em Hanny e Rich. Em Maisie e no Tenderloin.

— Vai ser uma noite inesquecível.

JOIA PRECIOSA

(1909)

A FESTA DE ESTREIA DE JEWEL foi realmente um grande acontecimento. Ernest não tinha visto nada tão espetacular nos seus primeiros meses no lugar. Não nos fins de semana normais, tão cheios de animação, nem quando madame Flora pediu para um homem da Sociedade Astronômica de Seattle instalar um telescópio no telhado para as garotas observarem estrelas cadentes, nem mesmo quando ela contratou uma orquestra de sete músicos para tocar Vivaldi no grande salão para comemorar o equinócio de outono. Ernest considerou que o mais perto que chegara de tal extravagância foi quando leu *Grandes esperanças*, nas festas exuberantes da rica e excêntrica srta. Havisham.

Madame Flora providenciou para que os convidados que não moravam na cidade ficassem hospedados no recém-construído Hotel Sorrento, onde eram recebidos com cestos de boas-vindas e um bilhete perfumado de Jewel sobre o travesseiro. Mandou buscar os cavalheiros em grande estilo para que chegassem ao Tenderloin às oito da noite. Ernest atuou como porteiro, recebendo educadamente os sofisticados visitantes. Pegava as cartolas forradas de pele e cetim e as bengalas envernizadas com castões prateados, esperando a chegada do último nome da lista de convidados, Hiram Gill, presidente do Terceiro Distrito, patrono do Primeiro, e líder carismático da prefeitura de Seattle. Ele foi o último a chegar, e todos no bairro pareciam saber quem ele era, pois o chamaram pelo nome e lhe ofereceram uma bebida ou um charuto quando ele desceu do sedã com motorista. Moças que trabalhavam nas esquinas gritaram:

— Como está bonito, sr. Vereador, se concorrer a prefeito terá o meu voto, querido!

Apesar de elas *não poderem* votar — não mais.

Ernest manteve a porta aberta enquanto Hiram Gill sorria e acenava, antes de entrar e proclamar em voz alta:

— A estimada Clara Laughlin gosta de dizer que “um trabalho bem regulado é a melhor forma de diversão”. Bem, damas e cavalheiros de Seattle, receio que Clara entendeu o contrário. Eu digo que uma diversão bem regulada é o melhor tipo de trabalho!

Todos riram. O Professor True subiu os óculos no nariz e começou uma

versão em *ragtime* de “I Love, I Love, I Love my Wife — But Oh! You Kid!”.

Ernest verificou a lista de convidados, conferiu todos os nomes e foi ajudar a pendurar os casacos enquanto os homens se reuniam no salão, onde foram servidos uísque canadense e ostras de água doce da baía de Fanny, cozidas ao vapor no melhor vinho francês. As elegantes garotas dos andares de cima flanavam entre os cavalheiros. Antes de chegar ao Tenderloin, em sua imaginação — baseada nas severas advertências da sra. Irvine —, Ernest esperava que as mulheres se empoleirassem no colo dos homens com roupas de baixo, meias enroladas até o tornozelo, ou ao menos com saias esportivas até os joelhos. Imaginava-as acendendo charutos, bebendo em excesso e cambaleando. Mas todas usavam vestidos de princesa feitos de seda indiana até os pés e fumavam cigarros enrolados por uma máquina, espetados em longas piteiras douradas. As mulheres cantavam com o Professor True, solo, em duetos ou às vezes em trios harmônicos. E, sempre que o pianista fazia uma pausa, as moças faziam as honras, colocando em prática o que aprendiam em suas lições de dicção. Uma das jovens fez uma breve leitura sobre garotas turcas e a vida em um harém. Várias delas se revezaram recitando de cor e com muita elegância poemas românticos de Lord Byron, Emily Dickinson e Oscar Wilde.

Ernest pensou em Fahn quando uma das garotas disse:

— E nada resta a fazer se não beijar mais uma vez, e se separar, não, não há nada a lamentar...

Ernest deu uma olhada na cozinha, onde Fahn e a sra. Blackwell se empenhavam, alinhavando faisões recheados e organizando fumegantes cuias de sopa de cevada. Fahn ergueu os olhos para ele, lambeu um pedaço de manteiga dos dedos, sorriu e lhe mandou um beijo. Ernest logo fechou a porta de duas folhas, ajustou a gravata e voltou ao salão.

Percebeu que até mesmo a srta. Amber tinha se preparado esplendidamente para a ocasião. Usava uma peruca de algodão cor-de-rosa e estava tão maquiada que Ernest mal a reconheceu. Sorria para os convidados e cochichava ordens às serviçais, movendo-as ao redor como peças de xadrez num tabuleiro. A única pessoa que faltava — além de Jewel, que só se apresentaria mais tarde, e de madame Flora, que aguardava nos bastidores — era Maisie. Tinha ouvido mais cedo a srta. Amber gritando com a Flor de Maio para ela usar um vestido e se comportar como uma dama pelo menos uma vez. Ernest sorriu ao pensar naquilo.

Quando o Professor True tocou “Meet Me Tonight in Dreamland” e cantou “*Come with the love-light gleaming...*”, madame Flora fez sua entrada, descendo a grande escadaria num vestido flutuante vermelho com lantejoulas douradas. Quando todos os olhos estavam na senhora da casa, Ernest esgueirou-se escada

acima para pegar uma série de escovas para cuidar da chapelaria. Quando passou pelo quarto de Maisie, ouviu um choro baixinho. Hesitou antes de espiar pela porta entreaberta. Mas não era Maisie que estava em lágrimas. Era Jewel, sentada na beira da cama com um vestido simples, com Maisie lhe segurando a mão.

— Deve ser nervosismo. É só um simples caso de melancolia — dizia Maisie em voz baixa, solidária. — Aconteceu também com as outras garotas. É perfeitamente normal.

Jewel enxugou os olhos.

— Quando madame Flora a trouxe aqui, você estava praticamente sendo forçada pelo orfanato a se casar com um velho viúvo com quem não queria casar. Isso é diferente... é melhor. É só uma noite, querida Jewel, e amanhã você vai estar rica, não limpando sujeira de filhos de outra mulher ou perambulando sozinha lá fora, na esperança de que algum pateta a convide para jantar ou a presenteie com um colar de pérolas para empenhar e pagar o aluguel.

— Eu sei disso — fungou Jewel. — Sei que estou muito melhor assim. Mas e se ele for um monstro nojento? E se eu não conseguir ir adiante? Ou se ninguém me quiser, se ninguém fizer um lance...?

— Quem não iria querer você? — As palavras escaparam dos lábios de Ernest sem que pudesse impedir. Cobriu a boca com a mão.

As duas garotas ficaram imóveis e olharam para ele.

— Desculpe por ter bisbilhotado — murmurou Ernest. — Foi sem querer. Eu subi aqui para pegar uma coisa.

— Você não viu nada — disparou Maisie. — E também não ouviu nada.

Ernest entrou no quarto.

— Eu ouvi o suficiente. Mas não vou contar a ninguém, prometo. É que... — Sabia exatamente como Jewel se sentia, sendo posta em exposição, preocupada por ser mera parte de uma terrível piada. Entregou seu lenço de bolso a ela. — Eu não conheço você muito bem, mas sei que é inteligente, simpática e bonita. Sinceramente, quem neste mundo não gostaria de uma garota como você?

Ernest achou que Maisie iria reclamar do seu sentimentalismo, mas ela não disse nada.

Jewel enxugou os olhos com o lenço.

— Ora, não é que você é um guardião? Você é como um pedaço de sarja azul, Ernest.

Ernest não entendeu bem o que ela disse, mas as palavras pareciam gentis. Perguntou-se para onde Jewel poderia ir se não aceitasse aquela situação. E com quem acabaria ficando quando descesse para o salão.

— Todos eles são ricos, cultos e vêm de boas famílias, mas dinheiro não faz

de ninguém automaticamente um cavalheiro, não é? — perguntou Jewel para ninguém em especial. — Se todos aqueles homens fossem decentes como você, Ernest, isso não seria tão difícil.

Maisie conteve um riso sarcástico.

— Infelizmente, é provável que ele deixe de ser assim quando crescer. Vai acabar sendo mais um *deles*, exceto pela conta bancária. Vamos, você precisa se arrumar — disse a Jewel. — E você, Ernest, aposto que estão precisando de seus serviços lá embaixo. — Pegou o lenço úmido e devolveu para ele com um sorriso pálido.

Ernest concordou ao ouvir o sinete que anunciava o jantar tocando na cozinha. Voltou para baixo, retomando seu posto na sala de jantar bem a tempo de madame Flora começar o primeiro brinde da noite — um entre muitos.

Depois de uma refeição de nove pratos, que incluiu salmão cozido ao molho de creme de leite, batatas assadas, faisão acebolado, aspargos frios com vinagrete e três tipos de vinho, os comensais foram convidados ao salão de fumar para um cigarro e uma sobremesa de frutas frescas, queijo e pudim Waldorf.

Ernest nunca tinha visto tantos homens adultos, com ternos tão distintos, rindo nervosamente como colegiais — pareciam mais deslumbrados que Ernest depois de experimentar algodão-doce na Eayp. Supôs que aquele comportamento era meramente devido à abundância de álcool, mas entendia muito bem a razão de toda aquela expectativa na sala quando chegou o carrinho com a *verdadeira* sobremesa.

Ernest ficou boquiaberto quando Jewel foi trazida sobre rodas e recostada num suporte prateado brilhante. Maisie vinha na frente com um vestido simples, jogando pétalas de rosas brancas no ar. Jewel estava adorável, parecendo ao mesmo tempo cândida e decadente, cravando os dentes numa deliciosa maçã vermelha, manchando a fruta com seus lábios cor de romã recém-pintados. Seus longos cabelos castanhos formavam cachos, e as pontas emolduravam perfeitamente seu rosto maquiado. Sorria do jeito que fora ensinada, afastando um homem que chegou perto demais com um gesto da mão. Usava um vestido cintilante de seda aveludada, adornado de pérolas e babados, e uma tiara de diamantes (que pertencia à madame Flora, segundo os cochichos). A tiara cintilava sob a luz dos lampiões. Parecia ter deixado suas lágrimas, dúvidas e tristezas no andar de cima enquanto orbitava lentamente pela sala, com os convidados lhe fazendo vênias e lhe despejando elogios. Olhou nos olhos de Ernest por um momento fugaz e logo virou o rosto.

Madame Flora ofereceu um brinde com vinho do Porto Tawny antes de anunciar cerimoniosamente que o leilão começaria em cem dólares. Em moeda americana, acrescentou, ao notar que um dos convidados viera de Vancouver, na Colúmbia Britânica.

Foi então que a srta. Amber pediu para Ernest ir atender alguém que batia na porta da frente.

Relutante, afastou-se do espetáculo, passou pelo Professor True, que continuava a tocar, e conferiu mentalmente a lista de convidados. Todos os que confirmaram a presença tinham vindo. E quem mais chegaria tão tarde?

Ao abrir a porta, sentiu uma onda de condescendência antes mesmo de avistar a sra. Irvine, flanqueada por uma dúzia de matronas de nariz empinado das Mães da Virtude. Sua carranca pareceu se suavizar quando o viu. As outras senhoras tentavam passar panfletos para estranhos na rua, mas a maioria ignorava suas tentativas. Algumas mulheres portavam cartazes com inscrições que acusavam madame Flora e o Tenderloin.

— É um milagre! — disse a sra. Irvine ao olhar para Ernest, erguendo os olhos para o céu cinzento e nublado da noite sem estrelas. — Você está sozinho! Essa é a sua chance, Ernest. Nós temos um importante trabalho a fazer, mas você pode ir embora, fique atrás de mim, e quando terminarmos aqui eu o levo de volta a Holy Word, longe deste... deste... — ela lançou as palavras aos pés de Ernest: — deste pesadelo.

Ernest parou, quase sem respirar. Pensou na conversa que teve com Jewel no andar de cima. Lembrou-se de sua própria existência plácida e servil sob os cuidados da sra. Irvine, onde sem dúvida estaria no ano seguinte se voltasse. Observou os cartazes que as mulheres portavam, condenando a *escravidão branca*, e recordou-se da facilidade com que elas o puseram para ser rifado. Cogitou qual seria a diferença. Depois pensou no Tenderloin, em Fahn e em Maisie, sobre estar ganhando seu próprio dinheiro e aprendendo a dirigir um automóvel. Ouviu o piano o chamando. Por um momento tinha se perguntado por que Jewel não ia embora, e agora precisava fazer a mesma pergunta a si mesmo.

— O que está esperando? — perguntou a sra. Irvine antes de Ernest se recompor para falar. — Sinto muito por ter vindo parar aqui, mas, se você se preocupa um pouco com sua alma imortal, deveria sair correndo deste lugar, agora mesmo. Melhor viver a vida como um mendigo numa casa pobre do que como um jovem senhor numa casa como esta.

Ernest sentiu uma pontada de culpa, não por estar no Tenderloin, mas por ficar tão animado com a perspectiva de ser um jovem senhor.

— É um prazer revê-la, sra. Irvine — balbuciou. — Mas tenho um trabalho a

fazer. E sinto muito, mas a senhora não está na lista de convidados.

A sra. Irvine franziu o cenho e lhe mostrou um convite. O envelope estava aberto, e ela olhou para o elegante trabalho gráfico como se a simples existência daquele pedaço de papel lhe causasse dor. Ernest se perguntou como ela tinha conseguido aquilo.

— Nós viemos para impedir essa abominação. E trouxemos ajuda. Vamos acabar fechando este lugar... ouça minhas palavras, meu jovem. E se estiver aqui quando isso acontecer, vai se lambuzar no mesmo tacho de piche. — Ela se empertigou como se houvesse concluído seu argumento. Pegou uma dupla de policiais uniformizados pelo braço, enquanto as outras senhoras praticamente o empurravam escada acima.

Um dos sisudos policiais tocou no quepe, olhando para Ernest e meneando a cabeça devagar, quase imperceptivelmente, antes de se virar para se dirigir à multidão.

— Agora as senhoras podem ir para casa e para seus maridos. Podem deixar que vamos cuidar desse negócio sujo — disse o policial com um tom de voz calmo e autoritário. — Este não é o tipo de bairro onde as senhoras deveriam estar depois de escurecer. Fiquem tranquilas, vamos cuidar para que os responsáveis tenham o que merecem.

Uma viatura policial encostou no meio-fio e dela desceram outros três homens, que retiraram as mulheres da calçada e as afastaram do Tenderloin.

Satisfeitas, elas se abraçaram e cantaram um hino de cabeça erguida, marchando em direção à multidão de curiosos e transeuntes. A sra. Irvine gritou de algum ponto na rua:

— Lembre-se do que eu disse, Ernest! Lembre-se do que eu disse! Não é tarde demais para voltar!

Enquanto Ernest observava, os policiais passaram por ele e entraram no salão. O policial da frente parou e gritou:

— O que um sujeito precisa para ser convidado para uma festa dessas? — A resposta foi uma sonora aclamação dos clientes lá dentro.

Quando Ernest voltou, a srta. Amber estava servindo taças de vinho do Porto a todos os policiais, com as garotas Gibson reunidas ao redor dos homens de uniforme.

Madame Flora apareceu ao lado de Ernest.

— É tão bom ter vocês conosco, queridos. Sejam bem-vindos à boa vida.

Ernest viu madame Flora pôr uma taça na mão do vereador Gill, que fez um brinde ao departamento de polícia mais diligente do Noroeste. Logo depois, à medida que o leilão prosseguia, alguns policiais foram conduzidos pela grande escadaria.

Ernest sentiu um braço passar por sua cintura e sabia que era Fahn. Tinha tirado o avental e a touca de cozinha, mas ainda cheirava a sálvia e alecrim.

— Ouvi aquela senhora falando com você, jovem Ernest — disse Fahn. — Madame Flora também. Talvez aquela mulher... a sra. Irvine... tenha razão. Talvez você devesse ir embora enquanto ainda pode, antes de começar a gostar da sua nova vida. Todos nós tivemos uma chance de sair desse negócio e ninguém quis. Por que você acha que é assim?

Ernest olhou para cima, para os lustres de cristal, o papel de parede aveludado, as rendas elegantes, a riqueza do ambiente, o poder — mas a sensação que o envolveu era algo mais do que prestígio e opulência. Sentiu o calor de Fahn, o consolo de seu toque; sentiu-se encantado e vivo com seus quadris se tocando. Era um contraste marcante com a sra. Irvine, que parecia opaca e fria, que se sentia ofendida com tudo que via, a não ser com sua própria decadência. Talvez fosse essa a razão de a velha senhora nunca sorrir. Ernest também pensou em sua alma imortal, como a sra. Irvine definia — a mesma sobre a qual tinha aprendido na escola dominical, onde as crianças eram ensinadas a fazer o bem aos outros. Mas aquelas mesmas crianças tinham embrulhado pedras e tijolos em papel enfeitado para presenteá-lo em seu último aniversário. Ernest abriu os pacotes em silêncio, um a um, enquanto todos davam risada. Quando a professora chegou, ela simplesmente o advertiu por ter feito bagunça.

Como tutelado do Estado, ele nunca teve uma garota como amiga, imagine uma *namorada*. No Serviço de Imigração todos os garotos fingiam que detestavam garotas e sempre caçoavam de quem agisse de outro modo. E na Holy Word os garotos de segunda classe raramente iam a bailes ou festas. Mas com Fahn apoiando-se nele, Ernest se sentia em paz, sem estar sendo julgado. Sentia-se livre. Não sabia ao certo o que iria resultar do relacionamento dos dois, mas, fosse o que fosse aquela estranha ligação, ele já tinha sido envolvido pela ruidosa e impenitente honestidade do Tenderloin — tão nu e exposto como as garotas do andar de cima. Deixou-se levar pela correnteza das novas emoções que vinham com aquele lugar dia após dia. Sentiu-se tão emaranhado que se rendeu sem perceber. Foi quando pensou nas palavras da sra. Irvine, mas sabia que já era tarde demais.

— Quinhentos dólares — gritou um dos homens.

As mulheres aplaudiram. Os homens falavam uns com os outros, gabando-se.

— Vereador Gill, você vai deixar que essa oferta fique sem contraproposta? — provocou madame Flora, tirando o charuto da boca dele e começando a baforar, soprando anéis de fumaça por cima da mesa. — Você tem uma reputação a zelar. Acho que não quer que as pessoas pensem que se tornou uma

espécie de quacre abstinente, não é?

O vereador abriu um sorriso e bradou:

— Por uma cidade aberta, com mentes abertas e carteiras abertas. Setecentos dólares.

— Setecentos e cinquenta — vociferou outro homem, terminando sua bebida e largando o copo com uma tirada espirituosa. — E braguilhas abertas!

Todos os homens, *bêbados*, gargalharam.

— Oitocentos por esta adorável garota — disse outro, um homem de negócios mais velho, de cabelos curtos. — Mas por uma noite em minha excelente companhia, *ela* é quem deveria me pagar!

Os homens deram risada, e mais bebidas foram servidas.

Ernest olhou para Jewel, que parecia aceitar aquela extravagante atenção de tantos clientes ricos e poderosos. Seu rosto, antes escorrido em lágrimas, agora parecia brilhar ao observar os que faziam os lances. Alguns poderiam se passar por bonitos, dez ou vinte anos atrás. Ernest pensou no que Fahn dissera sobre cachorros admirando árvores.

Ernest perdeu a conta quando a quantia passou de mil dólares e os rugidos e aplausos se misturaram num ensurdecido furacão de grosserias comerciais. A música, os lances, as risadas, os gritos, o fervor excessivo eram inebriantes. Mas eram também nauseantes e abomináveis. Ser vendida a um alto preço não alterava o fato de uma pessoa ser comercializada, como uma cabeça de gado. Seu coração estava amortecido quando o leilão afinal arrefeceu e foi oferecido o último brinde. Todas as moças cantaram “Good Evening, Caroline” quando Jewel e o afortunado ganhador subiram a escada acenando um adeus, como se estivessem embarcando no *Mauretania*.

Ernest mordeu o lábio e se agitou, desconfortável ao pensar no que eles fariam a seguir. Jewel era a mais nova das garotas Gibson, o que deixava somente a ele, um bando de empregadas e talvez Maisie e Fahn como os únicos moradores do Tenderloin cujas virtudes permaneciam intocadas. Poderia ter ficado horas devaneando enquanto olhava para a grande escadaria acarpetada e ouvia a música se a srta. Amber não lhe tivesse cutucado as costelas. Entregou a Ernest uma garrafa de vinho dentro de um pesado balde de prata transbordando pedras de gelo.

— O que você está fazendo aí parado? Vá lá pra cima com eles, rápido. E cuidado para não derrubar essa garrafa, que é um Ruinart 82, o melhor da casa... provavelmente vale mais do que você poderia ganhar em duas vidas.

Ernest olhou para a garrafa e fez o que lhe foi mandado. Subiu atrás do casal, depositando o balde numa mesa ao lado da porta da suíte. O vencedor do leilão agradeceu e dispensou Ernest com uma nota de dez dólares, ao mesmo tempo

que soltava os suspensórios pretos e afrouxava a gravata branca.

Jewel fitou Ernest com olhos plácidos. Não parecia feliz nem triste, talvez assustada, só um pouco, porém mais resignada que qualquer outra coisa. Nem piscou quando a rolha espocou e bateu no teto. Simplesmente moveu os lábios, formando a palavra “Obrigada” para Ernest, enquanto ele fechava a porta.

Quando Ernest olhou, o relógio marcava 2h37 da madrugada. Estivera ocupado a noite toda, decantando vinho, engraxando sapatos, removendo fiapos dos casacos dos convidados e chamando táxis quando a festa começou a se transformar numa conversa íntima embalada por uma delicada valsa tocada pelo Professor True. O pianista tinha afrouxado a gravata e parecia estar tocando dormindo, os olhos fechados, debruçado sobre as teclas de marfim do piano de cauda enquanto os dedos dançavam para a frente e para trás como marionetes suspensas por fios.

Os policiais já tinham saído havia horas, mas não antes de as garotas os cobrirem de batom e beijos molhados na despedida e de madame Flora enfiar um maço de notas na mão de cada um. Ela podia pagar, pois Jewel tinha rendido mais de mil dólares de um homem de negócios de aparência suína, com uma fenda no queixo duplo. Se chegou a fazer alguma objeção ao seu pretendente, Jewel a disfarçou habilmente. Ernest pensou em como ela tinha flertado e se dirigido a ele, como se fosse o homem de seus sonhos — o Príncipe Encantado vestindo um colete um pouco apertado.

— O lance final foi de mil e trezentos dólares. Não de um homem particularmente atraente, mas ao menos foi uma bela soma — cochichou Fahn, recolhendo as taças de vinho vazias.

Ernest nunca tinha visto uma nota de cem dólares, muito menos segurado uma delas. Sentiu a nota de dez dólares no bolso, mais dinheiro do que já havia possuído de uma vez só. No Tenderloin, o dinheiro e as regras estritas da alta sociedade subiam e desciam tão livremente quanto o uísque e as garrafas de Bourdeaux.

— Quanto foi o máximo que alguém já pagou por uma dessas noites? — perguntou.

— Bem... se você consegue acreditar, dizem que um homem chamado Louis J. Turnbull ganhou com um lance de cinco mil dólares.

— Por quem? — indagou Ernest, arregalando os olhos. Seu queixo caiu, ligeiramente. Aquilo era uma fortuna. Ernest não conseguia compreender tanto dinheiro. Ele ganhava vinte centavos por hora, mais casa e comida.

— Você não vai querer saber. — Fahn revirou os olhos.

— Quero, sim — insistiu Ernest.

— Pela única pessoa que não está mais à venda — respondeu Fahn. — Eu sei que ouviu falar que madame Flora se aposentou. Bem, alguns homens não acham que certas restrições se aplicam a eles, principalmente Louis Turnbull. Ele costumava passar fins de semana inteiros com Flora. Não sei se ficou de coração partido quando ela parou de trabalhar, ou só chateado por haver algo no mundo que o dinheiro dele não podia comprar. Durante anos tentou cativá-la com luxuosos presentes do mundo todo, mas Amber deu um ponto final nisso.

Ernest tentou imaginar todo aquele dinheiro.

— É uma história de outra época... bem desagradável. Ei, vou acabar aqui em alguns minutos. Espere uma meia hora até eu me ajeitar e tirar o uniforme, e vá até o quarto de hóspedes vazio no quarto andar. Estou pronta para cobrar o que você me deve.

A palma das mãos de Ernest começaram a suar, o coração e o estômago pareceram trocar de lugar. Lembrou-se do longo beijo dela na rua — que lhe disparou raios de eletricidade da cabeça às solas dos pés. Aquele momento tinha invadido seus devaneios e o mantido acordado durante a noite.

Desde então se sentiu assombrado pelas palavras dela: *Agora... você me deve uma.*

Mas Ernest continuou no térreo, fingindo estar ocupado. Claro que ele gostava de Fahn — sem dúvida gostava dela e se sentia emocionado, de um jeito que o agradava muito. Mas não tinha certeza de querer pagar a dívida que ela pretendia cobrar, fosse qual fosse.

Uma voz rouca de homem falou:

— Você não pode fugir dela para sempre, você sabe.

Ernest ergueu os olhos e viu o Professor True olhando para ele com um olho só. Em seguida o velho sorriu, balançou a cabeça e continuou tocando com os olhos fechados, dizendo:

— Seria melhor subir. Ela não vai te morder nem nada disso, sem dúvida.

— Não é com a mordida que estou preocupado — disse Ernest. — É com o resto.

O Professor True deu uma risadinha e meneou a cabeça.

— Ah, o que eu não daria para ter a sua idade de novo. Mas naqueles tempos eu tocava nas esquinas de Kansas City para ganhar uns trocados.

Ernest ficou curioso.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Há mais tempo do que seu tempo de vida, filho — respondeu True. — Vamos dizer que cheguei junto com o prédio. E vou continuar aqui, compondo,

tocando, cantando até meus dedos permitirem. Mas agora você só está protelando, não é?

Ernest suspirou, concordando e desamarrando o avental.

— Lá vai você — comentou o Professor True. — Como disse um homem sábio com um colarinho engraçado e sapatos pontudos: *À brecha novamente, meus amigos, mais uma vez, ou entupamos os fossos...* Algo assim. Você sabe o que estou dizendo...

Ernest não sabia, mas a citação pareceu um verso que tinha lido na escola. Shakespeare, provavelmente. E, enquanto subia todos os degraus e percorria os corredores acarpetados, ouviu os agora familiares risinhos e gargalhadas atrás das portas fechadas, o estranho ritmo de gemidos indefesos de homens e mulheres em espasmos de prazer ou angústia — às vezes era difícil diferenciar. Passou por algumas das garotas dos andares de cima quando se arrumavam para o próximo cliente, com novos sorrisos estampados, ou se recolhendo. Algumas até o beijaram no rosto e lhe desejaram um boa-noite.

Tirou o cabelo dos olhos, pigarreou e bateu suavemente na porta do quarto de hóspedes. Trechos de outra peça teatral que os meninos mais velhos montaram no Lar para Crianças lhe vieram à cabeça — *Senhor, como são tolos esses mortais!*

Ernest bateu mais uma vez e a porta se abriu, um pouco. Cauteloso, espiou dentro do quarto. Uma pequena vela de parafina queimava numa mesa de canto. A janela estava totalmente aberta, uma brisa fria enfunava as cortinas pretas como velas de um navio com um mastro quebrado, preguiçosamente à deriva.

Chamou o nome de Fahn. Ouviu sussurros.

— Aqui fora, Ernest, na escada de incêndio.

Ernest sentiu cheiro de tabaco na brisa fria e ouviu outra voz conhecida além da de Fahn. Fechou a porta, atravessou o quarto e manteve as cortinas abertas, enquanto passava pela janela e saía para o ar do começo da manhã, que parecia estranhamente quente.

— Ora, ora, ora — disse a outra garota.

Ernest hesitou e logo se sentiu mal por ter refugado ao ver Maisie — principalmente quando ela lhe sorriu pela primeira vez, acenando de forma simpática.

— Puxa, eu não vou bater em você, Ernest — falou. — Quer relaxar, por favor?

As duas garotas tinham tirado o vestido e estavam na escada de incêndio de camisola, apoiadas no corrimão, balançando as pernas na beira da plataforma, quinze metros acima da rua e dos tetos dos prédios vizinhos. As garotas sentavam em direções opostas, convidando-o a se acomodar entre as duas.

Amarrou melhor o cordão dos sapatos, para nenhum cair na rua lá embaixo, e sentou entre elas. O metal da escada de incêndio pareceu frio e duro, mas isso não o incomodou, pois o simples fato de se sentar — descansar os pés exaustos — já foi um alívio.

De onde se empoleirava ele podia ver as bandeiras do tribunal e o Edifício Alasca; podia até divisar as figuras do afresco de leões-marinhos, com presas e tudo, que adornavam o cume do Arctic Club. Mas o espetáculo mais adorável era o das águas cintilantes do estreito de Puget, refletindo as luzes das docas, dos barcos, dos navios de cruzeiro e de cargueiros de todos os tipos. Ernest nunca tivera uma visão de um lugar tão alto. Logo depois sentiu o cheiro das fomalhas de carvão, das fábricas movidas a vapor e do cigarro de Maisie. Arregalou os olhos quando ela deu uma tragada e o ofereceu a ele. Olhou para a brasa, com um brilho vermelho-alaranjado na brisa. A sra. Irvine tinha dezenas de nomes para aquele vício: *escravinhos brancos*, *bastões de narcótico*, *palitos de dentes do demônio*, a lista era infinita. Antes que ele tivesse reação, Fahn pegou o cigarro, levou-o aos lábios e deu uma tragada enquanto uma mariposa adejava acima.

Expirou devagar, pelo nariz, e tênues anéis de fumaça cinzenta voltearam seus lábios e se esvaneceram no ar. Disse em voz baixa:

— Se você nunca foi beijado, tenho certeza de que nunca experimentou um Sweet Caporal. — Fahn pôs o cigarro na boca de Ernest. — Toma... não tente engolir a fumaça, só inale devagar e solte lentamente. — As palavras dela soaram como uma libélula delicada.

Ernest não queria, mas uma baforada pareceu uma coisa simples. Então ele inalou — depois tossiu, debruçou-se, ofegou e engasgou tanto que Fahn quase deixou o cigarro cair quando ele, contorcendo-se, bateu no braço dela. Os olhos lacrimejaram e a garganta queimou, enquanto Maisie ria — não, ela praticamente rolou de rir —, segurando a barriga e chutando o ar com os dois pés. Bateu nas costas dele, o que só o fez tossir mais ainda.

Ernest cuspiu na calçada escura abaixo, recuperou o fôlego e cuspiu mais uma vez. Finalmente pigarreou e perguntou a Fahn:

— Agora estamos quites? — Não sabia o que era pior, passar vergonha na frente de uma garota pela qual sentia uma estranha afeição ou a sensação de ardência na garganta e nos pulmões. A combinação de humilhações parecia aumentar os dois efeitos, como se um mais um fosse igual a três, ou quatro, ou dez.

— Não se preocupe — caçoou Maisie —, tudo no Tenderloin fica melhor na segunda ou terceira vez. A prática leva à perfeição. Você vai ver. Menos Amber, ela fica cada vez mais mesquinha e irascível com a idade. É um vinho velho que

virou vinagre.

Ernest enxugou os olhos e pensou em Jewel.

— E não, nós não estamos quites — disse Fahn. — Você ainda me deve uma.

Ernest tirou pedaços de tabaco da língua.

— O que exatamente eu preciso fazer?

Fahn sorriu, fez uma pausa e ergueu de novo uma sobrancelha, maliciosa.

— Você, jovem Ernest, precisa tocar seus lábios nos de Maisie... a última das grandes não beijadas.

O queixo de Ernest caiu. Fechou a boca, hesitou, sem saber se aquela garota precoce estava ou não brincando. Mas, por mais nervoso que se sentisse, viu-se intrigado pelo desafio. Afinal, percebeu que queria aquilo; por trás de seu jeito brusco de moleque, Maisie era muito bonita. Virou-se para ela...

— Nem pense nisso. — Maisie olhou para ele.

Naquele momento Ernest queria se jogar da escada de incêndio — atirar-se no vazio. Fahn deu risada enquanto argumentava com Maisie sobre ela ser uma puritana.

— Todo mundo chama você de *Flor de Maio* porque é igual àqueles peregrinos daquele navio, o *Mayflower*, um bando de puritanos travados — zombou. — Maisie Flor de Maio não vai conseguir se conter para sempre. Não quer dizer *nada* — acrescentou Fahn, frustrada; levantou o queixo de Ernest e o beijou. — Está vendo?

As palavras magoaram Ernest, que sentiu sua ebuliente afeição por Fahn diminuir a cada segundo, o afeto abandonando seu coração como ar de um balão furado.

Olhou para Maisie, que parecia não levar a sério a provocação, mas isso não o fez se sentir muito melhor. Pelo contrário, deixou-o ainda mais confuso.

— Bem — disse Fahn para Ernest, levantando-se. — Acho que você vai ter que me pagar algum outro dia. Vou pensar em alguma coisa. Enfim, vamos dormir, imagino que amanhã vamos ter muito que fazer. — Passou pela janela e se despediu enquanto atravessava o quarto e saía para o corredor.

— O que nós vamos ter de fazer amanhã? — perguntou Ernest quando ele e Maisie entraram. — Já limpamos quase tudo...

— Você vai ver — respondeu Maisie com um tom de seriedade na voz. Deu uma última tragada e jogou o toco de cigarro pela janela, observando a brasa cair como uma estrela cadente. — Grandes festas como essa tendem a cobrar um preço da madame Flora, ainda que ela seja uma verdadeira rocha. E só o que ela pode fazer nesses dias é se manter íntegra com chás especiais e medicamentos malucos e tudo mais para poder ser a mestre de cerimônias no circo noturno do Tenderloin. Mas amanhã você vai ver. É provável que a gente precise da sua

ajuda, por isso vá dormir enquanto é tempo.

Ernest não entendeu muito bem, mas já era tarde e ele estava exausto, e mais do que feliz em ir para a cama. Disse boa noite e saiu andando em direção à escada de serviço. Foi aí que Maisie o chamou do final do longo corredor.

— Ei, Ernest, não acredite nela. Não dê ouvidos a Fahn.

Ernest se virou quando ela voltou a falar.

— Um primeiro beijo quer dizer tudo.

CASAMENTO DE BOSTON

(1909)

ERNEST ACHOU QUE ESTAVA SONHANDO quando sentiu alguém ao seu lado. Abriu os olhos e viu Fahn sentada na beira da cama, ainda de camisola. Seu cabelo estava puxado para trás e ela estava bem perto, com a mão quente e macia em seu ombro nu. O coração de Ernest saltou de surpresa, entre a felicidade e o pânico quando olhou da porta aberta para a janela, viu a luz do sol entrando e percebeu que já devia ser tarde. Ele tinha dormido demais, faltado aos deveres da manhã de domingo.

— Desculpe, eu...

Fahn o acalmou.

— Tudo bem, Ernest... tudo bem — sussurrou. — Eu não queria assustar você. Desculpe acordá-lo desse jeito, mas estamos com uma pequena emergência e você precisa se vestir e calçar os sapatos o mais depressa possível, certo?

Ernest sacudiu o torpor e se levantou.

— Um incêndio? — Farejou o ar por instinto, mas não sentiu cheiro de fumaça, só de tabaco e da névoa onírica do perfume da noite passada.

— Nada desse tipo. — Tocou no braço dele e falou calmamente. — Madame Flora está tendo um de seus ataques. Maisie e a srta. Amber estão tentando acalmá-la, mas você precisa ir correndo até o boticário dela de novo e comprar mais daquele chá. Você precisa ir já. Vou virar de costas para você se vestir.

Entregou a calça a Ernest e ficou de frente para a porta enquanto ele se vestia e escolhia uma camisa limpa. Quando ela se virou, estava com uma nota de um dólar na mão.

— A sra. Blackwell vai cuidar do andar térreo, não há nada aqui com que você deva se preocupar. E as meninas de cima ainda estão dormindo, quase todas... Hoje elas têm o dia de folga. Vai dar tudo certo, mas isso é...

Ernest não sabia o que *um de seus ataques* significava exatamente. Autênticos cavalheiros não conheciam muitos dos mistérios femininos, e a resposta apropriada era simplesmente não perguntar mais nada. Por isso ele pegou o dinheiro, calçou os sapatos sem amarrar os cadarços e saiu depressa pelo corredor. Desceu a grande escadaria e passou pela porta na direção de

Chinatown.

Quando chegou à loja de ervas de Jue Young Wo, Ernest estava suado e quase sem fôlego. Para piorar as coisas, a loja estava fechada, embora ele pudesse ver o velho proprietário andando lá dentro, varrendo o chão e preparando um bule de chá. Esmurrou a porta e gritou até finalmente o homem deixá-lo entrar. O boticário lhe ofereceu uma xícara de chá de gengibre e começou a falar com ele em cantonês.

Ernest abanou a cabeça.

— Sinto muito. — Não conseguia se lembrar do nome da erva, nem em inglês nem em chinês. Mostrou a nota de um dólar e apontou com urgência para as flores vermelhas ressecadas.

Quando Ernest voltou, Fahn estava ocupada preparando o desjejum das empregadas. A sra. Blackwell saiu da cozinha levando uma chaleira com água fervente.

— Venha comigo — falou, preparando rapidamente a infusão e levando a mistura escada acima numa bandeja laqueada marchetada de madrepérola, como se fosse um domingo qualquer e ela estivesse levando um café da manhã com torradas e geleia de maçã. Ernest obedeceu. Se a cozinheira estava aflita de alguma forma, ela não demonstrava preocupação. Simplesmente entregou um pano de prato a Ernest e disse: — Tenho a impressão de que você vai precisar disso.

Algumas garotas preocupadas, ainda de camisola, se reuniam no corredor perto da suíte de madame Flora, mas a sra. Blackwell as afastou. Do lado de fora Ernest podia ouvir vozes, algumas tranquilizadoras, outras em pânico, quase chorando. Deu um passo para trás quando ouviu os estranhos zumbidos e rangidos de um maquinário leve.

— Acho melhor não atrapalhar... — falou.

— Suas outras tarefas podem esperar, rapaz. — A sra. Blackwell deu de ombros. — Chegou a hora de ver o mundo como realmente é... com todos os seus riscos profissionais.

Ernest olhou para trás, confuso.

— Madame é nossa santa padroeira e todos precisamos nos unir para fazer o que pudermos — disse a sra. Blackwell enquanto andava. — Além do mais, o presidente Abe Lincoln sofria da mesma aflição. Fica sem se manifestar por décadas, mas quando volta... minha nossa, como essa doença faz coisas terríveis com a cabeça. Tomara que esse negócio funcione, pois é uma sensação horrível...

perder o juízo, esquecer todo mundo ao redor, ficar cega...

A sra. Blackwell bateu para anunciar sua chegada e abriu a porta. Dentro do quarto bem-arrumado, madame Flora estava numa bicicleta com a roda da frente levantada, para não sair do lugar. As pernas de seu pijama de seda curto estavam arregaçadas até os joelhos e esvoaçavam enquanto ela pedalava.

Eu devo estar sonhando, pensou Ernest. *Estou tendo uma espécie de pesadelo bizarro por ter inalado muita fumaça de cigarro.*

Ficou paralisado, com o pano de prato na mão, observando de olhos esbugalhados a cena de madame Flora pedalando, chorando, as pernas claras marcadas por veias arroxeadas. Sem peruca, a srta. Amber segurava a mão de Flora e lhe beijava o rosto.

Bem ao lado estava Maisie, com o nariz e os olhos inchados e molhados de lágrimas. Pegou a xícara da mão da sra. Blackwell e a ofereceu à mãe.

— Por favor, mamãe... Flora, só um gole — disse Maisie. — Está bem quente, do jeito que você gosta. Por favor...

Madame Flora empurrou a xícara da mão de Maisie. A xícara quebrou e o líquido vermelho se espalhou no papel de parede. Madame Flora fez uma careta, como uma criança obrigada a tomar óleo de fígado de bacalhau. A sra. Blackwell estalou os dedos para Ernest, apontando o pano de prato. Ernest despertou de seu estupor, se pôs de quatro para limpar a bagunça, enxugou a parede para tentar absorver o chá e recolheu os cacos de porcelana.

— Eu quero ir para casa — pediu madame Flora. — Por favor, me deixem ir para casa...

Ernest olhou para trás e viu a srta. Amber, uma sombra de sua personalidade rabugenta, sussurrando:

— Ah, mas você *está* em casa, meu amor. Você é o coração e a alma do Tenderloin, e nós precisamos de você. Por favor, volte para nós, querida.

Ernest viu madame Flora parar de pedalar e olhar ao redor do quarto. A roda da frente continuou a girar, reduzindo a velocidade como o ritmo de um coração em pânico. De repente Flora pareceu reconhecer onde estava, e sua histeria se dissolveu em confusão. Levou a mão ao cabelo, todo desgrenhado, parte preso, parte solto em mechas embaraçadas, como se ela tivesse sido apanhada em um estado de transição entre o sono e a festividade. A mulher exaurida estendeu as mãos trêmulas quando a srta. Amber lhe ofereceu uma nova xícara de chá. Dessa vez madame Flora pegou a delicada xícara de porcelana com as duas mãos e bebeu.

— Eu sinto muito... — murmurou madame Flora, olhando para a parede manchada. Olhou para Maisie e começou a soluçar. — Minha garotinha querida.

— Está tudo bem agora, mamãe — disse Maisie enquanto a ajudava a descer

da bicicleta para sentar num divã de veludo.

Ernest ficou olhando quando Maisie se derreteu no abraço da mãe, balançando suavemente para a frente e para trás. Madame Flora enxugou os olhos e recuperou parte da compostura. Ficou ao lado da filha, acariciando seus cabelos. De repente pareceu meio confusa de novo quando falou:

— Vejam só esta aqui. Eu conheço você. Você sempre será meu pequeno colibri.

A srta. Amber interrompeu.

— Tome o seu chá, meu amor. Eu sempre vou estar aqui quando você precisar. — Em seguida olhou para as outras no quarto, apontando para a porta com o queixo e dizendo baixinho: — Fora.

Ernest sentiu alguém o pegar pelo cotovelo, e a sra. Blackwell tirou ele e Maisie do quarto. Viu madame Flora recostar no divã escarlate, olhos fechados, enrolando-se num acolchoado de algodão e nos braços de Amber quando a porta fechou.

A sra. Blackwell deu meia-volta e desapareceu pela escada de serviço. Maisie afundou lentamente até sentar no chão, as pernas esparramadas no tapete vermelho-escuro. Ernest se sentou ao lado dela, e os dois se recostaram no revestimento de lambri, tocando os quadris, corações ainda disparados. Ernest sentiu sua mão tocar a de Maisie. Os dedos eram mais curtos que os de Fahn e as unhas eram esmaltadas, brilhantes como pérolas, pintadas para a festa da noite anterior. Mas logo pôs as mãos no colo. Ela e Ernest olharam para a porta fechada em silêncio, ouvindo as duas mulheres mais velhas chorando.

Ernest não sabia o que era mais perturbador, pensar em madame Flora pedalando freneticamente uma bicicleta indo a lugar nenhum, a imagem de duas mulheres trágicas apoiando uma à outra ou Maisie May mostrando um lado vulnerável. Queria dizer alguma coisa, mas uma vez a sra. Irvine dissera que um cavalheiro não deveria jamais fazer perguntas pessoais a uma dama.

Mas Ernest também não queria se mexer. Não queria estragar aquele momento com Maisie, muito menos abandoná-la. Desde que a conhecera, havia um mês, ela sempre se mostrou totalmente distante, tão longe... raivosa. Agora que estavam ali, ainda que coagidos, percebeu que existia uma parte dela muito diferente de Fahn. Ao contrário de Fahn, as afeições de Maisie não eram dadas de graça. Tinham de ser merecidas.

E assim os dois ficaram, em silêncio.

Pelo canto dos olhos, Ernest podia ver Maisie vertendo uma lágrima ocasional. Ouvia-a fungar, até o carrilhão no térreo soar e ela finalmente respirar fundo e falar.

— Posso perguntar uma coisa, Ernest?

Ele aquiesceu.

— Você sabe o que é um casamento de Boston?

Ernest fez que não com a cabeça.

— Um casamento de Boston é uma espécie de arranjo, quando duas velhas solteironas moram juntas — explicou Maisie. — O que você acha dessa espécie de casamento?

Ernest gaguejou.

— Eu... não sei se...

— Antes eu queria que minha mãe saísse daqui. Ia dormir sonhando que Flora conheceria um homem... um marido para ela, um pai para mim. Costumava imaginar que iríamos fugir, que nos livraríamos de tudo isso para ter uma casa normal, que nos tornaríamos uma família e que ela me veria como uma verdadeira filha... que nossa vida seria simples como as das famílias que a gente vê nas fotografias.

Mas você é filha dela, pensou Ernest.

Maisie respondeu antes que ele pudesse falar.

— Acho que os dias em que essa esperança estava viva já não existem mais.

Ernest tentou mudar de assunto.

— A srta. Amber é meio estranha, mas embaixo dessa camada exterior ela não parece tão má...

Maisie deu uma risada rouca e enxugou a bochecha.

— Sabe, um dia a sra. Blackwell tomou vinho demais na cozinha e deixou escapar que a srta. Amber tinha passado um ano em Lakewood, no Hospital Western Chicago... é um asilo de alienados, sabe. Foi lá que ela teve a ideia da bicicleta. A sra. Blackwell disse que às vezes eles tratam gente louca com exercícios. Mas não podemos deixar a grande dama, a toda importante madame Flora, ser vista na rua desse jeito, não é? Com certeza eles a internariam.

Ernest soltou um suspiro.

— Por um tempo achei que Amber tinha *trabalhado* no asilo — prosseguiu Maisie. — Mas depois fiquei sabendo que ela era uma das pacientes... diagnosticada com o que eles chamaram de obsessão diabólica. Disseram que de alguma forma ela era “invertida”. Na época eu não sabia o que isso significava, mas depois entendi o seu estado. Fizeram um tratamento elétrico nela e depois a obrigaram a ter relações com todos os homens de lá, inclusive com o próprio médico, até ela declarar que estava curada e finalmente ser liberada. Não sei se isso é melhor ou pior do que ouvi dizer sobre o que eles fazem com os rapazes diabólicos.

Ernest fez uma careta quando ela fez um gesto de cortar com uma tesoura com os dedos.

— Eu nunca entendi o que minha mãe via nela — continuou Maisie. — Mas acho que agora entendo. O que você acha?

Ernest hesitou.

— Eu não entendo muito... — Escolheu as palavras como se caminhasse sobre gelo fino. — Mas compreendo como a tristeza pode tornar as pessoas amargas, ou bravas. — Ernest estava começando a entender a desconfiança que Maisie tinha de homens em geral, e dele em particular.

Maisie olhou para ele, e Ernest se perguntou por um momento se de alguma forma ela sabia o que ele estava pensando. Ela abriu um sorriso triste.

— E definitivamente não sei nada sobre casamentos de Boston — falou Ernest —, nem de casamentos de Seattle ou casamentos arranjados, nem dos plenos e normais, do tipo “Eu vos declaro marido e mulher”. Mas sei o que é dedicação quando vejo.

Continuaram juntos, ouvindo o silêncio.

— Eu gostaria de saber como é — disse Maisie. — Pois, por mais que a srta. Amber goste da minha mãe, ela não gosta nada de mim... Na maioria das vezes sou uma bagagem extra, uma mochila cheia de pedras. E minha mãe não está melhorando. Só está ficando pior. A mãe que eu conhecia, essa pessoa está se afastando. Acho que a mulher que dizia ao mundo com orgulho que eu era a irmã mais nova dela também está se afastando. E a estranha que restou, a grande madame Flora... essa pessoa mal me reconhece mais.

UM PASSEIO NA GRANDE FEIRA

(1909)

ERNEST SÓ VOLTOU A VER MADAME FLORA no sábado seguinte. Ela entrou na sala de refeições das empregadas no meio do desjejum, vestida com elegância, cabelos presos no alto da cabeça com uma cascata de cachos, unhas recém-pintadas. Comportou-se como se nada de incomum tivesse acontecido sob seu teto, embora Ernest soubesse que ela e Amber haviam se ausentado do Tenderloin por algum tempo, deixando todo mundo, principalmente Maisie, sem notícias e preocupado a semana toda. Houve especulações sobre visitas médicas, tratamentos especiais e remédios miraculosos.

Mas agora ela estava de volta e, apesar das fofocas, madame Flora sorriu e anunciou gloriosamente:

— Bom dia a todas. Vocês vão gostar de saber que vamos fechar nossas portas esta noite. Mas não fecharemos nossas mercadorias... estou falando das belas damas, pois vamos levar todas para o Dia do Hurra na Feira!

As empregadas — Iris, Rose, Violet — e até a sra. Blackwell vibraram e aplaudiram. Estariam comemorando o retorno de madame Flora ou o dia de folga? Ernest não sabia. Mas quando Fahn o cutucou com o cotovelo e sorriu, percebeu que aquele era o dia de encerramento da Eayp, o que atrairia uma multidão, e de qualquer forma o Tenderloin ficaria deserto. Era realmente uma ótima notícia. Depois de cento e trinta e oito dias de festividades, fogos de artifício, desfiles, corridas e grande publicidade, a Grande Feira Mundial de Seattle chegava ao fim. E sua glamorosa benfeitora parecia saudável de novo.

Madame Flora sorriu e disse:

— Todos irão, até a srta. Amber e o Professor True, assim que minhas garotas Gibson acabarem de se vestir apropriadamente para a ocasião. E nós vamos ficar durante toda a cerimônia.

Ernest observou a alegria dela ao distribuir passes em envelopes contendo dez dólares cada um, um bônus comemorativo acrescentado aos salários mensais.

Examinou o dinheiro, que era o dobro do que ganhava por semana, e inspecionou o estranho ingresso de papelão — um cartão perfurado, quase não usado.

— Não se preocupe — cochichou Fahn. — Não vamos trabalhar na Feira. Madame pôs as garotas para administrar o Klondyke Saloon na Eayp na semana de inauguração, mas o lugar fechou um mês depois. Vamos dar melhor uso aos passes.

Quarenta furiosos minutos depois, todas estavam reunidas no ponto de bonde mais próximo, embaixo de um galhardete da Feira Mundial que já havia desbotado com a luz do sol. Ernest notou que as empregadas usavam vestidos simples em preto e branco. Fahn se destacava com uma túnica cor de ameixa sobre uma blusa de gola alta, o que atraiu comentários à socapa e olhares de soslaio das garotas Gibson.

— Bom dia — disse Ernest, admirando o traje dela.

— *Ohayo gozaimasu* para você também — ela respondeu, dando uma volta para se mostrar. — Gostou? Comprei no Bairro Japonês.

Ernest assentiu e em seguida notou que as garotas Gibson estavam lindas, como sempre, com saias de cintura alta até os pés em tons de rosa, amarelo, azul-pólvora e carmesim, apertadas em espartilhos, com babados salpicados de miçangas. Enquanto passeavam pela Feira, seriam propagandas ambulantes do Tenderloin.

O Professor True estava também muito elegante, com um colete xadrez. E a srta. Amber usava uma peruca azul-claro que combinava com o vestido de madame Flora.

Mas o destaque era Maisie May, que vinha deixando o cabelo crescer. Ernest nunca a havia visto usando espartilho e matutou sobre a batalha que deveria ter sido para colocá-la naquele estranho dispositivo. Imaginou um gato irado, feroz, com longas garras e sem rabo, ciciando ao ser mergulhado na água gelada.

— Você está absolutamente... — começou a falar.

— Não diga nada.

— Eu só ia cumprimentá-la pelo seu...

Maisie bateu nele com a sombrinha. Depois se retraiu como um jogador de beisebol, pronta para uma segunda rebatida.

— Não me obrigue a acertar em cheio da próxima vez.

Ernest desejou que houvesse um fotógrafo por perto. Adoraria guardar aquela imagem para sempre. Elas pareciam uma espécie de família maluca, em parte elegante e em parte circense, num passeio de fim de semana.

Enquanto andava do ponto final do bonde até a Feira, Ernest teve uma visão magnífica do grande arco do portão principal e de um pelotão de porteiros

uniformizados em posição de sentido embaixo de uma fileira de bandeiras. A bandeira americana estava entre dezenas de outras, todas representando um dos países que marcaram presença na Feira. Ernest notou que não havia uma bandeira da China, provavelmente por causa do Decreto de Exclusão da China. Mas ele e Fahn logo localizaram o pendão japonês tremulando na brisa.

Madame Flora ia na frente, apontando com a sombrinha, com suas penas de pavão se destacando acima do mar de chapéus Chester, Knox e Stetson. As garotas Gibson seguiam atrás, um desfile de patinhos de saias com franjas e laçarotes. Ernest, Maisie e Fahn se mantinham à distância, seguindo as outras empregadas, enquanto o Professor True e a srta. Amber ficaram por último, agindo como uma retaguarda desconfiada.

Ernest notou que os soldados presentes no dia em que ele foi rifado no verão não estavam mais lá. E os policiais remanescentes pareciam menos sisudos, mais alegres — menos um grandão desajeitado com um grande bigode, que tinha isolado uma meia dúzia de garotos enlameados. Ernest o reconheceu como o policial à paisana que tinha acalmado a discussão entre madame Flora e a sra. Irvine naquela ocasião.

— Aquele é “Wappy” Wappenstein — cochichou Fahn. — Ele era o chefe de polícia, até ser apanhado em algum escândalo e ser demitido. Costumávamos pagar uma taxa de “tolerância” para ele... todos os bordéis e salões pagavam. Agora ele foi relegado à segurança da Feira e nós pagamos para quem o substituiu.

O homem sorriu e fez um cumprimento tocando a aba do chapéu quando as damas passaram.

Ernest sentiu cheiro de pipoca e waffles. Talvez fosse o clima perfeito do outono, a manhã de sol ou o desfile de lindas mulheres que caminhavam com ele, mas ele não conseguia se lembrar de ter se sentido mais feliz.

A brigada do Tenderloin se reuniu na Corte de Honra, entre o imenso Monumento do Alasca e as magníficas colunas do Palácio do Governo, cuja aparência era o que Ernest imaginara como arquitetura romana. Chegando lá, todos começaram a virar à direita, a multidão e sua família improvisada. Virou-se na direção dos sons e das cores brilhantes da Grande Feira — risadas roufenhas, gritos de alegria e anunciantes carnavalescos com sotaques peculiares, tudo ao som da estridente banda de metais.

Mas madame Flora balançou a cabeça e sorriu.

— Minhas garotas Gibson, por favor, encarem isso como um exame final sobre as minúcias de como se portar com bons modos, decoro, descrição e etiqueta. Vocês estão na Feira para aprender, para adquirir cultura com as galerias, as exposições e a arquitetura. Haverá até um emocionante debate entre

os mais ilustres cientistas e geólogos do mundo sobre quem alcançou primeiro o Polo Norte, Peary ou Cook, em que vão chegar a um acordo definitivo de uma vez por todas.

As elegantes garotas gemeram, algumas até praguejaram como marinheiros, bem no momento em que um grupo de debutantes da sociedade passava com suas acompanhantes matronas de narizes empinados.

— Só até o jantar — interrompeu a srta. Amber. — Depois madame Flora solta as coleiras. E vocês todas... comportem-se. Divirtam-se. Lembrem-se deste dia.

Ernest sentiu que Maisie e Fahn o pegaram pelo braço e tomaram a direção da Grande Feira, rumo às atrações periféricas e aos emocionantes brinquedos.

— E para onde nossa Flor de Maio pensa que vai? — perguntou madame Flora.

Maisie parou, deixou cair a cabeça e bateu o pé. Madame Flora acenou para ela ficar com as garotas Gibson. Ficou emburrada, mas seguiu a mãe, olhando para trás para dar tchau, parecendo uma prisioneira sendo levada para as galés. Ernest se sentiu mal por ela. Fahn pegou a mão dele e disse:

— Três é demais — e o puxou pelo braço.

Ernest tinha ouvido falar que a Eayp era uma exposição abstinência, mas sentia cheiro de álcool a cada esquina que virava, enquanto ele e Fahn andavam pelas movimentadas avenidas da Grande Feira. Havia delegações de homens e mulheres usando os mesmos ternos, vestidos e uniformes, ostentando fitas do Havaí, do Oregon e da Califórnia, comemorando seu último dia, além de marinheiros dos Estados Unidos, do Japão e de países que ele não reconhecia. As ruas eram um delírio, um hospício delicioso.

Na pressa de sair do Tenderloin, Ernest e Fahn tinham perdido o desjejum, por isso usaram o dinheiro dos envelopes para comprar bolinhos de arroz e punhados de cerejas de Idaho, cusindo os caroços no chão e tomando limonada espremida na hora em copos de papel.

Pagaram 25 centavos cada um e entraram na Arena John Cort, onde assistiram a uma luta livre entre um homem imenso, Jess Westergaard, e um campeão atarracado chamado dr. Benjamin Franklin Roller. O médico foi apresentado como professor de fisiologia da Universidade de Washington e venceu a contenda, derrotando o Gigante de Iowa em dois dos três rounds.

Quando saíram da arena, os dois quase foram atropelados por uma parada de automóveis Franklin. Um homem da Companhia de Automóveis de Seattle

gritava, sentado em cima do capô do primeiro da fila: “O único carro a subir a Queen Anne Hill em terceira marcha!”. Enquanto passeava de mãos dadas com Fahn, Ernest se entusiasmava com cada nova atração, esbanjando moedas e níqueis na Casa Maluca, na Lavanderia Humana, na Terra do Sol da Meia-Noite. Viram até o maior piano do mundo. Ernest avistou o Professor True na fila, assobiando uma alegre melodia enquanto esperava pacientemente por uma oportunidade para tocar o exagerado instrumento.

Em seguida Ernest e Fahn foram de riquixá até o Vilarejo Igorot, onde um anunciante apresentava ao público os primitivos e misteriosos comedores de cães de um distante país insular. Pagaram 25 centavos e esperaram quase meia hora na fila para passar pela cortina da entrada, mas quando entraram não havia cães para ver, nem vagando por ali, nem em um espeto na brasa ou coisa do gênero. Muito pelo contrário, eles fizeram Ernest se lembrar dos garotos índios que conhecera na escola de Tulalip, não tanto pelas feições, mas pela falta de sorrisos e pelo olhar vago, mesmo quando cantavam e dançavam.

Enquanto os observava andando com nada mais que tangas, até as mulheres, Ernest reconheceu uma voz familiar e viu que eram a sra. Irvine e seu grupo. As senhoras andavam no meio da multidão distribuindo folhetos impressos e repreendendo os visitantes do sexo masculino por ficarem olhando as selvagens de peito nu. Os homens baixavam os chapéus e tentavam ignorar as matronas.

A sra. Irvine avistou Ernest e lhe lançou um olhar severo e repreensivo. Ernest acenou e assentiu com educação enquanto era arrastado por Fahn antes de a senhora conseguir abrir caminho para chegar até ele.

Os dois continuaram comendo petiscos, indo de barraca em barraca, experimentando amendoins torrados salgados na casca e suculentos abacaxis da América do Sul. Com Fahn ao seu lado, Ernest se sentiu um pouco mais velho — mais sábio, talvez mais ativo. Sentia que tinha aprendido mais sobre o mundo em um mês e meio no Tenderloin do que com tudo que havia visto ou lido em todos os anos anteriores na escola. Fora jogado num domínio adulto de descobertas e responsabilidades, embora no fundo soubesse que era apenas um garoto e que Fahn era uma adolescente com o coração aparentemente inquieto. Ernest não rejeitava seus afetos, mas matutava em silêncio sobre onde estaria Maisie, o que estaria fazendo e se estaria pensando nele, mesmo que só um pouquinho.

— Aaah, era isso que eu estava esperando para ver! — gritou Fahn mais alto que o som de Calíope de um carrossel e de uma parada de tambores e uivantes gaitas de fole. Pegou-o pela mão e os dois passaram por homens que demonstravam o peneiramento de ouro, circundaram o Templo de Quiromancia e chegaram à movimentada exposição de incubadores.

Um cavalheiro com ar oficioso e cabelos lustrosos, com um avental de laboratório e uma prancheta na mão, gritava:

— Vejam estes minúsculos pugilistas lutarem três assaltos dentro de uma garrafa, vivendo numa máquina futurista que reproduz o papel da mãe!

— Que lugar é esse? — Ernest perguntou a Fahn.

— Bebês — ela respondeu, saltitando e batendo palmas. — Você vai ver.

O locutor mantinha sua rotina.

— Bem aqui, nós salvamos a vida de bebês de todos os países... Temos um russo, um italiano, um alemão, um sírio e até uma garotinha persa, um garoto da tribo Siwash e uma recém-nascida Oyusha San... uma japonesinha tão linda quanto é possível ser!

Fahn pagou os ingressos, e os dois passaram por uma luxuosa cortina de veludo vermelho, depois por uma porta, e entraram num salão com uma dúzia de dispositivos metálicos com vitrines de vidro contendo bebês. Um deles mostrava um cartaz que dizia: POR FAVOR, ME ADOTEM!.

Através do vidro, Ernest pôde ver que os bebês estavam aninhados em cobertores azuis e cor-de-rosa. Alguns choravam, outros se agitavam e riam, mas a maioria dormia, enquanto enfermeiras cuidavam deles, ajustando a temperatura nos mostradores das incubadoras. Ao menos Ernest imaginou que fossem enfermeiras. Outro homem de avental branco entrou e Ernest viu tatuagens no seu antebraço, o que o fez suspeitar de que pudessem ser gente do circo usando uniformes hospitalares. Era impossível saber ao certo.

— O que você acha? — perguntou Ernest quando Fahn se debruçou sobre uma garota japonesa recém-nascida. Ela acenou para chamar a atenção da menina, que não se mexeu. Ernest se lembrou da irmã mais nova há muito perdida.

Fahn conseguiu tirar os olhos dos bebês e disse, sorrindo:

— Eu tenho uma ideia do que vamos fazer a seguir. Você pode não gostar, mas, se concordar em vir comigo, pode considerar seu favor como pago.

Ernest se sentiu aliviado, feliz por sair daquele lugar, mas ainda confuso. Fahn o pegou pela mão e passaram em frente a um estande que vendia sanduíches quentes de carne assada. Passaram pelos pagodes da Aldeia Chinesa, patrocinada pela Chinatown de Seattle, e foram até o fim da Grande Feira, chegando a um jardim com esculturas e fontes orientais e um grande prédio com um cartaz que dizia CAFÉ TOKYO.

Fahn conversou num japonês hesitante e em inglês com as mulheres que trabalhavam ali. Todo o pessoal usava o mesmo modelo de túnica que Fahn, mas com estampas diferentes e de um tecido mais fino. As mangas eram mais compridas, e elas usavam faixas grossas e acolchoadas em volta da cintura. Os

rostos eram pintados de branco e os lábios de um vermelho vivo, e elas conseguiam andar graciosamente no que pareciam ser as sandálias de madeira mais desconfortáveis do mundo. Viu Fahn falando com uma mulher mais velha, com um penteado alto, que parecia ser a encarregada. Ela ficou falando até a matrona sorrir e dar risada, apontando para Ernest, enquanto Fahn lhe dava um dólar de prata.

— Venha — disse a mulher. — Venha comigo... Nós ajudamos você.

Fahn levou Ernest até a porta de um quatinho com janelas de papel e colchões de palha trançada, onde pediu para ele tirar os sapatos. Ernest entrou no quarto, que não tinha nada a não ser uma única mesa laqueada com um vaso contendo um solitário botão de flor e um conjunto de xícaras e utensílios de madeira que ele não reconheceu.

— Sua *gaarufurendo* — disse a mulher. — Ela vai mostrar algo especial a você.

Ernest mordeu a língua e esperou a mulher sair e fechar a porta.

Quando a porta foi reaberta, Fahn retornou.

Não falou nada, mas reconheceu sua presença sem palavras, só com os olhos, sorrindo enquanto levava uma caixa preta e um bule de chá até a mesa. Sentou-se e aquiesceu bem devagar, abrindo a caixa. Acendeu uma vela e um incenso com gestos compenetrados, numa pequena chama que Ernest percebeu que seria usada para aquecer a água do chá.

Fahn se ajoelhou à frente de Ernest, ereta, curvada sobre a pequena chaleira e falou:

— Estou fazendo uma *chado*... a cerimônia do chá. Quando era uma menininha no Japão, eu via minha *okaasan* fazer isso na casa onde trabalhava. Por isso sempre quis fazer uma verdadeira cerimônia do chá, como minha mãe... para alguém especial.

Ernest sorriu para ela.

— Minha *okaasan* dizia: “Água é Yin. Fogo é Yang. E o chá é uma perfeita expressão dos dois”.

— Dos dois? — perguntou Ernest delicadamente.

— Dos dois lados da vida, quente e frio, luz e escuro, não como opostos, mas como partes complementares de cada um — explicou Fahn, fazendo uma pausa, como se estivesse imersa em pensamentos. — A vida é o equilíbrio entre bom e mau, entre passado e presente. Madame Flora pode não perceber, mas ela tem certo equilíbrio. Todas as garotas dela têm. Todo mundo tem.

Fahn é água, Maisie é fogo, pensou Ernest. Ou será o contrário?

Ficou observando, encantado e impressionado, Fahn fazer uma vênica antes de continuar.

— Você sente falta dela? — perguntou Ernest. Aquelas quatro palavras eram uma pergunta comum, articulada nas várias escolas onde ele havia morado. — Quero dizer, da sua mãe? — Ernest não sentia mais falta da mãe, ao menos não tanto quanto sentia falta da mãe que sabia que jamais teria. — Você não ficou brava por ter sido vendida pelos seus pais?

Fahn meneou a cabeça.

— Eu ainda penso na minha *okaasan*, e no meu pai também. Lembro que tinha irmãos menores. Estávamos morrendo de fome. Como eu tinha valor, eles puderam comer... conseguiram viver. Sinto orgulho por ter salvado minha família. E me sinto ansiosa para ter minha própria filha algum dia, pois ela vai ter uma vida melhor. Meu sacrifício é para ela também.

Ernest sentiu como se seu coração tivesse sido recalibrado. Nunca tinha pensado na situação dela sob essa luz. Mas ainda assim gostaria de ter sido capaz de salvar sua *mãe*.

Fahn sorriu e mudou de assunto.

— As damas oferecem isso. — Deu a ele um prato de doces. — Uma iguaria caseira.

Ernest experimentou o doce esponjoso, que tinha cheiro e gosto de farinha de arroz no vapor misturado com bala puxa-puxa sabor chá. Continuou observando Fahn, apreciando cada um de seus gestos simples, enquanto ela despejava água quente no bule de chá e mexia de forma delicada com uma varinha de bambu. Depois ela encheu uma pequena xícara. Finalmente a ofereceu a Ernest com as duas mãos. Ele aceitou a xícara de porcelana e ficou girando-a na mão, como que perguntando: *Assim?*

Fahn aquiesceu e ele bebericou — saboreando o chá, que era leve, mais suave que o chá que a mãe lhe preparava, ou os chás que a sra. Irvine servia com mel e limão seco nas reuniões sociais do internato. Viu quando Fahn ajustou o quimono fino que usava. Estava linda e bem-posta — era encantadora quando queria, mas também podia ser ríspida, crassa e deliciosamente exigente. Ficou observando os olhos de Fahn quando ela voltou o chá para a caixa preta com a graça de sempre.

— Como eu me saí? — ela perguntou.

— Eu estou totalmente embasbacado. — Ernest tentou imitar a expressão moderna que tinha ouvido as empregadas usarem no salão da casa. Mas não pareceu certo, por isso ele abaixou a voz e falou com elegância, como madame Flora. — Quando se trata de chá, minha querida, você merece os lauréis de ouro e de prata.

Ernest ouvir alguém aplaudir baixinho e se virou para a porta, onde a mulher japonesa sorria com orgulho. Não precisou entender suas palavras para saber que

eram elogios a Fahn.

Quando voltou a olhar para Fahn, ela segurou sua mão, se debruçou na mesa e o surpreendeu com outro beijo. Ernest abriu os olhos no meio do abraço, e Fahn abriu os dela, mordendo delicadamente o lábio inferior dele.

— Você é um amor. — Fahn sorriu e voltou a se ajoelhar, rindo e enxugando os lábios com um guardanapo. A mulher japonesa ficou espantada com aquela impudência.

Fahn sorriu e dobrou o guardanapo, provocativa.

— Nós formamos uma grande dupla, Ernest. Você ainda vai se casar comigo?

Ernest se endireitou, tentando não corar ao mudar de assunto, nervoso.

— Você devia mostrar esse seu desempenho a madame Flora.

— Eu quero fazer isso. Só precisava de alguém para praticar meus gestos. Vou mostrar quando estiver pronta. Vai ser quando eu pedir para ser uma de suas garotas Gibson — disse Fahn com um sorriso confiante. — Mas não fique com ciúme, você sempre vai ser o meu namorado.

Ernest sorriu e aquiesceu, mas notou o semblante se fechar, sentindo-se desconfortável com aquela ideia. Não conseguia acreditar no que estava ouvindo: a vida de Fahn no andar térreo parecia tão perfeita, o melhor dos dois mundos. Percebeu que gostava dela como amigo — mas também mais do que como amigo. A ideia de vê-la se submetendo a outro — a algum rico homem de negócios, um estranho — fez sua cabeça girar. Embora as garotas Gibson pudessem ter namorados, Ernest não conseguia pensar em dividir o afeto de Fahn com qualquer um, principalmente com alguém que pagasse por isso.

Foi então que ele ouviu uma voz conhecida. Abotoou o paletó e se levantou depressa, como se tivesse sido flagrado sem roupas.

— A Aldeia Japonesa. Hum... Eu sabia que encontraria pelo menos um de vocês aqui.

Ernest se virou e viu Maisie parada na porta. Com um esgarçado chapéu de aba curta, inclinado num ângulo maroto, os cabelos louros expostos. A aparência de garoto não era suficiente para esconder a forma em S do espartilho nem as mangas plissadas do colorido vestido que usava. Parecia uma das garotas mais velhas, cintura fina, curvas acentuadas.

Maisie franziu a testa e disse para Fahn:

— É minha vez, queridinha.

— Agora nós estamos quites, Ernest — murmurou Fahn. Levantou-se e se virou para sair. — Sua dívida está totalmente paga.

Ernest saiu atrás dela, matutando em silêncio sobre quanto tempo Maisie estava lá. Tempo suficiente, imaginou.

Lá fora, uma multidão se reunia na orla da Grande Feira, na esplanada perto do atracadouro de barcos a vapor do lago Union. Maisie apontou para um navio ancorado ao longe, uma réplica do *Mayflower*. Mas os visitantes da Feira se mostravam mais encantados com os passageiros numa longa canoa sendo remada em direção à terra. A multidão se agitou animada quando uma jovem atraente foi apresentada como Miss Columbia, recebida com saudações, assobios e um coro de gemidos estridentes.

Ernest tinha ouvido falar sobre a adorável esquimó de Labrador, que tinha espalhado pânico no salão quando agrediu uma queridinha da alta sociedade de Seattle na disputa pelo título de Rainha do Carnaval. Ficou na ponta dos pés, tentando ter um vislumbre da beldade morena com um anoraque de pele de foca e botas mukluk.

A multidão exultava, expressando seu entusiasmo, mas Ernest mal conseguia enxergar.

— Cansei daquelas exposições — resmungou Maisie. — Vamos embora, eu quero ir à Casa de Cabeça para Baixo e andar na montanha-russa.

— Alcanço vocês mais tarde — disse Fahn. — Ouvi dizer que a garota esquimó está organizando uma recepção. Eu preciso ver isso de perto. Ela teve cinquenta mil votos. Ganhou até uma casa num bom terreno... dá pra imaginar?

Ernest também queria ver aquela mulher-espetáculo, mas acompanhou Maisie para a parte mais animada da Grande Feira e depois para os brinquedos do parque de diversões.

— Como foram as exposições? — perguntou.

Maisie fingiu um bocejo.

— Sabe como é, depois de ver um elefante feito de maçãs, um milhão de dólares em ouro em pó, a maior exposição de mariscos do mundo e uma tribo de nativos de peito nu na exposição do museu Smithsonian, você mais ou menos já viu tudo. Fora as muitas bandeiras em toda parte... um mar de vermelhos, brancos e azuis. Madame Flora tem boas intenções, mas eu não aguentava mais.

Os dois passaram pelo carrossel e foram direto para a montanha-russa, onde Maisie prendeu o chapéu, segurou a barra do vestido e embarcou no primeiro carro. Até aquele dia, Ernest nunca tinha andado em nada mais veloz do que um carrossel. Sentou ao lado dela, as pernas dos dois se tocando.

— Sabe, estou contente por estarmos só nós dois aqui — disse Maisie —, porque três é demais.

Ernest sorriu e ecoou o mesmo sentimento.

Maisie olhou para ele, retorcendo os cabelos com os dedos, enquanto Ernest sentia o estômago se contrair, subir e descer, o coração disparar e tentava recuperar o fôlego.

O vagão da montanha-russa começou a se mover.

ESTRELAS, CAINDO

(1909)

DEPOIS DE ESPERAR NA FILA pelo que pareceram horas para andar na roda-gigante, no trem-fantasma e na montanha-russa de madeira, Ernest e Maisie dividiram uma vaca-preta no restaurante Ezra Meeker. Saindo de lá, encontraram um gramado perto da Vista de Rainier, não muito longe da fonte borbulhante e da suave queda-d'água. Recostaram-se num leito macio de grama podada e tiraram os sapatos e as meias, mexendo os dedos dos pés na brisa cálida do veranico. Maisie espetou a sombrinha aberta no chão, criando um ponto de sombra onde recostaram as cabeças, quase se tocando, observando nuvens balofas que migravam lentamente pelo céu azul do Noroeste. Podiam ouvir uma banda tocando, viam jovens de mãos dadas dançando num grande círculo dentro de outros círculos e grupos girando em direção contrária. Aquilo combinava com o que Ernest sentia por dentro.

— Fahn é muito meiga, sabe. — As palavras de Maisie mais pareceram uma acusação. — No começo eu achei que a obsessão dela era porque vocês dois são... você sabe, meio que da mesma região do mundo, mas percebi que ela acha mesmo você... interessante. Ela me disse que roubou o seu primeiro beijo... Isso é uma coisa bem dela. Só não se apresse em pendurar seu chapéu na primeira garota que quiser perfurar seu bilhete; amor verdadeiro é um desperdício num lugar como o Tenderloin.

Ernest não sabia o que responder. Sentia-se fascinado pelas duas garotas, embora se perguntasse se ele seria algo mais que uma companhia conveniente, como um irmão mais novo que por acaso morasse sob o mesmo teto. Também conjecturou se uma delas se interessaria por ele se não estivessem competindo uma com a outra.

— Acho que Fahn gosta de todo mundo — disse ele, afinal. — Mais do que tudo, a Fahn gosta da Fahn.

Os dois riram. Depois suspiraram, cansados, mas contentes por estarem juntos. Desfrutavam o momento, a música ao longe, o trinado dos passarinhos por perto e os grasnidos dos gansos canadenses que voavam para o sul numa esquadilha em forma de V.

— Lembra a sua expressão quando me viu pela primeira vez? — perguntou

Ernest. — Foi mais ou menos aqui. Nunca vou esquecer o jeito que você olhou para mim.

— Eu não pude evitar. Nós nos arrumamos tanto para vir à Feira e não andamos em nenhum brinquedo! Foi tão injusto... Eu só sabia que estava aqui para pegar um garoto bobão. Lembro de pensar comigo mesma: *Afinal, por que precisamos de um garoto? Moramos numa casa onde velhos ricos e rabugentos entram e saem o tempo todo, não preciso de mais um homem na minha vida.* Mas...

— Tudo bem. Eu também não fazia ideia do mundo que me esperava. Vamos dizer que estamos quites. — Ernest estendeu a mão.

— Apertos de mão são coisas tão de gente grande. — Maisie apertou a mão dele e a soltou. Depois voltou a se esticar na relva e fechou os olhos.

Ernest sentiu o cheiro de alguma coisa doce e se sentou devagar, olhou ao redor e calçou os sapatos sem dizer nada. Observou Maisie, que parecia a Bela Adormecida, com o vestido longo estendido na relva.

Ela falou sem abrir os olhos:

— E aonde você pensa que vai?

— Espere aqui — disse Ernest. — Eu já volto.

Quando voltou, deitou-se perto de Maisie, pediu para ela abrir os olhos e lhe ofereceu a mais perfeita maçã do amor que conseguira encontrar.

Ela sorriu e inclinou a cabeça.

Ernest segurou a maçã para ela dar a primeira mordida.

Quando o sol mergulhou nas águas do estreito de Puget e as nuvens alaranjadas se esmaeceram, todo mundo do Tenderloin se reuniu ao redor da Bacia do Gêiser. A eletricidade coruscou, iluminando um prédio atrás do outro. Ernest ficou olhando, fascinado, quando incontáveis globos de luz transformaram o espelho d'água e as cascadeantes quedas-d'água em um paraíso de estrelas brancas e amarelas cintilantes e resplandecentes. Ergueu uma das mãos, bloqueando a luz por um momento e adaptando a vista. A Corte de Honra iluminada fazia a Feira parecer uma loja de departamentos no Natal misturada com os fogos de artifício do Dia da Independência.

No meio da multidão extasiada, as felizes e exaustas moradoras do Garment District trocavam histórias sobre o que tinham visto e comido, esperando o encerramento da Feira. Os sentidos de Ernest estavam saturados, o coração satisfeito. Mas, como todos os demais, ele não queria ir para casa.

Sentado na beirada da fonte entre Maisie e Fahn, de braços dados com ambas,

Ernest teve a melhor ideia do dia. Apontou para um balão de ar quente que flutuava acima da Feira preso por uma corda, a uns quatrocentos metros de altura.

— A gente devia ver a cerimônia de encerramento lá de cima — ponderou.

Houve um momento de silêncio e avaliação quando os três esticaram o pescoço para olhar para o alto, além dos fios e dos cabos que se estendiam pela noite.

— De jeito nenhum — disparou Fahn.

— Eu topo — disse Maisie. — Desde quando você tem medo de alguma coisa?

— A escada de incêndio do Tenderloin é o mais alto que consigo chegar. Aquela geringonça deve estar a uns quatrocentos metros de altura, no escuro e no vento. Se aquilo se soltar, quem sabe onde a gente pode parar? — Fahn balançou a cabeça. — Eu estou muito bem aqui.

Ernest e Maisie trocaram um olhar, e em seguida ele olhou para Fahn. A expressão dela parecia dizer: *Se vocês são tão loucos, podem ficar à vontade.*

Enquanto eles se preparavam para partir, Fahn abraçou Ernest e o beijou no rosto.

— Para o caso de eu nunca mais ver você, que imagino seja uma possibilidade de cinquenta por cento. Se você morrer, quero ficar com o seu quarto. — Ela abriu um sorriso malicioso para os dois.

Ernest e Maisie caminharam pela Pacific Avenue na direção do balão, chegando ao guichê que vendia ingressos para o passeio. O voo custava caro — cinquenta centavos, o dobro do preço da entrada na Feira —, mas mesmo assim eles pagaram e esperaram o balão descer, puxado por quatro homens de camisas de mangas curtas que seguravam as cordas e dirigiam a descida. A gôndola de vime era maior e mais alta do que parecia à distância. Ernest ficou olhando quando o cesto se assentou no solo e um homem abriu um pequeno conjunto de portas duplas para um casal desembarcar. Os dois pareciam alegres e extasiados, rindo e se agarrando um ao outro, gratos por voltarem à terra firme.

— Próximo — gritou o homem, estendendo a mão para pegar os ingressos.

Ernest ficou de lado, esperando Maisie levantar a saia e as anáguas para subir. Quando ela não estava olhando, Ernest enfiou a mão no bolso e deu ao homem sua nota de vinte dólares. — O último passeio da noite? — insinuou em voz baixa.

O homem pegou o dinheiro e olhou para o lado, murmurando:

— Ela é toda sua, garoto.

Ernest ficou ao lado de Maisie, olhando pela borda da gôndola ao passo que o balão subia lentamente no céu que escurecia. Sentia-se feliz por estar sozinho

com ela, mas era como se seu estômago continuasse no chão, enquanto ficava cada vez mais zozzo à medida que subiam. Respirou fundo e saboreou o ar frio. A vista era de outro mundo.

— Tudo bem com você? — perguntou Maisie.

— Tudo perfeito — mentiu Ernest, engolindo em seco, sentindo seu pomo de adão subir e descer no colarinho. Abriu o botão de cima e fez força para relaxar, respirando devagar à medida que o balão oscilava na brisa.

— E você? — perguntou, agarrando-se com as duas mãos na cesta.

— Tudo bem, se você estiver ao meu lado.

Era como se estivessem no cume nevado do monte Rainier. Dali, Ernest podia apreciar todo o desenho circular da área da Feira, as ruas e os cinturões verdes, os prédios iluminados, lindamente concêntricos e simétricos. Podia ver até as bandeiras, as flâmulas e os pendões, todos tremulando na direção leste no alto das cúpulas e pavilhões. Via o longo e cintilante reflexo das luzes nas águas azul-escuras do lago Washington a leste e do lago Union a oeste. A Banda dos Índios Metlakatla começou a tocar hinos nacionais.

Pouco depois ouviu um ruído flamejante e sentiu o calor radiante do queimador de gás três metros acima. O homem no solo tinha puxado a corda para aumentar a chama, que iluminou o balão todo como um imenso lampião bruxuleante. Apagou-se tão de repente quanto acendeu, deixando-os na luz difusa da gôndola. Ernest gostou do calor, pois a noite estava esfriando e o vento zunia pelos orifícios da trama de vime. Ofereceu o paletó a Maisie, mas ela descobriu uma manta num compartimento e se enrolou nela. Ficaram ombro a ombro, contemplando pela beirada do cesto aquele pequeno grande mundo centenas de metros abaixo, ouvindo o som distante da música e o trombetear dos apitos das balsas chegando.

— Já que nós podemos morrer a qualquer momento, de acordo com Fahn, você quer saber minha teoria sobre a vida? — perguntou Maisie.

Ernest sentiu uma lufada fria estremecer o balão e tentou evitar que os dentes batessem, desejando secretamente que estivessem em terra firme.

— Pode falar — disse, agradecido por qualquer distração.

— Minha teoria — começou Maisie — é de que os momentos melhores, piores, mais felizes, mais tristes, mais assustadores e mais memoráveis estão todos ligados. São os momentos importantes, bons e ruins. O resto é só recheio. — Apontou para o balão. — O resto não é nada mais que ar quente.

Ernest não entendeu muito bem.

— Lembra a primeira vez que a gente se viu lá embaixo? Não foi exatamente um momento feliz para mim, nem pra você, mas aqui estamos nós. E eu tenho a sensação de que vamos estar juntos por muito, muito tempo... Nossos momentos

estão ligados.

Ernest aquiesceu, adicionando mentalmente Fahn na equação.

— Então, me diga qual foi o seu pior momento... o momento mais triste da sua vida — disse Maisie. — E eu vou ligar essa lembrança com o seu melhor momento.

Ernest franziu a testa. O momento mais triste era fácil. Ele nunca tinha falado da sua irmãzinha para ninguém, nem mesmo para Fahn, e certamente não para a sra. Irvine. Tentou pensar numa alternativa para não contar a verdade a Maisie, mas ela sentiu sua hesitação.

— Diga logo, seja qual for. Eu já contei sobre o meu pai e como ele morreu.

Ernest suspirou.

— Não é uma história bonita...

— Mas essa é a questão — disse Maisie no momento em que o queimador disparou mais uma vez, iluminando o mundo deles por um instante breve e cálido, e o balão subiu mais alto, com o cesto rangendo e gemendo ancorado pelas cordas.

— É minha última lembrança de onde eu nasci — disse Ernest. — Vi uma coisa quando tinha cinco ou seis anos. — Hesitou. — Uma coisa terrível.

— Eu também já vi uma boa cota de coisas boas e ruins — falou Maisie.

— Meus pais... Eles nunca se casaram. E meu pai morreu, e mal me lembro dele. Eu e minha mãe ficamos sozinhos, mendigando, dormindo na casa da missão onde ela trabalhava. — Ernest fez uma pausa antes de continuar. — Nós estávamos morrendo de fome. E uma noite vi minha mãe sufocar minha irmã recém-nascida. — Ficou observando a reação discreta de Maisie. — Esse foi o meu momento mais triste.

Maisie fechou os olhos por um instante e logo os abriu.

Ernest lutava para processar os detalhes horríveis enquanto olhava para a linda paisagem abaixo. Sentiu o coração dividido entre dois mundos.

— Tudo bem com você? — perguntou Maisie.

Ernest assentiu e continuou.

— Lembro da minha mãe se mantendo distante de mim. Era como uma longa despedida. Ela sabia o que acontecia à nossa volta. Todo mundo estava desesperado, e minha mãe estava morrendo. Ela acabou desistindo de tudo, foi quando deu um jeito de eu embarcar naquele navio e logo depois enterrou minha irmã. Nunca soube quando minha mãe morreu, mas continuei mantendo a esperança de que alguém tenha providenciado um funeral adequado para ela. Alguém que pusesse pedras e espinhos sobre a cova para afastar os cachorros de rua; afinal, os cães também estavam morrendo de fome.

Ernest parou de falar e olhou para Maisie, que escutava em silêncio. Mas ela

aquiesceu, mordeu o lábio e ficou esperando que ele continuasse.

— Não sei se ela me vendeu ou me deu. Mas eu sobrevivi. Consegui chegar aos Estados Unidos... e ficar perambulando por abrigos e internatos. Ninguém sabia o que fazer comigo; eu não me encaixava em lugar nenhum. E no fim acabei sendo dado de novo.

— Justamente lá embaixo — disse Maisie.

Ernest concordou com a cabeça e suspirou, como se um peso tivesse saído de seus ombros, flutuando como o balão de ar quente.

— Acho que esse acabou sendo meu melhor momento, apesar de não saber na época.

Maisie enxugou os olhos, pondo a culpa no vento.

— Está vendo... Você provou que eu estou certa.

— Eu nunca contei isso a ninguém — afirmou Ernest. — Quase não penso mais naqueles dias. Tento esquecer, porque às vezes tenho sonhos ruins.

Fechou os olhos, e quando os abriu o mundo havia caído na escuridão. As luzes tinham se apagado, marcando o encerramento oficial da Feira. As luzes dos prédios, dos postes de iluminação, todas as lâmpadas, tudo estava escuro como breu, como se o mundo todo lá embaixo tivesse sido engolido. Ernest ouviu a multidão por um momento, e pouco depois fez-se um doloroso silêncio seguido por um clarim tocando uma triste melodia.

— Você sabe o meu segredo — disse Maisie. — E agora eu sei o seu.

Ernest fungou, conteve suas emoções e se lembrou de momentos mais felizes — os biscoitos de aveia de Fahn, seus beijos suaves e cálidos, deitado ao lado de Maisie na relva macia e trocando mordidas de uma maçã do amor. Tentou juntar essas novas lembranças aos pedaços de seu coração partido e rearranjar tudo, colando as partes de alguma forma, enquanto seus olhos se adaptavam à escuridão e ele se esforçava para delinear o mundo turvo sobre o qual flutuava. Foi quando Maisie chegou mais perto, cobrindo com a manta os ombros dele também. Ernest sentiu o calor através do tecido felpudo e maleável. Maisie cheirava a perfume, flores e felicidade. O coração de Ernest disparou quando a gôndola se inclinou e ele ouviu murmúrios saudosos subindo da multidão lá embaixo. Cinquenta mil pessoas começaram a cantar “Auld Lang Syne”. Rodeados pelo vazio, oscilando suavemente ao som da melodia, Ernest e Maisie cantaram baixinho a melodia.

Ernest se virou e ela se aproximou mais, abraçando-o. Sentiu os cabelos dela no queixo, a suavidade de seu hálito quando suas mãos enlaçaram a cintura dela. Ficou espantado com a sensação de tocá-la e com o que o coração humano era capaz de sentir — tanta tristeza, tanto pesar, mas tanta aceitação, tanta alegria, tudo ao mesmo tempo.

O balão deu um solavanco e Ernest disse:

— Fique firme, eu estou com você.

— Eu também estou com você — murmurou Maisie.

Ernest olhou para baixo, percebendo algumas luzes bruxuleantes, a cidade no horizonte. Maravilhou-se com a beleza, com aquele mundo desafiador abaixo, tão distante, e pensou: Será que a melhor coisa que qualquer um de nós pode desejar é um lugar macio para pousar?

Sentiu Maisie anuir como se tivesse lido seus pensamentos. Abraçou-a mais forte.

Então a noite explodiu.

De repente eles começaram a ouvir os ecos retumbantes de salvas de canhão e fogos de artifício espocando por toda parte. Peônias e crisântemos floresceram em plena escuridão. Nuvens de estrelas subiram para saudá-los como cometas flamejantes, pintando o céu com fluxos de brasas coruscantes, luminosas e bruxuleantes, que escorriam lentamente para baixo em um lindo casamento do fogo com a gravidade.

Ernest fechou os olhos por um momento, mais ainda assim conseguia ver a paisagem brilhante. Podia ouvir a cadência rítmica e ressonante de explosões por todas as direções. Quando voltou a abrir os olhos, era como se eles estivessem em um globo de vidro, em meio a uma nevasca de estrelas brancas e quentes que se estendia até onde a vista alcançava.

Sentiu a mão de Maisie em seu rosto.

— Está vendo? — perguntou ela, sorrindo na luz difusa das cores esmaecidas. — Esta vida... a sua vida, a minha vida, as lembranças felizes, as histórias tristes, os olás, os adeuses, você, eu, Fahn... está tudo ligado, sempre.

Ernest mais sentiu do que ouviu as palavras dela. Logo depois percebeu que o balão descia lentamente sob o dossel pirotécnico, mergulhando na escuridão e devolvendo-os à terra firme.

O RUBY CHOW'S

(1962)

EU ME ENCANTEI PELAS DUAS, datilografou Ernest.

Deixou o papel na máquina de escrever como uma arma carregada sem trava de segurança, uma jaula aberta com um bicho grande se agitando lá dentro, um estopim aceso. Logo depois pegou o casaco e o chapéu e saiu para encontrar a família no Ruby Chow's.

Durante o percurso, Ernest pensou em sua querida esposa — mas também pensava na madame Flora, no Professor True e na outra garota com quem estivera naquele dia mágico. Ponderou sobre como deveria estar a vida dela agora.

Lembrou-se de uma noite, poucos dias depois do encerramento da Feira, muitos anos atrás, quando subiu até o quarto andar do Tenderloin pela escada de incêndio, até o teto, e dividiu um cigarro com Fahn. Os dois se revezaram olhando pelo telescópio montado num tripé de madeira quando o céu acima do lago foi iluminado por explosões encenando o protesto do Tea Party em Boston e do naufrágio do HMS *Gaspee*, um espetáculo patrocinado por um rico construtor naval uma semana após a cerimônia de encerramento da Eayp.

Ele e Fahn chegaram tarde demais para ver os mastros do navio em chamas desabando, mas conseguiram avistar dezenas de projéteis subindo no céu escuro e descendo numa cascata luminosa. Ernest viu os lampejos, ouviu os canhões e a grande explosão quando o navio se incendiou até a linha-d'água. Um esconderijo de pólvora negra entrou em combustão numa trovejante erupção que mandou pelos ares pedaços da embarcação em chamas e quebrou vidraças a quilômetros de distância.

Ernest lembrava-se de ter ouvido pessoas nos tetos próximos que também viam o espetáculo gritarem: “Hurra!”. A Wagner Band começou a tocar em algum lugar ao longe, seguida pelo uivo feroz dos Gaiteiros do Clã Fraser das Highlands.

— Eu queria ter visto isso antes de explodir — comentou Ernest.

— Você já viu — disse Fahn. — O navio que eles explodiram foi redecorado para o espetáculo desta noite. Nós todos vimos o navio ancorado na Feira, lembra?

— Que navio? — Ernest inclinou a cabeça, confuso.
Fahn jogou o toco de cigarro aceso na calçada abaixo.
— Aquele era o *Mayflower*.

Ernest chegou ao Ruby Chow's, com seu telhado de duas águas e a entrada arredondada como de um pagode, e sentiu o agradável aroma de pato assado, e ouviu o som de panelas de ferro fundido na cozinha. Lá dentro, encontrou Juju e Gracie sentadas debaixo de uma enorme lanterna de papel, ao lado de um Buda meio escondido contemplando a mesa com um ar benigno.

Juju beijou Ernest no rosto e disse:

— Ah, você veio. — Logo depois pediu licença para cumprimentar algumas pessoas. Ernest não sabia quem eram os clientes nas mesas adjacentes, apesar de alguns parecerem conhecidos. Talvez os tivesse visto na televisão, ou em cartazes de rua. Sabia que o Ruby's era um ponto frequentado por políticos e homens de negócio e, apesar de se sentir um pouco aborrecido pela filha estar sempre trabalhando, também se deleitou, muito orgulhoso da facilidade com que Juju transitava por aqueles círculos sofisticados.

Ernest sentou ao lado da mulher.

— Olá, Graciosa.

O rosto dela se iluminou quando ele a chamou por aquele nome.

— Ernest.

— Nossa filha parece uma abelhinha ocupada, não é? — Observou a expressão curiosa e infantil de Gracie, esperando por algum tipo de confirmação de que se lembrava de quem ele realmente era ou da vida que viveram juntos. Tinha passado aqueles últimos três anos lamentando, adaptando-se a uma nova e benigna forma de normalidade. Alguns casais na idade dele dormiam em camas ou em quartos separados. Ele e Gracie viviam vidas separadas.

— Está contente por Hanny estar em casa? — perguntou Ernest.

— Ah, sim — Gracie anuiu, observando o salão.

— E você sabe que ela vai trazer uma pessoa especial para jantar? Uma pessoa que ela vai apresentar a você. — Ernest hesitou e olhou ao redor. — Eu já o conheci. Juju também. É um homem honesto, advogado.

Gracie não disse nada. Um dos antigos garçons se aproximou, de gravata-borboleta, cumprimentando-o enquanto servia chá com uma das mãos e tirava um isqueiro prateado para acender o cigarro de Ernest com a outra — duas mãos, dois movimentos separados, mas em sincronia.

Ernest viu o desenho da Space Needle gravado no isqueiro.

— Você se lembra de alguma coisa da Eayp? — perguntou a Gracie, quando notou que o cardápio apresentava um prato especial de lagosta em homenagem à nova Feira Mundial.

Gracie anuiu mais uma vez.

— Lembra-se da nossa amiga daquela época? — sondou Ernest.

Gracie sorriu, quase imperceptivelmente, e suspirou.

— Eu andei procurando por ela.

— É mesmo? — replicou Ernest, entrando no jogo.

Gracie franziu a testa enquanto sondava o salão mais uma vez, indo de mesa em mesa, de pessoa a pessoa.

— Onde ela... anda se escondendo?

Ernest deu de ombros. Parte dele sabia que não devia perguntar se ela se lembrava de pessoas do Tenderloin, mas outra parte morria de curiosidade de saber o quanto restava da memória de Gracie. O quanto poderia — deveria — esperar? O dr. Luke tinha estabilizado o seu estado, curando-a com antibióticos, um milagre engarrafado. Mas disse que os danos eram irreversíveis. Gracie não voltaria a ser como era, apesar de ter dito também que seu cérebro poderia encontrar caminhos diferentes para se lembrar.

Ernest já tinha falado muito com ela sobre o casamento dos dois — na esperança de que se lembrasse dele, mas nunca havia perguntado nada sobre a infância de Gracie. Imaginou que, como tudo mais, essas lembranças estavam perdidas para sempre. Mas, quando ela sorriu mais uma vez, ele perguntou:

— Você se lembra dos nossos primeiros tempos juntos? Nós três, todos aqueles anos atrás?

Gracie hesitou, parou, refletindo. Nesse momento Hanny e Rich entraram no restaurante, recebidos pela festa dos funcionários — comentários animados sobre como Hanny tinha crescido e como estava bonita. Todos queriam saber de Las Vegas, das celebridades que ela conhecia, dos encontros casuais com gângsteres famosos, se era verdade que ela fazia topless. Também disseram que o cavalheiro que a acompanhava era alto e atraente. Hanny mostrou o anel de noivado, provocando gritinhos da dona do restaurante.

Ernest viu que Gracie olhava para Rich.

— Aquele é o sr. Maravilha — ele falou. — Não é um mau sujeito quando a gente conhece melhor, acho. Infelizmente, não o conheço muito bem.

Gracie anuiu mais uma vez, dando um tapinha no braço de Ernest.

Depois de uma apresentação canhestra, Ernest pediu uma série de pratos favoritos de Gracie para serem divididos. O primeiro a chegar foi uma fumegante terrina de sopa de abóbora com frango e castanha-d'água. Um garçom encheu as cuias de arroz em meio à conversa amena. No fundo, Ernest

ouviu um jingle num rádio próximo que não parava de tocar para promover a nova Feira: *Se você vai me beijar... que seja aqui.*

— Mãe. — Hanny falou como se Gracie tivesse dificuldade para ouvir. — Rich é o meu noivo. Nós vamos nos casar. Mãe, finalmente vou assinar os papéis.

Gracie olhou para os dois, assentindo solenemente e soprando a colher de sopa.

Ernest viu a preocupação nos olhos de Juju enquanto todos esperavam por uma resposta.

Gracie sorriu e continuou comendo.

— Então, Ernest — começou a dizer Rich, para romper o silêncio constrangedor. — Juju me contou que você trabalhava como motorista para todos os personagens famosos que vinham a Seattle.

— Ah, minha filha exagera um pouco. Não era assim tão glamoroso, na verdade — objetou Ernest. — Eram apenas pessoas simpáticas que precisavam de transporte. Eu fui apenas um simples motorista pela maior parte da vida, mas de vez em quando fazia alguns trabalhos especiais.

— Pai, não seja tão modesto — disse Juju. — Sugar Ray Robinson ficou doente quando chegou à cidade. Ele não confiava em médicos brancos e acabou encontrando o dr. Luke em Chinatown, logo naquele lugar. O dr. Luke deu o nome do meu pai, e papai levou o campeão por toda parte enquanto ele esteve em Seattle. Depois disso a divulgação boca a boca fez o resto. Ele acabou sendo motorista de Floyd Patterson quando ele esteve na cidade, depois foram Louise Beavers, Dinah Washington... a lista vai longe. Chegava tarde da noite com autógrafos para as filhas, lembranças. Chegou a trabalhar para Billie Holiday.

— Agora você está inventando — disse Ernest. — É assim que as histórias se transformam em lendas. Você pode estar ultrapassando os limites da sua integridade jornalística.

— Que incrível. Acho que você adoraria Las Vegas, acostumado como está a acompanhar as estrelas — disse Rich. — Falando em estrelas, Juju disse que você é parte de uma grande matéria sobre a Expo Século XXI... algo a ver com um misterioso garoto que foi rifado na Feira Mundial anterior. Eu adoraria analisar a legalidade disso. E também contou que você foi criado no antigo bairro da luz vermelha de Seattle...

Ernest lançou um olhar para Juju, que deu de ombros, aparentando inocência. Voltou a olhar para Gracie, que ouvia com atenção enquanto tomava sua sopa. Hanny, por sua vez, o observava com incredulidade, como se dissesse: *E você achou que eu estava escolhendo uma má carreira?*

Rich continuou falando.

— Acho que antes de Las Vegas sempre existiu Chinatown. Contrabando de bebida e jogatina desde a Lei Seca, bares clandestinos, todo tipo de entretenimento noturno e glamoroso.

— Não era Chinatown — interrompeu Gracie, falando devagar. — Não foi em Chinatown nem no Bairro Japonês, foi num salão chamado... Tenderloin. — Em seguida voltou à sopa, como se tivesse dito uma obviedade.

Rich olhou para Ernest, que falou baixo, na esperança de Gracie não ouvir a conversa.

— Sim, o Tenderloin era um... clube para cavalheiros.

Juju continuou:

— Meu pai está sendo pudico. O Tenderloin foi um bordel famoso na Pioneer Square, administrado pela dama Florence Nettleton. Ninguém sabe muita coisa sobre ela, e quaisquer registros sobre sua vida pregressa devem ter sido destruídos pelo Grande Incêndio de Seattle. Além disso, ela acabou sendo ofuscada por sua mais famosa antecessora, madame Lou Graham, a Rainha da Serragem, que acredito ter dirigido o Tenderloin antes dela. E mais tarde por Nellie Curtis, que administrou um bordel perto do antigo Hotel LaSalle, em frente ao mercado de Pike Place. Mas há alguma outra história por aí, tenho certeza...

Ernest se recostou na cadeira, ouvindo e concordando com a cabeça. A filha tinha feito bem sua pesquisa — mais uma vez, ficou impressionado.

— Então foi lá que vocês dois se conheceram? — perguntou Rich, sorrindo. — Nesse lugar chamado Tenderloin? Quero dizer, desculpe por ser um pouco rápido nas minhas suposições, mas eu trabalho numa cidade colorida e já vi algumas coisas impudicas na vida. A nata de Hollywood vai a Las Vegas para se casar ou se divorciar, às vezes na mesma viagem. — Deu risada. — Eu sou imune a escândalos.

— O que eu posso dizer? Nós éramos crianças, pré-adolescentes... — explicou Ernest.

— Vocês são parte da história de Seattle — disse Juju. — E você, pai, você é praticamente um *Acredite se quiser* ao vivo e em cores. Sei que pessoas da sua geração não gostam muito de falar sobre si mesmas, se é que gostam... Mas vamos lá...

Gracie bateu de leve a colher na cuia.

Depois, olhou em torno do restaurante — para a lâmpada, para a estátua, para os clientes nas outras mesas e nos reservados — como se estivesse se lembrando de onde estava. Sorriu.

— Ernest está sendo... modesto — disse Gracie. — Ele era um chofer, e dos bons. Você usava... luvas e um casaco de couro. Ficava tão bonito. Como pude

esquecer disso?

Todos ficaram esperando, prendendo a respiração.

Então Juju acrescentou:

— E você também trabalhava lá.

Rich deu uma risadinha e fez uma provocação.

— Não me diga que foi uma garota festeira, sra. Young.

Juju fez uma cara feia para o homem. Ernest tentou mudar de assunto, acenando para o garçom de gravata-borboleta, que já estava a caminho com uma bandeja de carne-seca, frango refogado e salada de alga. Tudo servido frio.

— Ah, não, nada tão romântico — respondeu Gracie com naturalidade. — Eu era prostituta. — Falou aquilo como se dissesse *Por favor, me passe o sal* ou *Como está o tempo?*.

Dessa vez Rich ficou em silêncio, voltando à sua sopa sem erguer os olhos. Hanny deu risada, achando que tinha pegado só o fim de uma piada; mas quando caiu na real, olhou para Juju, de queixo caído, com uma expressão dividida em partes iguais entre choque, confusão e perplexidade. Juju inclinou a cabeça na direção de Ernest, como que pedindo uma confirmação.

ANJOS NA NEVE

(1909)

ERNEST SUBIU O CACHECOL VERMELHO de lã para proteger o nariz do vento, que soprava gordos flocos de neve para todas as direções possíveis. Sua respiração estava quente, ainda que os dedos do pé parecessem cubos de gelo na bota de borracha com três botões. Voltou à pá com que trabalhava para remover as dunas densas e úmidas do purê de neve que se empilhava nas calçadas e nos degraus da frente do Tenderloin. Ele sempre adorou aquela brancura natalina de cartão-postal, mesmo que significasse ter de retirar neve com a pá o dia inteiro na véspera do Natal.

Enquanto recuperava o fôlego e esticava as costas doloridas, ouviu o tinir de sinos de um arreio. Acenou com a mão enluvada a um homem de barba preta com um sobretudo comprido, que tocou na aba recoberta de neve da cartola ao mesmo tempo que falava com sua parelha de cavalos como se fossem crianças teimosas. O homem gritava palavras de encorajamento, fazia repreensões e ralhava enquanto os animais puxavam um arado de metal pela rua, abrindo caminho pela cidade coberta de neve. Lojistas retiravam a neve com pás, homens de negócio com belos ternos se revezavam limpando as paradas de bonde, enquanto dezenas de estivadores, contratados por um dia, trabalhavam sem parar para limpar os trilhos para os bondes poderem passar sob a neve que flutuava e caía. Era um empreendimento que, para Ernest, parecia tão infundo e fútil quanto tentar esvaziar o oceano Pacífico com um balde.

Enquanto um grupo de cantores bêbados entoava uma versão desafinada e etílica de “Here We Come A-Wassailing”, homens e mulheres concluíam suas últimas tarefas do feriado por toda a cidade, puxando árvores de Natal e levando guirlandas e pilhas de presentes. Precariamente penduradas nos postes de iluminação, estalactites passaram a derreter devagar quando o gás começou a queimar para iluminar a noite. Os lampiões adicionavam um brilho tépido às graciosas luzes que iluminavam o porto, as lojas de roupa e até os pubs e cassinos. Ernest admirou aquela pacífica cena de rua como algo saído de um quadro, como se o relógio tivesse retrocedido dez anos no tempo graças à ausência dos barulhentos automóveis, substituídos pelo agradável *clop-clop* das carruagens Bristol puxadas a cavalo, acompanhadas por um ocasional estalar de

chicote. Viu passar trotando outra parelha de cavalos arreados, resfolegando vapor pelas narinas dilatadas, marchando em uníssono, orgulhosamente mostrando aos imponentes automóveis enterrados na neve que ainda não haviam perdido a utilidade.

Ernest bateu os pés no chão para tentar aquecer os dedos enquanto imaginava como seria a manhã do dia de Natal. Com o comportamento errático de madame Flora, qualquer planejamento se tornara difícil. Ademais, a srta. Amber andava ocupada rodando a cidade com Flora o mês todo, cada hora viam um novo médico. Em sua ausência, a sra. Blackwell e as empregadas se encarregaram de montar a árvore e da decoração da casa. Ernest achou que elas tinham feito um belo trabalho (sem a interferência normalmente severa da srta. Amber), então pelo menos *parecia* ser Natal no Tenderloin, que cheirava a um feriado feliz. Ernest ficou sabendo pelas empregadas que certas ocasiões não eram comemoradas, principalmente aniversários — as garotas dos andares de cima preferiam manter a idade em segredo. Por isso, ponderou se o período natalino seria mais celebrado do que algumas festividades básicas.

Ansioso pela data, já tinha comprado anjos de madeira pintados à mão para Fahn e Maisie e preparado caixas com camadas de chocolate e frutas secas recobertas de açúcar para distribuir entre as empregadas e as garotas dos andares de cima. Mas será que elas acordariam cedo para trocar presentes? Ou o Natal envolveria mais uma madrugada na companhia de clientes ricos e lascivos que entravam e saíam, com todas dormindo até depois do meio-dia após mais uma noite de afagos, sem ligar para os enfeites natalinos?

Ernest andava preocupado, pois os acessos de histeria de madame Flora estavam cada vez piores. Seus ataques drenavam as reservas de esperança que todos tinham acumulado durante a visita à feira.

Fechou os olhos e se lembrou de como havia voltado ansioso para o local da Feira com Maisie e Fahn, três dias depois da cerimônia de encerramento. Acordaram cedo e pegaram o bonde para ver o que restava, desejosos de saborear mais um momento no lugar.

Mas, quando chegaram, os luxuriantes cinturões verdes pareciam secos e pisados, com exceção das minúsculas florestas de dentes-de-leão. Foi triste ver as passarelas de tijolos forradas de ingressos, embalagens de doces, guimbas de cigarro, jornais velhos, manchas de goma de mascar e escarros de tabaco. Bandos de pombos e gaivotas lutavam pelos detritos; resquícios de guloseimas outrora mágicas agora apodreciam no chão. E a atividade mais intensa que viram foram vagabundos andando pelos destroços — velhos tristes e andrajosos recolhendo garrafas marrons em sacos de batata para vender a depósitos por alguns níqueis.

Ernest se lembrava de que dezenas de garotos de sua idade também tinham voltado lá. Todos se reuniram no Ezra Meeker, o solitário estabelecimento que ainda estaria aberto até o final daquela semana, ou até terminar a cerveja, o que acontecesse primeiro. Ernest, Maisie e Fahn dividiram uma vaca-preta e se consolaram como se estivessem em um velório.

Desde então, a única lembrança da Feira eram as visitas ocasionais da sra. Irvine e seu bem-intencionado grupo de benfeitoras puritanas. As palavras dela pareciam educados tiros de canhão disparados por cima de um enorme golfo de reprovação. Todas as vezes ela pedia para Ernest voltar, e ele sempre declinava.

Quando acabou de remover a última camada de neve recém-caída, Ernest se concentrou nas luminosas lembranças do último dia da Eayp.

Depois de todos aqueles meses, ainda acordava todas as manhãs matutando se as lembranças daquele dia — daquela noite — teriam desaparecido com a Feira. Será que alguma coisa daquilo foi mesmo real? Maisie vinha sendo mais calorosa com ele desde então, em proporção direta ao distanciamento cada vez maior de Fahn.

Ernest interrompeu seu devaneio quando avistou uma figura andando no meio da rua coberta de neve, deixando uma trilha de pegadas na cal virgem. O homem gordo de roupa vermelha salpicada de branco caminhava entre os agitados flocos de neve, gargalhando e tocando um sino de latão. Ernest sorriu, como se visse uma história infantil ganhar vida. As pessoas nas calçadas acenavam e aplaudiam, alguns até abriam as janelas e gritavam “*In dulci jubilo!*” com um forte sotaque europeu. Alguns adolescentes irascíveis lhe atiraram bolas de neve, que felizmente não acertaram o alvo.

Quando o homem chegou mais perto, Ernest viu que não era um Papai Noel comum de loja de departamentos vestindo um casaco estufado. Reconheceu os olhos do Professor True atrás dos óculos antes de o pianista mudar o saco de presentes de ombro e bradar de forma enérgica:

— Ho, ho, ho, Ernest. O Natal já pode começar oficialmente, pois o Papai Noel chegou!

No salão do Tenderloin, a sra. Blackwell anunciou o que as garotas lá de cima esperavam — que não haveria clientes naquela noite, nem na seguinte. O Tenderloin estaria oficialmente fechado durante o fim de semana do feriado. Maisie cochichou:

— Ninguém vem mesmo aqui no Natal. Os esquisitões desesperados e saudosos que saem esta noite acabam sempre nos bordéis do final da rua.

A srta. Amber apareceu com uma peruca prateada e começou os procedimentos, dizendo:

— Moças, hoje é o nosso Natal. Hoje vamos comemorar com a nossa família, juntas nesta noite fria e nevada. E, apesar de algumas de vocês sentirem falta de casa e de outros lugares, estamos melhores que muita gente. E, para nos lembrarmos desse fato, e em honra a Flora e tudo que ela fez por nós, vamos até Georgetown fazer uma visita ao Albergue do Condado de King. Vamos cantar músicas de Natal e distribuir presentes. Luvas e chocolate para todas as mães e pacotes de doces, amendoim e laranjas para os pequeninos.

O Professor True mostrou seu grande saco de presentes.

— Depois vamos voltar para casa e fazer nossa festa — acrescentou a sra. Blackwell.

Ernest olhou ao redor, alegre, enquanto as garotas dos andares de cima aplaudiam e as de baixo se preocupavam com o clima. Numa agitação animada, todas seguiram o gesto da srta. Amber e vestiram seus casacos e capas, gorros e luvas, cachecóis e, por último, as botas de inverno, enquanto se reuniam no vestíbulo, preparando-se para andar catorze quarteirões na direção sul sob a neve que caía.

— Todo mundo menos você, Ernest. — A srta. Amber o pegou pela gola. — Alguém precisa ficar aqui para cuidar do fogo.

Ernest baixou a cabeça e concordou. Relutante, tirou o chapéu e o casaco.

— Ho, ho! Vai perder a festa ficando em casa — caçoou Fahn.

— Sinto muito — cochichou Maisie, franzindo a testa.

— Tudo bem. — Ernest abriu um sorriso forçado. — Imagino que vocês voltem logo. Vão estar congeladas, mas a lareira estará quente.

Ernest ficou ao lado da porta, sozinho no alto dos degraus, vendo todas se afastarem, cantando “It Came Upon a Midnight Clear”.

Fechou a porta e continuou escutando as vozes a distância. O timbre grave do Professor True se destacava no coral de anjos caídos que cantavam e davam risada, levando o espírito da celebração para longe. Abatido, foi até o subsolo para verificar a caldeira e cuidar para que houvesse um bom suprimento de carvão na fornalha. Depois levou braçadas de lenha para cima e repôs o estoque das lareiras das suítes master. Finalmente, afundou numa das poltronas do salão, atizando a lareira principal, mas se perguntando que espécie de alegria estava faltando. Enquanto observava as chamas e ouvia o crepitar da madeira ainda verde, percebeu que o Tenderloin nunca estivera tão silencioso.

Relembrou algo que a mãe dissera certa vez quando ele era garotinho: “Todo mundo devia passar uma festividade sozinho. É bom para a alma”. Ficou pensando se era algo que os pais diziam quando não tinham presentes para dar

ou se havia alguma verdade naquilo. Em silêncio no salão, não sabia ao certo se o vazio que sentia poderia torná-lo uma pessoa melhor. Antes de chegar a uma conclusão, ouviu um rumor do lado de fora e a buzina estridente de um carro. Pegou o casaco, abriu a porta e viu um elegante Marmon preto conversível estacionar no meio-fio; e um motorista alto sair do veículo.

— Sinto muito, mas estamos fechados esta noite. — Ernest olhou para a traseira do carro. — O Tenderloin só voltará a abrir em alguns dias.

— Bem, então acho que estou no lugar certo. Não tinha certeza se ia conseguir encontrar, com toda essa neve — disse o motorista. — Entrega especial para madame Florence.

— Gostaria de entrar para se aquecer? E o que exatamente o senhor está entregando?

— Ah, peço desculpas, meu jovem, achei que era bastante óbvio. Eu estou entregando... *isto*. — O motorista espanou a neve do capô do carro com a manga do casaco e entregou a Ernest uma chave prateada de aparência estranha. — Isso é para o sistema de ignição embaixo do volante; o dispositivo fica lá dentro. Já tentou dar partida numa dessas coisas no inverno?

— Eu nunca dei partida em uma coisa dessas, jamais. — Ernest falava com calma, mas mal conseguia conter seu entusiasmo. Bateu palmas como se tentasse manter as mãos quentes.

— Bem, então você vai se divertir desvendando esse brinquedo novo. O único automóvel no mundo tão bom que conheço é a limusine Pierce-Arrow entregue na Casa Branca na semana passada, apesar de Taft gostar mais de cavalos e carruagens. — O motorista enfiou a mão no bolso do casaco e deu um envelope a Ernest. Era endereçado a madame Florence Nettleton, com as iniciais L.J.T. elegantemente impressas num selo de breu. — Feliz Natal, garoto.

Ernest viu o reflexo do homem se afastando no cromo molhado. O automóvel cintilava como uma noite estrelada. Era a máquina mais bonita que já tinha visto, e com certeza a mais luxuosa. Limpou a neve do cromo polido, entrou no carro e pôs as mãos no volante acolchoado.

Os pedais e as alavancas eram um mistério, um mistério que sempre desejou desvendar. Mas, quando seu hálito começou a embaçar o para-brisa, Ernest sentiu frio e voltou para a casa.

Ao entrar, se assustou ao ver madame Flora de pé no salão, com uma camisola plissada cor de lavanda. O casaco combinando pendia dos ombros, quase ao acaso, enquanto ela olhava para o fogo.

— Desculpe — disse Ernest. — Achei que tinha ido com as outras. Quer que eu traga um cobertor ou uma xícara de chá?

A dona da casa não respondeu, não piscou, enquanto o fogo continuava

crepitando e pipocando. Ernest começou a ficar preocupado que ela estivesse tendo um de seus acessos, imaginando o que faria para cuidar dela sem a ajuda das outras. A srta. Amber vinha mantendo a madame no quarto, por isso os acessos de loucura andavam reduzidos a gritos na noite, explicados como pesadelos.

— Você tem alguma coisa para mim? — perguntou ela.

Ernest tinha se esquecido do envelope em suas mãos.

— Isso chegou para a senhora — falou —, junto com...

— Eu vi. É um automóvel muito bonito.

Entregou o envelope. Flora olhou para a assinatura e jogou o envelope na lareira sem abrir.

— Algumas pessoas... — Ela suspirou. — Algumas pessoas acham que o mundo está à venda.

Ernest ficou observando o papel pegar fogo, incrédulo, logo engolfado pelas chamas e transformado em cinzas. Queria dizer alguma coisa, mas só conseguiu ficar olhando madame Flora se afastar lentamente da lareira, do calor. Subiu a grande escadaria e sua silhueta desapareceu na escuridão como um fantasma.

Ernest sentou e esperou as outras voltarem, pensando nas iniciais que selavam o envelope e em um nome: Louis J. Turnbull.

Uma hora depois, as moradoras do Tenderloin voltaram ruidosamente para casa, uma massa de risadas e brincadeiras. A srta. Amber subiu imediatamente para ver madame Flora, enquanto as outras limpavam a neve das botas e aqueciam as bochechas rosadas e os narizes enregelados em frente à lareira. As garotas Gibson tiraram os casacos e as empregadas desapareceram na cozinha, voltando com bandejas de linguiça e queijo, pão de bispo, bolo de melado, biscoitos de Natal, frutas secas e castanhas de todos os tipos. Canecas de sidra e vinho quente apareceram nas mãos úmidas. E o Professor True tirou o casaco vermelho de Papai Noel e começou a aquecer os dedos ao piano. Os grandes suspensórios do traje desceram pela camisa de lã quando ele tirou as abotoaduras e arregaçou as mangas.

— Temos um visitante? — perguntou Maisie a Ernest. — Achei que Amber tinha deixado bem claro que estamos fechados...

— O automóvel foi entregue de presente de Natal — explicou Ernest, hesitante. — Eu recebi um bilhete... com as iniciais... L.J.T., mas madame Flora nem se deu ao trabalho de abrir o envelope. Simplesmente o jogou na lareira.

As garotas Gibson escutaram a explicação quando voltaram.

— Louis Turnbull está de volta à nossa vida, meninas — disse uma delas, dando risada. — Engraçado como o sujeito mais rico da cidade não consegue entender uma insinuação. — Começaram a enfeitar a árvore com tiras de pipoca tingida, cascas de ovo douradas e velinhas coloridas. Embora algumas igrejas proibissem árvores de Natal, a srta. Amber tinha comprado a maior que conseguira encontrar, uma imponente figueira.

Maisie fez uma careta para Ernest e suas bochechas róseas e geladas empalideceram.

— É assim tão ruim? — perguntou Ernest. — Madame Flora vem falando em comprar um carro há meses.

— O problema não é o presente — respondeu Fahn, entregando-lhe uma caneca de sidra fumegante com um bastão de canela. Ofereceu uma a Maisie também, mas ela balançou a cabeça, negando. — É o que o doador quer em troca.

Ernest estava prestes a fazer mais perguntas quando a sra. Blackwell mudou de assunto.

— Ernest, eu gostaria que você tivesse ido com a gente ao albergue. As crianças vibraram com o Papai Noel, as mulheres gritavam de alegria, os voluntários nos abençoaram... E aí a sra. Irvine apareceu no meio das músicas de Natal e disse onde nós trabalhávamos.

— A senhora está brincando. — Ernest quase cuspiu a sidra.

— A sra. Irvine estava com seu grupo de folionas e todas nos olharam como se Maria Madalena tivesse chegado na manjedoura e tirado os sapatos — prosseguiu a sra. Blackwell. — Como se os Três Reis Magos tivessem aparecido bêbados com uma garota em cada jumento. Como se o Menino Jesus tivesse nascido da cor do nosso sr. Nick! — Era óbvio que ela já tinha tomado uns dois copos de seu famoso creme de nata com um forte vinho de amora. — Então... assim que acabamos de cantar fomos delicadamente instadas a partir... pela porta dos fundos, nada menos. E a srta. Amber e a sra. Irvine trocaram algumas palavras bem escolhidas, é claro...

Fahn a interrompeu, dando risada.

— A srta. Amber a chamou de hipócrita. Disse que a sra. Irvine era uma perua velha e amarga que vai ao médico para fazer massagens na pélvis... que ela preferia espernear a fraternizar!

— Mas eu não quis fazer tumulto e arruinar o Natal das crianças... — A sra. Blackwell revirou os olhos. — Por isso apartei as duas e viemos embora. Ainda bem que elas não fizeram ninguém devolver os presentes.

— É claro — concordou Ernest. Lembrava bem como eram tristes os Natais no internato.

— Bem, foi bom enquanto durou — disse a sra. Blackwell com um longo suspiro.

— Nenhuma boa ação passa impune — acrescentou Fahn. — Pelo menos vai ser um Natal que nunca vamos esquecer. Deve ser um ano novo interessante.

— Maisie May! — Algumas garotas do andar de cima a chamaram quando estavam quase terminando de enfeitar a grande árvore que cheirava a Natal. — É tradição, você precisa pôr o anjo no cume. — Uma das garotas segurava um querubim de argila pintado em tons de azul-celeste e dourado.

— Eu já sou muito velha para isso — resmungou Maisie. — Além do mais, não acredito mais em anjos. — Virou-se e se dirigiu à escada.

Fahn fez um sinal com a cabeça, entregou sua caneca de sidra quente a Ernest e saiu atrás de Maisie, resmungado alguma coisa sobre demônios ricos.

Quando a festa acabou e as empregadas já tinham limpado tudo, Ernest ficou acordado na cama, mudando de posição. O Professor True tinha lido “A noite antes do Natal” para todo mundo, mas, quando Ernest tentou dormir, não conseguiu pensar em fadas ou renas voadoras. Pensava em Maisie e no quanto ela havia ficado perturbada... e também em Fahn. Estariam perturbadas por causa da cena no albergue, pelo misterioso presente de Louis Turnbull, ou talvez pelas duas coisas? E ficou matutando sobre o sr. Turnbull e o que poderia pensar se visse a mulher por quem era obcecado no estado demente em que se encontrava.

Ernest não sabia bem o que fazer com aquela vaga inquietação. Depois se lembrou dos anjos pintados embrulhados para presente.

Com um suspiro de preocupação, saiu da cama e foi até a janela, coçando a cabeça. Não havia nenhum carro. Nenhuma carruagem. Até os bares estavam fechados. A cidade inteira dormia. Os flocos de neve tinham parado de cair, tudo parecia imóvel e solene.

Estremeceu ao pensar no frio e se vestiu. Enfiou-se em duas calças e três camisas e calçou dois pares de meias. Em seguida desceu a escadaria principal, que era acarpetada e mais silenciosa. Andou na ponta dos pés até a porta, calçou as botas, o sobretudo, o chapéu e as luvas. Enrolou o cachecol para manter o pescoço e o rosto aquecidos.

Lá fora o ar estava tão gelado que seus olhos lacrimejavam enquanto andava sobre a camada fina de fuligem das chaminés congelada sobre a neve fofa e molhada. Deu a volta no prédio até ficar embaixo da janela de Maisie, que já estava com a luz apagada. Olhou para a rua totalmente coberta de neve, quase sem marcas de passos, e então voltou a olhar para a janela e observou sua respiração se vaporizando no ar noturno. Por fim se abaixou e deitou naquele deserto gelado, abriu os braços e fez um anjo na neve. Levantou, avaliou sua

obra e deu um passo gigante na direção da ala do prédio onde Fahn morava, onde se deitou e fez a mesma coisa. Andou de um lado para outro, deu alguns saltos, às vezes sentindo a neve entrar pelas calças e pelo colarinho. Fez um anjo na neve atrás do outro, recobrando a rua, a calçada — qualquer lugar que pudesse ser visto pelas janelas das meninas. Recuperou o fôlego e contou três dúzias, depois quatro, depois cinco, com o nariz escorrendo e as sobrancelhas congeladas.

Finalmente voltou para dentro, se aqueceu em frente à lareira, acrescentou uma grossa acha de lenha e permaneceu lá enquanto ela queimava. Depois subiu a escada com passos cansados e foi para a cama pouco antes de o carrilhão assinalar três da manhã.

Ernest estava exausto, mas sorriu ao adormecer, imaginando a expressão de Maisie quando olhasse pela janela, e também a de Fahn.

Ficou imaginando quantos anjos havia feito. Não fazia ideia. Tinha parado de contar depois de duzentos.

LADO B

(1962)

ERNEST ESTAVA IMPACIENTE NA calçada em frente ao Ruby Chow's, contando os minutos. Pagou a conta e saiu enquanto Juju e Gracie ainda conversavam com as garçonetes — sobre nada muito revelador, Ernest esperava.

Houve um silêncio constrangedor quando Gracie soltou sua bomba sobre ser prostituta. Mas Juju intercedeu de forma ousada, dizendo alguma coisa sobre ter deixado muitos exemplares das revistas *Whisper* e *Confidential* pela casa para Gracie ler. A mãe deve ter se lembrado de certas fofocas de Hollywood sobre Veronica Lake ou Helen Hayden. Desde a doença, ela dizia muitas coisas que não faziam sentido, e eles costumavam rir a respeito, ainda que um riso nervoso. Enquanto isso, Gracie tinha voltado sua atenção para um belo bacalhau fresco com cebola e salsinha. Pôs o melhor pedaço no prato de Hanny.

Todo mundo em Chinatown parece ter um lado B, uma história não contada, pensou Ernest, acendendo um cigarro e lembrando que uma de suas músicas favoritas pertencia ao lado B de um disco de Hank Williams, “I’m So Lonesome I Could Cry”. A música parece ter feito muito sucesso. No entanto, alguns dizem que Hank Williams morreu de amor.

Pobre Hanny, pensou Ernest. Não sabia no que acreditar. Por isso apenas sorriu e não disse nada. Acho que há certo consolo na negação.

Mas Rich sabia a verdade — Ernest percebeu pelos olhos arregalados de surpresa e pela admiração afável do homem, mesmo enquanto discorria sobre a vida pouco convencional em Las Vegas. Contou uma história de quando era assistente de um juiz durante a invasão do Roxie's, um famoso bordel da Costa Oeste. E sobre como uma vez conhecera a famosa Miss Bluebell, assim como Marli Renfro, a corista que atuou como dublê de corpo de Janet Leigh em *Psicose*.

Felizmente para todos, Hanny e Rich tiveram de sair antes da sobremesa. Rich tinha de atender um telefonema de um cliente que estava na cadeia.

Ernest apagou o cigarro e afrouxou a gravata, olhando na direção de Chinatown, vendo os carrinhos de pipoca e os banhos turcos, homens de negócio com capa de chuva indo para casa ou para algum bar, secretárias correndo para o correio ou para se encontrar com os namorados para um drinque. Podia ver o

velho prédio do Tribunal de Washington ao longe — fonte do poder de madame Lou Graham e depois de Florence Nettleton. O prédio agora era sede da Union Gospel Mission, uma das poucas que sobreviveram à gripe espanhola, que tinha acabado com a maioria delas quarenta anos atrás. Agora o prédio tinha sinais de néon que diziam: ESTENDENDO A MÃO E TOCANDO VIDAS.

Se existe um Deus, é o deus da ironia, pensou Ernest. Os anjos da infância de Ernest foram substituídos por uma turma de homens barbados solitários que perambulavam pela calçada da entrada como pombos em busca de migalhas de pão, os trôpegos do meio-dia, já de cara cheia.

Ernest ainda olhava ao longe quando Juju saiu do restaurante.

— É tudo verdade, não é? — Ela apoiou uma das mãos no ombro do pai com carinho. — O que mamãe disse... e foi ali que vocês moraram.

Ernest assentiu, enquanto a filha lhe entregava uma sacola cheia de caixas cor-de-rosa de comida para viagem. Gracie surgiu atrás de Juju, debaixo do toldo, abotoando o casaco e cobrindo a cabeça com um lenço estampado floral quando o céu cinzento começou a garoar.

— Como ela está? — perguntou Ernest.

— Agitada — respondeu Juju. — Conversou com todo mundo sobre a nova Feira Mundial... Diz que está morrendo de vontade de ir. Mas está cansada. Faz uma eternidade que ela não vem a essa parte da cidade. Tantos rostos conhecidos, tanta coisa para processar, tantas... lembranças.

— Você está aceitando muito bem essa *revelação* sobre a sua mãe.

Juju deu de ombros.

— Eu ganho a vida lidando com o lado sensacionalista da humanidade. Se estou chocada? Claro, mas ela continua sendo minha mãe... quem sou eu para julgar? Tudo isso foi há muito tempo, numa época em que só uma em cada dez meninas se formava no ensino médio. Provavelmente foi sorte ter acabado no Tenderloin. Além do mais, tenho um prazo e uma matéria para escrever.

Ernest pigarreou.

— Ah, não me entenda mal — continuou Juju. — Vou deixar mamãe fora disso... eu não sou louca. Mas você... continua fazendo parte da grande reportagem. Ainda não consigo acreditar que foi rifado e acabou num bordel. Isso é um grande segredo.

Ernest balançou a cabeça.

— Li recentemente que Louis Armstrong foi criado numa casa de tolerância em New Orleans, um lugar bem parecido com o Tenderloin. Isso não prejudicou em nada as vendas dos seus discos.

Ernest teve uma lembrança de décadas atrás do Professor True falando sobre os garotos de rua que cresceram em Storyville, de como eles fuçavam os bolsos

dos engravatados distraídos para roubar alguns trocados. Em comparação, a vida de Ernest no Tenderloin fora bem respeitável.

Juju continuou falando.

— E agora, pensando bem, praticamente toda a fama de Mae West veio de interpretar o tipo de personagem com quem você cresceu.

— Mae West não está ajudando no seu argumento — comentou Ernest.

— Por que não? — perguntou Juju enquanto ajudava Gracie a abotoar o casaco.

— Porque me lembro de ir à Eayp e assistir a um grande músico chamado Guido Deiro — disse Ernest. — Ele acabou sendo o amor secreto de Mae West... um escândalo que atormentou a carreira dos dois.

— Naquele época era diferente — disse Gracie, dando de ombros. — As pessoas não ficaram paradas no tempo. Falando nisso, também precisamos nos mexer. Está começando a chover.

Ernest olhou para sua mulher, boquiaberto. Parecia que ela estava realmente acompanhando a conversa.

— Vou pegar o carro — falou.

— Eu gostaria de ir andando — interrompeu Gracie.

Ernest olhou para a filha, e a expressão de Juju pareceu dizer: *Por que não?*

Apesar do céu nublado, era uma agradável noite de verão. A avenida estava tranquila, os postes começavam a se acender, refletindo os halos de gasolina no asfalto molhado ao redor. Luzes de néon tremulavam nas calçadas molhadas, e alegres gaivotas catavam restos no lixo. Quando atravessavam a rua, Gracie reduziu o passo e parou. Olhou ao redor, a expressão subitamente aturdida. Tirou o lenço da cabeça e o jogou no chão. Ernest teve uma sensação de déjà-vu quando Gracie ficou imóvel, uma estátua olhando para o céu quando a chuva começou a cair.

— Qual é o problema, mãe? — perguntou Juju.

Automóveis viraram a esquina, reduziram a marcha e buzinaaram, mas acabaram se desviando deles, banhando a rua com seus faróis. Ernest largou a sacola para viagem e segurou Gracie no momento em que as pernas dela bambearam e ela caiu em seus braços.

DIAS NUBLADOS

(1910)

ERNEST ESTAVA CHEGANDO COM grandes latas de querosene numa terça-feira chuvosa quando ouviu uma algazarra no terceiro andar. De início supôs que as portas batendo e os gemidos fossem de madame Flora tendo outro de seus *maus momentos*. Mas quando largou as latas e subiu a grande escadaria, seguido por Fahn e pelo Professor True, Ernest ouviu uma calorosa discussão que incluía uma voz de homem. Quando chegou ao patamar, viu a srta. Amber disparando pelo corredor com um taco de beisebol na mão e gritando com um homem. Com sua maior e mais vermelha peruca, ela ficava mais alta que os novos clientes do Tenderloin. Um estridente grupo de garotas do andar de cima, ainda no processo de se vestir, juntou-se à disputa aos gritos, como um coro de fúrias dominadoras e intimidantes. Suas vozes ecoavam no papel de parede estampado de pombos.

Em inferioridade numérica, os brados do homem se transformaram em ganidos quando ele balbuciou:

— Vocês são mesmo um bando de meretrizes baratas. — Pegou rapidamente seu chapéu e a gravata e saiu correndo. Algumas garotas atiraram sapatos e escovas de cabelo no homem, com os objetos ricocheteando nas paredes, na cabeça dele ou nas duas coisas.

A srta. Amber praguejou e também gritou:

— Eu nunca mais quero ver sua cara. O último homem que provocou tumulto sob o meu teto foi parar na prisão. Imagina explicar isso ao seu patrão. Ou à sua mulher!

Ernest e Fahn encontraram Maisie no corredor; seu rosto estava corado de emoção.

— O que aconteceu? — perguntaram os dois.

— Esse cretino ficou com ciúme. Queria que Jewel ficasse com ele. — Maisie meneou a cabeça e lançou adagas para o homem com o olhar enquanto o Professor True o acompanhava para ver se ele ia embora. — E quando Jewel riu e disse não, obrigada, ele a estapeou, começou a gritar e a dizer palavrões. Bateu a cabeça dela na parede. Por sorte a srta. Amber fica de olho em todos esses novos cavalheiros nesses dias.

Ernest mal conseguia se lembrar do rosto do homem, quanto mais de seu

nome. Desde a doença de madame Flora, os negócios também andavam devagar. Sua presença como anfitriã e mestre de cerimônias nas noites de entretenimento era um ingrediente crucial da magia do Tenderloin. Sem sua presença no palco, uma tristeza pesada se abateu sobre o lugar, e os frequentadores começaram a sentir isso. Deixaram de vir com tanta frequência. Ademais, seus inúmeros tratamentos e visitas à clínica estavam custando uma pequena fortuna, apesar de pouco fazerem para evitar seu mergulho na loucura.

Como consequência, a srta. Amber foi obrigada a abrir as portas dos opulentos cômodos do Tenderloin para estranhos. Antes disso, novos clientes só podiam entrar na companhia de frequentadores habituais de confiança, alguém que se responsabilizasse por eles e os recomendasse. Agora, o Professor True, às vezes com a ajuda de Ernest, tinha de expulsar algum bêbado beligerante pelo menos uma vez por semana. Ernest sentia como se tivesse envelhecido anos nos últimos meses. Não era mais um simples empregadinho da casa. Parecia ter herdado as responsabilidades de um homem adulto, sempre em guarda, protegendo membros de sua estranha pequena família.

— Aquele sujeito deu sorte — comentou Maisie. — A srta. Amber só pegou o taco de beisebol. Qualquer dia ela pode atirar em algum homem, ou cortar o que eles mais prezam. Um crápula como esse pode acabar como *castrato* na Casa de Ópera de Squire.

— Vai melhorar — disse Fahn. — Madame Flora ainda vai voltar ao seu juízo normal.

Ernest esperava pelo melhor, mas não tinha tanta certeza. A patroa deles andava tendo mais dias ruins do que bons. E mesmo seus dias bons não eram mais os mesmos. Às vezes ela se arrumava com todo o garbo e presidia uma noite de gala numa sexta-feira, apresentava um poeta ou um famoso violoncelista que estivesse na cidade convidado pela sinfônica. Mas seu tempo sob os holofotes era sempre tênue, e seu sorriso mal disfarçava a inquietação que espreitava em seu íntimo.

Ernest coçou a cabeça e olhou de um lado ao outro do movimentado corredor — com as garotas indo e voltando com seus elegantes vestidos e camisolas de seda —, mas não conseguia parar de pensar. Talvez um cliente certo conseguisse realmente *mudar* as coisas. Talvez essa pessoa fosse Louis Turnbull, afinal. Com toda a certeza ele não era o único a imaginar que a antiga paixão de Flora pudesse ser a resposta para o complicado enigma em que o Tenderloin havia se transformado. Mas ninguém falava o nome do homem — ao menos não na presença da srta. Amber. Apesar de seus presentes continuarem chegando — caixas de Bordeaux Château Latour, um casaco russo de zibelina que ia até os pés, um vaso vermelho de porcelana, um quadro de um pintor chamado Sargent.

Será que Louis Turnbull sabia dos acessos de loucura de madame Flora? Deveria saber... não havia como uma coisa dessas passar despercebida. As fofocas corriam depressa. Talvez Turnbull achasse que poderia resgatar seu amor perdido do fantasma que madame estava se tornando. Ou achasse que seu estado era exagerado por boatos disseminados por rivais enciumados.

— Tudo bem, voltem ao trabalho, meninas. Eu cuido de tudo aqui — disse a srta. Amber, batendo palmas. — Você também, meu jovem.

Ernest aquiesceu, passando pela srta. Amber a caminho da escada de serviço e pela porta aberta do quarto de Jewel. Deu uma espiada lá dentro e viu que madame Flora estava lá, sentada na beira da cama, abraçando a garota, tratando seu olho roxo e o rosto esfolado com uma toalha molhada.

Ele se afastou quando Maisie entrou no quarto e se sentou ao lado da mãe, ainda de camisola e bobes no cabelo. Madame Flora passou o outro braço ao redor de Maisie, beijando-a carinhosamente na testa.

— Minhas meninas são o meu mundo — declarou madame Flora enquanto abraçava as duas, balançando-as delicadamente para a frente e para trás. — Nunca mais ninguém vai machucar vocês. Prometo.

DIAS DE SOL

(1910)

MADAME FLORA FOI FIEL À SUA PALAVRA. O Tenderloin voltou à sua política de apenas admitir frequentadores habituais, apesar da redução do movimento. E não houve mais incidentes. Agora a única preocupação era quando a casa ficava silenciosa demais em algumas ocasiões — apenas com o irônico som do Professor True tocando “Everybody’s Doing It Now”.

Mas pelo menos a primavera tinha chegado. A neblina matinal se tornou uma vaga lembrança e a chuva tirou umas férias breves e inesperadas, deixando a luz do sol cuidando de Seattle em sua ausência. Quando saiu para a rua, Ernest maravilhou-se com os cheiros: milhares de florzinhas de *sakura* enchiam o ar, volteando na brisa como flocos de neve rosados. Os botões floresciam uma vez por ano, e só durante uma semana ou coisa assim, mas simbolizavam um renascimento, um novo começo. Assim como o novo hotel inaugurado na esquina da Sexta Avenida com a Rua Principal — para onde Fahn, Maisie e Ernest se dirigiam agora.

— Venham comigo, tenho uma surpresa para vocês dois — dissera Fahn, conduzindo Ernest e Maisie por Chinatown, passando por carrinhos de maçã e peixeiros na movimentada vizinhança japonesa ao norte. Desviavam-se das cerejeiras em flor. Ernest adorava os ciclos de beleza e repouso dessas árvores, ao contrário das sempre-vivas, que em comparação pareciam constantes e tediosas.

Lembrava-se de ter lido que as mudas de cerejeira haviam chegado a Washington como presente do Japão à esposa do presidente Taft — duas mil árvores ao todo. A maioria tinha definhado por conta de alguma doença que havia se espalhado, e agora todas as novas árvores eram arrancadas e destruídas antes de enraizarem.

Que pena, pensava Ernest. As novas árvores de Seattle eram lindas de se ver e estavam finalmente se desenvolvendo, a uma estação de dar seus frutos. Todas apontavam para o sol, esperando para dar tudo de si.

— Qual é a surpresa? Que está tentando ser a próxima garota Gibson? — perguntou Maisie. — Você já contou à Rose, aquela faladora, por isso todo mundo já sabe do seu plano. A notícia já se espalhou por todo bairro, a essa

altura já chegou a Aberdeen.

Era só uma questão de tempo, pensou Ernest, fechando a cara.

Fahn vinha praticando a cerimônia de chá japonesa havia meses. E conseguia continuar trabalhando normalmente, limpando a casa e polindo a prataria, bem próxima às garotas do andar de cima, na esperança de melhorar suas já formidáveis habilidades sociais. Fahn era autodidata em flertar e encantar, seguia Jewel por toda parte e pegava livros emprestados dela, como *A evolução da modéstia* de Henry Havelock Ellis.

— Nada disso. — Fahn descartou o comentário, papagueando madame Flora. — Uma dama não nega nem confirma fofocas pueris. Fazer isso é o mesmo que lutar contra um porco: a gente se suja, mas o porco gosta. — Em seguida mostrou uma maçã que tinha roubado de um carrinho da rua e deu uma mordida, com indiferença. Ofereceu a maçã furtada a Ernest e a Maisie, mas os dois recusaram, franzindo a testa. Esperaram um comboio de caminhões Sternberg passar, depois um bonde, e atravessaram a rua.

— Não tem importância — disse Fahn. — Já estamos quase chegando.

Enquanto caminhavam pela calçada, Ernest se sentia mal ao pisar em tantos frágeis botões de flores que salpicavam o pavimento. Mas logo esqueceu sua preocupação quando viraram a esquina e viram os tijolos pintados e as janelas cintilantes do hotel que havia recebido o nome da mais recente aventura internacional dos Estados Unidos — o Canal do Panamá. Trabalhadores de Seattle — e de todas as partes, aliás — foram mandados para escavar um canal ligando o Pacífico ao Atlântico, o tempo todo enfrentando a malária e a floresta. Ernest tinha lido no jornal que muitos cientistas estavam preocupados que o equilíbrio da vida nos dois oceanos fosse perturbado para sempre quando os dois sistemas se encontrassem. A ideia pareceu familiar a Ernest, que era visto como mestiço tanto na China quanto em Seattle. Ficou imaginando se Fahn já tinha se sentido dessa maneira. Se tivesse, jamais demonstrara. Também se perguntou se Maisie se sentia deslocada naquela parte da cidade, que Fahn chamava de Nihonmachi.

— Chegamos — anunciou Fahn, quase sem fôlego depois de subir a ladeira da Sexta Avenida. — Sejam bem-vindos ao Hotel Panamá.

— E... o que exatamente estamos fazendo aqui? — indagou Maisie, um tanto sem fôlego.

— Não faça essa cara de paisagem, eu não trouxe vocês até aqui só para mostrar o hotel. Trouxe-os para mostrar o que está embaixo... Hashidate-Yu, a melhor casa de banhos do Japão em Seattle. — Fahn fez um grande floreio com as mãos, como um mágico revelando um mistério arquitetado nos bastidores, depois apontou para uma série de degraus que levavam ao subsolo.

Ernest já havia passado por casas de banho na Pioneer Square, das quais todos os marinheiros escandinavos de Ballard gostavam, e também por outras, quando cumpria alguma tarefa nesta parte da cidade — a Shimoju, a Naruto, a Hinode. Mas nunca teve coragem de entrar — nem sabia bem o que era uma casa de banhos pública, nem como funcionava.

— Que bom pra você, Fahn, mas o que *nós* estamos fazendo aqui? — perguntou Maisie, com uma expressão que misturava desprazer e cautela. — Será que eles deixam a gente entrar?

— Essa é a beleza de um *sento* — respondeu Fahn. — *Qualquer um* pode entrar... homens e mulheres, ricos e pobres. Venham comigo. Eu vim aqui quando o hotel inaugurou, no mês passado. Queria mostrar para vocês; é adorável, e a sensação é maravilhosa. Eu costumava ir a uma *onsen* toda semana quando era garotinha no Japão. Esta é quase tão boa.

Ernest desceu a escada atrás das duas e entrou por uma porta dupla. Sentiu uma onda de vapor e umidade no rosto, fazendo sua camisa parecer molhada e pesada. Inalou o aroma de sabonete e roupa recém-lavada enquanto pagava vinte centavos para entrar, com direito a uma toalha de banho e uma esponja. Tirou os sapatos, como recomendado num cartaz. Alguns frequentadores japoneses circulavam pelo local.

— Você está certa disso? — perguntou Maisie.

— Talvez seja melhor vocês duas irem sem mim... — murmurou Ernest.

— Relaxa. Eles têm banheiras separadas para homens e mulheres, garotos e garotas — explicou Fahn. — É só fazer o que todo mundo faz, primeiro se lavar, depois entrar na banheira gigante. Se você sentar perto da parede, a gente vai estar logo do outro lado, certo?

— Entendi — disse Ernest, mas seu coração estava disparado. Lembrou-se de que, quando era garoto, o pessoal de Jiangsu frequentava o banho público, mas ele e a mãe nunca puderam entrar. Eram pobres demais. Como quase todos na aldeia, eles se banhavam no mesmo rio frio e barrento onde lavavam as roupas, corrente acima do local onde as pessoas despejavam seus baldes de detritos noturnos.

Relutante, Ernest seguiu um japonês mais velho através de uma cortina até o lado masculino da casa de banho, chegando a uma série de vestiários de madeira. Metade da dezena de frequentadores mais velhos estava em diversos estágios de nudez, alguns se enxugando, outros em imersão, um sentado num banquinho se esfregando com uma escova de madeira. Outro num canto perto de uma janela da lavanderia, tomando uma cerveja Rainier, com uma toalha em torno da cintura e esfregando a garrafa fria na testa. Ernest se sentiu meio constrangido quanto à própria idade ao ver os homens mais velhos se movimentando devagar,

andando com cuidado nas lajotas do piso molhado.

Conseguia escutar Fahn explicando as regras da casa de banho a Maisie do outro lado da parede, bem como o alarido de mulheres mais velhas rindo e conversando.

Tendo visto os outros homens fazerem o mesmo, Ernest pegou um vasilhame de metal e tirou água de uma grande banheira, sentou num banquinho e usou uma toalha e sabonete para se lavar. Depois pegou outro tanto de água quente para se enxaguar, várias vezes, até ficar limpo, com a pele amorenada fumegando. Subiu os degraus de mármore que rodeavam a enorme piscina. Entrou na água devagar, pouco a pouco, até estar todo imerso, e encontrou um lugar perto da parede. Aquela água cristalina, que parecia quente o bastante para cozinhar um ovo, chegava até pouco abaixo do seu queixo. O calor era incrivelmente relaxante, e havia algo na pureza daquela imersão, uma coisa mágica em estar numa banheira dignamente preparada. Aquilo o fez se sentir menos constrangido na presença dos velhos enrugados sentados do lado oposto, de olhos fechados, como que dormindo ou meditando, ou recuperando-se de uma longa noite de bebedeira.

Sentiu a água se agitando como uma cadeira de balanço. Notou uma pequena abertura retangular na parede, não maior que uma caixa de sapatos, por onde a água passava livremente entre as banheiras dos homens e das mulheres.

Foi aí que ouviu a voz de Fahn.

— Você já chegou? — perguntou ela.

— Estou aqui. Tem de ser tão quente assim?

— É por conta da hora. A água está mais quente de manhã. É quando os mais velhos vêm para o *sentto*. As mães trazem os filhos depois das aulas, e os homens só aparecem à noite, depois do trabalho e antes de ir à cidade. Um pouco antes da madrugada, as pessoas vêm se refrescar antes de dormir. A água vai ficando mais fresca na transição do dia para a noite. O que você está achando?

— É bom — respondeu Ernest. — Acho.

— Eu não tomo banho com outras garotas desde que comecei a andar — disse a voz de Maisie.

— Tente relaxar — recomendou Fahn. — Esvaziar a cabeça.

Ernest fechou os olhos. A água era relaxante. Ouvia o barulho quando outros homens saíam da piscina para se enxugar e começar a se vestir. Logo percebeu que estava sozinho no grande salão. Depois ouviu um sussurro, um som quase inaudível no gotejar da banheira e na sucção do ralo.

— Ótimo — disse Maisie a Fahn, respondendo a alguma coisa. — Feche os olhos, Ernest.

— Já estão fechados.

— Então continue assim — recomendou Fahn.

Ele fez o que lhe foi pedido, mesmo quando ouviu o ruído das argolas de metal de uma cortina correndo e o som abafado de pés descalços no piso molhado. Em seguida sentiu a água quente subir e a marola no queixo, sinalizando que alguém mais tinha entrado na água.

Entreabriu os olhos e viu as duas garotas entrando, cobrindo-se com as mãos e os braços e a pequena toalha de algodão, a pele rosada na água quente.

— Ei! Não vale olhar — disse Maisie.

Ernest cobriu o rosto com as mãos molhadas e sorriu ao sentir as duas nadando, espirrando água antes de sentarem perto dele, Maisie de um lado, Fahn de outro.

— Surpresa — cochichou Fahn, com Maisie dando uma risadinha.

Quando abriu os olhos as duas estavam quadril a quadril com ele, água até o pescoço. Tentou olhar diretamente para a parede à frente, mas seus olhos vagavam pelas nuvens de vapor, e ele não conseguia deixar de notar os cabelos compridos das duas flutuando como folhas de lótus na superfície, as pernas nuas esticadas, boiando. Fahn dobrou sua toalha num quadrado e a pôs na cabeça. Maisie jogou água quente no rosto e deixou escorrer por trás das orelhas. Depois cada uma segurou as mãos de Ernest, para não se separarem.

— Isso é permitido? — perguntou Ernest, corando, apesar de na verdade não se incomodar. Seu rosto já estava vermelho pelo calor, oculto por nuvens de vapor. — Eu não gostaria que fôssemos expulsos daqui ou coisa assim...

— Você se preocupa demais, Ernest — disse Fahn, afundando mais na banheira e agitando os dedos do pé acima da superfície. — Isso é normal no lugar de onde viemos... e não estou falando do Tenderloin. Além do mais, é uma hora tranquila. Os velhos já foram para casa e o pessoal das escolas ainda não chegou. É a nossa vez.

Uma senhora japonesa passou por ali, recolhendo toalhas molhadas para a lavanderia e limpando o banco que ladeava uma fileira de escaninhos de madeira e de anúncios pintados à mão do restaurante Maneki e da Loja de Variedades Higo. Olhou duas vezes quando viu os três na banheira, provavelmente mais surpresa com o cabelo louro de Maisie do que com os três se banhando juntos, mas não disse nada.

— Olá. Que belo clima está fazendo — disse Ernest. As garotas deram risada, mas a expressão da mulher continuou imutável enquanto seguia para as caldeiras, fechando a porta ao sair.

Ernest imaginou o que aconteceria se a sra. Irvine entrasse e o visse naquele momento. Imaginou os olhos dela se arregalando, o queixo caindo enquanto recolhia suas coisas.

Sentiu Fahn se soltar e se afastar, flutuando devagar. Maisie também. Elas sorriam e boiavam, abrindo os braços e as mãos, os pés, às vezes encostando os corpos no dele. Voltou a fechar os olhos.

— Não acredito que estamos fazendo isso — disse Maisie em voz baixa, fazendo marolas na superfície vítrea e vaporosa da água. — No que está pensando, Ernest?

Procurou palavras que pudessem descrever aquele momento, aquela alegria estranha e maravilhosa, mesclada de um inebriante nervosismo e fortes emoções. O cálido oceano de felicidade e contentamento que o envolvia parecia infinito. Gostaria que Maisie e Fahn conseguissem ler seus pensamentos — e que tudo pudesse ser sempre assim.

No caminho de volta para casa, Ernest parou perto de uma cerejeira em flor e entalhou um grande coração com a ponta do alfinete de cabelo. Dentro do coração, escreveu três conjuntos de iniciais, enquanto as garotas giravam em meio aos botões cadentes.

CHEGADAS E PARTIDAS

(1910)

ERNEST JOGOU UMA PILHA DE CARVÃO na grande caldeira no subsolo do Tenderloin, garantindo bastante água quente para o banho matinal das garotas Gibson, ainda que a imersão nas bacias rasas para os pés dos andares de cima não se comparasse à felicidade de mergulhar nu em um *sento*. Fechou a ruidosa porta da caldeira com uma luva de couro e sentiu o calor intenso e ofuscante diminuir lentamente. Voltou a vestir a camisa, já apertada em seu tórax bem desenvolvido.

Limpou a rampa do carvão, repôs o estoque no depósito e se lavou para o desjejum. Quando chegou ao refeitório das empregadas, Iris, Rose e Violet já estavam lá, tomando um chá recém-preparado. Cumprimentou as moças e ocupou seu lugar na cabeceira da mesa comprida. Comeu uma mistura de presunto da noite anterior, milho e purê de batata enquanto folheava uma edição amassada do *Seattle Star*. Viu um artigo sobre uma garota de programa chamada Hazel Moore, que fora presa e estava lutando contra aquela atitude. A série que ela escrevia, “Minha confissão”, tinha se tornado popular entre as garotas do andar de cima. Ernest leu sua triste história, de uma garota do campo que chegou a ser uma promissora atriz de musicais. Acabou se tornando amante de um homem rico, que agora cumpria sentença na Ilha McNeil, enquanto o destino dela continuava indeterminado, muito parecido ao que restava da memória de madame Flora.

Mas até mesmo aquelas histórias tocantes se perdiam nas últimas notícias do dia.

Ernest virou a página e Rose leu por cima de seu ombro: “Astrônomos na Inglaterra dizem que a cauda do cometa Halley tem milhões de quilômetros de comprimento, é formada por cianogênio e pode matar todos nós quando a Terra passar por seus gases venenosos”. Olhou para Ernest com olhos arregalados de preocupação, apontando para o artigo.

— Se quer saber, é tudo um presságio de alguma coisa terrível.

Violet revirou os olhos, enquanto Iris dizia:

— O que você está sugerindo é um absurdo. É só uma grande estrela cadente, querida, como o cometa Daylight que vimos em janeiro. É só fazer um desejo e

pronto. A verdadeira notícia é que você é uma tonta.

Rose falou, afobada, segurando o jornal:

— Sempre que ele reaparece, coisas terríveis acontecem. Olha só a Inglaterra... O rei deles está no leito de morte. E essa senhora, madame de Thebes, diz que vai haver uma enchente em Paris. — Pôs a mão no quadril e inclinou a cabeça, como se tivesse encerrado a discussão.

De todas as empregadas, Rose era a mais seduzida pelo fervor mundial a respeito de cometas, espíritos e astrologia. Chegou a consultar Alexander: O Homem que Sabe no Teatro Pantages. Tinha comprado também um tabuleiro Ouija e assustado metade das garotas do andar de cima, até a srta. Amber se livrar do jogo de salão.

Quando Fahn chegou à mesa, Ernest estava ouvindo a discussão, imaginando madame Flora como uma estrela particular das meninas, riscando o céu e deixando uma evanescente trilha de luz.

Era o fim do mundo *delas*: o declínio da saúde da madame e de sua disponibilidade para a alegria, seu senso de negócios, seu charme e postura.

Enquanto Violet e Iris falavam sobre as tarefas do dia, e Rose e Fahn faziam comentários sobre os atraentes clientes da noite anterior, Ernest conjecturava se elas também tinham notado que os ataques histéricos de madame Flora se tornavam cada mais frequentes. Será que ouviam as conversas aflitas à noite, os baques no chão, a luta da srta. Amber para manter madame Flora no quarto quando ela estava fora de si, disparando como um sino de igreja? Ou o jeito taciturno como Maisie carregava o peso da perda da mãe, refletindo o ciclo de dias bons e dias ruins? Ou será que preferiam não ver o que acontecia na própria casa e falar das histórias sensacionalistas sobre as recentes agitações raciais, Jack Johnson saindo com uma mulher branca ou aeroplanos e recordes mundiais? Ou sobre o Marmon e os presentes que continuavam chegando.

— Ainda não consigo acreditar nessa coisa! — disse Rose para ninguém em particular. — A maioria dos homens manda flores ou chocolate suíço, ou às vezes echarpes de seda, mas esse sujeito compra um carro novo em folha pra gente. Que pena ele não ter mandado em dinheiro!

Ernest deu uma olhada pela sala e notou expressões nervosas.

— Não há por que se preocupar com Louis Turnbull — comentou Maisie. — Esse velho bobo não se contenta com uma fatia, ele quer o bolo inteiro. Mas, se ele der uma boa mordida, vai saber o gosto de madame Flora agora. Vai dar meia-volta e sair correndo... esse covarde imprestável.

— E como vai sua grande promoção, rapaz? — gritou a sra. Blackwell da cozinha, tirando Ernest de seus pensamentos. — Madame sempre quis um verdadeiro chofer. Assim que o Professor ensinar você a operar aquela

geringonça, vai poder nos levar em passeios aos domingos. Ah, como eu gostaria de mergulhar meus joanetes no Green Lake Park.

— Leve seus trajes de banho e vamos passar um ótimo dia — prometeu Ernest.

As meninas deram risada e Ernest sorriu. O Professor True já havia lhe dado três semanas de lições de direção. A mais recente fora uma jornada com muitas paradas e sobressaltos, em que percorreram doze quarteirões até a J. Redelsheimer & Co., onde compraram um casaco de couro de chofer, luvas macias, óculos e um quepe. Sabia que madame Flora não podia gastar esse dinheiro, mas ela insistiu.

Ernest fora informado de que, quando passasse pelas doze perguntas de seu exame de motorista, já começaria a levar madame Flora e a srta. Amber às inúmeras consultas médicas por toda a cidade.

Entrementes, algumas das garotas Gibson não se mostravam tão ansiosas para andar no carro. Tinham lido artigos em respeitáveis revistas dizendo que viajar a velocidades tão altas — até trinta quilômetros por hora — podia causar sofrimentos mentais agudos, excitação nervosa e problemas circulatorios em mulheres. Outros artigos questionavam o decoro de um homem e uma mulher viajarem juntos num automóvel.

Mas, como disse Maisie:

— De qualquer forma, o que madame Flora tem a perder? — Deu risada e pediu para Ernest ligar o carro.

Naquele dia as ruas estavam ressecadas e o sol brilhava, por isso a srta. Amber despachou Ernest e o Professor True para mais uma lição — na verdade, mais uma batalha. Ernest puxou suavemente a ignição para dar partida naquela máquina, mas se atrapalhou com os pedais e a caixa de marchas, com a embreagem e o freio de mão.

— E leve as nossas gêmeas maltrapilhas com você, já que vai sair — disse a srta. Amber. Ernest sentiu-se nervoso, porém animado por afinal levar alguém para dar uma volta.

— Não pense em nós como passageiras — ironizou Maisie. — Pense em nós como vítimas.

— Sobreviventes — emendou Fahn. — Estamos mais seguras aqui do que na calçada!

As duas sentaram no banco traseiro, rindo e cantarolando, mas pareciam mais apreensivas do que quando esperavam na fila da montanha-russa da Grande

Feira. Procuravam coisas no automóvel para se segurarem, em busca de maneiras de se proteger.

— Como você sabe tanto sobre dirigir automóveis, Professor? — perguntou Fahn quando o músico engatou a marcha. Se o incomodava brincar de mecânico ainda usando o smoking da noite, ele não demonstrou seu desprazer.

O Professor gritou mais alto que o som do motor:

— Eu não sei nada! Só sei como um motor funciona, boneca. Muito tempo atrás, passei um inverno ajudando meu irmão a operar um cortador de gelo feito com um motor adaptado. O resto... Ah, a gente vai descobrindo. — Entrou no banco do passageiro ao lado de Ernest e deu um tapinha nas costas dele. — O que pode acontecer de pior?

Ernest tentou não pensar no carro capotando na calçada ou batendo num ônibus. Ao menos ele era mais maduro que alguns outros motoristas nas ruas. Garotos de até onze anos estavam sendo contratados como motoristas por toda a cidade.

— Quando eu vou ter uma chance? — perguntou Maisie.

— Assim que eu concorrer para presidente — respondeu o Professor True. — Você conhece a madame e a srta. Amber: há coisas que uma mulher decente simplesmente não deve fazer, e dirigir um automóvel é uma delas.

Ernest se conteve para não comentar sobre a ironia de coisas que uma mulher decente do Tenderloin *não fazia*.

— Bem, quando eu conseguir votar — argumentou Maisie —, vou garantir que as mulheres vão poder dirigir o quanto quiserem...

— Na velocidade que quisermos — acrescentou Fahn.

— Por que vocês querem dirigir quando têm a mim como chofer? — interrompeu Ernest, pisando no pedal e engatando a marcha do conversível. O carro teve de fazer uma manobra no meio da rua quando outro veículo passou por eles. — Não precisa responder.

— As coisas vão mudar — disse Maisie. — Você não perde por esperar...

— Agora você está falando como a sra. Irvine — replicou Ernest enquanto voltava a dar partida no carro e eles seguiam pela Primeira Avenida, contornando o Bon Marché, a Frederick & Nelson e a loja de tecidos Knosher's. Logo adiante, puxou firme a alavanca do breque para virar uma esquina e teve de desviar para não bater num bonde vindo na direção contrária. O Professor True segurou o chapéu, cantando a melodia de "The Longest Way Round Is the Sweetest Way Home".

Ernest se agarrava à direção e Fahn passou os braços por seu pescoço, cantando o refrão em seu ouvido:

— *Dois jovens amantes seguiam o fluxo, disse a moça com um sorriso*

enquanto desciam os degraus...

— Não vá destruir o carro — disse o Professor True quando Ernest subiu com uma roda na calçada e voltou ao meio-fio. Fahn parou de cantar e começou a rir. — A madame pode precisar dessa coisa — acrescentou. — Parece que ela e a srta. Amber vão fazer uma viagem a São Francisco para consultar alguns médicos especialistas... Talvez fiquem por lá alguns meses, e esses remédios da última moda não saem baratos. O dinheiro anda curto com madame Flora fora de forma, por isso elas estão pensando em vender este carro para pagar a viagem.

Ernest se sentiu ao mesmo tempo surpreso e aliviado em ouvir alguém por fim falar abertamente sobre o estado de madame Flora. Soprou uma mancha de pó do painel, frustrado ao pensar em perder aquela máquina tão nova e moderna justamente quando começava a pegar o jeito da coisa. Não sabia bem no que acreditar.

— Quando você ouviu isso? — perguntou Maisie. Segurou a barra do vestido quando o tecido voou com o vento. — Quem te contou isso?

— A srta. Amber me contou ontem à noite, Flor de Maio. Achei que você sabia.

Antes do desjejum, Ernest tinha ouvido a sra. Blackwell mencionar que haveria um anúncio naquela noite. Imaginou que a grande notícia fosse outra festa como a do Dia dos Namorados com tema vitoriano. Ou a libidinosa caça aos ovos que madame Flora realizava no andar de cima. Apesar de algumas empregadas andarem cochichando sobre possíveis cortes de salários ou trabalhar mais nos fins de semana.

Ernest desacelerou e buzinou, tocando no chapéu para cumprimentar um grupo de senhoras que acenaram quando eles passaram. *Por que me mandar ter aulas de direção se estão pensando em vender o carro?*, ponderou.

Pouco depois sentiu a mão de Fahn em seu ombro de novo quando ela se aproximou e murmurou:

— É a minha grande oportunidade, jovem Ernest.

Naquela tarde, depois do almoço e com as tarefas cumpridas, Ernest sentou-se com Maisie na escada de incêndio para fazer uma pausa, bebericando um copo de limonada gelada. Ficaram balançando os pés descalços enquanto observavam um navio a vapor, provavelmente carregado de operários e vagabundos, navegando em direção à ilha de Bainbridge, seguido por um rastro de fumaça. Os dois contaram os barcos da pequena frota, bem como os botes menores, que transportavam moradores do centro para Alki Point e famílias para o Luna Park.

Ernest se espreguiçou. O clima estava estranhamente agradável. As chuvas de março não compareceram, e o brilho do sol quente parecia uma dádiva. Agora mais compridos, os cabelos louros de Maisie esvoaçavam na brisa, com os cachos roçando o rosto de Ernest, fazendo cócegas em sua bochecha.

— Desculpe — disse ela, amarrando os cabelos junto à nuca com uma fita. — Mas não posso cortar o cabelo, por ordem de madame Flora e da srta. Amber, tudo parte da conspiração das duas para me transformar numa dama, a próxima grande dama. Como se eu *quisesse* o emprego delas...

Enquanto observava o casco prateado da barca para Bainbridge manobrar suavemente contra a maré e a brisa, Ernest pensou em Maisie e em sua silenciosa transformação. Já não trajava mais macacões, suspensórios e amarfanhados chapéus de aba curta. Agora usava vestidos e maquiagem francesa todos os dias. Mas não eram só essas mudanças que ele notava. Como presente de Natal, por exemplo, madame Flora, num momento de lucidez (ou de loucura), havia providenciado para seu colibri aulas de dança particulares com Anna Pavlova, uma famosa bailarina em visita à cidade. Maisie torceu o nariz para o presente, mas logo depois da aula Ernest a surpreendera tentando ficar na ponta os pés, mais de uma vez. Também tinha aulas de oratória com outras garotas, lia sobre política e sufrágio feminino e estava até estudando os prós e contras dos últimos movimentos a favor da temperança.

Ernest não tinha dúvidas de que madame Flora estava preparando a filha para um dia se tornar *madame* Maisie. Afinal, filhos de médico costumavam seguir os pais na medicina, filhos de contadores costumavam acrescentar suas assinaturas aos livros contábeis dos pais. Por que uma filha não seguiria sua muito bem-sucedida mãe como gerente de uma atividade noturna?

Ernest tentou não olhar para a garota que conseguia virar seu coração do avesso simplesmente amarrando o cabelo com uma fita, da mesma forma como acontecia quando Fahn o beijava. Preferiu ficar apreciando o céu azul sem nuvens. Parecia que o verão havia chegado mais cedo, trazendo o sol junto como uma promessa de consolo, aceitação e oportunidade. Soltou um suspiro de alívio, como se tudo parecesse possível e todas as coisas boas estivessem ao seu alcance.

— Você sabe o que Fahn está querendo, não sabe? — perguntou Maisie.

Ernest suspirou.

— Acho que sim.

— Ela está falando sério... — Maisie balançou a cabeça. — Está com madame Flora e Amber neste momento, tentando convencer as duas a deixá-la seguir os passos de Jewel e se tornar a próxima *belle de Tenderloin*. Por que ela faria uma coisa tão estúpida?

Maisie continuou falando, sem esperar uma resposta.

— Fahn tem uma vida ótima. Consegue morar aqui sem ter de *trabalhar* aqui, se é que você me entende. Podia crescer e tomar conta de uma residência... não só aqui no Garment District, mas em qualquer casa da cidade. Sempre há vagas para uma boa empregada doméstica, e até a srta. Amber lhe daria boas referências. Ela é louca de querer acabar sendo mais uma *marafona* de aluguel.

Ernest nunca tinha ouvido aquela palavra, mas era fácil entender o que significava. Meneou a cabeça.

— Fahn acha que está se vendendo, mas na verdade só está se entregando.

Maisie concordou e parou de falar de repente.

— Você gosta dela, não é?

— Não é bem assim — evadiu-se Ernest. — Bem, talvez um pouco. Mas não faz diferença, faz? Ela tem outros planos.

Maisie pareceu decepcionada, com um pouco de ciúme, mas logo os dois ouviram gritos na alameda, onde um grupo de adolescentes mexia com Maisie por ela estar mostrando as pernas. Faziam gestos obscenos, e ela logo enfiou o vestido longo embaixo das pernas.

— Ei, garotinha linda! — gritou um dos garotos. — Achei que as putas não saíam durante o dia.

Os outros garotos deram risada e se juntaram ao primeiro. Um deles chegou a desabotoar a calça e baixá-la até os tornozelos.

Maisie xingou os garotos, mas Ernest pôde ver que seu rosto corou e lágrimas começaram a escorrer de seus olhos azuis. Ele tomou um último gole de limonada e esvaziou o resto do líquido na cabeça dos garotos lá embaixo. Eles praguejaram e gritaram mais alto ainda, enxugando os braços e os rostos com seus lenços.

— Você está sendo muito delicado — disse Maisie, fazendo pontaria e despejando o conteúdo inteiro neles, com copo e tudo. Sorriu quando o copo quebrou na cabeça do garoto sem calça com um som belo e satisfatório, espalhando limonada e cacos de vidro por todos os lados.

Maisie levantou e enxugou as lágrimas.

— Vamos entrar.

— Para saber sobre o anúncio?

— Não — respondeu Maisie. — Para ver o que mais podemos jogar na cabeça desses moleques.

Quando as empregadas terminaram de jantar naquela noite, a srta. Amber reuniu

as moradoras do Tenderloin no grande salão. Estavam todas lá — tanto as garotas do andar de cima como as empregadas e o Professor True — para ouvir o anúncio sobre o qual todas cochichavam.

Ernest sentou numa poltrona roxa estofada entre Fahn e Maisie, tentando não bater os pés no assoalho de madeira enquanto a srta. Amber andava de um lado a outro, como uma relutante marechal de campo de peruca violeta, prestes a se dirigir ao seu exército de desajustados e mal-ajambrados antes de calar baionetas e entrar em batalha.

— Onde está a madame? — perguntou Rose, chegando atrasada, como se não soubesse.

Houve um gemido contido do restante das empregadas.

— O que foi? — indagou Rose, olhando ao redor, olhos arregalados.

— Silêncio! — A srta. Amber deu um passo adiante antes que todas começassem a discutir. — Bem, eu vou chegar lá. A grande notícia é que...

— Eu não falei?! — exclamou Rose. — É o cometa, não é? Eu sabia...

A srta. Amber lançou um olhar para Rose que a fez se calar.

— Não, querida. — Madame Flora apareceu no alto da escada, para surpresa geral de todos. Pela expressão em seu rosto, a srta. Amber ficou chocada. Madame Flora desceu devagar, dizendo: — Eu posso assegurar... não é o cometa.

Ernest sorriu. Notou que o seu penteado não estava perfeito e que ela estava quase sem maquiagem, mas sua postura e magnetismo natural compensavam. Ela sabia como causar impacto, pensou Ernest, mesmo quando adoentada.

Depois de uma breve troca de palavras em voz baixa com a srta. Amber, a grande dama sorriu e começou a falar, olhando o salão lotado.

— Obrigada, minhas queridas, pela paciência nesses últimos meses, pela lealdade e também pela discrição. Como muitas de vocês já leram ou ouviram falar, a grande notícia *fora* das nossas portas é que o vereador Gill é o principal candidato à prefeitura, o que significa que logo teremos um amigo e frequentador num posto bem alto. Nosso sustento está garantido.

Ernest respirou fundo, expirou e ficou esperando.

— Porém, a má notícia é que... como posso dizer? Eu não tenho sido eu mesma já há algum tempo... Há meses, aliás. Algumas das garotas mais antigas reconheceram o que resultou na mudança da minha constituição, e vocês também podem saber... — As palavras dela se diluíram quando sua voz, normalmente tão aristocrática, engasgou de emoção.

A srta. Amber a interrompeu:

— O que madame Flora está dizendo é que ela tem uma doença grave, que não está melhorando, por mais que tentemos. A doença dela é preocupante,

causada por esse negócio maluco, e só agravada pelo quanto ela trabalhou duro em benefício de todas nós. Então agora chegou a nossa vez de fazer o que pudermos, antes que essa coisa se torne permanente, se não for tratada...

Ernest sentiu Fahn segurar sua mão enquanto ouvia. Tentava arduamente não se mostrar ansiosa, em contraste gritante com Maisie, que parecia preocupada. Ernest ficou segurando a mão dela enquanto aguardavam Flora e Amber chegarem ao verdadeiro problema. Não conseguia deixar de esperar por uma boa notícia — algo inesperado e maravilhoso, ainda que não conseguisse imaginar o que pudesse ser. Com certeza não era o que Fahn esperava.

Ernest passou os olhos por todas aquelas expressões — felizes, tristes e algo entre as duas coisas — que tinham se tornado a sua família. Adorava aquela sua nova vida. Apesar de certa feiura, parecia muito mais verdadeira e honesta, mais rica e satisfatória que a vida que levava sob a sra. Irvine e a custódia do Estado.

Madame Flora recuperou a compostura e continuou, embora sua energia parecesse estar se esgotando.

— A boa notícia... é que há um médico prussiano...

A srta. Amber continuou:

— O nome dele é dr. Erhlich, ele atende no Instituto Real de Terapia Experimental. É especialista em cura por soro. Mas a clínica dele fica na Alemanha, por isso vamos ter de viajar e esperar por lá até que madame Flora conclua o tratamento.

Todas pareceram abaladas, principalmente porque a Alemanha não estava sendo muito bem falada nos noticiários naqueles dias.

Todas, menos Maisie, que se animou. Debruçou-se na direção de Ernest e cochichou, irônica:

— Eu vou sentir sua falta, Ernest. Mas vou mandar um cartão-postal. E, se não voltarmos logo, é melhor você ir se encontrar com a gente, certo? Não vou deixá-lo a mercê da imaginação perversa da Fahn.

Ernest mal tinha assimilado a ideia do Tenderloin sem Maisie quando a srta. Amber pigarreou e chamou a atenção dele e de Maisie.

— Ninguém sabe o futuro — disse a srta. Amber. — Nem mesmo o Professor True.

Todos riram um pouco, mostrando coragem nos sorrisos.

— Mas eu *estou* esperançosa — continuou a srta. Amber — de que vamos voltar no final do verão e que madame Flora vai estar em forma de novo. — Respirou fundo e expirou, como se sustentasse uma grande carga nos ombros. — Dito isso, o tratamento vai custar caro. Então, para financiar essa pequena escapada, resolvemos fazer mais uma grande festa.

Ernest sentiu Fahn apertar a mão dele.

A srta. Amber continuou:

— Será mais uma *soirée* de iniciação. E com o dinheiro arrecadado vamos poder ir ao Instituto Real e ficar lá até resolver essa coisa. Nesse meio-tempo, o Tenderloin ficará aberto para negócios como de hábito. A sra. Blackwell e o Professor ficarão encarregados até voltarmos.

— Nós não vamos decepcioná-la, senhora — disse a sra. Blackwell.

— Mas quem será a iniciada? — interrompeu Rose, olhando ao redor do salão. — Nós não temos uma garota nova desde Jewel.

— Nem olhem para mim — disse Jewel, mexendo os dedos e tirando as saias e a combinação. — Este navio já zarpou, irmã. *Bon voyage*, rapazes.

Ernest sentiu Fahn apertando sua mão mais uma vez e se aprumar, orgulhosa, afastando o cabelo dos olhos. Lambeu os lábios, recentemente avermelhados com tinta carmesim.

— Em termos de festas, nós já realizamos maravilhas — disse a srta. Amber. Em seguida acrescentou uma camada dramática à própria voz, fazendo o melhor possível para recriar a atmosfera circense pela qual madame Flora sempre fora conhecida. — Mas essa próxima festa, com toda pompa, será uma obra-prima, a cereja do bolo. Será a maior comemoração para uma iniciação especial e de destaque — alardeou a srta. Amber. — E posso garantir que não foi *fácil* para eu e madame Flora chegarmos a essa decisão.

Fahn sorriu, sempre concentrada em madame Flora.

A srta. Amber arrumou a peruca antes de falar.

— E assim, tenho o prazer... não, mais que o prazer, tenho o orgulho de anunciar...

Todos no salão prenderam a respiração em expectativa.

— Que a nossa *Flor de Maio* terá sua viagem inaugural daqui a três semanas!

Ernest sentiu a mão de Maisie ficar flácida. Fahn também soltou a outra mão de Ernest e se largou na cadeira, sua expressão era uma máscara de surpresa e perplexidade. Em seguida, se levantou e saiu da sala de forma intempestiva, passando por uma assustada sra. Blackwell. O barulho da porta batendo pontuou o silêncio.

Todos os olhares imediatamente se voltaram para Maisie quando a srta. Amber a pegou pelo braço e a ajudou a se levantar. Ernest ficou olhando, impotente, para seus grandes olhos azuis quando ela piscou e virou para o outro lado por um instante, tentando esconder o próprio choque. Mas logo se recuperou e sorriu, tímida e delicada, enquanto o salão se manifestava, aplaudia e a parabeniza por tão galante contribuição. Jewel era a que mais aplaudia. Ernest olhou para madame Flora, que durante o anúncio parecia uma estátua e agora enxugava uma lágrima, também batendo palmas com suas luvas de punhos

longos.

Ernest se virou para o lugar vazio onde estivera Fahn e voltou a olhar para Maisie. Sentia-se aliviado em relação a uma garota, mas furioso quanto à outra. Também se sentiu perplexo com a aceitação tácita de Maisie àquela notícia. Queria resgatá-la, levantar-se e argumentar com a srta. Amber e com o que restava de madame Flora. Queria sacudir todo mundo no salão até que recuperassem o juízo. Queria condenar todos os homens que já haviam passado pela porta da frente. Já tinha visto a relutante rendição de Jewel e de outras, mas a Flor de Maio — a *sua* Maisie, aquilo era impensável.

Ele se levantou da cadeira, e Maisie voltou-se para ele, anuindo. Seus olhos tristes pareciam estar dizendo: *Tudo bem. Eu estou bem.* Aceitou cordatamente a proposta, agradecendo com cortesia os bons votos das garotas do andar de cima, cumprindo sua parte com muita coragem.

A RAIVA É SUA MOEDA DE TROCA

(1910)

DEPOIS DO ANÚNCIO, TODOS NO TENDERLOIN procuraram uma zona neutra. As empregadas se reuniram na sala de jantar para fofocar, as garotas Gibson saíram para fumar e o Professor True retirou-se para seu piano e começou a cantar “Heaven Will Protect the Working Girl”.

Ernest ficou ouvindo o Professor cantar sua versão: “Uma garota da aldeia estava saindo de casa; com os olhos molhados de lágrimas. Sua querida mãe estava por perto. Ela diz à querida Maisie, espero que nunca esqueça que sou a única mãe que você tem...”.

Ernest estava preocupado com Maisie, que tinha subido com Amber e madame Flora. Saiu procurando por elas, mas ouviu portas batendo e seguiu o barulho, relutante. Encontrou Fahn no quarto dela, organizando suas roupas e artigos pessoais numa cesta de piquenique de bambu que devia ter pegado da despensa no subsolo. Enfiou tudo na cesta, menos seu vestido preto doméstico, os colarinhos brancos e aventais, às vezes fazendo uma pausa para enxugar os olhos.

— Não fique preocupado, Ernest — disse Fahn quando o viu parado na porta. — Para mim chega, sabe. Vou pedir DEMISSÃO! — Gritou a palavra como se cada sílaba fosse um sopro de fole no carvão quente, transformando todo o combustível em chamas esbranquiçadas. — Eu vou me mudar para outro lugar, onde seja mais valorizada. Aliás, por que você não vem comigo?

Ernest ficou olhando, perplexo e horrorizado. Não conseguia compreender como Fahn podia se sentir tão indignada, tudo porque Maisie fora escolhida em seu lugar. Sua melhor amiga estava prestes a ser leiloada — mas, mesmo fazendo parte de uma glamorosa festa, cercada por homens ricos, isso não mudava o fato de que iria se tornar... uma garota do andar de cima. Ernest não conseguia usar a palavra que os outros meninos haviam usado. Aquele termo sempre fora reservado a garotas que trabalhavam em outros lugares. Mas, em resumo, no que Maisie estava se tornando? Como Fahn podia desejar tão desesperadamente uma coisa dessa? Como podia reagir como se tivesse perdido a maior promoção da vida?

— Não adianta me olhar desse jeito — disparou Fahn como se conseguisse

ler seus pensamentos.

Ernest imaginou seu coração dolorido sendo arrancado do peito e apertado num torniquete. Ficou surpreso com o quanto gostava das duas garotas, seu sentimento visível pela forma como estava sofrendo. Estava perdendo Maisie, prestes a vê-la se sacrificar. Consumida nas vísceras desse abominável negócio que envolvia todo mundo que tinha conhecido, da própria mãe à sra. Irvine, de madame Flora à srta. Amber — divertido e terrível, às vezes tão livre, mas tão desfigurado. E agora Fahn estava abandonando o navio — simplesmente por não poder ter o que Maisie não desejava.

— Eu não posso ir embora, não desse jeito. E você também não deveria. — Ernest balançou a cabeça, para permanecer calmo. — Você perdeu o juízo? Você só tem quinze anos e realmente quer se vender pelo maior lance? Pense um pouco no que está fazendo!

Ernest argumentou, insistiu e refutou as negativas, sempre tentando chamar Fahn à razão. Quase chegou a gritar: *Você roubou meu primeiro beijo! Não pode ir embora porque vou sentir muito sua falta. Não posso perder você e Maisie ao mesmo tempo.* Mas hesitou, surpreso quando as palavras surgiram do meio do peito, mas engasgaram na garganta. Em seguida se lembrou do que Maisie dissera uma vez — o amor verdadeiro é sempre desperdiçado, distorcido, perdido nos espelhos das casas de diversão do bairro da luz vermelha.

Ernest se sentou.

— Você vai mesmo deixar a gente porque as garotas do andar de cima têm algumas regalias? É assim que o mundo funciona... você está empregada, pelo amor de Deus, e é muito bem paga. Eu não trocaria meu emprego por todas as roupas caras e jantares sofisticados do mundo! Prefiro limpar carvão e descascar batatas o dia inteiro a contar as telhas do teto a noite toda, não importa o quanto me pagassem.

A sra. Blackwell apareceu no corredor.

— Ele tem razão, sabe.

— Eu não quero ser uma empregada velha — disse Fahn, olhando diretamente para a sra. Blackwell. — Aliás, não quero ser cozinheira nem empregada de jeito nenhum. Nós moramos na terceira classe enquanto elas estão na primeira. Eu quero o que elas têm... respeito.

— Mas elas não são respeitadas, querida. Você não entende nada? O que elas têm é uma ilusão, arquitetada por madame Flora. — A sra. Blackwell revirou os olhos e tirou a touca de cozinheira. — Ah, elas têm muita beleza, não é? E charme para dar e vender, o verniz brilhante da alta sociedade. Mas, como moeda de troca, um dia essa beleza se *desfaz*, minha querida. Você também tem beleza... tanto que chega a doer, eu sei. Mas também é autocentrada, garota, tem

tanta raiva dentro de si que fico até assustada. Se a raiva é a sua moeda, você é uma megera rica.

Ernest piscou.

Fahn ficou imóvel.

Por um momento, ele se sentiu aliviado, achando que as palavras da velha e desleixada cozinheira tinham se alojado na imaginação farpada de Fahn. Mas ela fechou a cesta, voltou a olhar para a sra. Blackwell e acenou com a cabeça para Ernest.

— Não precisa se preocupar comigo. Eu vou encontrar meu caminho. O Tangerine vai me querer de volta, agora que estou crescida. Ou o Aloha Club.

— Mas... esses lugares são umas espeluncas — disse Ernest.

— Todo mundo precisa começar em algum lugar — replicou Fahn, passando por ele sem hesitar.

Ernest sentiu um perfume, algo que ela devia ter roubado do andar de cima.

— Se você for embora, querida, sabe que não haverá como entrar de novo pela porta — disse a sra. Blackwell. — Se madame Flora não tivesse perdido o juízo, as coisas poderiam ser diferentes, mas você conhece a srta. Amber... Ela se recusa a admitir esse tipo de absurdo, principalmente de uma empregada. Não vai querer você de volta e nem vai recomendá-la para o seu próximo empregador quando você recuperar o juízo. Por favor, acalme-se, garota... Pense no que está fazendo.

Fahn continuou caminhando, sem olhar para trás, passou pelo corredor, atravessou o vestíbulo diante de um perplexo Professor True e saiu porta afora.

Ernest correu escada acima para encontrar Maisie. Esperava que ela pudesse fazer Fahn pensar melhor, mas Maisie não estava no quarto. Correu até o próprio quarto e abriu uma janela, de onde pôde ver Fahn andando no meio dos bêbados na rua.

— Fahn! — gritou acima da horda de passantes. Queria ir atrás dela, mas não conseguia. Por mais que estivesse chateado, também se sentia preocupado com Maisie.

— Por favor, Fahn... volte. — Respirou fundo e ia gritar de novo quando percebeu que todos na rua olhavam para ele, confusos com o garoto que gritava da janela do terceiro andar do bordel mais famoso do Garment District.

E ficou em silêncio.

Fahn se virou e pendurou o cesto no outro braço. Parecia mais adorável do que nunca, porém triste de dar dó. Mesmo à distância Ernest notou que seu rosto estava molhado de lágrimas. Tocou no próprio coração e mandou um beijo para ele, olhando para o Tenderloin como se quisesse absorvê-lo, como se estivesse dizendo adeus para sempre, teimosa, mas com orgulho.

Ernest ouviu alguém atrás dele. Virou-se e viu Jewel parada na porta.

— Pelo menos você tentou, Ernest.

Quando voltou a olhar pela janela, Fahn já tinha ido embora.

Ernest desceu a escada correndo em busca de Maisie. A porta dela estava aberta, o quarto ainda vazio, por isso seguiu os gritos e choros, que o levaram à suíte de madame Flora. Maisie estava em prantos, discutindo com a srta. Amber, enquanto madame Flora sentava-se à escrivaninha, aberta e atulhada de documentos, convites e maços de dinheiro. A grande dama parecia ter caído num estupor, num emaranhado de confusão e distanciamento. Não parecia triste nem feliz, nem presente nem especialmente ausente — apenas sentava-se à escrivaninha, mexendo distraidamente nos papéis, como se procurasse algo que havia perdido.

Ernest sentiu certo alívio ao perceber que agora Maisie ao menos estava resistindo.

— Você só vai assustá-la — ia dizendo a srta. Amber.

— Mamãe — prosseguiu Maisie. — Mamãe, sou eu. — Tentava passar pela srta. Amber, chegar até a mãe, mas a srta. Amber a impedia.

Madame Flora virou a cabeça muito devagar, mostrando sua expressão de tristeza.

A srta. Amber afastou Maisie da mãe.

— Chega de confusão e deixe de ser egoísta. Ela nem a reconhece mais, garota... Você só vai deixá-la pior. Ela quase nem me reconhece quando está nesse estado. Foi por isso que não pudemos consultar você, tivemos de *comunicar* o fato. O tratamento dela vai custar uma fortuna, mas é a única esperança.

Maisie continuou resistindo.

— Você precisa fazer isso... por todas nós. Não há outro jeito. — A srta. Amber segurou Maisie pelos ombros e a girou para ficar de frente para madame Flora. — Olhe para ela!

— Ela é minha mãe — gritou Maisie. — Ela nunca faria isso comigo! Nunca me deixaria ser como essas outras garotas... Eu sou o colibri dela...

Maisie se livrou e sacudiu a mãe, gritando:

— MAMÃE!

Madame Flora contraiu o rosto, ergueu as mãos e se retraiu de medo — os olhos enormes se revirando de pânico conforme se encolhia na cadeira.

A srta. Amber agarrou Maisie pelo braço e pelos cabelos, lutando com ela,

chutando e gritando, até a garota cambalear e cair de quatro no chão.

— Não faça isso com ela — ciciou a srta. Amber, de pé ao lado da garota caída e pegando um cinto de couro. — Você só está tornando as coisas piores.

Ernest se interpôs entre as duas.

— Ah, saia da minha frente — bradou a srta. Amber, mais aborrecida que raivosa.

Ernest respirou fundo e a encarou, sem se mexer.

A srta. Amber enrolou a ponta do cinto no pulso e ergueu a fivela no ar.

— Você vai ser demitido.

Ernest balançou a cabeça, devagar.

A srta. Amber hesitou, o braço tremendo de raiva antes de perceber que alguém estava pagando para ver o seu blefe. Cerrou os dentes, frustrada, e largou o cinto. Afastou-se com as mãos nos largos quadris.

— Nossa, que espetáculo isso virou. E olhe só para você. A verdade é a seguinte, garota — começou. — *Flora nem queria você...* Sabia disso? Mas teve você e a manteve por aqui, esperando ganhar mais dinheiro depois. Quando aquele tolo foi à falência, os planos dela foram por água abaixo. Você devia agradecer à sua estrela da sorte por ela ter ficado com você, de alguma forma começar a te amar, porque você deve tudo a ela, do teto sobre a sua cabeça até as roupas sob medida do seu corpo, sua silhueta bonitinha, suas covinhas e seu nariz arrebitado... Tudo.

Ernest ajudou Maisie a se levantar. Pela expressão em seu rosto, pôde ver que as palavras da srta. Amber a tinham magoado mais profundamente que o cinto. Maisie se desgarrou dele.

— E quanto ao homem que nos deu o automóvel? — interrompeu Ernest. — Uma vez Fahn me disse que ele ofereceu milhares de dólares...

— Por Maisie — interrompeu a srta. Amber. — Louis J. Turnbull ofereceu cinco mil dólares pela irmã mais nova da Madame Flora. Cinco. Mil. Dólares.

Ernest viu o espírito de luta esmaecer no rosto de Maisie.

A srta. Amber continuou falando.

— Por você, querida... Ele não podia ter Flora, por isso quis a segunda melhor coisa... Queria você quando tivesse a idade certa. E Flora disse que não. Ela protegeu você. Ela sempre protegeu você, não foi? Mas agora são tempos de desespero. Olhe só para ela... Está quase perdida para nós, o maldito mal francês subiu à sua cabeça. E você tem razão... a grande, elegante e magnânima madame Florence Nettleton nunca faria coisa tão impensável com a própria filha, faria? Por isso fui eu quem teve de tomar a difícil e ingrata decisão por todas nós.

Maisie ficou olhando, os ombros subindo e descendo a cada respiração ofegante.

— Mas você é tão teimosa, tão cabeça-dura. Nós duas sabemos que não posso fazer isso se você não concordar voluntariamente. — A srta. Amber coçou o escalpo embaixo da peruca, a voz trêmula de emoção. — Então é isso, eu disse tudo o que tinha a dizer. Falei o que acho que deveria acontecer, e é a única maneira que conheço para melhorar as coisas, o único jeito de salvar Flora. Agora a decisão é sua. Se ela vai consultar os médicos adequados, se irá a um bom hospital, se vai viver ou morrer... agora é você quem decide.

— Maisie, você não precisa fazer nada que não queira — declarou Ernest mais que depressa. — Tem de haver outra maneira... Nós podemos vender o automóvel...

Maisie se aproximou de novo da mãe, e dessa vez a srta. Amber não a impediu. Lenta e afetuosamente, Maisie estendeu os braços e pôs as mãos sobre as dela.

Madame Flora sorriu. Abraçou a filha, passando os dedos pelos cabelos de Maisie como se ela fosse uma boneca de porcelana, um brinquedo de criança a ser vestido para servir sanduíches e canapés em chás de mentira.

Ernest viu Maisie olhar nos olhos da mãe, tentando ser reconhecida ante a expressão vaga de madame Flora.

— Mamãe, você não sabe quem eu sou?

Madame Flora sorriu e assentiu. Respirou fundo.

— É claro, minha querida. Eu vou cuidar de você. Minhas garotas são a minha família.

— Quem sou eu, mamãe? — perguntou Maisie. — Diga o meu nome.

— Eu sei quem você é.

— Quem sou eu?

Madame Flora olhou para a srta. Amber, depois voltou-se para Maisie.

— Você é a nova garota. E eu vou fazer de você uma dama de verdade.

À BEIRA DA CAMA

(1962)

O DR. LUKE BATEU DELICADAMENTE na porta entreaberta do quarto de Gracie no hospital.

— Como está a nossa mocinha esta tarde? — perguntou ao entrar. Localizou o prontuário ao pé da cama e começou a folhear suas páginas.

— Não sei bem como responder — disse Ernest, com o olhar vagando entre a esposa adormecida e as paredes azul-claras, o teto cinza, as luzes frias acima. — A boa notícia é que ela está começando a se lembrar das coisas. A má... bem... é que está começando a se lembrar das coisas.

Segurou a mão de Gracie, quente porém flácida. Tinha sido sedada uma vez na ambulância e de novo quando chegaram ao pronto-socorro. Desde então estava dormindo em paz, apesar do amontoado de tubos e dos fios, da cânula intravenosa, do monitor do coração e da sibilante máscara de oxigênio.

Alguém bateu na porta e uma enfermeira ruiva entrou para atender a companheira de quarto de Gracie. Ernest olhou para a outra paciente, que também dormia — uma senhora asiática mais velha, com um ramalhete de flores na mesa de cabeceira. A parede ao lado estava forrada de cartões de saudações, cartas, desenhos a giz de cera, polaroides e um pergaminho vermelho e dourado com caracteres chineses que Ernest mal conseguia ver ou ler — achava que dizia alguma coisa sobre longevidade.

Quando a enfermeira abriu as persianas, mencionou que Gracie tinha um grande grupo de visitantes reunidos na sala de espera.

— Parece que eles vão ficar lá por algum tempo. Trouxeram até lanche.

— Acho que isso quer dizer que as senhoras da igreja souberam das últimas notícias — comentou Ernest. — O que acha que posso dizer a elas desta vez?

— Bem — começou o dr. Luke quando a enfermeira saiu e fechou a porta —, pelo exame de sangue não parece haver problemas... Ao menos não o problema que me preocuparia.

— Tem certeza? — perguntou Ernest.

— Certeza total. Todos os exames de laboratórios estão bons. Honestamente, ela está com a saúde muito boa para uma mulher de sua idade, apesar da neurosífilis assintomática a maior parte da vida. Desde que ela foi tratada

quando jovem, a doença está dormente, é por isso que você nunca a contraiu, por isso que nunca apareceu na maternidade. E nós cuidamos da recorrência com aqueles fortes antibióticos três anos atrás... Ela continua curada, completamente, sem traço nenhum. Como você sabe, os efeitos residuais podem ser graves, chegando a se assemelhar ao mal de Alzheimer. — Dr. Luke bateu na testa. — Mas o corpo humano é um organismo maravilhoso. Apesar da lesão frontal, a parte temporal do cérebro de Gracie continuou intacta. Nossa vontade neurológica dispõe de maneiras sutis e inesperadas, e ainda não totalmente compreendidas, de reconectar esses caminhos cognitivos.

— Então você está dizendo...

— Estou dizendo que ela está bem. Só está sendo... superestimulada por fluxos de lembranças retornando — explicou o dr. Luke. — Como acordar de um sonho e perceber que o sonho era real.

— Ou de um pesadelo — acrescentou Ernest.

— Também — concordou o dr. Luke. — Sinto muito, Ernest.

Quando Ernest saiu do quarto, viu Pascual sentado numa poltrona estofada no corredor. O amigo ergueu os olhos de uma página com a ponta dobrada de um livro de Doc Savage e sorriu.

— Já estava na hora de você sair, *kuya*. Lá dentro está claro demais... Quer que eu mande alguém apagar a luz?

Ernest balançou a cabeça enquanto seus olhos se adaptavam à luz difusa do corredor.

— Juju e Hanny estão lá embaixo, entretendo o pessoal na sala de espera. Essas senhoras da igreja têm boas intenções, mas me deixam meio louco, por isso preferi esperar aqui mesmo. — Pascual fechou o livro, marcando a página com um bilhete de loteria da loja Sun May. Cumprimentou Ernest com a mão calejada e tocou na testa dele, um gesto que Ernest vira o amigo usar muitas vezes com os mais velhos do bairro. O braço do amigo, com todas as suas cicatrizes, queimaduras e tatuagens desbotadas, contava a história de sua vida, chegando das Filipinas ainda garoto, trabalhando na indústria de conservas do Alasca, nos pomares de Yakima e depois no porto de Seattle como estivador. Ernest pensou na cânula no pulso de sua mulher, que contava uma história diferente, com um final ainda não escrito.

— Este lugar não tem nada a ver com o Chateau Marmont — disse Pascual, coçando a barba por fazer e piscando para uma voluntária que empurrava um carrinho com roupas de cama.

Centro Médico Harborview. A joia da coroa de First Hill. Ernest refletiu sobre a ironia de Gracie estar sendo tratada num hospital fundado pelo reverendo Matthews, uma das muitas pessoas que ajudaram a falecida sra. Irvine a pôr fim no Garment District tantos anos atrás. O sofisticado hospital era muito melhor que a velha casa de repouso de Yesler — uma maçaroca de estuque cor-de-rosa que passou a cuidar de mulheres sem-teto quando as luzes vermelhas do bairro se apagaram. Da sala de Juju, Gracie ainda podia ver aquele velho edifício, até o prédio ser condenado e demolido para dar lugar à nova Feira Mundial.

Pascual apontou para o posto de enfermagem com um muxoxo nos lábios.

— Eu tentei transferir vocês para o Edgewater Inn... Para podermos pescar salmão da janela enquanto Gracie se recupera, em vez de ficarmos aqui. — Ele deu de ombros. — Mas me disseram que o hotel está lotado por causa da Feira Mundial. Ah, eu tirei seu carro do estacionamento do Ruby Chow's e levei para sua casa. Vou ficar de olho em tudo o que acontecer por lá... Cuidar da correspondência, regar as plantas, pelo tempo que você precisar.

Ernest agradeceu ao amigo e se despediu. Depois ficou pensando em Gracie, em madame Flora e nas noites de sua juventude, plenas de comemorações e ecos de loucura. Lembrou-se de percorrer Chinatown em busca de flores de bambu secas para misturar com vinho tinto, um dos muitos remédios e das estranhas poções originários do desespero. Pensou em fazer uma visita ao herbalista para comprar chá de dedaleira, arroz de levedura vermelha e todas essas coisas que homens e mulheres idosos da vizinhança tomavam para tratar de ataques de nervos, ou até mesmo de acessos de histeria.

No dia seguinte Gracie seria mandada de volta para casa, onde quer que isso fosse. E Ernest se sentia totalmente perdido quanto ao que mais poderia fazer para ajudá-la.

LAÇOS DE TRISTEZA

(1910)

FAHN TINHA IDO EMBORA do único e verdadeiro lar que conhecera, deixando Ernest sozinho para consolar Maisie por seu destino. Mas, se Maisie ainda estava inconformada, não demonstrava mais essa sensação. Não desde a crise de choro com madame Flora dias atrás.

— Você não precisa fazer isso — argumentou Ernest. — A srta. Amber só está te usando para resolver os problemas dela. Se madame Flora... se sua mãe conseguisse pensar com clareza... você sabe que ela não faria você passar por isso.

Maisie estava em sua penteadeira, escovando os cabelos. Agora ela estava sempre com os vestidos usados regularmente no salão, e Ernest mal conseguia se lembrar da moleca que costumava ser.

— Ninguém pode me obrigar a fazer nada que eu não queira — disse Maisie. — É a minha escolha, e é só por uma noite. Eu consigo aguentar qualquer coisa por uma noite. Principalmente se for para minha mãe ter o tratamento que precisa... Os remédios, os especialistas, o que for necessário. E se eu puder ajudar a manter um teto sobre a cabeça de todo mundo, que seja.

Ernest não sabia quase nada de Louis Turnbull, mas agora detestava o homem. Se era assim tão rico — tão imensamente rico —, e se gostava tanto de madame Flora, por que não a ajudava sem compromisso?

Ernest perguntou:

— E se *eu* não quiser que você passe por isso? — Lembrou-se de quando ela estava ao seu lado, no balão sobre a cidade.

Maisie parou de escovar o cabelo e se virou para Ernest. As palavras dela cortaram feito lâminas.

— É só uma noite, Ernest. Uma noite não quer dizer nada.

Ernest ficou pensando nas palavras de Maisie, mas sempre preocupado com Fahn. Sentia uma terrível saudade dela. Já havia ido embora fazia alguns dias, mas ninguém a tinha visto, ninguém sabia nada sobre ela. Todos esperavam pelo melhor — que ela se acalmasse e voltasse. Mas Ernest tinha vasculhado a

vizinhança, em vão.

Enquanto isso, continuavam os preparativos para a grande noite de Maisie. E se a melhor casa de divertimentos de Seattle estava com problemas financeiros, a srta. Amber não demonstrou tal preocupação ao dar instruções precisas a Ernest. Maisie não usaria um vestido de babados de uma só peça, nem aqueles modelos elegantes vendidos na Frederick & Nelson. Maisie iria a um costureiro da J. A. Baillargeon's, que cuidaria dela pessoalmente.

Quando chegaram à loja de tecidos, Ernest estacionou o automóvel na frente e abriu a porta para Maisie. Ajudou-a a descer do carro, como fora ensinado pelo Professor True, e tocou na aba do quepe para o valete uniformizado, que os acompanhou sobre um tapete púrpura na calçada e pelas portas duplas do luxuoso estabelecimento. Os saltos de couro das botas de Ernest martelaram o assoalho de madeira encerado, seu uniforme escuro contrastando com a fileira de vitrines e as colunas de mármore branco que apoiavam o teto de latão batido. Dezenas de manequins elegantemente vestidos jaziam imóveis sob um conjunto de lustres de cristal, iluminados por arandelas que pareciam conchas luminosas.

Ernest ficou ao lado de Maisie, mãos para trás, sentindo-se deslocado ao entregar o cartão de visitas de madame Flora a um homem esguio que usava um monóculo pendurado no pescoço.

O homem fez uma vênica e beijou a mão estendida de Maisie.

— Deve ser a única e verdadeira srta. Margaret Nettleton... Eu estava ansioso por conhecê-la. Já trabalho com Flora há anos, é uma grande honra conhecer sua espirituosa irmã mais nova. — Tirou um relógio de bolso de prata. — E a senhorita chegou pontualmente.

— Por favor, pode me chamar de Maisie.

Então o homem falou:

— O seu rapaz pode esperar lá fora.

— Este é o meu motorista e colega, Ernest Young — disse Maisie. — Ele tem muito bom gosto, por isso dou valor à sua opinião. Tenho certeza de que não irá se opor a que ele ocupe uma cadeira.

Ernest sorriu, aplaudindo Maisie em silêncio por não se deixar manipular. Mesmo quando o costureiro torceu o nariz para o traje de Ernest, as luvas de couro pretas e o quepe de motorista, que ele tirou e pôs debaixo do braço.

— É claro, fique à vontade — trinou o alfaiate, ostentando um sorriso servil, o reservado para os ricos. — Vamos começar esta nossa pequena aventura.

Ernest sentou-se num banco alto e viu o costureiro pôr um disco de baquelita numa vitrola de corda, uma balada italiana. Ofereceu a Maisie uma taça de chá inglês com leite e mel enquanto discutia as preferências da garota. A seguir o trabalho começou de verdade, quando ela subiu numa plataforma e foi medida

de todas as formas imaginárias. Ernest viu Maisie desaparecer atrás de uma grande tela de ébano seguida por uma trinca de costureiras que a atendiam como numa revoada de fadas madrinhas.

Maisie reaparecia periodicamente, cada vez usando um vestido mais elegante que o anterior. Ernest adorou todos, até mesmo os pesados vestidos de linho que faziam Maisie revirar os olhos. Finalmente ela escolheu um elegante modelo de cetim branco. Sobre a pele, uma blusa com laçarotes afixada por alfinetes com pérolas na ponta. O resplendor do novo tecido feito à máquina era um deslumbre, fazendo as suaves sardas de sua pele parecerem um leite cremoso, quase translúcido, cintilando sob o zumbido da iluminação elétrica da loja.

Ernest ficou vendo Maisie se tornar mais bonita a cada encarnação de tecido e de laços com lantejoulas. Quase esqueceu que ela não estava se vestindo para ele.

— O que você acha? — perguntou Maisie.

Ernest abriu a boca, mas descobriu que sua capacidade de raciocínio encontrava-se temporariamente prejudicada. Tentou não imaginar quem acabaria tirando o vestido de festa de Maisie. Ou a túnica de cetim de Fahn, a propósito. A garota com quem ele havia passeado de balão estava se distanciando. Enquanto isso, aquela que tinha roubado seu primeiro beijo aumentava sua coleção.

— Ernest, sua opinião, por favor.

— Você não vai querer saber o que estou pensando.

— Você é homem — disse o esbelto costureiro. — Sua opinião é sempre importante.

— Se minha opinião fizesse alguma diferença, isso não estaria acontecendo.

— Tentou reconciliar seus sentimentos, equilibrando o que desejava tanto com o pouco que conseguiria na verdade. — Acho que é perfeita da maneira como é. Não importa o que vestir.

— Isso mesmo... falou como um homem — comentou o costureiro com um gemido.

— Obrigada. — Maisie meneou a cabeça. — Você ajudou muito.

Ernest olhou para Maisie, para seus reflexos — facetas nos muitos espelhos que a cercavam. Não estava usando maquiagem, sombra nos olhos nem ruge nos lábios. Os cabelos não estavam cacheados ou alisados como os das garotas do andar de cima. Parecia a teimosa Flor de Maio que sempre conhecera, mas agora com tranças mais compridas e um vestido de baile que a fazia parecer da realeza. No caleidoscópio da imaginação de Ernest, ela parecia mais bonita que todas as Jewels do Tenderloin de todos os bairros da luz vermelha do mundo todo. Mas, naquele momento, sentia-se culpado por admirá-la. Como se isso o tornasse

cúmplice, de alguma forma em conluio com os homens que participariam do leilão.

O mundo está de cabeça para baixo, girando de trás para a frente, pensou. E quanto a Fahn? Devia estar em algum lugar, se vendendo também, ainda que sem tanto luxo.

O homem esbelto estalou os dedos e saiu para buscar alguma coisa. Maisie posou na frente de Ernest, uma das mãos no quadril, a cabeça inclinada para o lado. Apertou os lábios e piscou.

— Quanto você *pagaria* por mim?

Ernest sentiu a língua travada.

— Por que está tão calado? O que há para pensar?

Ernest sorriu e olhou para outro lado.

Maisie deu uma risada.

— Além disso que está pensando.

Ernest afinal também riu.

— Eu valia um bilhete de cartolina quando eles me rifaram... o preço normal por uma novidade. Mas, por você, acho que pagaria o preço normal... mais um níquel — respondeu.

— E o que iria querer em troca? — perguntou Maisie casualmente. Continuou olhando para ele da mesma forma de quando os dois flutuavam acima do mundo, no meio dos fogos de artifício.

Ernest balançou a cabeça.

— Nada.

— Você não ia querer nada?

Eu só quero tudo.

Fez que não com a cabeça mais uma vez.

Manteve a boca fechada e respirou fundo, o ar escapando de um lugar do peito que doía de tristeza e anseio. Não conseguia falar sobre as coisas que desejava, sobre as coisas que jamais teria, nem para si mesmo nem para as pessoas que amava. Virou o rosto e fingiu se interessar por uma vitrine de casacos de pele de vison e raposa, apesar de não conseguir olhar para aquilo sem pensar nas coisas lindas e selvagens capturadas para fazer aquelas peças.

CINCO MIL RAZÕES

(1910)

DEPOIS DO JANTAR, ERNEST SE SENTOU ao lado do Professor True no desgastado banco do piano e ficou observado os longos dedos do músico dançarem pelas teclas de marfim tocando “Chinatown, my Chinatown”. Quando chegou ao refrão, o Professor respirou fundo e cantou: “Onde as luzes são baixas, corações que não conhecem outra terra, deslizando... deslizando para a frente e para trás...”.

Ernest ouvia e tocava o ponto da cornija onde ficava o velho metrônomo de corda. Lembrou-se de tê-lo visto ainda naquela semana, em cima da bagunçada escrivaninha de madame Flora — a srta. Amber o tinha posto lá para o movimento e o tique-taque acalmarem a grande dama. Ernest ficou fascinado com o movimento dos olhos de madame Flora seguindo o ponteiro da caixa de carvalho, encantada. Ernest se pegou sentindo um inconfundível ciúme de sua loucura, que a isolava do mundo mais do que a srta. Amber conseguia fazê-lo.

Felicidade, pensou Ernest. Madame encontrou sua felicidade no Tenderloin.

Enquanto isso, ele continuava com o coração dividido entre Fahn — tão teimosa e temperamental, porém destemida, ousando fazer o que queria — e Maisie, que se propunha a se sacrificar pela mãe que não mais a reconhecia. Fahn não recebera nada da vida a não ser um revés a cada curva, enquanto Maisie tivera muito em comparação, pelo menos até agora. As duas lutavam para fazer o que consideravam o melhor, até mesmo por ele.

Maisie e Fahn conheciam os segredos de Ernest, todos, menos o que ele acreditava ser óbvio — que estava apaixonado pelas duas. Mas que diferença isso fazia agora?

Enquanto ouvia, notou que o Professor mudou o final da melancólica canção, concluindo em ritmo acelerado, com uma dissonante enxurrada de quartas.

— Isso foi para você, meu rapaz — disse.

Ernest aquiesceu. Tentou sorrir, mas pareceu mais um esgar educado. Gostaria que Fahn estivesse aqui para as duas garotas conversarem uma com a outra. Era muito difícil conversar *com* Maisie *sobre* Maisie. Mas ele não tinha desistido.

O Professor True começou a tocar um tema jazzístico e moderno chamado

“Comet Rag”, mas Ernest mal notou.

— Estou tocado mal esta noite?

— Desculpe. Não é você — respondeu Ernest. — É que eu... você sabe...

— Você está nervoso, homem... — O Professor True começou a tocar outra música triste que Ernest não reconheceu. — Não consigo imaginar o que a Flor de Maio deve estar sentindo sobre o que vai acontecer daqui a alguns dias. Eu adoro festas, mas essa...

Ernest vinha tentando não ficar obcecado por Maisie e Fahn, mas quanto mais tentava, mais se preocupava, mais se inquietava, sentia-se impotente. Ficava acordado todas as noites olhando pela janela, com o céu nublado fazendo as estrelas de reféns.

— Como vai indo seu novo trabalho? — perguntou o Professor.

— Cada dia melhor. — Ernest suspirou, desabotoou a gola alta do uniforme de chofer e tentou relaxar. Uma de suas novas tarefas era transportar grupos de garotas Gibson pela cidade no fim da tarde, usando seus corpetes mais voluptuosos. As garotas desnudavam os ombros e acenavam de luva, jogando beijos para os cavalheiros nas ruas, em uma libertina mostra de propaganda. Contudo, ultimamente estavam sendo espezinhadas pela Sociedade de Auxílio às Mulheres, pela União de Temperança das Mulheres Cristãs e pelas Mães da Virtude da sra. Irvine, que protestavam e atiravam comida podre quando elas passavam, obrigando Ernest a lavar o carro todos os dias e a catar cascas de ovos das partes cromadas.

Mas o pior eram as longas e angustiantes tardes que ele passava sozinho naquele luxuoso carro preto, entregando convites para a festa de iniciação de Maisie. Dirigia até o centro da cidade, selecionava clubes de cavalheiros em Wedgwood, Ravenna Heights e Seward Park. Ernest olhava com tristeza para os nomes que soavam importantes nos envelopes selados, escritos pela srta. Amber — embora tivesse visto madame Flora assiná-los, pessoalmente, em um momento de lucidez silenciosa.

Apesar de ir a sofisticados clubes da cidade, ao gabinete do tesouro e até ao andar dos executivos no Banco Dexter Horton, Ernest sabia quem seria o verdadeiro convidado de honra. Já tinha entregado um envelope bem maior à Corporação Turnbull Shipwright. Chegara perto de jogar todos os convites pela janela, queimá-los ou afundá-los no lodoso lago Union, mesmo se arriscando a ser demitido e jogado na rua. Mas não fazia diferença. Sabia que a srta. Amber logo remediaría a situação. Simplesmente faria qualquer outro entregar uma nova série de convites. Além do mais, dirigir pela cidade permitia que Ernest procurasse por Fahn.

— Você sabe muita coisa sobre esse cavalheiro, Turnbull? — perguntou

Ernest ao Professor True. Sua curiosidade era sombria, mórbida e dolorosa. Sentia-se da mesma forma que se sentira ao ler sobre uma avalanche que fizera um trem de passageiros desaparecer em Great Northern na semana passada. Os vagões do trem tinham despencado de uma altura de quarenta e cinco metros no rio Tye, perto de Wellington. Centenas de passageiros estavam desaparecidos — provavelmente todos mortos, e ninguém podia levantar um dedo para ajudar antes de a neve derreter.

Era como Ernest se sentia. Impotente e contando os dias.

— Ah, Turnbull é bem conhecido por essas partes — respondeu o Professor True, tocando um acorde triste. — Louis Josiah Turnbull foi um dos fundadores da Irmandade do Ártico. Ganhou fama ainda muito novo, transportando carregamentos de gehlenita para o Alasca e pilotando barcos pelo rio Yukon durante os primeiros anos da Corrida do Ouro de Klondike. Depois investiu sua recém-adquirida fortuna em um negócio de construção naval, com o nome dele, claro, e teve sorte quando seu estaleiro foi o único a ficar em pé depois do Grande Incêndio de Seattle. Acabou se tornando o maior construtor naval do Noroeste. E também tinha alguns navios, importando mercadorias de todas as partes do planeta. Agora é um sujeito que tem dinheiro suficiente para comprar o mundo inteiro. Suponho que, para um sujeito como L. J. Turnbull, não poder ter algo que deseja o faz desejar ainda mais.

Ernest concordou.

O Professor True continuou:

— Turnbull ainda era relativamente jovem quando sua saúde começou a fraquejar, e, como era de uma família de tísicos, os médicos lhe deram um ano de vida. Então o que ele fez? Construiu a maior casa que alguém já viu... um lugar para passar seus últimos meses. E chamou a mansão de Speedwell. Mas, em vez disso, a mulher dele morre de coqueluche, e até agora, dez anos depois, o velho Louis Turnbull continua vivo e forte. Era apaixonado por madame Flora nos tempos de outrora. E, ao saber da aposentadoria dela, começou a perguntar quando a Flor de Maio entraria em leilão... Irmã, filha, acho que para ele não faz diferença, ela é a segunda melhor coisa, acho. Homens ricos ficam mimados, ou enlouquecem, ou um pouco de cada coisa, suponho. Homens adultos deveriam ser mais sabidos, eu já os vi ficarem caidinhos, escada abaixo, de cabeça, por uma dessas garotas, sem conseguir entender por que elas não correspondem ao que sentem.

Ernest se sentiu mais uma vez tomado pela raiva e pela impotência.

— Acho que existe uma diferença entre o corpo e a alma. Você pode comprar um corpo, mas o coração... — Balançou a cabeça. — O coração não se pode nem alugar.

Essas eram as palavras que pairavam na cabeça de Ernest quando ele vasculhou seu quarto em busca de todos os trocados que possuía. Vinha economizando a maior parte de seu salário desde que começara a trabalhar como empregado, no ano anterior, e agora ganhava gorjetas como chofer — às vezes uma boa quantia. Levava para casa clientes que tinham bebido demais, que se confundiam com suas carteiras.

Contou cento e vinte e oito dólares. Fez uma pequena pausa, atônito, por não ter tido um tostão durante tantos anos. Mas então, mortificado, lembrou-se de que suas economias eram uma ninharia comparadas às enormes carteiras recheadas de dinheiro que os frequentadores gastariam na festa do próximo sábado.

Ernest pegou também os bilhetes da Feira — o bilhete cujo prêmio era ele —, aquele humilde pedaço de cartolina que depositara seu futuro nas mãos generosas, magnânimas e agora trêmulas de madame Flora. Por um momento se perguntou como teria sido sua vida se outra pessoa o tivesse ganhado. Onde estaria? Por mais que se dividisse entre Fahn e Maisie, ele não teria desejado estar em nenhum outro lugar.

Por último, e com muita relutância, acrescentou o alfinete de ouro incrustado de jade que pertencera à sua mãe. Quando não o usava na lapela, mantinha a joia escondida numa meia velha no fundo do guarda-roupa. Aquela peça esguia de ouro opaco era sua única lembrança terrena da vida na China, aqueles momentos sombrios com sua *ah-ma*.

Ernest juntou tudo e saiu pelo corredor para ir até o quarto da srta. Amber, onde a porta estava parcialmente aberta. Espiou lá dentro e a viu com um casual vestido de noite, fumando um cigarro e cuidando de uma de suas muitas perucas, como se o ninho de cabelos dourados fosse um cachorrinho que precisava ser escovado.

— O que você quer agora? — disparou a srta. Amber, soprando a vela que havia usado para aquecer a chapinha. — Deixe-me adivinhar. Alguns cavalheiros chegaram mais cedo esta noite? Diga que já vou descer.

Ernest fez que não com a cabeça.

— Ainda não chegou ninguém. Sou só eu. Tenho uma pergunta...

— Pode falar, garoto, mas seja rápido. Você está perdendo tempo e sei que tem muita coisa para fazer lá embaixo. O carro está pronto e abastecido? Alguns cavalheiros podem precisar de transporte esta noite.

Ernest assentiu. Limpou a garganta enquanto procurava a combinação certa de palavras que pudesse de alguma forma fazer a srta. Amber mudar de ideia. Então mostrou o dinheiro e o bilhete vencedor.

— Sei que está fazendo o melhor para madame Flora. Entendo o quanto ela

está doente e tudo, e que se não fizer logo alguma coisa ela só vai piorar, e ninguém quer isso. Mas...

— Ah, minha santa paciência...

Ernest falou mais depressa.

— Deve haver outra resposta. Eu não tenho muito... — Entregou o dinheiro e o alfinete de ouro. Depois mostrou o bilhete. — Talvez a gente possa imaginar algum arranjo. Eu poderia trabalhar aqui de graça, pelo tempo necessário para pagar a quantia que o Tenderloin ganharia com Maisie.

— Você quer a Maisie? — A srta. Amber olhou para ele, confusa.

— Sim. Quero dizer, não — gaguejou Ernest. — Não é isso. Eu não quero que ela faça isso de jeito nenhum. Talvez a senhora pudesse até vender os meus serviços, talvez o sr. Turnbull precise de um empregado ou motorista... Eu poderia pedir a ele um empréstimo do dinheiro necessário para o tratamento da madame Flora. E trabalharia sem salário, por quanto tempo fosse necessário...

A srta. Amber deu uma longa e última tragada no cigarro e o apagou.

— É uma ideia meiga, garoto, e eu admiro seu sentimento. Acho que meu coração até parou de bater. Espere... lá vai ele... batendo de novo. Está vendo, você quase me matou.

Ernest ficou olhando, frustrado, odiando aquela mulher.

Ela balançou a cabeça.

— Escute, eu vivo no mundo real. Além do mais, Louis Turnbull poderia comprar centenas de outras garotas e centenas de milhares de empregados como você. *Mas não é isso o que ele quer...* Ele quer a Flor de Maio, e por isso vai ter a Flor de Maio. Entendeu? Confie em mim, é muita sorte nossa termos algo que ele deseja tanto. Do jeito que eu vejo, isso é o destino compensando Flora por não ter desistido de Maisie no começo.

Acendeu outro cigarro e colocou a peruca. Falou com Ernest, se dirigindo ao seu reflexo no espelho de três faces.

— Eu só precisava de uma boa razão para ceder Maisie, que é o bem-estar de madame Flora. Mas esse homem me deu *cinco mil* razões.

— Isso — ela apontou para o bilhete — não chega nem perto.

Ernest guardou o dinheiro, o alfinete e o bilhete no bolso.

— De qualquer forma, é tarde demais. Eu já fechei o acordo.

Ernest olhou para os três reflexos da penteadeira se movendo em uníssono; sentiu-se igualmente confuso com todos.

— Garoto, ninguém... e quero dizer ninguém neste mundo de Deus... iria pagar mais do que Louis Turnbull. Por isso eu liguei e nós acertamos as coisas por telefone, rápida e prontamente. Ele não nos dará a graça de sua presença, mas mesmo assim vamos fazer uma festa de iniciação para a Flor de Maio... Ela

vai fazer uma grande e espetacular entrada, descendo a escadaria e desfrutando seu momento sob os grandes holofotes da sociedade... Depois, *vupt*, sai pela porta. Vou garantir que as garotas do andar de cima prestem um tratamento especial aos clientes por terem comparecido, todos vão se divertir em grande estilo e da maneira pela qual o Tenderloin é conhecido, e Maisie vai ter sua festa particular. Só preciso que você mantenha a cabeça no lugar e a entregue na mansão de Turnbull em Windermere, com uma garrafa do nosso melhor champanhe, é claro. — A srta. Amber deu uma piscada e sorriu com dentes manchados de tabaco. — Com os cumprimentos de madame Flora.

TUDO QUE EU TENHO A DAR

(1910)

PARA ERNEST, A CERIMÔNIA DE ESTREIA de Maisie foi um lampejo de sedas em meio à névoa da fumaça dos charutos, tingida pelo cheiro de conhaque e uísque canadense. Ela não foi trazida sobre um carrinho prateado como Jewel; preferiu entrar a pé, trajada em seu vestido sob medida. Ernest sentiu-se ao mesmo tempo aterrorizado e magoado quando ela desceu devagar a grande escadaria, com cintilantes sapatos de salto que a faziam parecer bem mais alta do que seus quinze anos e meio. Ao fazer sua entrada, foi ladeada e festejada por todas as garotas Gibson, que sorriam enquanto a abanavam com plumas de penas de avestruz e o Professor True tocava uma valsa.

Comparadas a Maisie, pensou Ernest, as outras pareciam modelos do ano passado.

Todos os homens ricos, de cabelos lustrosos de brilhantina e bigodes engomados, de smokings de colarinhos abertos e abotoaduras brilhantes, aplaudiram. Alguns cavalheiros mais jovens atreveram-se a beijar a mão enluvada de Maisie, mas ninguém se aventurou a fazer mais do que isso, nem mesmo um beijinho no rosto.

Ernest ponderou, com certa perversão, se havia alguma etiqueta implícita em relação a virgens na noite do defloramento. Ou talvez o alheamento do sorriso de Maisie tenha sido suficiente para manter os lobos a distância.

Como o banqueiro sóbrio falou:

— Eu pago cem dólares por um beijo nos lábios, boneca. Que tal, querida?

Ou o bêbado piegas e constrangedor:

— Que tal quinhentos dólares para dar uma volta sacolejando no banco traseiro do meu carro novo?

Maisie se desviou de cada proposta com um olhar penetrante e um sorriso que teria matado se ela não tivesse reduzido a intensidade.

Ernest ficou esperando na parede mais distante, ouvindo a música. As demais empregadas apressavam-se para renovar os copos vazios, trocar cinzeiros cheios ou trazer o *humidor* para oferecer uma nova cigarrilha. O Professor True começou a tocar uma nova canção que havia composto para a ocasião, ao mesmo tempo que Maisie passava, voltando a atenção para um cliente e logo depois para

outro, flanando como um colibri pelo salão. As garotas de programa oscilavam ao ritmo da música suave e melódica, mas Ernest sabia que Maisie iria partir quando a canção terminasse. Para seu coração pesado, a música soava como uma marcha fúnebre.

Enquanto Maisie orbitava de um lado para o outro mais uma vez, atijando o fogo do desejo nos homens ricos e o da inveja nas outras garotas, a srta. Amber estalou os dedos na direção de Ernest. Para Maisie, a festa estava acabando. Ernest vestiu suas luvas de motorista e andou até o vestíbulo. A simples presença de Maisie — sua beleza magnética aliada a sua indiferença modesta — provocava os cavalheiros que olhavam para ela. Já sabiam que tinham sido derrotados e quem era o feliz vencedor. Ergueram os copos e beberam todo o seu conteúdo em um só gole para brindar o próprio infortúnio, praguejando contra Louis Turnbull em tom de piada.

— Ao velho Turnbull, o único sujeito que conheço que se sai bem em tudo o que planeja... menos morrer! — gritou um homem de barba acima da multidão. — Ele sabe como escolhê-las. Esperemos que se lembre do que fazer com elas!

Ernest cerrou os dentes e olhou para os próprios pés, tentando não pensar na idade do homem que esperava por Maisie em sua mansão. Em sua imaginação, via um Matusalém de barbas grisalhas num roupão comido por traças, cheio de rugas no rosto, a língua dardejando no canto dos lábios rachados.

Talvez ele tenha um ataque do coração. Ernest deu um sorriso amargo enquanto observava os senhores mais velhos no salão. Olhou de novo para a escada.

Ernest imaginou que madame Flora talvez reunisse suas reservas de lucidez e descesse até a festa, onde faria o milagre de adiar o destino de Maisie da forma como o governador Hay podia conceder perdão a uma execução.

Mas não houve nenhum resgate de última hora.

Foi a srta. Amber quem fez as honras da melhor forma que pôde. Não era uma figura nobre, nem articulada como sua vistosa sócia nos negócios, mas o fluxo de uísque canadense e bourbon do Kentucky funcionou muito bem. Os homens riram e ergueram os copos, brindando a uma ausente madame Flora.

Foi aí que a srta. Amber anunciou que era hora da bela do baile se retirar. Os homens aplaudiram mais uma vez.

Ernest sabia que Amber e Flora tomariam um trem para a cidade de Nova York logo após a festa, seguindo depois para uma viagem pelo mar até a Europa. Enquanto alguns homens começavam a subir a escada com suas escolhidas para a noite, tornou-se óbvio que eles também sabiam, e desejavam uma boa viagem à grande dama.

Ernest ficou esperando enquanto o restante das garotas abraçava Maisie.

Cochichavam no ouvido dela, e Ernest só podia imaginar as congratulações, condolências e talvez conselhos. Maisie sorria e dava risada.

Em seguida as empregadas do andar de baixo se enfileiraram perto da porta, formando um corredor improvisado, embora a Flor de Maio não fosse uma noiva.

A sra. Blackwell, Violet e Iris fizeram um brinde em xícaras comuns com champanhe furtada, menos Rose, que mal continha os soluços, como se de alguma forma soubesse que a partida de Maisie anunciava o fim de uma era.

Flutuando no tonel de sua imaginação, em direção à beira de suas cataratas do Niágara emocionais, Ernest quase se esqueceu de que o fim da infância de Maisie era quase demais para qualquer um suportar. Por um momento se perguntou por que tanta emoção era investida em Maisie e não em Fahn. Preocupava-se, imaginando que todas soubessem algo que ele não sabia, que Louis Turnbull era uma criatura sádica. Depois percebeu que, para as empregadas do andar de baixo, se Maisie estava partindo, era porque madame Flora estava realmente perdida, e ninguém sabia quando iria voltar. O grande coração e a pequena alma do Tenderloin estavam partindo em uma volta do ponteiro do relógio.

Ernest foi até a calçada e pôs a pequena valise de Maisie no porta-malas do automóvel. Aqueceu o motor e viu Maisie descendo os degraus devagar. Saiu e segurou a porta aberta, ajudando-a a entrar e oferecendo-lhe uma manta, que ela aceitou com prazer para se proteger do frio. Afundou no luxuoso banco de couro e fechou os olhos, como se a partida fosse a etapa mais difícil da noite.

Ernest tocou a buzina e acenou para a lacrimosa sra. Blackwell.

Pelo espelho retrovisor, pôde ver que Maisie estava sorrindo, mas também enxugando o canto dos olhos com o babado das mangas compridas.

Ernest hesitou antes de perguntar:

— Você se despediu de madame Flora?

Maisie fez que não com a cabeça, recompondo-se. Respirou fundo, segurou o ar e exalou devagar.

— Não precisa. Eu vou vê-la quando ela voltar. E de qualquer forma agora não adiantaria de nada.

Ernest virou para o norte, na direção da mansão de Turnbull.

— Sinto muitíssimo.

— Tudo bem.

Ernest olhou por cima do ombro.

— Última chance — disse com sobriedade. — É só você pedir, que podemos fugir para as montanhas. Eu posso ser Wild Bill Hickok e você pode ser Calamity Jane. Vamos procurar pelos bordéis até encontrarmos Fahn, roubamos

alguns bancos, e eles nunca nos pegarão vivos.

Maisie sorriu, mas não disse nada.

Depois disso, Ernest não falou mais nada. Dirigiu em silêncio, afogando seus sentimentos de amor, perda e pesar no ronco de um motor de oitenta cavalos.

Podia ver o lago Washington ao longe quando entraram em Windermere e passaram pelos grandes portões de mármore que levavam a imensas mansões com nomes como Lochkelden, Summerport e Islesworth. Depois dos portões, passaram por alamedas com jardins bem cuidados, cujos postes mantinham as ruas iluminadas.

Mas a maior casa, uma mansão branca espalhada e iluminada a gás, com intermináveis sacadas debaixo de arcadas altas e um teto de telhas pretas, era o lar de Louis Turnbull.

Não havia necessidade de quaisquer demarcações. A mansão de cinco andares, conhecida como Speedwell, era de longe a maior do local, adornando a colina mais alta, com uma esplendorosa visão do lago. Ernest tomou cuidado para não esbarrar na topiaria esculpida que ladeava a alameda enquanto dirigia pelo caminho sinuoso até a porta. Finalmente estacionou embaixo de uma cobertura. A arquitetura italiana, as fontes, os arbustos podados na forma de pássaros voando e peixes saltando faziam a opulência do Tenderloin parecer uma loja de segunda mão de um bairro pobre.

Um mordomo deve ter notado a chegada deles, pois se perfilou em posição de sentido no alto da escada perto da entrada. Ernest desligou o motor e dois valetes também apareceram. Um logo abriu a porta para Maisie, enquanto o outro, do lado oposto, cuidava de sua pequena valise de pano e também da garrafa de vinho da srta. Amber.

Ernest olhou pelo retrovisor, esperando, enquanto Maisie continuava sentada, de olhos fechados. Nutria uma esperança silenciosa, implorava para ela fechar a porta e pedir que se afastasse. Mas de repente ela pareceu despertar e aceitou a mão do valete quase sem olhar na direção de Ernest. Não disse uma palavra de despedida, e talvez fosse melhor assim.

— Alguém entrará em contato de manhã para você vir buscá-la — disse um dos valetes. Ernest ficou olhando Maisie caminhar até a mansão, a barra do vestido roçando o mármore branco enquanto ela subia os degraus. Maisie se tornou uma silhueta na luminosidade da porta aberta, e sua longa sombra parecia chegar até ele como a luz de um candelabro emanando da entrada da mansão. A porta de madeira se fechou.

Assim como Fahn, Maisie também havia partido.

Ernest afrouxou o colarinho e se rendeu a um doloroso suspiro, a garganta tão apertada que era difícil engolir. Mordeu o lábio e engatou a marcha, ouvindo o

ronco do motor enquanto voltava pela extensa e sinuosa alameda da entrada. Então ouviu um grito mais alto que o ruído do motor. Olhou para trás e viu uma luz entre as sebes. Não podia retornar com o automóvel na entrada estreita, por isso pisou no freio, abriu a porta e saiu do carro. Viu uma figura de branco — Maisie, tinha de ser — correndo em sua direção, sem sapatos, os cabelos louros cascadeando pelos ombros. Ernest tirou o quepe de chofer quando ela abraçou seu pescoço, quase o derrubando ao beijá-lo nos lábios. O sabor era de batom com vinho espumante. Ernest a abraçou com força, apertando-a contra o peito para que sentisse seu coração batendo através das camadas de seda e algodão e cetim engomado. Pôs a mão em sua nuca e ouviu um suspiro flutuando na brisa. Quando afinal a soltou, relutante, foi apenas para exalar de surpresa.

— Você merece isso e muito mais — sussurrou ela, abraçando-o mais uma vez e agarrando-se a ele antes de se soltar. — Sinto muito só ter isso para dar.

ENCRUZILHADAS

(1910)

UM PRIMEIRO BEIJO SIGNIFICA tudo.

Eram essas palavras que ecoavam na cabeça de Ernest enquanto voltava para casa debaixo de uma chuvarada, ao som dos pneus rolando no asfalto molhado, do ronco surdo do motor do automóvel e da sineta solitária de um bonde tarde da noite.

Ernest tocou os próprios lábios. Sentiu-se dividido, retorcido, repuxado entre seu perpétuo anseio por Fahn, que o conhecia melhor que ninguém, e Maisie, que acabara de lhe entregar uma parte de seu coração. E ele não podia ficar com nenhuma das duas.

Virou o veículo para o sul, em direção ao centro da cidade, baixando o para-brisa. Enquanto dirigia na noite gelada, queria sentir o vento, o frio, queria sentir alguma coisa — qualquer coisa para amenizar o enorme vazio no banco de trás, o rombo em seu peito. Mas só conseguiu sentir o cheiro úmido de cavalos deixando suas marcas nas ruas enlameadas, o fedor da maré baixa e de peixe podre.

Dirigindo pelo centro da cidade, Ernest não tinha pressa para voltar ao Tenderloin. Só precisava retornar às onze da noite, para levar madame Flora e a srta. Amber à estação ferroviária. Por isso ficou passeando ao longo da costa, passando pelos píeres 9 e 10, onde a Grande Frota Branca da Marinha dos Estados Unidos estava ancorada, iluminada por luzes difusas. Virou para o oeste, à sombra do cintilante Orpheum Theatre, onde Maisie e as garotas Gibson tinham assistido às produções de *Misalliance* e *The Shadow of the Glen*, irônicas peças teatrais que expandiam as definições de amor e dissecavam a política da época, as questões de temperança, o movimento sufragista, o trabalho, o socialismo e as batalhas de sindicatos que dominavam as manchetes.

Agora Ernest percebia que tudo aquilo fora parte da educação de Maisie, calculadamente planejado por madame Flora e a srta. Amber. Enquanto observava uma longa fila de espectadores, dois a dois embaixo de guarda-chuvas escuros, viu que a apresentação desta noite era a produção *At the Old Cross Roads*, uma peça sobre o filho de um octoruno. Era uma estranha coincidência, uma vez que um bordel chamado Octoruno House ficava a quatro quarteirões de

distância, na periferia do Garment.

Ernest sempre passava por aquele lugar. Quase tanto quanto pela Farmácia Weed's na Jackson Street. Viu seu próprio reflexo na vitrine da loja enquanto passava de carro. A Weed's era onde as garotas iam todos os meses para palestras ilegais sobre questões femininas e sobre como evitar a gravidez. Nas tardes de domingo, a sra. Irvine e seu grupo costumavam ficar do lado de fora com cartazes, protestando.

Quando finalmente voltou ao Tenderloin, Ernest esperava ver os preparativos para o grande bota-fora de madame Flora e da srta. Amber. Mas só ouviu carros buzinando e o som da música vindo de bares nas imediações. As garotas do andar de cima estavam todas nos quartos com seus clientes. E as empregadas ocupavam-se com a arrumação. A ausência de todas dizia mais que um sorriso fingido conseguiria dizer, revelando quanto ressentimento nutriam em relação à outrora amada líder e à sua sócia nos negócios.

As únicas pessoas que vieram se despedir foram a sra. Blackwell, segurando um guarda-chuva para madame Flora, e o Professor True, que veio ajudar com a bagagem, os óculos embaçados pelo súbito aguaceiro.

Ernest imaginou que a srta. Amber perguntaria de Maisie ou Louis Turnbull, mas ela só disse:

— Estação da King Street. Vamos logo com isso.

Madame Flora não disse nada.

A *Empire Builder* esperava na estação, a locomotiva-chefe da Grande Ferrovia do Norte, um trem da meia-noite com destino a Chicago. Em Chicago elas trocariam de trem para Nova York, onde embarcariam em um transatlântico para navegar para além do horizonte das Américas.

Ernest ficou observando madame Flora, com as pálpebras pesadas por causa do láudano, embarcar num vagão Pullman com camas nas cabines. Carregadores negros, todos chamados George, ajudavam com a bagagem. Quando madame Flora e a srta. Amber já estavam a bordo, ele continuou na plataforma, enquanto outros atiravam beijos e uma multidão, agitando lenços brancos, acenava para o trem que partia.

Ernest viu a srta. Amber desaparecer sem sequer olhar em sua direção ou na do Tenderloin. Ficou por ali um bom tempo depois que o trem partiu e a estação silenciou, como uma biblioteca numa manhã de domingo, nada além do som da chuva e do ocasional toque-toque de um salto de couro no piso de mármore.

Quando afinal saiu da estação, Ernest viu que todos os carros estavam

parados na rua, enquanto uma parelha de cavalos ali perto se inquietava, refugando nos arreios. Caminhou até o automóvel e subiu no estribo para ver qual era a comoção. Viu um monte de gente na frente do Billy the Mugs, um salão popular onde homens bebiam baldes de cerveja e costumavam brigar na ruela. Os músicos de vaudeville no subsolo também tinham saído para a rua. Os pedintes que rondavam a entrada de uma farmácia próxima até pararam de mendigar para assistir à cena.

Apesar da chuva, outra multidão havia se reunido na calçada oposta: mulheres muito bem-vestidas segurando jornais dobrados sobre a cabeça para não molhar os chapéus. Foi quando viu a sra. Irvine e uma dúzia de matronas das Mães da Virtude com cartazes de protestos nas mãos, alertando sobre os males das bebidas destiladas. As senhoras misturavam-se a homens uniformizados e mulheres da Missão Repouso do Estrangeiro e do Serviço Social a alguns quarteirões de distância. Entretanto, ninguém gritava, todos permaneciam em silêncio como numa fotografia em ferrotipia, marcantes e luminescentes, olhando para alguém no meio da rua, uma mulher... uma garota.

Ernest a reconheceu imediatamente, a um quarteirão de distância. Ele a reconheceu apesar da chuva, da luz bruxuleante dos postes de iluminação a gás e das sombras rodopiantes e entremeadas de chuva projetadas pelos faróis dos automóveis que buzonavam e se desviavam dela.

Fahn.

Nua. Descalça. Mancando pelo meio da rua debaixo do aguaceiro.

Alguns homens assobiavam, outros caçoavam e escarneciam, davam risada.

As senhoras missionárias ofegavam, agarrando suas pérolas.

Ernest sentiu o coração na garganta enquanto abria caminho pela multidão, correndo na direção de Fahn, gritando seu nome. Mas ela estava confusa e pareceu não reconhecê-lo. Estava cadavérica, muito pálida, e parecia desnorreada, olhando para a frente, para o Tenderloin. A rua estava forrada de pontas de cigarro e vidro quebrado de garrafas de cerveja descartadas, e os pés delas estavam cortados, sangrando, deixando pegadas vermelhas na calçada. Ernest tirou o casaco quando ela caiu de joelhos. Envolveu seus ombros no longo casaco de lã. Seus cabelos molhados e desgrenhados cheiravam a fumaça. Estava com um dos punhos fechados e o abriu devagar, como se os dedos fossem pétalas florindo. Olhou para um punhado de moedas, mas as deixou cair. As lascas prateadas rolaram pelo chão, deslizando em direção aos bueiros e aos pés de um grupo de mulheres que se benzia e rezava em silêncio.

Ernest olhou para as mulheres, muitas delas com os olhos tapados por chapéus ou cachecóis, recuando na sombra.

— Ajudem aqui! — gritou ao ouvir sinos ao longe. — Ela está ferida.

Ajudem-me a levá-la a um médico.

As mulheres ficaram olhando em silêncio, balançando a cabeça, penalizadas.

— Chamem um médico! — berrou Ernest mais uma vez. Então viu a sra. Irvine. Ela olhou nos olhos de Ernest e disse:

— São as recompensas pelo pecado. — Em seguida virou as costas e desapareceu no meio da multidão.

Ernest lutou para se levantar, segurando Fahn nos braços. O corpo dela estava frio e quase desfalecendo quando ele ouviu o barulho de uma sirene. Achou que fosse um carro de polícia motorizado, até ver chamas saindo das janelas de um prédio a cinco quarteirões de distância, labaredas iluminando tijolos antigos, lambendo o céu sob nuvens que continuavam a chorar. Era um bordel, o Tangerine.

A brigada de incêndio chegou gritando:

— Afastem-se! Abram caminho! — Mais sinetas tocaram.

Mulheres gritavam e fugiam; dezenas de homens com baldes e machados chegaram à avenida congestionada com uma mangueira a vapor puxada a cavalo, um carro-tanque e uma nova máquina química motorizada.

Ernest abriu a porta do carro e acomodou Fahn no banco traseiro com a maior delicadeza possível. Recolheu todas as vestes do veículo e cobriu seu corpo trêmulo. Com uma pequena manta de colo, tentou secar seus cabelos compridos, que lhe aderiam ao rosto como manchas de tinta, letras estranhas, caracteres de mau agouro. Os lábios estavam pálidos, e ela começou a tremer.

— Vai dar tudo certo — disse Ernest, apesar de não ter certeza.

Foi então que Fahn soltou um suspiro trêmulo, como se tivesse conseguido chegar à superfície do oceano, escapando da força de uma corrente oculta. Piscou e olhou ao redor. Olhou para Ernest e o reconheceu, com a chuva escorrendo de suas mechas para o rosto. Engoliu em seco e pigarreou, tremendo, então falou:

— Vo-você ainda vai se casar co... migo?

QUIETUDE

(1962)

ERNEST ESTAVA EM SEU APARTAMENTO no Publix e Gracie dormia no quarto.

Depois da discussão com a filha no hospital sobre para onde a mãe deveria ir, a própria Gracie se manifestou:

— Se vocês não se incomodam... eu gostaria de ir para casa com o jovem Ernest — disse, com olhos cansados. — Ele sempre cuidou muito bem de mim.

Cuidei mesmo, pensou Ernest.

Desde aquele momento em que a encontrei sangrando na rua, nunca mais a deixei.

Juju ficou furiosa — com os médicos que sussurravam sobre o comportamento instável de Gracie e de como ela ficaria melhor em um hospital para doentes mentais. E com Ernest, por pensar que Gracie ficaria bem em Chinatown e não na casa da filha em Queen Anne Hill.

Mas, enquanto olhava para a Estação da King Street pela janela trincada, Ernest sabia que, embora faltasse muita coisa em seu apartamento, o lugar de Gracie era ali com ele. Isso sempre fora verdade, a não ser no período em que ela se perdera de si mesma. E dele. Pelo menos a vizinhança ainda apresentava certa familiaridade. Apesar do bom e do ruim, também havia certa paz. No fim, Gracie tinha escolhido ficar ali e agora parecia se sentir mais confortável. Embora nem sempre se lembrasse dele como seu marido, ela agora sempre se lembrava de Ernest como um amigo — um farol, um porto seguro. Um dia de descanso esporádico, sempre acordando com ele por perto, e era assim desde então.

Até Juju teve de admitir.

Ernest endireitou as costas e tentou relaxar enquanto lia o *Seattle Times* de domingo. Era uma edição especial sobre a Feira Mundial, A MAIOR EDIÇÃO DA HISTÓRIA DO JORNAL, ao menos era o que dizia a primeira página em tipos pretos e azuis em negrito.

Gracie continuava querendo ir à exposição. Em seus momentos de vigília, era só do que falava — em geral misturando a Feira nova com a antiga.

Ernest folheou artigos sobre a distribuição de lápis e cartões-postais, matérias sobre juízes de gado franceses, o Spacearama apresentando vinte e dois peritos em óvnis e astrônomos do mundo todo; até mesmo fotos de coristas de salto alto cheias de plumas que dançariam *Salute to Ziegfeld*. Nada mais o surpreendia, nem mesmo quando leu sobre o cosmonauta russo Gherman Titov, que havia visitado a Feira na semana anterior e ofendido todo mundo afirmando que não acreditava em Deus.

— Eu acredito no homem, na ciência e no futuro — declarou.

O futuro, pensou Ernest. Todo mundo na cidade parecia tão alegre e agitado, até no hospital, onde havia estênceis com a marca da Feira pintados em portas e janelas. Era uma comemoração coletiva — o futuro chegou, estejamos ou não preparados. Enquanto isso, uma parte de Gracie continuava isolada numa ilha em algum lugar do passado.

Ernest estava terminando de ler o jornal, informando-se sobre quadros abstratos pendurados na lateral do Pavilhão de Belas-Artes, quando Rich, Hanny e Juju chegaram, trazendo um enorme buquê de flores e um ramallete de balões de hélio que ficaram girando debaixo do ventilador do teto. Ernest ficou olhando quando os fios começaram a formar um nó.

— Alguém da igreja mandou essas coisas — disse Hanny com um sorriso. — O porteiro lá embaixo me pediu para subir com elas. — Acomodou tudo num canto da sala, onde outros arranjos de flores do hospital já começavam a fenecer.

Ernest sentiu o aroma de algo saboroso e ficou surpreso ao ver que Rich estava com uma caixa conhecida no colo, amarrada com um barbante. O noivo de Hanny desatou o barbante e abriu a tampa, inclinando a caixa para Ernest ver o conteúdo.

— Da Padaria Lun Ting? — perguntou Ernest, incrédulo.

— Hanny disse que são os quitutes favoritos da sua esposa.

— E meus também — disse Ernest, pegando um dos *bau*. Ainda estava quente quando ele tirou o papel encerado e deu uma mordida no bolinho, uma nuvem recheada de carne de porco cozida. Sentiu o cheiro de cogumelos e da cebolinha antes mesmo de suas papilas reagirem ao gosto. Os bolinhos eram uma substituição bem-vinda da comida insossa do hospital com que vinha subsistindo nos últimos dias.

— Como mamãe está reagindo ao novo ambiente depois da pequena recaída? — perguntou Hanny. Tirou um maço de Winston da bolsa. Ernest ficou olhando enquanto ela acendia o cigarro com uma cartela de fósforos do Golden Apple Nightclub, do fim da rua.

Recaída?, pensou Ernest. Ficou contente por ela só ter visto a mãe descansando no hospital, não seu colapso na rua.

— Talvez amanhã a gente possa trazer para ela um *udon* de trigo-sarraceno do Maneki? Mamãe sempre adorou aquele lugar — disse Hanny a Rich. — Ela chegou a trabalhar lá como recepcionista tempos atrás, muito antes da guerra. Costumava contar histórias de como todas as mulheres liam poesia e cantavam canções folclóricas para os rapazes japoneses com saudades de casa, que as chamavam de *nihonjin tori*. Mamãe foi uma das japonesas que levantou dinheiro para fundar a biblioteca do Bairro Japonês.

Ernest foi ver Gracie, que ainda cochilava, enquanto as filhas relembravam o trabalho voluntário da mãe no Templo Budista Betsuin e no Centro da Comunidade Japonesa, como ela costumava liderar as danças de rua durante o Obon todo verão.

Enquanto isso, Rich se ocupava explorando o minúsculo apartamento, examinando as fotos esmaecidas nas paredes, os livros da estante de Ernest. Abaixava a cabeça para ler os títulos: *America Is in the Heart*, de Carlos Bulosan, e *Nisei Daughter*, de Monica Sone; novelas românticas de Longus, *Chéri*, de Colette e Henry De Vere Stacpoole; e volumes de traduções de poesias de Li Bai e Cao Xueqin. Ernest ouviu Rich ler o título *Maggie: A Girl of the Streets* de Stephen Crane.

— Parece que seu apartamento só tem livros — comentou Rich.

— É um hábito terrível. — Ernest sorriu. — Adquirido na minha juventude.

Rich franziu a testa.

— Como se os livros fossem a sua religião.

— Bem, minha mãe era confucionista, e acredito que meu pai era metodista — observou Ernest, dando de ombros. — Mas nunca mais vi nenhum dos dois desde que tinha quatro ou cinco anos.

Rich aquiesceu e estalou a língua. Pareceu estar ainda pensando sobre aquilo quando foi até a cozinha improvisada de Ernest e passou a examinar as fotos de Hanny e Juju na geladeira, ainda meninas, brincando numa piscina de plástico, tomando água na mangueira do jardim.

— Qual é a história por trás desta coisa mórbida? — Rich mostrou um cartão-postal com uma pintura a óleo que se destacava dos sorrisos em preto e branco das fotografias. As cores chapadas do cartão-postal retratavam uma mulher com um livro e um cigarro. Uma árvore de Natal triste e parcialmente enfeitada, rodeada por mulheres sem rosto, assombrava o pano de fundo.

— Deixa eu adivinhar... Matisse? — perguntou Rich.

Ernest balançou a cabeça.

— Esse é um Edvard Munch.

— O norueguês que pintou *O grito*? — indagou Juju.

Ernest aquiesceu.

— E qual é o título deste aqui? — Rich ergueu as sobrancelhas, indiferente.
— *Dama entediada num bar pintada por um secundarista?*

Ernest deu um suspiro e passou os dedos pelos cabelos grisalhos.

— Esse quadro em particular foi criado quando o artista andava meio sem sorte, bebendo demais. Frequentando espeluncas. Ele o chamou de *Natal no bordel*.

Hanny olhou para a cozinha, acendendo um cigarro.

— Como o Tenderloin, onde você e sua esposa foram criados? — perguntou Rich.

Ernest assentiu.

— Uma piada interna de um velho amigo, se preferir.

— Do tio Paz? — perguntou Juju.

Ernest meneou a cabeça, olhando para sua velha máquina de escrever.

Uma pilha de páginas em branco, como camadas de casca de cebola. Vinha tentando escrever alguma coisa — qualquer coisa, tecendo lembranças em benefício de Gracie, mas as poucas páginas mosqueadas que tinha datilografado eram apenas tentativas desajeitadas, sentenças e devaneios cheios de erros de digitação, imperfeições corrigidas com corretivo líquido, deixando bolhas que pareciam tumores benignos sobre a superfície lisa.

Rich observou o verso do cartão-postal. Passou o dedo no selo, carimbado na região norte de Seattle. Leu o que estava escrito e olhou para cima, casualmente.

— E quem é Margaret Turnbull?

EVANESCÊNCIA

(1910)

ERNEST ABRIU OS OLHOS, despertado por uma campainha aguda e metálica. Pensou ser outro alarme de incêndio, até perceber que o som vinha do telefone no quarto da srta. Amber. Ficou ouvindo o telefone tocar e tocar e se sentou. Seus primeiros pensamentos, confusos e aterrorizados, foram para Fahn.

Ernest tinha estacionado na viela e a trazido pela entrada de serviço — o que deixou chocada e surpresa a sra. Blackwell, que saiu para procurar o Professor True. Conseguiram deixar Fahn em seu antigo quarto, mais ou menos consciente. Enquanto isso, os clientes do Tenderloin estavam saindo do prédio. As garotas dos andares de cima iam até as janelas observar a comoção na rua, temendo que as chamas se espalhassem em sua direção. Felizmente a chuva e a nova bomba mecânica conseguiram conter o fogo.

Iris, Violet e Rose ajudaram a dar um banho quente em Fahn, lavando a fuligem e a fumaça de seus cabelos. Vestiram-na para dormir e fizeram curativos em seus pés. Ernest preparou um chá de sabugueiro e a sra. Blackwell aqueceu uma tigela de caldo de carne com molho de cebola.

Fahn estava começando a ter febre e falou muito pouco enquanto tentavam alimentá-la.

— Eu... só queria... me despedir da Maisie — murmurou. Falou menos ainda depois que a sra. Blackwell lhe serviu uma generosa caneca de conhaque quente.

— As garotas encontraram marcas no braço dela — cochichou a sra. Blackwell quando Fahn adormeceu. A corpulenta cozinheira apontou para uma mancha na manga, perto do cotovelo. — Algum tipo de veneno, aposto. Provavelmente uma injeção de morfina. Alguns bordéis fazem isso. Espero que ela tenha queimado todos naquela espelunca.

Ernest ouviu o telefone tocar de novo. Apertou os olhos contra a luz da manhã que entrava pela janela. Examinou seu uniforme de chofer, terrivelmente amarrotado, antes de sair pelo corredor na direção do som, sabendo que a maior parte das garotas do andar de cima ainda estaria na cama.

Pensou no que a sra. Blackwell tinha dito. Entendeu o que ela quis dizer quando reproduziu o movimento de uma injeção — aliás, foi mais uma lembrança. Enquanto estava no Serviço de Imigração dos Estados Unidos, Ernest

tomara injeções, mas também já tinha visto latinhas de ópio sendo confiscadas, tanto de homens como de mulheres. Lembrava-se vagamente de mendigos banguelas dos quais sua mãe sempre o afastava, do cheiro açucarado que emanava dos longos cachimbos que homens e mulheres delirantes fumavam.

— Eu vou denunciá-los. Madame Flora sempre fazia esses lugares serem invadidos pela polícia. Mas sem ela por aqui... — A indignação da sra. Blackwell transparecia em sua voz. — Enquanto isso, vamos todos nos revezar para cuidar da nossa filha pródiga. Se a febre aumentar muito, vou levá-la ao Wayside.

Ernest recordou-se do *Idaho*, o barco a vapor movido a pás que fora convertido em hospital de emergência para os pobres.

Fahn tinha chegado de barco, pensou, e poderia partir da mesma maneira.

Quando Ernest passou pelo quarto vazio de Maisie, notou que alguém tinha remexido as cobertas e deixado uma pequena caixa de chocolate com um laço cor-de-rosa da Confeitaria Stokes em cima do travesseiro. Viu também um cartão grande e enfeitado, assinado por todas as garotas Gibson, dando boas-vindas em seu retorno à irmandade.

O telefone continuava tocando, e finalmente Ernest se deu conta de quem deveria estar ligando. Entrou no quarto vazio da srta. Amber e atendeu.

— Bom dia, senhor — disse uma voz grave e rouca do outro lado. — Quem fala é o sr. Waterbury, sou o mordomo da mansão Speedwell. O sr. Turnbull pediu para ligar e informar que o senhor pode vir buscar a srta. Nettleton quando for mais conveniente.

— Com certeza — gaguejou Ernest. — Eu já estou...

— Ele também pediu que parasse na padaria favorita dele no caminho. Diz que está cansado do jejum daqui e gostaria de uma refeição especial, depois de uma noite especial.

O sr. Waterbury esperou pacientemente até Ernest pegar uma prancheta e um lápis para ditar uma longa e detalhada lista de coisas a serem compradas no trajeto. O mordomo agradeceu e desligou antes de Ernest conseguir responder.

Ernest conteve sua irritação, desligou o telefone e saiu do quarto. Amarrou os sapatos, ajeitou o cabelo com os dedos e desceu para pegar seu casaco preto pendurado no quarto de Fahn. Ele tinha subido quando a febre finalmente amainou e ela adormecera logo em seguida. Agora Jewel estava lá, encolhida numa poltrona e enrolada num cobertor, as duas dormindo. Ernest sorriu quando viu que a cor havia retornado às faces de Fahn. Sua expressão era tão tranquila quanto a superfície de um lago num dia sem vento, mas imaginou quais criaturas não estariam adormecidas no fundo, no lodo. Não queria nem pensar em quem ou o que Fahn tinha aguentado nessas últimas semanas.

Eu já volto, pensou Ernest, fechando a porta devagar.

Depois de pegar uma senha na Padaria Blitzner e esperar na fila por dez minutos que pareceram dez horas, Ernest entrou em Windermere atrás de elegantes carruagens puxadas a cavalo, caminhões de entrega e dezenas de empregados negros que chegavam para trabalhar usando uniformes recém-passados a ferro. Quando chegou afinal à mansão de Turnbull, havia um cocheiro esperando para lavar o automóvel, enquanto Ernest era conduzido para dentro, os braços tomados por um pomposo pacote de tortas de nozes, biscoitos de merengue de laranja, uma dúzia de bolinhos, um bolo de passas brancas, mais um pão de frutas de Viena com creme de leite fresco.

Ernest foi levado por uma longa galeria, estranhamente desprovida de quadros ou fotografias. O corredor dava em uma área que mais parecia o átrio de um grande hotel que de uma residência. Ficou surpreso com um órgão de tubos de três andares que chegava ao teto abobadado pintado como um céu.

— É um lugar especial, não é? — disse o sr. Waterbury. — Embora, infelizmente, o órgão não tenha emitido uma só nota desde o falecimento da senhora da casa, muitos anos atrás. Na época o sr. Turnbull também mandou retirar todos as obras de arte das galerias. Agora sua opinião é que obras de arte competem com a visão do lago. Só manteve os candelabros Tiffany na biblioteca, o que com certeza foi louvável.

Ernest ouviu as mulheres chinesas de avental na cozinha transferindo os artigos acondicionados das caixas para um carrinho de prata e os arranjando em bandejas cobertas. Em seguida acrescentaram chá quente, café e suco de maçã. O próprio sr. Waterbury arrematou a coisa toda com um exemplar novinho do *Seattle Times* de domingo.

— O sr. Turnbull pediu para você servir o desjejum pessoalmente — disse o mordomo. — Suponho que ele gostaria de conhecê-lo, por razões que não entendo bem. De qualquer forma... — Apontou para um elevador à espera.

Ernest nunca tinha visto um elevador. O único que conhecia era o da Funerária Butterworth & Sons, na Quinta Avenida. E aquele dispositivo específico era usado somente para transportar corpos em pesados caixões de carvalho.

Agradeceu ao homem de casaca, atônito pelo fato de os empregados conseguirem fingir que não havia nada de incomum em uma jovem ser entregue e mais tarde retirada do quarto de dormir de um velho rico. Mas não disse nada e empurrou o carrinho para o elevador, anuindo para o operador negro. O

candelabro dentro da cabine oscilou e tilintou como sinos de vidro quando o operador fechou a porta de latão. Ernest ficou firme quando o pequeno e elegante receptáculo começou a subir.

Quando recuperou o equilíbrio e saiu no último andar com o carrinho de serviço, sentiu como se tivesse sido transportado para um mundo ainda mais rico e dourado, tão decadente quanto o vestibulo no andar térreo. O operador tocou na aba do quepe de veludo e conduziu Ernest até uma série de portas duplas no final de um longo corredor luxuosamente acarpetado.

Ernest começou a imaginar quantas lindas jovens já tinham passado por aquele corredor cor de ameixa. Quantas como Maisie haviam passado pelas mesas estreitas adornadas com vasos orientais cheios de flores recém-colhidas, pelas bochechas rosadas de querubins pintados que decoravam o teto em arco e espiavam de cornijas lavradas. Sentiu o perfume das flores e notou que as rosas tinham espinhos. Lembrando-se de Fahn recuperando-se em sua cama, estendeu a mão para uma das hastes, espetando o dedo numa das roseiras. A dor aguda e revigorante o distraiu; viu o sangue quente escorrendo. Limpou-o com o lenço antes de passar com o carrinho pelas portas duplas e alcançar a aldraba. Parou, fechou os olhos como que fazendo um pedido e anunciou sua presença. Ouviu passos, e a porta foi aberta por outro serviçal.

Uma parte de Ernest esperava encontrar Maisie estendida numa cama, seminua, como em uma cena de *As mil e uma noites*, ladeada por eunucos de turbante e cimitarras. Ficou aliviado ao ver que ela usava o mesmo vestido da noite anterior, os mesmos sapatos, embora o cabelo estivesse solto e o batom há muito desbotado. Ocupava uma cadeira ornamentada, mãos sobre a valise, sorrindo de vez em quando, ligeiramente impaciente, como se estivesse esperando no saguão de um banco. Ernest inclinou a cabeça ao notar o cintilante colar de diamantes em volta do pescoço dela.

— Você chegou. Bem a tempo. — Maisie se levantou e alisou as pregas do vestido com um longo suspiro, como o de uma árvore, curvada pelo vento, agora voltada para a luz do sol. Aproximou-se do carrinho com o desjejum, pegou um pedaço de pão de frutas, mergulhou o doce no creme e o jogou na boca, mastigando e dando risada.

Sorriu quando falou de boca cheia:

— Venha viver comigo e seja meu amor, e teremos todos os prazeres para experimentar. Aqueles vales, grutas, colinas e campos, bosques ou vales de montanhas íngremes. — As garotas Gibson gostavam de recitar trechos de poemas.

Ernest arrumou a gravata.

— Vamos embora?

O empregado que começara a servir café parou e ficou em alerta. Ernest ouviu um zunido quando o sr. Turnbull saiu de um quarto de vestir adjacente.

Ernest acenou para o homem, que parecia um sujeito saudável, com pouco mais de cinquenta anos. Usava uma barba curta cor de mel, salpicada de prateado. Turnbull já estava com um terno marrom-escuro, de colete e colarinho engomado.

— Ah, você chegou. Este jovem intrigante deve ser Ernest — disse o sr. Turnbull. Ernest percebeu que o rico patrocinador de Maisie tinha tatuagens nos braços, uma espécie de currículo de marinheiro saindo das mangas desabotoadas da camisa. Havia algo de estranho no sujeito — certa familiaridade, talvez. Ernest tentou se lembrar de onde tinha visto o homem. Será que aquele cavalheiro tinha ido ao Tenderloin sem que Ernest soubesse?

Ernest franziu o cenho quando o sr. Turnbull agradeceu a Maisie, beijou-a no rosto e disse:

— Até a próxima vez. Não se esqueça da minha proposta, querida. — O serviçal conduziu Maisie para fora do quarto e fechou a porta antes que Ernest pudesse acompanhá-la. O sr. Turnbull pegou o jornal e se sentou atrás de uma enorme mesa de leitura de mogno. Bebericou seu café, sorriu e experimentou um biscoito de merengue. Afastou as migalhas e fez sinal para que Ernest se servisse do carrinho.

— Ah, em que mundo vivemos — comentou o sr. Turnbull sem tirar os olhos da página do jornal.

— Eu estou de saída — disse Ernest.

— Absurdo. Fique mais um pouco. — O homem apontou para o jornal. — Veja só isso. Ballington Booth, ex-presidente do Exército da Salvação, foi a Londres e contou a todos que estamos nos aproximando celeremente do final dos tempos. Que coisa mais irritante! Por alguma razão, todas as gerações acham que o mundo está acabando. O que você acha, meu jovem?

Ernest estava muito confuso. E cansado. *Ainda devo estar sonhando*, pensou.

— Não sei exatamente o que está me perguntando — respondeu. Conteve sua raiva, mas começava a perder a paciência. Precisava levar Maisie para casa. Precisava ver como estava Fahn.

— A arrogância é de pasmar. — O sr. Turnbull balançou a cabeça, ergueu os olhos e perguntou: — Como dormiu na noite passada?

Ernest se ouviu dizendo:

— Muito mal.

— Isso é muito ruim. De minha parte, dormi como um carneirinho. São as roupas de cama, feitas da melhor seda japonesa. E, claro, eu estaria mentindo se dissesse que a companhia não tenha sido... notável. — O excêntrico ancião

baixou o jornal e começou a cantarolar uma música: — Redonda como uma maçã, olhos profundos como uma chávena, o Mississípi inteiro não consegue encher. — Olhou para Ernest e deu uma piscada. — Minhas desculpas à Mamãe Gansa...

— Desculpe, senhor...

— Não, não, não... Sou eu quem devo pedir desculpas, meu jovem, por não termos nos conhecido antes. Veja só, temos algo em comum, eu e você. *Profundamente* em comum.

Ernest esperou pacientemente o homem dar outra mordida antes de continuar.

— A jovem Margaret me disse que vocês se conheceram na Feira no dia da visita do presidente Taft... e que acabou indo trabalhar para a magnífica Florence Nettleton. Insisti para que me contasse tudo sobre essa pessoa, a quem ela saiu correndo da minha porta para se despedir. Flora sempre contratou pessoas muito interessantes para trabalhar com ela.

Ernest não pôde deixar de notar que, quando o homem falava de madame Flora, uma faísca de admiração se transformava em labareda. Demonstrava um estranho respeito, mesclado ao seu entusiasmo.

O sr. Turnbull continuou divagando, tamborilando na mesa enquanto falava.

— Desde que minha finada esposa, Millie, deixou este mundo, eu venho sendo... consumido por Flora Nettleton, apesar de ela ser uma espécie de Mãe Jones das madames. Você sabe, aquela velha enrugada que gosta de gorjear “As mulheres não precisam votar para criar um pequeno inferno”. Bem, talvez ela tenha razão, pois madame Flora é uma grande mulher. — O homem cofiou a barba e respirou fundo, de forma esclarecedora. — Pena ela não se encontrar disponível no momento. Mas era muito inteligente, talvez a mulher mais inteligente que já conheci. É por isso que não me surpreende que tenha cercado todas as probabilidades para ganhar você na Eayp.

Ernest começou a pensar no que Maisie estaria fazendo lá embaixo. Talvez estivesse lá fora, chutando os pneus do automóvel.

— A questão que estou querendo levantar — continuou o sr. Turnbull — é que eu queria conhecê-lo pessoalmente, para ver as coisas boas... o que há de promissor em um jovem como você, em alguém de origem tão humilde e provinciana.

— Por eu ter sido rifado na Feira? — perguntou Ernest. Não conseguia entender até onde aquilo iria.

— Não só isso. — O sr. Turnbull riu como se estivesse sendo muito claro e Ernest é que não estivesse prestando atenção. — Eu queria conhecê-lo... Sim, você, por ter chegado a este país como uma criança carente do Extremo Oriente... de um território distante, esfacelado pela guerra, pela rebelião.

— Por eu ter vindo da China?

— Exatamente. Agora estamos nos entendendo. Falei com meu secretário executivo agora de manhã e pedi que examinasse os registros de um de meus escritórios, e veja só. — O sr. Turnbull deu outro gole e apontou para Ernest com a xícara de café. — Existe uma boa chance, meu jovem, de você ter vindo em um de meus navios. Que coincidência, não?

Ernest abriu a boca, prestes a falar, mas não disse nada. Sua cabeça girava, lembranças lúgubres retornavam. Imagens de homens desagradáveis na China, do médico do navio, dos escravistas que se passavam por mercadores, garotas vestidas de seda em gaiolas, Jun e outros garotos que se afogaram quando foram transferidos aos cuidados de contrabandistas.

— Eu estive pessoalmente em uma dessas poucas viagens — continuou o sr. Turnbull, arregaçando casualmente as mangas da camisa e mostrando um borrão de tinta desbotada.

Ernest se lembrou de certa manhã em um cemitério.

Crianças refugiadas acordando.

Sendo conduzidas para longe de sua aldeia arruinada.

O som de disparos de arma de fogo. Um homem com um casaco elegante.

Louis J. Turnbull.

Ernest continuou olhando enquanto o homem falava.

Louis J. Turnbull era o homem que não era meu tio.

O ricoço não parava de falar de seus empreendimentos comerciais no Oriente, dos navios que construiu, da frota que possuía, da preciosa carga que transportavam.

Ernest quase conseguia sentir o cheiro de fumaça, da lama fétida e da peculiar fragrância de sua mãe antes de se afastar para morrer.

— Agora, veja como você está. — O homem bebericou o café enquanto Ernest despertava de suas estranhas lembranças. — Uma figura altiva, um cidadão modelo, como qualquer ocidental. Sei o que está pensando... que deveria me agradecer...

Ernest continuava boquiaberto, as palavras formuladas desaparecendo na palpitação de suas têmporas, na batida de seu coração ao imaginar centenas de pessoas, talvez milhares, enganadas, iludidas, compradas e vendidas, embarcadas para outros continentes, vendidas pelo lance mais alto, adquiridas, enquanto outras eram jogadas fora, dadas de presente. Cadáveres boiando perto da praia como escolhos, restos de navios e cargas no mar, mulheres e crianças.

— Mas se alguém tem que agradecer, sou eu, meu jovem amigo — continuou o sr. Turnbull. — Comecei de baixo, um rebotinho numa colônia penal nos confins da Austrália e de Fiji, mas Cantão mudou minha sorte. — Fez um gesto

com a mão, olhando ao redor do quarto. — Tudo isso, tudo o que tenho, foi construído sobre a crença de que, apesar das injustas leis trabalhistas, do maldito decreto de exclusão para manter gente como você afastada, trazer pessoas como você para este país foi lucrativo, caridoso e até uma transação humanitária.

Ernest achou que o homem era tão cheio de si que seu colete estava prestes a explodir.

— Só o fato de ver no que você se tornou — continuou o sr. Turnbull com um grande sorriso — é todo o agradecimento que poderia querer. Você é a prova viva de que o trabalho da minha vida foi uma nobre aventura. Ouro é loucura, os navios... zarpam para longe. Mas a nova humanidade, isso é a mercadoria da vez.

Ernest pensou em Fahn cambaleando para casa na chuva. Pensou em todas as garotas como ela, que nunca encontraram alguém como madame Flora. E até mesmo em Flora, sucumbindo às exigências de seu trabalho.

Ernest viu o sr. Turnbull voltar ao seu jornal da manhã.

O homem falou sem erguer o olhar.

— E agora John D. Rockefeller Jr. se aposentou, para ser um filantropo em tempo integral. — Virou a página. — Enquanto isso, a meio mundo de distância, a China aboliu a escravidão. O que você acha? Se quer saber minha opinião, parece que os escravos romperam as correntes de submissão dos dois lados do oceano. — Riu consigo mesmo e ergueu os olhos. — Foi um prazer conhecê-lo. Acho que você consegue encontrar o caminho da saída.

Ernest saiu sem se despedir. Estava prestes a agarrar e estrangular o homem. Mas ele não seria útil para Maisie e Fahn na cadeia.

Na saída do elevador, um serviçal levou Ernest até a porta e a escadaria, onde encontrou Maisie ao lado do automóvel, olhos fechados, tomando sol sobre a grama, pernas cruzadas, braços abertos, os dedos na relva. Quando a sombra de Ernest pairou sobre ela, Maisie abriu os olhos.

— Ele contou a você, não foi?

— Contou o quê?

— Que foi um dos que o trouxeram para cá.

Ernest assentiu.

— E Fahn também. Ela também estava naquele navio.

Maisie fechou os olhos.

— Exatamente o que eu disse. O bom. O ruim. Tudo está relacionado. É como o destino... como nossa querida Rose definiria. O herbalista de Chinatown chamaria nossas vidas emaranhadas de fios vermelhos. Madame Flora diria que é... o destino.

Ernest olhou para ela. Não sabia o que dizer.

— Não fique tão triste — disse Maisie, sentando-se.

Ernest engoliu a seco.

— Por que você está tão feliz?

— Estou feliz porque Louis Turnbull me fez a melhor proposta que já tive na vida. Ele não tem mais mulher, nem filhos, a propósito, e quer que eu seja sua pupila. Dá para acreditar? Disse que vai me levar para o exterior... que vou poder ir aonde quiser, fazer qualquer coisa. Posso encontrar minha mãe. Posso pagar por tudo que ela precisar. — Maisie manifestava seu entusiasmo com tanto vigor que chegava a doer. — E a melhor parte é que ele disse que posso levar você como serviçal. Podemos ir todos juntos para a Europa. Abrir nossas asas. O que você acha?

Como se Turnbull nunca tivesse parado de comprar e vender gente. Ernest soltou um suspiro.

— Talvez você devesse se dar um tempo e pensar a respeito — falou.

— Pensar em quê? Você não vê como isso é perfeito? Podemos partir esta semana. Nós dois. Pense nos lugares a que podemos ir, o que podemos ver.

Ernest ficou em silêncio, ainda que algo em seu interior exigisse que ele fosse com ela.

— Bem, na verdade, nós três. — Maisie deu de ombros e sorriu. — Mas tenho certeza de que Turnbull vai estar ocupado a maior parte do tempo, fazendo outras coisas, cuidando dos negócios.

Ernest gostava de Maisie, tanto que até doía. Mas por mais que quisesse estar ao seu lado, viajar pelo mundo com ela, participar da vida que teria, sabia que jamais poderia aceitar esse tipo de proposta. Já tinha sido dado de presente, duas vezes. E naquele momento jurou que nunca mais se entregaria daquela forma.

Maisie chegou mais perto e pôs as mãos em seu ombro, abriu os lábios e inclinou-se para a frente, mas parou. Olhou nos olhos dele como se fosse falar alguma coisa, como se palavras importantes e convincentes pairassem na ponta da sua língua. Murmúrios mágicos. Promessas secretas. Histórias com finais felizes.

Mas ficou em silêncio.

— Não posso — disse Ernest.

Segurou as mãos dela.

— Não pode? — perguntou Maisie. — Ou não quer?

Ernest imaginou um pôr do sol no mar. O cheiro do oceano. O som das ondas batendo. Mas logo se lembrou da chuva fria da noite anterior.

— Fahn voltou. — Só de falar o nome de Fahn, sabendo que ela estava novamente em segurança, se encheu de esperança, alegria e satisfação. — Ela precisa de mim.

Maisie aquiesceu, num gesto de desistência. Entrou devagar no banco traseiro e fechou os olhos. Mal se mexeu quando Ernest deu partida no carro barulhento. Mal se mexeu enquanto ele dirigia em silêncio até o Tenderloin.

SEM PALAVRAS

(1910)

MAISIE PARTIU NA MANHÃ seguinte.

Não deixou nenhum bilhete, mas deixou o colar como despedida sobre um travesseiro perto de Fahn enquanto ela dormia. Ernest encontrou o colar de diamantes de manhã, ao levar chá e um ovo quente para o desjejum de Fahn.

Quando Ernest explicou que Maisie tinha partido para ser manteúda de Louis Turnbull, Fahn tinha se recuperado o suficiente para entender o significado da ausência da velha amiga. Ele também contou que havia uma grande probabilidade de Turnbull ter ajudado a trazê-los pelo Pacífico. As palavras soaram como ficção quando Ernest descreveu o plano de Maisie de viajar para a Europa para encontrar a mãe — e que tinha convidado Ernest para ir com ela.

— Por que você não foi? — perguntou Fahn, segurando o colar.

Ernest conseguia sentir a estranha admiração e a inveja das garotas do andar de cima, que tinham levado Fahn a escolhas tão desastrosas. Mas também conseguia ver mais sabedoria em seus olhos, uma confirmação. Ela sabia o quanto aquelas escolhas poderiam custar, quer envolvessem um bordel ou uma gaiola de ouro — o preço era sempre o mesmo.

— Porque... — Ernest misturou o leite e o mel no chá de Fahn. Em seguida, entregou a xícara a ela. — Eu achei que você ainda iria se casar comigo algum dia.

Uma pequena parte dele ainda lamentava não ter ido com Maisie. Seria bom viajar pelo planeta. Mas este era o seu mundo agora — Fahn era o seu mundo.

Fahn segurou a mão dele.

— Cuidado com o que deseja, jovem Ernest.

Na hora do jantar, Fahn se vestiu para a refeição. Andou mancando até a mesa das empregadas, sentou-se ao lado de Ernest e conversou amigavelmente com as colegas e com a sra. Blackwell, como se pouco tivesse mudado. Fez até piadas sobre finalmente se tornar uma garota Gibson, agora que a Flor de Maio deixara uma vaga — o que fez Ernest quase engasgar com sua torrada. Violet e Iris deram risada, ainda que uma risada nervosa. Ninguém se atreveu a perguntar se

Fahn tivera qualquer coisa a ver com a calamidade. Pelo menos até Rose chegar, atrasada por estar limpando o quarto agora vazio de Maisie.

— Eu saí hoje de manhã para pegar alguns vestidos das meninas no conserto — disse Rose. — Tive que me desviar da espelunca que pegou fogo. Meu Deus, ficou uma ruína! Só restaram vigas e uma parte da escada... É como olhar para a carcaça de uma baleia com ossos enegrecidos. As equipes de reparo estão dizendo que foi um milagre ninguém ter se ferido.

Ernest notou que todas à mesa faziam o possível para não olhar na direção de Fahn. Não pôde deixar de lembrar sua figura cambaleando pela rua na chuva. Pegadas de sangue. Risadas.

— Imagino que você não tenha tido nada a ver com esse incêndio, teve? — perguntou Rose, olhando para Fahn antes de pôr o guardanapo no colo. Só depois notou os olhares acusatórios. — Ah, não. Falei algo que não devia de novo, não foi?

O recinto ficou tão silencioso que Ernest conseguia ouvir o zumbido da lâmpada elétrica piscando no teto, o som do estômago de alguém roncando atrás de camadas de seda, algodão e lã, os passos abafados das moças no andar de cima, os saltos no carpete.

Fahn deixou de lado a faca e o garfo. Limpou delicadamente o queixo.

— O que você acha, espinhosa Rose? — perguntou enquanto arrumava o pávio da lamparina a óleo no centro da mesa, girando o registro de latão para a frente e para trás, fazendo a chama cicizar.

Em seguida pediu a Ernest para passar o pão.

Ernest não tinha a menor dúvida de que Fahn tinha ateado fogo ao lugar. E não a culpava nada por isso. O que não podia permitir, porém, era que ela fosse trabalhar nos andares de cima.

Naquela noite, Ernest cuidou estoicamente da porta de entrada, cumprimentando os clientes da noite e ajudando com os sobretudos de lã dos cavalheiros, as bengalas de castões perolados e os chapéus a serem limpos e escovados. Acompanhou os convidados até o grande salão, onde eram recebidos pelas damas e servidos das costumeiras taças de espumante em bandejas de prata. Havia senhores ricos, Ernest vira alguns deles muitas vezes, mas já não tentava mais se lembrar dos nomes.

— Não fique de cara tão fechada — disse o Professor True ao se sentar ao piano.

— É tão óbvio assim?

— É noite de eleição, por isso as coisas devem andar devagar por aqui. E além disso, se quer mesmo saber a verdade, meu jovem...

Ernest sabia que o Professor só queria ajudar, lhe dar algum conselho ponderado e paterno — uma salva verbal para amenizar o surto de melancolia causado pela partida de Maisie e pelo retorno de Fahn. Mas Ernest não se sentia no estado de espírito para ouvir.

— Desculpe, Professor — disse enquanto se afastava. — Mas já tive minha dose de verdade no momento.

Ernest voltou à chapeleira, desejando que as circunstâncias mudassem. Foi quando as luzes se apagaram, literalmente, e ele ouviu as garotas Gibson gritando e vaiando jocosamente. Entrou no salão e notou que o candelabro elétrico que iluminava o ambiente e o vestíbulo estava apagado, que os ventiladores de teto movidos a correias que refrescavam a sala desaceleravam, rangendo na escuridão. A sra. Blackwell começou a dar ordens às serviçais, que logo trouxeram velas e fósforos para acender lampiões a gás em todas as salas. Enquanto isso, o Professor True continuou tocando, mal perdendo um compasso.

— Bem, acho que já sabemos quem é o nosso novo prefeito — murmurou a sra. Blackwell ao abrir as cortinas para deixar entrar a luz dos postes. O vereador Gill era um crítico severo do Departamento de Luz e Água de Seattle, e aparentemente a diretoria havia interrompido o serviço em sinal de protesto à sua eleição.

— Quanto tempo acha que vamos ficar sem eletricidade? — perguntou Ernest.

— Não muito tempo — respondeu a sra. Blackwell. — Só o suficiente para passar a mensagem, garoto.

Ernest olhou pela janela e viu que os bares por perto estavam sendo esvaziados de frequentadores bêbados que saíam às ruas, garrafas na mão, tomando as calçadas do Garment District. O trânsito parou quando os cocheiros seguraram as rédeas com mais firmeza, reduzindo a marcha dos cavalos, enquanto automóveis buzonavam em vão atrás dos bondes elétricos, imobilizados nos fios de eletricidade. Apesar do blecaute, as pessoas no bairro vibravam e comemoravam, celebrando a vitória do prefeito Gill.

— É a política, garoto — ponderou a sra. Blackwell. — Tudo se reduz a mudar as pessoas de um lugar para outro. Segundo boatos que ouvi, os correligionários de Gill trouxeram de caminhão centenas de desempregados de Wenatchee, Yakima e Cle Elum e de onde mais conseguissem encontrá-los. Deixaram todos pela cidade e os levaram para as urnas como eleitores recém-registrados. Metade deles não deve saber ler nem escrever os próprios nomes.

Ernest olhava para a noite, letárgico. O novo prefeito estava agora livre para

colher os frutos maduros da política aberta das sementes silvestres plantadas na cidade enquanto vereador. Ernest sabia que provavelmente os negócios melhorariam no longo prazo. Agora os bares e tavernas poderiam ficar abertos a noite toda, a semana inteira, e as bandas poderiam tocar até mesmo aos domingos. Como isso afetaria o Tenderloin era algo que ninguém sabia.

Ernest esfregou os olhos quando a eletricidade piscou e zumbiu e as luzes voltaram. Todo mundo aplaudiu, as garotas Gibson brindaram com os frequentadores e entre si. Foi quando Ernest viu Fahn do outro lado do salão lotado, com seu uniforme preto de funcionária e avental. Mas estava com um penteado semelhante aos das garotas do andar de cima, o que a fazia parecer mais velha, e também usava o colar de diamantes deixado por Maisie. Conversava com os clientes, e tentou fazer o possível para sorrir quando olhou para trás e viu Ernest.

Ernest foi até o subsolo, onde gostava de ir para organizar seus pensamentos. A sala da caldeira, úmida e bolorenta, com uma nova fiação elétrica e velhos canos que gemiam, era o mais longe que podia chegar sem tecnicamente abandonar seus deveres.

Eu costumava ter medo deste lugar, pensou, lembrando-se de como detestava ficar sozinho num local tão lúgubre e cavernoso. Agora, aquele era o seu santuário.

Amarrou o lenço, cobrindo a boca e o nariz e sentindo o calor da própria respiração enquanto seus olhos se adaptavam à escuridão. Foi ao depósito de carvão e à caldeira, que irradiava tanto calor que sua testa começou a transpirar.

Em uma névoa de frustração, Ernest estendeu o braço para abrir a porta da fornalha, esquecendo-se de vestir as luvas. Sentiu o metal incandescente do puxador lhe queimando a palma da mão. Praguejou e recolheu a mão, apertando os dentes. Seus dedos pareciam gelados e quentes ao mesmo tempo, os olhos lacrimejaram de dor. Cheirou e examinou a mão que começava a inchar na luz difusa do recinto, tocando a pele e vendo uma ou duas bolhas surgindo. Por fim a dor começou a diminuir e, com ela, parte de sua tristeza.

Balançou a cabeça diante da própria tolice e se sentou num velho caixote. Olhou para as marcas da mão e se lembrou de ter vislumbrado certa vez misteriosos cortes no braço da srta. Amber, antigas cicatrizes que ela escondia usando mangas compridas. Quando mencionou o que havia visto para a sra. Blackwell, ela chamou aquilo de marcas de sofrimentos passados, mas também disse que os homens do Hospital do Oeste de Washington definiam o pernicioso

hábito de se cortar na juventude como um suicídio parcial. O termo pareceu absurdo, mas agora, depois da partida e do retorno de Fahn, Ernest entendia como uma parte de alguém podia perecer. Enquanto observava o calor radiante, vendo as brasas flamejantes, percebeu como poderia ser fácil cair de um lugar tépido para um local de labaredas envolventes.

SUSPIROS DE CALÍOPE

(1910)

NO DOMINGO SEGUINTE, ERNEST estava ao lado de Fahn no ventoso convés superior da balsa *Cidade de Seattle*, olhando para as águas turvas e azul-esverdeadas da baía de Elliot enquanto a embarcação manobrava em direção à maré baixa de Duwamish Head e Alki Beach.

Nos meses anteriores, passara seus dias de folga no Garment District mesmo, dentro de seus limites, pois muitos negócios, teatros e galerias de caça-níqueis permaneciam fechados aos domingos. Mas desde a eleição do prefeito Gill, uma semana atrás, o Luna Park, a Coney Island do Oeste, ficava aberto todos os dias, bem como muitos bares e tavernas por toda a cidade. Na verdade, Ernest ouvira falar que o salão do Luna Park se gabava de ter o bar mais bem fornido de toda Seattle — um fato que não combinava bem com o modorrento parque de diversões nos arredores de West Seattle.

Enquanto a balsa balançava, tentou ouvir o som longínquo da montanha-russa e a música de órgão do carrossel.

— Então, jovem Ernest, o que você gostaria de fazer primeiro? — perguntou Fahn quando a balsa desacelerou para aportar. Apoiou-se no ombro dele na leve oscilação do convés de madeira, com o motor desligado e os pássaros circulando acima, grasnando, planando e mergulhando.

Ernest inspirou o ar salgado.

Isto.

Imaginou-se abraçando-a.

E isto.

Abaixando-se para lhe beijar as bochechas, rosadas e frias por causa da brisa.

E finalmente isto.

Imaginou a si mesmo murmurando.

Algo para desfazer o passado.

A balsa tocou a buzina e interrompeu seus devaneios.

— Os canais de Veneza parecem bonitos — disse quando Fahn o pegou pelo braço e os dois se juntaram à multidão e aos cavalos que desembarcavam da balsa. Foram caminhando sem pressa pela musgosa passarela de madeira em direção ao Parque de Diversões de Seattle, passando por cartazes recém-pintados

anunciando a Banda LaSousa's Minstrel, um Carnaval Aquático e madame Schelle, a Domadora de Leões. Os dois sorriram ao ler a palavra *madame*.

Ernest gostou dos reconfortantes ecos da visita dos dois à Feira. Até algumas atrações eram as mesmas, inclusive o balão de ar quente. Também tinha ouvido falar que o Luna Park estava realocando o Zigue-Zague, adquirido para aumentar sua oferta de novos brinquedos emocionantes: o Tobogã, o Chapéu Mexicano, a Gruta dos Mistérios e a enorme Montanha-Russa em Forma de Oito, anunciada como tendo oitocentos metros de altura.

Ao avistar a estrutura de madeira na periferia do parque de diversões, Ernest pôde ver que a altura anunciada era um exagero, ainda que os gritos dos passageiros dissessem a qualquer um que pudesse ouvir que era bem alta.

Ernest puxou Fahn de lado para abrir passagem para um palhaço com uma enorme peruca roxa; o palhaço tirou um porquinho de um pequeno Studebaker. Os dois embarcaram numa gôndola preta e comprida e saíram navegando pelos canais venezianos do parque, passando por músicos de smoking tocando instrumentos de corda e por uma mulher com uma peruca alta cantando em italiano. Ernest recostou-se no assento de couro vermelho, quente com o sol da tarde, e colocou o braço sobre o ombro de Fahn, como faziam os casais nos outros barcos. Enquanto navegavam, Fahn falava sobre o quanto sentia falta de Maisie. Ernest sentia o mesmo vazio. Na verdade, ele não acreditava — nem achava que Fahn acreditasse —, mas os dois concordaram que a amiga provavelmente estava melhor agora. Diziam a si mesmos que ninguém poderia obrigar a Flor de Maio a fazer qualquer coisa que não quisesse fazer. Quando a gôndola parou, os dois foram ajudados para sair da embarcação.

Fahn se entusiasmou ao apontar para um brinquedo a distância.

— Olha lá, um carrossel.

Ernest ouviu o órgão de tubos e correu atrás dela na direção da manada de cavalos pintados. Quando chegaram, Fahn subiu no tablado e começou a andar em meio a uma floresta de animais — principalmente éguas, mas também ursos, búfalos e até um tigre listrado recoberto de joias de vidro. Ernest a alcançou quando os passageiros saíam e mais homens e mulheres, alguns com seus melhores trajes dominicais, embarcavam no carrossel. Montou em um garanhão preto com o rabo feito de pelo de verdade, com Fahn à sua frente sentada de lado, pernas cruzadas, em outra montaria, a aba franjada de seu vestido amarelo simples chegando pouco abaixo dos joelhos. Ernest deu uma moeda ao operador pelos dois e se segurou no mastro colorido quando a música começou a tocar e o carrossel a girar. Enquanto volteavam em círculos alegres, as montarias subindo e descendo, a silhueta de Fahn aparecia refletida mil vezes no mosaico espelhado no centro do carrossel. Para Ernest ela parecia uma garota de novo, uma

adolescente feliz, bochechas rosadas de alegria, cabelo penteado para trás em um coque. E naquele momento — naquele instante perfeito e empolgante, ele se sentiu muito feliz. Abriu a boca para falar, mas quando olhou para ela percebeu que seu sorriso infantil havia desaparecido.

— Qual é o problema? — perguntou.

Fahn não respondeu, e a música festiva continuou tocando, enquanto o mundo do Luna Park orbitava ao redor de seu campo de visão. Foi quando Ernest viu homens uniformizados. Ninguém em particular, um grupo de marinheiros. Era comum ver homens como aqueles num dia de sol. Apontavam para uma exposição que mostrava um urso bebendo de uma mamadeira. Então um deles deu um olhar de soslaio e tocou a aba do quepe.

Quando Ernest se virou, o cavalo de Fahn estava vazio. Avistou um borrão amarelo enquanto o carrossel continuava girando. Desceu do cavalo e contornou a plataforma até achar a direção em que Fahn estava correndo. Ao mesmo tempo que tentava passar pela multidão, vislumbrou novamente o vestido amarelo e percebeu que Fahn se dirigia para o embarque das balsas. Quando a alcançou perto da entrada, ela estava imóvel, olhando para o chão, os ombros subindo e descendo à medida que recuperava o fôlego.

Para Ernest ela parecia uma rocha, com um rio de gente fluindo ao seu redor. Abriu um sorriso amarelo na direção das crianças que passavam dando risada.

Pegou a mão dela e tentou olhar em seus olhos.

— Nós não precisamos voltar tão cedo — disse. — Por que não fazemos uma pausa, tomamos uma limonada e damos um passeio?

Os olhos dela dardejaram quando olhou para ele e depois para a balsa, que chegava a cada trinta minutos.

— Desculpe, Ernest. Sei que acabamos de chegar, mas não posso ficar. Acho que aqui não é o meu lugar...

Ernest não sabia o que dizer para melhorar a situação. Fahn tinha toda a autoconfiança do mundo dentro do Tenderloin, mas aqui, sob o sol...

— Eu também não pertenço a lugar nenhum. — Deu de ombros. — Mas aqui estou eu.

Fahn fechou os olhos e esfregou a testa.

— Eu queria te contar de um jeito melhor. Mas a sra. Blackwell mandou um telegrama para a srta. Amber, aos cuidados da Grande Ferrovia do Norte. Contou que Maisie foi embora e que eu voltei.

Ernest imaginou as reações conflitivas diante daquelas duas notícias.

— Ela recebeu uma resposta hoje de manhã — prosseguiu Fahn. — Amber não falou nada sobre Maisie. Mas insistiu que, se eu ficasse no Tenderloin, teria de pagar minha estadia trabalhando no andar de cima. Eu sei que uma vez eu

disse a todo mundo que queria...

— Você não precisa fazer isso — interrompeu Ernest. — Com certeza a sra. Blackwell...

— Eu não vou arriscar o emprego dela.

Fahn baixou a aba do chapéu, encobrindo os olhos.

— Eu vou dar um jeito. Vamos voltar para casa. — Começou a andar na direção da balsa que chegava.

Antes de argumentar ou tentar convencê-la do contrário, ouviu o apito da balsa anunciando a chegada. Logo depois escutou o fluxo peculiar, porém inconfundível, de vozes em coro cantando. Não era uma música interpretada por uma das divas operísticas do parque de diversão, mas vinha de um coro reunido no castelo de proa da balsa *West Seattle*. Mesmo à distância, Ernest reconheceu o semblante sombrio de ministros de batas pretas e senhoras portando cartazes condenando bebidas no Sabbath. Era evidente que os opositores do prefeito Gill, as Mães da Virtude e o grupo irmão, as Forças da Decência, não estavam querendo dar o braço a torcer. A eleição tinha mexido no ninho de vespas.

Fahn enterrou o rosto nas mãos.

— Venha comigo. — Ernest a pegou pela mão e a levou pelo parque até um ponto de bonde ali perto, da linha Alki do Seattle Electric Railway's. Comprou passagens e os dois entraram bem a tempo. Sentou-se com Fahn de costas para a balsa. Quando o bonde já se afastava, os manifestantes desembarcaram e começaram seu desfile pelo parque de diversões. Ernest ficou firme enquanto se dirigiam às passarelas e atravessavam os suportes enlameados de uma ponte que os levaria para casa.

Depois de trocar de bondes na Spokane Street, os dois voltaram à Pioneer Square. Ernest pegou Fahn pela mão e a ajudou a descer na plataforma perto do Garment District. Ela parecia cansada — não só cansada, mas perdida.

Ernest não aguentaria voltar ao Tenderloin naquele momento.

Mas, ao inspecionar as imediações, pôde ver que não havia paz nem tranquilidade ao redor, nos teatros, nos restaurantes e bares barulhentos. Além do mais, as ruas pareciam mais movimentadas que o normal, pois os carros e carretas de entregas reduziam a velocidade enquanto cada vez mais manifestantes se reuniam para o que parecia ser mais uma demonstração contra o prefeito recém-eleito. Ernest viu a sra. Irvine se dirigindo à multidão com um megafone do alto da carroceria de um caminhão.

A Eayp tinha mostrado Seattle a todo o país — o bom, o ruim, o ultrajante.

Mas agora a cidade aberta e libertina apoiada pelo prefeito Gill estava sendo testada pelos próprios cidadãos. Além disso, o retorno do cometa Halley vinha provocando mais superstições apocalípticas, fazendo preocupados fiéis voltarem aos bancos de igrejas, onde salvaguardavam seus pecados com atos de contrição. E aqueles já determinados a salvar almas se ataçavam e aderiam à sra. Irvine às centenas. Uma inquietação abençoada inundava o Garment District, e Ernest não sabia bem o que poderia acontecer com o Tenderloin sem madame Flora e a srta. Amber lá para defendê-lo contra aquelas incursões virtuosas.

Atravessou a rua com Fahn até o lugar mais tranquilo que conseguiu encontrar, a Livraria H. J. Ellison, um de seus esconderijos prediletos, silenciosa e cheirando a café e couro. Levou-a até uma estante de romances populares, longe da entrada da loja.

— Eu realmente não estou a fim de mais uma lição de literatura francesa — resmungou Fahn enquanto dava uma olhadela distraída nos livros recentes de Harold MacGrath e Joseph Conrad. — É o meu dia de folga. Por que não voltamos para casa e eu durmo até a hora de trabalhar?

Ernest ficou olhando pela vitrine da livraria enquanto a multidão migrava em direção ao Tenderloin, e os automóveis e as carruagens recomeçaram a transitar.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou o proprietário.

Ernest aquiesceu para o homem, sentado a uma mesa no fundo da loja lubrificando uma máquina de escrever. Um cachimbo pendia do canto de sua boca.

— Escolha alguma coisa — cochichou Ernest a Fahn, apesar de seus protestos. — Escolha alguma coisa divertida, não didática. Eu compro para você.

Como que em meio a uma névoa, Fahn escolheu um livro de capa dura de um escritor chamado Stacpoole. Entregou o livro a Ernest, absorta, que foi até o balcão e deu um dólar de prata ao proprietário e ficou esperando o troco.

— Ah, que escolha excelente — disse o homem com o cachimbo subindo e descendo no canto da boca. — Esse livro já está na sétima edição... é um sucesso de vendas. A história é sobre dois jovens como vocês, isolados numa ilha tropical.

Ernest folheou as páginas, inalando o aroma de tinta fresca da impressão e do tabaco aromatizado do homem. *Perfeito*. Olhou de novo para Fahn, que agora era uma silhueta, um lindo manequim perto da vitrine enquanto o mundo passava à sua frente. Agradeceu ao proprietário e saiu da livraria com Fahn, como se ela fosse uma sonâmbula, afastando-a no contrafluxo da multidão, até chegar à entrada de um prédio triangular na periferia do bairro da luz vermelha. Em cima do teto havia um gigantesco cartaz iluminado, com um letreiro de seis metros de altura dizendo: HOTEL SEATTLE.

Ernest viu o reflexo do letreiro nas portas de vidro.

Por que não?

Viu a expressão resignada nos olhos de Fahn quando entrou ao lado dela e pagou por um quarto que antes era do Hotel Occidental. Fahn parecia desapontada por não ir para casa, mas também um pouco curiosa, como se aquilo fosse apenas mais um capítulo na triste crônica da sua vida. Ernest segurou a mão dela e subiu as escadas em espiral até um quarto no quinto andar com vista para a rua. Fahn sentou na cama e Ernest tirou os sapatos dela, dizendo que eles poderiam chamar o serviço de quarto, mas Fahn disse que não estava com fome. Pouco depois afrouxou a gravata e olhou para fora, onde viu policiais entrando no bairro a cavalo. Havia brigas nas ruas, pessoas atirando garrafas e pedras. Mas lá de cima o tumulto parecia a um universo de distância, como se todos fossem atores de um filme mudo. Do alto de seu mundo, Ernest tinha uma visão panorâmica da construção da nova Torre Smith e mais além, vendo as águas azul-esverdeadas e cintilantes do estreito de Puget. Dali ele podia ver trens chegando e partindo, podia observar os navios em movimento, o vapor saindo pelas chaminés, mas só conseguia ouvir as lufadas de vento na janela e o som de seus saltos de couro no piso de madeira. E mesmo isso foi abafado pelo carpete quando ele andou até a cama.

Ajeitou um travesseiro e fez Fahn se deitar, relaxar e fechar os olhos se quisesse. Pegou um grande edredom de plumas e a cobriu até os ombros. Puxou uma cadeira para perto da cama e sentou.

— Agora você está em segurança.

— Você não vai deitar comigo?

Ernest piscou. Balançou a cabeça devagar.

Houve um silêncio constrangedor.

Ernest respirou fundo, extasiado com a maneira como os cabelos escuros de Fahn caíam pelo edredom branco. Fahn olhou para ele, tentando entender a expressão de seu rosto.

— Você sabe que pode, se quiser — disse. — Tudo bem...

Ernest estendeu o braço e tocou a mão dela.

— Não está tudo bem. E não me importa o que a srta. Amber diz. Se ela vai mesmo tentar fazê-la trabalhar como uma garota do andar de cima para pagar sua estadia, eu pago pelo seu tempo... todo o seu tempo, todas as noites. Simples assim.

Pegou o livro e abriu na primeira página. Limpou a garganta e começou a ler em voz alta, parando de vez em quando para olhar para Fahn. Os olhos dela estavam fechados, e ela parecia cansada, exausta, mas também sorriu enquanto se aninhava debaixo das cobertas. Ernest esperava que estivesse bem aquecida.

Acomodou-se de forma mais confortável e continuou lendo até a noite, até Fahn adormecer.

Depois leu mais um parágrafo para si mesmo:

Aqui o ar era de cristal, e por onde se olhasse, a paisagem e os recifes eram adoráveis, o verde das palmeiras, o branco dos corais, as gaivotas voando, a lagoa azul, tudo em contornos nítidos — brilhantes, coloridos, arrogantes, porém afáveis — lindos de doer, pois o espírito da eterna manhã estava aqui, a felicidade eterna...

Fechou o livro, suspirou e disse em voz baixa, para não acordá-la:

— Eu te amo. Sempre vou te amar.

Apoiou os pés e também fechou os olhos.

ATEANDO FOGO

(1962)

ERNEST SE SENTOU AO LADO DE GRACIE, aninhada em seu divã embaixo de uma velha manta de lã. Gracie tecera a manta em crochê anos antes, e, apesar de agora talvez não se lembrar mais de sua origem, sua vaga familiaridade parecia contribuir com algo além do conforto físico. Assim como o livro que Ernest tinha no colo, o mesmo e surrado exemplar que havia comprado para ela havia cinco décadas. Eles deviam ter lido quarenta ou cinquenta romances juntos durante os longos anos em que Gracie tivera que trabalhar no andar de cima como uma garota Gibson. Mas aquele livro sempre fora o favorito dela — e de Ernest também. Sorriu ao virar as páginas até o último capítulo, detectando certo aroma de tabaco e o cheiro de amêndoas queimadas do velho papel.

— Continue lendo — disse Gracie. — Você não pode parar agora.

Ernest atendeu ao pedido, sabendo que, apesar de já terem lido aquele livro meia dúzia de vezes, a história continuava nova em folha para ela. Pela ansiedade, Ernest percebeu que Gracie parecia não se lembrar de que a aventura romântica terminava em tragédia para os personagens principais. Os dois jovens amantes finalmente foram resgatados da ilha deserta onde estavam, mas só depois de terem consumido um punhado de frutas silvestres venenosas, justamente quando pensaram não haver mais esperança.

Quando leu a última página, Ernest pigarreou, respirou fundo e mudou o final. Deu a Gracie o que achou que ela precisava, um grande resgate ao pôr do sol e um viveram felizes para sempre para completar.

Gracie franziu a testa quando ele fechou o livro.

— Na verdade as pessoas não acabam felizes no fim, não é, Ernest?

Ernest viu as rugas nas mãos dela, a pele flácida. Não se sentia mais tão jovem.

— Eu voltei a encontrar você... Isso me faz feliz.

Gracie apertou os lábios e olhou para o passado.

— Eu me lembro... — Fez uma pausa. — Lembro de você e de Maisie. Sinto saudade dela.

— Aquilo foi há muito tempo — comentou Ernest. — Eu também sinto saudade.

Ficaram em silêncio por um interminável minuto, enquanto Gracie continuava procurando, sopesando alguma coisa na memória. Ernest ouviu uma sirene ao longe.

— Você... devia ter ficado com a Flor de Maio — disse. — Ela te ofereceu o mundo inteiro. E você perdeu sua chance. De alguma forma... eu estraguei tudo, não foi?

Ernest ficou observando o olhar de Gracie passear pela salinha, pelos velhos livros, pelas fotografias em sépia, pelas revistas com artigos sobre a Expo Século XXI, pelos jornais com as matérias de Juju, pelas últimas fotos tiradas de Hanny, pelo cartão de visitas de Rich, por seu próprio reflexo num copo de água, distorcido mas ainda transparente, como suas lembranças.

Gracie mexeu no botão da blusa.

— Você nunca me perguntou o que aconteceu no Tangerine.

Ernest aquiesceu — ela tinha razão. Durante todos aqueles anos ele nunca quis entrar nessa conversa específica — era uma velha história com que não se preocupava. Mas também percebia que aquelas lembranças embaçadas agora eram como teias de aranha, bloqueando a visão de Gracie. Ela teria de admiti-las se houvesse alguma chance de seguir em frente, removendo-as das camadas de sua mente.

— Eu não precisava saber — disse Ernest. — E nunca perguntei porque não queria que você revivesse um só instante do que aconteceu.

Gracie assentiu e olhou pela janela, como se estivesse ouvindo apenas parcialmente.

— Eu me lembro das coisas mais estranhas, sabe. Lembro do jeito que madame Flora usava aqueles chapéus emplumados. Das perucas da srta. Amber. Lembro de trabalhar na cozinha... do calor do forno, do aroma de pão recém-assado, do cheiro de óleo de carvão e perfume, das garrafas de vinho e dos velhos carpetes e cortinas empoeirados. Mas isso não foi no Tangerine, foi? Aquele lugar cheirava a... mentira. E vinagre. Aquele lugar... era administrado por um homem chamado Jun. — Gracie fez uma pausa, meneou a cabeça. — Isso também não está certo, não é? Fossem quem fossem... eu nunca soube o nome deles, mas de início pareciam simpáticos.

— Graciosa. — Ernest segurou a mão dela e balançou a cabeça. — Você não precisa...

Mas ela o ignorou e continuou falando, tentando se lembrar.

— Eles nos cobravam aluguel, nos davam... roupas usadas. Diziam que devíamos por elas. As outras garotas... trabalhavam sob contratos que pareciam não acabar nunca.

Gracie ficou em pé e olhou para a penteadeira. Estendeu o braço, tocou no

próprio reflexo.

— No começo... eu andava no meio dos homens como uma sonâmbula, dezenas de homens, marinheiros, operários da indústria de conservas... As mãos deles cheiravam a salmão e óleo de peixe.

Tocou na própria face, como se reconhecesse a si mesma.

— Mas meu orgulho não conseguia acompanhar o meu corpo. Então eu disse que queria sair... queria ir para casa. Eles não deixaram.

Ernest viu Gracie dar um longo suspiro. Depois outro.

— Eles... me trancaram no quarto. E quando fiquei horas batendo na porta, eles me deram alguma coisa... que me deixou... sonolenta. Quando o efeito passou, eu disse que ia fugir, gritei que ia chamar a polícia. Disse que conhecia algumas pessoas. Foi quando eles tiraram as minhas roupas. Me deixaram num quarto com nada mais que uma luminária e uma garrafa de veneno. Imagino que a maioria das garotas terminava ali.

— Mas você não é como a maioria — comentou Ernest.

Gracie balançou a cabeça devagar.

— Em minhas lembranças, acendi o fogo. Pensei em você e em Maisie quando peguei o lampião a óleo e espalhei pelas paredes, no tapete, e pus fogo na cama. Senti o calor na minha pele nua, senti o gosto da fumaça. Pensei que fosse morrer, que o teto ia desabar. Foi quando os proprietários entraram correndo no quarto com baldes de areia, gritando... e eu fugi.

Você continua fugindo, pensou Ernest.

— Eu ateei fogo naquele lugar imundo, não foi?

Ernest concordou, estranhamente orgulhoso dela. Lembrou-se de ter se preocupado de alguém ter se queimado, ou morrido no incêndio. Que a polícia viesse prendê-la. Mas não veio ninguém. Mais tarde percebeu que eles só se preocupariam se o Tenderloin tivesse queimado.

Gracie deu uma olhada na sala. Inclinou a cabeça quando olhou pela janela.

— O que eu estou fazendo aqui, jovem Ernest? Que lugar é este?

— Nós... estamos juntos, como sempre estivemos.

— Não... — Ela meneou a cabeça. — O que você está fazendo comigo? Você não devia estar comigo. Eu... estou atrapalhando você. Você deveria estar com Maisie.

Ernest deu um suspiro.

— Esse navio já zarpou há muito tempo.

Gracie franziu a testa.

— Ela agora se chama Margaret.

— Nós todos crescemos — disse Ernest, assentindo. — Nós sobrevivemos.

Enquanto a observava lutando para reconciliar o passado com o presente,

Ernest pensou sobre o livro que havia lido para ela mais uma vez — sobre finais trágicos que jamais podiam ser consertados. Mas foi então que ele entendeu. Às vezes é preciso sentir a tristeza, é preciso sentir tudo para afinal deixar tudo para trás, para alcançar a paz.

Felicidade. Tristeza. Como todas as coisas, elas chegam ao fim.

DESALOJADAS

(1911)

ERNEST AJUDOU O PROFESSOR TRUE a levar um enorme e gotejante bloco de gelo de uma carreta de entrega parada na viela até a cozinha. O homem segurou uma ponta do bloco do tamanho de um baú de viagem com gigantescas pinças de metal e o depositou no gabinete em cima do refrigerador. Ernest sentiu no rosto molhado de suor o frio irradiando do gelo. Fechou a tampa e saiu com o Professor para a viela e contornando a frente do prédio, onde se sentaram nos degraus para aproveitar o glorioso sol da primavera, se espreguiçando e aquecendo as mãos.

— Soube alguma coisa da Flor de Maio recentemente? — perguntou o Professor True, subindo os óculos para a testa e acendendo um charuto com um fósforo da cozinha, baforando.

Ernest balançou a cabeça. Sabia que, mais que qualquer outra pessoa, o Professor relutava em aceitar que provavelmente Maisie não voltasse mais. Já havia se passado um ano, mas ele continuava perguntando, esperando algum cartão-postal ou um mensageiro de bicicleta aparecer com um telegrama da Alemanha, de Seattle ou... de algum lugar.

Ernest lembrou que, algumas semanas depois de ter se mudado, Maisie ligou para a sra. Blackwell para anunciar seus preparativos para a viagem, mas não perguntou nem por ele nem por Fahn. As garotas Gibson foram até a Estação da King Street, onde deram de presente a Maisie uma grinalda de beijo-de-frade e um pirulito colorido e se despediram. Mesmo depois de todos esses meses, ainda falavam sobre como Maisie estava usando um casaco de vison comprido e uma bolsa de couro quando desceu de um grande sedã branco. Os serviços de Speedwell também estavam presentes, transportando uma pequena montanha de bagagens para o trem, e acompanharam Maisie e Turnbull na viagem.

Ernest e Fahn preferiram não ir — por medo de que a despedida fosse um adeus definitivo. Era uma maneira estranha de manter a esperança. Imaginaram Maisie conquistando o mundo, embora as garotas do andar de cima não tivessem mencionado se ela estava ou não sorrindo.

Pela reação superficial das garotas Gibson, Ernest percebeu que para elas Maisie sem querer tinha acertado o alvo que madame Flora as estimulava a

buscar. Não era uma verdadeira liberdade, supôs Ernest, mas uma forma de dependência social tão elevada e grandiosa que para elas parecia liberdade.

Seria aquilo diferente de garotas festeiras trocando favores por meias de seda, garrafas de conhaque e jantares em restaurantes chiques — ou de garotas da sociedade acalentando o desejo e a promessa de um noivado apropriado e um casamento tradicional?

Ernest tinha ficado muitas noites acordado, refletindo. Garotas eram complicadas, e mulheres desconcertantes, e os desafios que enfrentavam pareciam quase intransponíveis. O mundo era um jogo de cartas marcadas contra elas. Mas talvez Maisie tivesse levado vantagem.

— Ninguém ouviu nada sobre ela. Nem uma palavra. — Ernest exagerou a verdade, só um pouquinho. Ele *tinha* recebido um bilhete de Maisie uma semana após sua partida; ela estava na cidade de Nova York na ocasião, prestes a embarcar num vapor para Londres. Disse que se sentia vivendo um conto de fadas, um mundo que não refletia sua vida anterior. Lamentava não ter se despedido de forma apropriada dele e de Fahn. E deixou um endereço postal aos cuidados de Louis Turnbull. Mas quando Ernest respondeu com um cartão-postal com uma foto sua e de Fahn de mãos dadas no píer de Milwaukee, Maisie não respondeu.

Ernest achava que talvez Fahn tivesse recebido uma resposta, mas, se recebeu, nunca mencionou tal coisa. E alguns dias depois ela passou a ocupar o quarto de Maisie no andar de cima.

Ernest desconfiava que, tivesse ou não encontrado a mãe, a Flor de Maio, assim como o *Mayflower* de quem pegara seu nome emprestado, tinha partido para sempre e nunca mais voltaria. E selado sua despedida com o silêncio.

Aquela revelação foi afinal confirmada meses depois, quando a sra. Blackwell leu o anúncio do casamento de Maisie nas colunas sociais do *Seattle Times*.

— Diz aqui que Louis J. Turnbull e sua jovem pupila, a adorável Margaret N. Turnbull, voltaram de uma viagem de noivado à Europa e se casaram no mar, com planos para uma lua de mel num cruzeiro ao redor do mundo. — A sra. Blackwell se sentou, o que era raro, como se a verdade a tivesse exaurido. As garotas dos andares de cima quase desmaiaram.

O artigo não mencionava madame Flora. Não que Ernest tenha ficado surpreso.

— O que acontece com esses ricaços inescrupulosos e suas esposinhas jovens e fofas? — perguntou a sra. Blackwell retoricamente. — Primeiro foi o rei do cobre, William Clarke, e sua jovem pupila, Anna Eugenia, agora a nossa Flor de Maio. Que Deus os abençoe.

Depois que ficou sabendo das núpcias de Maisie, Ernest às vezes lia sobre ela no jornal, onde os colunistas descreviam seus elegantes vestidos, os cabelos cacheados tingidos de um tom rosa-claro nas pontas, acompanhando a última moda, os cintilantes colares e braceletes de diamantes que usava nas corridas de iates ou nas partidas de tênis em Viretta Park. Mas os artigos sobre a mais nova debutante continental de Seattle não mencionavam nem uma vez suas origens humildes. Era como se Margaret Turnbull houvesse surgido do nada.

— Hoje em dia ela é outra pessoa — comentou Ernest.

Ao que o Professor True retrucou:

— Existem pessoas na nossa vida que amamos, e perdemos, e de quem sempre sentimos saudades. Elas orbitam o nosso coração como o cometa Halley, atravessando o nosso universo apenas uma única vez em nossas vidas, ou duas, se tivermos sorte. E quando fazem isso, afetam a nossa gravidade. Sabe o que estou querendo dizer? Essas pessoas são especiais.

Ernest concordou com a cabeça. O cometa Halley tinha chegado e partido e o mundo não havia acabado. Porém nunca mais fora o mesmo. E, se chegasse a sentir saudades de Maisie, só podia se consolar passando pelos lugares menos glamorosos em que poderia ter acabado, os bordéis que madame Flora tentara fechar.

Ao pensar na polícia, Ernest se deu conta de que não via um policial a pé havia semanas. Nem mesmo passando pelo Tenderloin para “multar todo mundo por vadiagem”, que era apenas uma maneira de taxar o negócio. Em tempos passados, a sra. Blackwell recebia os documentos do policial, pagava as multas em dinheiro trocado, oferecia uma fatia de torta de maçã recém-assada e uma xícara de café, só para depois jogar as multas na lareira.

Nada mais do que isso.

Enquanto observava a rua de cima a baixo, procurando por algum policial uniformizado, Ernest ouviu sinos tocarem, alegres, e um rugido da multidão a alguns quarteirões de distância. Depois ouviu uma cantoria — vozes que soavam mais como um exército em marcha.

— Elas nunca desistem — disse o Professor True, apontando para um desfile de mulheres vestidas de preto na Terceira Avenida.

A três quadras de distância, Ernest reconheceu a sra. Irvine — a mãe das Mães da Virtude. Elas estavam de volta, mais estridentes do que nunca, e em número maior do que jamais havia visto, apesar de os negócios andarem um tanto devagar no Garment District.

Rose e Violet saíram para ver a manifestação, como sempre faziam. Quando as mulheres se aproximaram, Ernest pôde ler melhor as inscrições nas bandeiras e nos cartazes que elas ostentavam, os mesmos que pediam o fim dos bordéis,

cassinos, salões, bares, tavernas, salões de baile e até clubes sociais onde vendiam-se bebidas alcóolicas. A retórica de sempre.

Mas dessa vez também notou que a sra. Irvine estava com um machado apoiado no ombro.

— Opa, temos um problema, não é? — perguntou Rose a ninguém em particular.

— Eu li sobre isso no jornal de hoje — comentou Violet. — Como nós mulheres conseguimos novamente o direito de votar, as sufragistas se reorganizaram. Formaram um grupo gigantesco. Estão numa nova cruzada... umas vinte mil ao todo.

— Parece que estão todas aqui — observou o Professor True.

Ernest não via tanta gente num lugar só desde o encerramento da Feira Mundial. Levantou-se e recuou quando aquele mar de mulheres continuou a se aglomerar pela rua.

Muitas manifestantes levavam vassouras e berravam que estavam ali para “limpar” o bairro. Mas um número equivalente portava machados, foices e pés de cabra. Algumas invadiam os salões, passando por frequentadores bêbados e atônitos. Rolavam barris de cerveja na rua e os quebravam com martelos e picaretas, como pássaros ferozes que matam algum outro animal a bicadas. Muitas se embrenhavam pelas ruelas, batendo nas portas e quebrando mesas de dados.

Ernest notou que as garotas impudicas que normalmente caçoavam das manifestantes espiavam de suas janelas no segundo ou terceiro andares e logo voltavam para dentro, fechando as janelas ou as cortinas e persianas para se proteger da horda.

Quando as manifestantes passaram em frente à porta do Tenderloin, a sra. Irvine se destacou, com o machado nas mãos.

— Onde está a dona da casa? — exigiu. — Eu tenho um presentinho que gostaria de lhe entregar pessoalmente... já há algum tempo. — Enfiou a mão no bolso grande do vestido e tirou um papel enrolado.

— Quem é a senhora, uma santa canonizada? — perguntou Rose, antes de Violet acalmá-la.

— Sinto muito, senhora. — O Professor True tirou o chapéu e falou com delicadeza. — Mas madame Flora e a srta. Amber ainda estão viajando, cuidando de alguns assuntos no exterior. Ela vai voltar em breve. Enquanto isso, vou informá-la que a senhora nos fez uma visita.

A sra. Irvine sorriu.

— Bem, nesse caso — ela entregou o papel a Ernest, — por que não fica com isso, meu jovem? E passe para todas aqui com as minhas cordiais saudações. Ah,

e Ernest, você sabe que sou do tipo que perdoa, por isso sempre será bem-vindo de volta. Quanto ao resto dessa laia...

Ela deu meia-volta e saiu cantando um hino.

— O que é isso? — perguntou Rose.

Ernest desenrolou o papel. Era uma notificação judicial, junto com uma página destacada do *Seattle Star*. A manchete dizia: PREFEITO GILL PERDE NA CONFIRMAÇÃO DA ELEIÇÃO. UM NOVO DIA PARA SEATTLE COM AS MULHERES SE UNINDO PARA SE FAZEREM OUVIR.

O Professor pegou o papel, deu uma lida nas manchetes e traduziu as más notícias.

— Bem, garoto e garotas, parece que o prefeito e o chefe de polícia foram pegos com as calças na mão, financiando aquele bordel deles em Beacon Hill. Por isso a cidade está destruindo o bairro... fechando todos os bares e bordéis. Com trinta dias de aviso prévio.

— O que significa isso? — Rose perguntou.

— Significa que estamos todos desempregados — traduziu o Professor. — E sem casa também, aliás. O prefeito foi retirado do cargo, já a partir desta semana. E Wappenstein foi exonerado da função de chefe de polícia pouco antes ser preso. A Câmara Municipal está nos dando um mês para sair, senão virão aqui com um camburão para nos tirar à força. De qualquer forma, diz aqui que há um penhor não pago pelo nosso prédio, mais uma pesada multa contra a srta. Amber por funcionar todos esses anos sem possuir uma licença para vender álcool. — O Professor True balançou a cabeça. — Agora tornou-se ilegal que vocês trabalhem, meninas, em qualquer lugar onde sirvam álcool, mesmo uma dose mínima.

Ernest pensou nas infinitas garrafas de uísque, conhaque, Porto, nas caixas de vinho. E nos homens, nos vereadores que as bebiam.

— Eles não podem fazer isso! — Rose parecia pronta para invadir a manifestação e partir para a luta, mas Violet a conteve. — A srta. Amber não vai permitir isso!

Foi então que Ernest ouviu a sra. Blackwell atrás dele.

— Acabou, querida. — A cozinheira tirou o avental e a touca e os jogou no chão. — Estamos todas perdidas... Acabou. — Ela segurava um pedaço de papel amarelo amassado na outra mão. Seu rosto estava pálido. — Não consegui contar para ninguém. Três meses atrás um mensageiro entregou um telegrama da srta. Amber na entrada de serviço. Eu não quis ser a portadora das más notícias. Mas, nessas circunstâncias...

Os sons do protesto pareceram esmaecer num zumbido abafado enquanto a sra. Blackwell lia o telegrama em voz alta:

— Madame Flora sucumbiu à sífilis, que Deus guarde sua alma. Triste demais para voltar. Srta. Amber.

PRÊMIO E CONSOLAÇÕES

(1911)

UM MÊS DEPOIS, o melhor salão de diversões de Seattle, a casa mais ordenadamente desordenada do Noroeste, tinha sido esvaziado. Os belos tijolos do Tenderloin, os telhados de duas águas e a fachada ornamentada em estuque agora não eram mais que um esqueleto desnudado por abutres. Com a notificação judicial, o gabinete do auditor do condado de King pediu um leilão comissionado pelo Estado, que levou quase todas as obras de arte, as tapeçarias turcas e orientais, as luminárias e os vitrais, o mobiliário francês, tudo ao som do pequeno martelo do juiz. E a hipoteca do prédio, em poder do Banco Hayes & Hayes, foi o golpe de misericórdia quando a liquidação judicial levou tudo que não estava afixado, inclusive os carpetes, as peças de iluminação e os candelabros.

Ernest estava ali por perto, esperando Fahn voltar de uma entrevista de emprego, quando a última estátua, uma escultura de mármore da deusa grega Calipso com os seios à mostra, foi embrulhada, encaixotada e retirada pela porta da frente. As garotas dos andares de cima chamavam essa estátua de madame Abominável em homenagem à primeira madame de Seattle, que administrara a Felker House muito tempo atrás. Dizia a lenda que quando a chuva obrigou a cidade a realocar os corpos do velho cemitério para além da colina, em Lake View, a velha e elegante madame se transformou em pedra e seu caixão pesava mil quilos.

Ernest considerava aquela história não apenas exagerada demais, como também mórbida. Mas ele entedia a carga da reputação de algumas pessoas. Todos os associados ao Tenderloin agora sentiam esse peso, essa pressão, a vergonha coletiva — que na verdade não era absolutamente um sentimento de constrangimento, somente a consternação e a condenação alheias.

O único item que por alguma razão fora poupado da liquidação judicial foi o automóvel Marmon. O cintilante carro preto nunca fora posto oficialmente no nome de madame Flora, por isso não existia para as autoridades. A sra. Blackwell e o Professor True concordaram que Ernest ficasse com o veículo. O Professor recomendou que mantivesse o uniforme de chofer e o usasse para tentar ganhar a vida. Ernest aceitou, agradecido.

Quando entrou no prédio, sentia-se triste por se afastar de pessoas de quem gostava, mas estava mais esperançoso com a vida que poderia criar com Fahn longe de um mundo onde as pessoas eram compradas e vendidas. Sentira-se encantado por um algum tempo, mas a ilusão havia passado. E, no fundo, Ernest sabia que sua vida angulosa jamais voltaria a caber numa moldura tradicional. Reconheceu isso ao ver Violet, Iris e Rose saírem da cozinha abraçadas, uma imagem na vida real das Três Graças que madame Flora explicara às garotas dos andares de cima. Embora a expressão das empregadas fosse uma máscara de tristeza, melancolia e apreensão em vez de esplendor, jovialidade e alegria.

As serviçais iriam enfrentar o maior desafio. Estavam deixando uma casa de má reputação, sem referências, numa cidade que passava por uma limpeza moral. As mulheres idôneas e altivas que haviam expulsado o prefeito Gill de seu gabinete não iriam querer contratar domésticas maculadas pelo bairro da luz vermelha. E Ernest tinha certeza de que os homens que usufruíam dos serviços do Tenderloin não ajudariam as serviçais a se recolocarem. Ernest conhecia a insensibilidade, sabia do ódio explícito, mas nunca chegou a entender totalmente a hipocrisia.

As serviçais permaneceram por lá, na esperança de ganharem mais alguns poucos dias até a água e a eletricidade serem desligadas. Acreditavam que a maioria só encontraria trabalhos servis em fazendas arruinadas ou em casas de cômodos. A sra. Blackwell tinha arranjado emprego como administradora da cozinha da casa de recuperação de Beacon Hill, conhecida como Rancho do Marido Preguiçoso. Ernest sabia porque levou a velha cozinheira até o novo emprego na Assistência Social Municipal. Os dois se abraçaram ao se despedirem.

Quando Ernest abraçou todas as empregadas na despedida, elas prometeram entrar em contato assim que se recuperassem. Mas quando saíram porta afora, Ernest não tinha esperança de voltar a ver qualquer uma delas algum dia.

Este é um padrão recorrente na minha vida, pensou Ernest. Quando as pessoas dizem adeus, é para valer.

Foi assim com sua mãe, com madame Flora e a srta. Amber. Gostaria que o mesmo não fosse verdade com Maisie. Tinha esperança de que seus laços de felicidade e tristeza, alegria e pesar, se entrelaçassem novamente. Mas também entendia que sua perda poderia ser um ganho para ela, e lutava para aceitar a parte que lhe cabia naquela equação.

Ernest lembrou os bons tempos quando deixou sua mala pronta no vestíbulo e ficou vagando pelo salão deserto e pela sala de fumar, vazia de tudo, a não ser do cheiro de tabaco. Ficou um pouco na biblioteca, agora sem livros. E inalou o ar estagnado da sala de jantar formal que, despida de seus adornos e dos

lambris, parecia mais nua que qualquer uma das garotas já estivera. As únicas coisas que restaram foram o piano e os estojos, caixas de chapéu e baús de viagem pertencentes às garotas dos andares de cima.

A maioria das mulheres mais velhas estava de mudança para bordéis em Tacoma, enquanto as mais jovens tinham encontrado trabalho nas docas de Chicago. Um punhado de garotas foi levado por Nellie Curtis, que ousava se estabelecer como a próxima grande madame de Seattle, apesar do clima moral gélido da cidade. Começava a fazer seu nome no Hotel Camp na Primeira Avenida, zombando dos novos policiais do condado e do novo prefeito, George Dilling. Mas o que se ouvia nas ruas era que Nellie “Malvada” só pensava em negócios e não tinha nenhum interesse em ajudar as garotas a mudar de status na sociedade.

— Ela não está interessada na vida dos salões de diversões — resmungou o Professor True, balançando a cabeça. — Só pensa em administrar bordéis baratos.

Ernest tinha se despedido de todas as garotas Gibson remanescentes quando elas desceram a grande escadaria pela última vez. A tristeza de todas, assim como seus perfumes caros, ficou pairando no ar muito depois de terem partido. Quando Ernest abraçou Jewel, a última a partir, ele sabia que, de todas as garotas dos andares de cima, era a de quem mais sentiria saudade.

— E para onde você vai? — ele perguntou.

— As damas têm suas escolhas. — a jovem mostrou um punhado de cartas e cartões amarrados por uma fita vermelha. — Vou me hospedar num bom hotel, pedir uma garrafa de vinho, entrar numa banheira cheia de espuma, colocar os pés para cima e ler bem devagar todos os pedidos de casamento que recebi no último ano. Um deles pode ser o meu protetor. Apesar de que, para ser sincera, Ernest, se fosse um pouquinho mais velho, querido... você seria minha primeira escolha.

— E se meu coração ainda fosse meu... — replicou Ernest com um sorriso.

Jewel encostou um dedo no coração de Ernest.

— Mas não é, né? — Deu um longo e duradouro beijo nos lábios dele, que o deixou surpreso. Depois beijou as duas bochechas do Professor True quando ele entrou na sala. Sorriu, pegou a mala e desceu os degraus.

— Essa vai se dar muito bem. — O Professor se abanou com o chapéu. — Se tiver tempo suficiente, pode acabar sendo eleita prefeita.

— Eu voto nela — disse Ernest.

— Eu também.

As garotas da noite vão continuar trabalhando de um jeito ou de outro, pensou Ernest. Senão, sempre havia a Casa do Escudo Branco de Tacoma, um

refúgio que chegou a sugerir a Fahn. Mas ela tinha outros planos. Além do mais, não conseguia nem pensar em sair do bairro.

Com o pôr do sol chegando, Ernest ajudou o Professor True e um grupo de homens negros a subir uma ladeira íngreme com o piano até um caminhão de feno, onde cobriram o instrumento com uma lona e o amarraram com uma corda forte.

— Tempo de sair voando, meu jovem... Gostaria de levar você comigo.

— E para onde seria? — perguntou Ernest.

— Vancouver, Colúmbia Britânica, para um mês de apresentações na boate Patrician. Depois vamos para Chicago. Nunca estive lá, mas já ouvi coisas a respeito... algumas boas, outras ruins, mas parece que tem bastante trabalho. Entrei para uma banda quente que está em turnê pela cidade, liderada por um homem chamado Ferdinand LaMothe. Ele acabou de perder um de seus músicos... casou-se com uma garota local. E lá vou eu no lugar dele... — O Professor True puxou uma parte da lona que cobria o teclado e tocou um trecho de uma canção com uma só mão no piano, que já estava meio desafinado.

— Boa sorte — desejou Ernest. — Eu vou ficar aqui mesmo com Fahn. Acho que vamos ficar juntos por enquanto.

O Professor True ergueu uma sobralalha e subiu na traseira do caminhão. Abriu um sorriso, sentou num fardo de feno e começou a cantar “Movin’ Man, Don’t Take my Baby Grand”. O caminhão se afastou numa nuvem de poeira, deixando para trás ruas mais vazias do que nunca e estranhamente silenciosas, onde só se ouvia o sinete distante de um bonde e os pios das gaivotas que faziam companhia a Ernest.

Agora sozinho na casa, o garoto subiu a escada e fez uma visita ao quarto da srta. Amber, vago havia muito tempo. Estava vazio, a janela quebrada. Foi até a suíte master da madame Flora, também vazia, a não ser pelas manchas de chá na parede. Soltou um suspiro e afinal, relutante, foi se despedir do quarto que fora de Maisie, depois de Fahn. No corredor, parou onde algumas das meninas tinham empilhado coisas que deixariam para trás. Havia uma pequena pilha de roupas descartadas, caixas de chapéu quebradas e potes de maquiagem vazios. Ernest tirou o bilhete de sua rifa na Eayp do bolso da camisa e o deixou junto da pilha.

Depois desceu de novo a escada, pegou a mala e saiu em meio à neblina. Olhou para o edifício de quatro andares que fora seu único lar de verdade. Quando os postes de iluminação a gás se acenderam, encontrou um lugar seco embaixo de um toldo e sentou sobre a mala. Ficou ouvindo o barulho da chuva caindo nas ruas, tornando o asfalto empoeirado preto e reluzente. Observou os prédios recobertos de tapumes, os sinais de néon apagados, enquanto esperava

pacientemente por Fahn, que apareceu vinte minutos depois. Estava encharcada, porém sorridente.

— Consegui um emprego! — gritou. — Dois, na verdade. Fui contratada como garçõete, mas quando soube que eu falava inglês, a proprietária me recomendou para a Escola de Japonês... Foi por isso que demorei tanto tempo. Depois de um tour e um pequeno teste, eles me contrataram na hora. Provavelmente vai demorar um ano para ganhar o que as garotas do andar de cima ganhavam num mês, mas é um novo começo, e você tem as suas economias. Chegaram até a sugerir que eu me aproximasse de algumas garotas desempregadas do bairro.

Ernest inclinou a cabeça.

— Bem... — começou Fahn. — Eu tive de mentir sobre onde trabalhava. Mas a sra. Blackwell disse que vai confirmar minha história. Ela me deu ótimas referências. E, como eu disse que tinha um automóvel, eles disseram que vão nos pagar pelo uso para procurar algumas garotas.

— Nos pagar? — perguntou Ernest. — Você falou sobre mim? Sobre nós?

— Foi necessário — respondeu Fahn. — Uma mulher solteira desperta suspeitas por aqui... Eu não podia correr esse risco, não neste momento. Duvido que tivessem me contratado. E vai ser difícil alugarmos um apartamento se não mantivermos as aparências, mesmo aqui neste bairro de gente negra. Por isso eu contei uma mentirinha. Não havia outro jeito, não aqui no mundo real. Espero que não se importe de eu ter fingido que sou a sra. Ernest Young, pelo menos por enquanto.

Ernest sorriu e sentiu um calor se disseminando no peito. Estava com quase quinze anos e já podia se passar por alguém com idade para se casar. E Fahn tinha quase dezoito.

— Nós poderíamos... — Ernest hesitou. Depois segurou as mãos dela. — Nós poderíamos tornar oficial. Poderíamos ir a um cartório...

— Não acredito que você *ainda* quer se casar comigo...

— Por quê? Qual é o problema?

Fahn balançou a cabeça.

— Nenhum. Nenhum mesmo. Uma parte de mim gostaria disso, Ernest. — Enunciou as palavras afirmativas, mas seus olhos estavam cheios de pedidos de desculpa quando continuou. — Eu adoro a ideia de ter uma vida em comum com alguém, com qualquer um, mas principalmente com você. Às vezes eu sonho com isso. Mas... não sou a garota para você se casar. Nunca fui e nunca serei. Acho que não sou do tipo de casamento.

— Eu não penso assim.

Fahn virou as costas para o Tenderloin.

— Então acho que vamos ver o que acontece. O mundo está mudando. Talvez eu também possa mudar.

Ernest pegou a mala e olhou para a rua vazia, os prédios às escuras. Tudo estava em silêncio. Podia ouvir passarinhos cantando no teto das casas, o *clop-clop* de um cavalo ao longe. O som desvanecido de um coro de igreja.

Pensou sobre o futuro e soltou um suspiro.

— Meu bom Deus.

AMOR E CASAMENTO

(1962)

ERNEST DEIXOU GRACIE NO APARTAMENTO, envolvida em um programa de televisão ao vivo sobre a Expo Século XXI e a inauguração da Space Needle. Saiu andando pela South Weller, passando por um terreno baldio onde um prédio abandonado havia sido demolido e pela entrada esfumaçada da Assembleia dos Legionarios del Trabajo. Já estivera no local com Pascual em algumas ocasiões, sempre que conterrâneos filipino-americanos serviam *lechón*.

Enquanto passava, sentiu o aroma característico de vinagre e capim-limão e continuou andando até o modesto Crescent Café. Dentro, havia cheiro de hambúrgueres fritando e chili fervendo e o som de café sendo coado atrás do balcão. Encontrou um reservado perto da janela e apoiou os cotovelos no tampo de fórmica da mesa, as mãos cruzadas no rosto como numa oração. Pensou em Maisie e Fahn — mais conhecidas hoje em dia como Margaret e Gracie. Como que respondendo à sua invocação silenciosa, uma garçonete lhe trouxe um copo d'água e o cardápio.

Ernest olhou para o relógio e depois para fora, observando as sombras rasteiras do pôr do sol. Enquanto esperava por Juju, pedestres passavam pela calçada sob o toldo da Red Front Tavern, do Manila Café e do Victory and Laundry & Bath.

Iria contar a Juju todas suas lembranças da grande Exposição Alasca-Yukon-Pacífico. Já havia contado que madame Flora e a srta. Amber viajaram para o exterior e nunca mais voltaram, que Fahn tinha fugido para um estabelecimento de baixa reputação e como Maisie acabara transcendendo seu status social. Mas quando sua filha repórter entrou pela porta, Ernest sabia que teria de responder quaisquer perguntas que ela fizesse, pelo menos para não deixar que Gracie a surpreendesse mais ainda.

— Puxa, pai, que belo lugar você escolheu. É quase tão agradável quanto o Publix — disse Juju ao pendurar o casaco e sentar-se à sua frente no reservado.

— Tem gente que sai para ser vista — disse Ernest. — Eu prefiro continuar invisível.

— Sei, você e o Pé-Grande.

Ernest fez um sinal para a garçonete, que trouxe um bule de chá fumegante.

Pegou o bule e serviu duas xícaras, avaliando quais segredos poderiam ser adiantados, passados e futuros.

— O que Hanny e Rich vão fazer hoje à noite?

Juju abriu seu bloco de anotações.

— Han disse que vão se encontrar conosco no seu adorável apartamento depois do jantar. Ela quer passar mais algum tempo com mamãe antes de voltar.

— Os dois se acomodaram melhor no vinil rachado do banco. — Como ela está?

— Melhor — respondeu Ernest com um aceno de cabeça. — Acho que está melhorando um pouco a cada dia. Apesar de às vezes perguntar onde estão as velhas amigas... a maioria falecida há muito tempo. Mas estamos juntos de novo, o que já é alguma coisa...

— Pai, eu contei a Hanny sobre a situação da mamãe — interrompeu Juju.

Ernest parou e tomou um golinho do chá.

— E... qual foi a reação?

— Ah, ela já sabia. — Juju revirou os olhos. — Han trabalha como corista em Las Vegas. Vive o tempo todo entre gângsteres, jogadores e dançarinas de topless... Não é tão ingênua assim, acredite. Só não gosta de pensar que a mãe dela trabalhou como... Qual era a palavra que vocês usavam?

Ernest pigarreou.

— Os chineses chamavam de *mui tsai*. As garotas brancas tinham outros termos menos interessantes para moças nessa linha de trabalho. Sua mãe era o que chamavam de *karayuki-san*. E apesar de ter trabalhado só por pouco tempo, isso teve um efeito duradouro, como você sabe, físico e mental. Às vezes as garotas tinham sorte e trabalhavam como serviçais... empregadas domésticas. Mas outras...

— É isso aí — disse Juju com um suspiro exasperado. — É difícil separar essas coisas. Apesar de eu ter encontrado este artigo. — Desdobrou um jornal, um exemplar surrado e amarelado do *Seattle Times* de 1901. Apontou um pequeno título sobre crianças chinesas e japonesas vendidas como serviçais domésticas. Ela tinha sublinhado o trecho.

Essas mulheres, essas crianças, foram leiloadas como gado por quatro dólares cada uma, com descontos se compradas em quantidade.

Tamborilou os dedos no jornal.

— Era um grande negócio. Quase quarenta anos depois da abolição da escravidão isso continuava acontecendo. Eu estava tentando escrever sobre a Feira Mundial, algodão-doce, montanhas-russas e cosmonautas, e de repente

minha matéria leva diretamente ao ventre oculto do Garment District, ao Tenderloin. E a outros lugares. — Deu de ombros. — Pelo que apurei, todo o sistema de *mui tsai* foi revelado por... — Consultou suas anotações. — Winston Churchill. Foi ele quem denunciou a venda de gente como serviçais e prostitutas. Depois disso a coisa toda desabou. O circo desse negócio odioso foi desmantelado pela Liga das Nações. Pode-se dizer que foi um dos efeitos colaterais positivos da Grande Depressão... Trabalhadores demais, até nos bairros da luz vermelha. A demanda secou. Não havia mais lucros. Por isso os suprimentos do exterior foram interrompidos.

A garçonne reapareceu e Juju pediu uma tigela de ensopado de mariscos. Ernest pediu um sanduíche e ficou olhando em silêncio enquanto Juju folheava suas copiosas anotações.

— E agora ninguém fala a respeito — disse Ernest. — É como se...

— Como se nunca tivesse acontecido — concluiu Juju.

— Então você vai escrever sobre mim? Sobre a sua mãe?

— Não sei bem se sou a pessoa certa para escrever qualquer coisa a respeito — respondeu Juju. — Sei que entrei nisso como um touro numa loja de porcelanas, mas agora ficou óbvio por que você estava tão relutante em falar. É uma coisa muito pessoal. Mas eu preciso entregar alguma coisa dentro do meu prazo final.

Ernest aquiesceu.

— Enquanto isso — recomeçou Juju —, tenho outras perguntas. Uma coisa que me intriga desde que comecei a fuçar essa história. Quero dizer... eu tenho amigos que trabalham na prefeitura, bons amigos, gente que pode me conseguir antigos registros. Por isso andei seguindo algumas pistas, tentando rastrear detalhes sobre você e mamãe.

— Você está preocupada que eu não conte tudo — disse Ernest. — Acha que vou proteger Maisie... a grande viúva herdeira, Margaret Turnbull. Agora ela é uma socialite popular em Seattle, frequentadora assídua das colunas sociais. Está nos jornais quase todos os dias...

Juju ergueu os olhos das anotações.

— É verdade. Isso também, já que tocou no assunto. Mas na verdade o que estou tentando entender... É uma coisa boba, mas eu estou curiosa por não ter localizado nenhum registro do seu casamento com mamãe.

Ernest sorriu e terminou o chá.

— Porque nós nunca nos casamos.

Juju engasgou e pegou o copo com água.

— Como assim, nunca se casaram? Eu estou vendo a sua aliança de casamento.

Ernest olhou para o pedaço de ouro no dedo. Pensou na aliança gêmea no dedo de Gracie.

— Nós dissemos a todo mundo que éramos casados. Naquela época. A ficção de estarmos casados era uma necessidade... a única maneira de alugarmos um apartamento. A maioria dos locatários exigia ver um certificado de casamento, mas conseguíamos driblar isso. Poucos anos depois estávamos basicamente vivendo como um jovem casal e eu a pedi em casamento. Pode acreditar, pedi mesmo... várias vezes, mas sua mãe é muito teimosa. — Ernest tamborilou os dedos na mesa. — Ela insistiu que era como se já fôssemos casados, mesmo que não exista uma legislação de união estável no estado de Washington. E também, quando os anos se transformaram em décadas, parecia ser tarde demais. Se tivéssemos nos casado, os proclamas legais sairiam no jornal, bem ao lado da página policial e dos obituários.

— Você está falando sério? — comentou Juju.

— E todo mundo iria saber que nós enganamos as pessoas... Iriam fazer perguntas que não saberíamos responder adequadamente. Era mais fácil deixar as coisas como estavam.

Juju fechou o bloco de anotações e largou o lápis.

— Mas foi mais do que isso. — Ernest sorriu, embora sentisse vontade de chorar. — Acho que de alguma forma ela achava que não merecia a santidade do casamento. Era um modo de sua mãe pagar uma triste penitência pela vida passada. Nada daquilo foi culpa dela, eu devia ter feito mais para protegê-la... Pensava nisso todos os dias, mas éramos... dois adolescentes. Eu tinha catorze anos quando ela foi para o Tangerine, e sua mãe tinha dezessete. Nós fomos cúmplices, participantes consensuais, nossas vidas foram maravilhosas e horríveis, e tudo foi doloroso e verdadeiro, o bom, o ruim, as coisas que vivemos juntos.

— Até hoje...?

— Até hoje... — Ernest anuiu.

— Vocês viveram juntos.

— Em estado de pecado?

Ernest olhou para a filha — os olhos de Gracie, os olhos de Fahn, os olhos de madame Flora, os olhos desesperados e exaustos de sua própria mãe, os olhos da irmãzinha que só conheceu por dois dias.

— Os pais sempre têm uma história que os filhos não sabem — disse. — Acho que essa é a minha.

Quando Ernest e a filha subiram os degraus de madeira até o apartamento no Publix, Juju continuava falando como se não conseguisse acreditar que ela e Hanny fossem filhas de pais não casados. Desde que se tornaram adultas, a mãe sempre dizia que as duas deviam se assentar, se casar.

— Depois de um tempo, o casamento não importava mais — disse Ernest. — Não é grande coisa.

— Bom, agora é — replicou Juju. — E se mamãe fizer alguma outra loucura? E se os médicos descobrirem? Eles não vão deixar que você tome decisões em nome dela...

— O dr. Luke trata de pacientes neste bairro desde sempre — disse Ernest, enquanto passavam por pessoas desconhecidas no corredor. — Ele entende essas coisas.

Quando foi pegar a chave no bolso, Ernest notou que a porta do apartamento estava aberta. Hanny estava lá dentro, de casaco e bolsa na mão. E o auditório na TV estava dando risada.

— Olá. Desculpe o atraso. — Ernest olhou ao redor. — Onde está Rich?

— Disse que tinha uma reunião tarde da noite. Rich está sempre agitando, explicou que está conversando com um novo cliente que pode fazer negócios em Nevada. Então, onde está a mamãe? — Hanny olhou ao redor, olhos arregalados; abriu a porta do quarto, olhou no banheiro.

— Como assim, onde está a mamãe? — perguntou Juju depois de verificarem duas vezes o pequeno quarto, abrindo a porta do armário. — Ela deveria estar aqui com você.

Hanny sorriu e inclinou a cabeça, como se achasse que a irmã estivesse brincando. Depois ficou séria.

— Espera aí, ela não saiu para jantar com vocês?

ENCONTRE-SE COMIGO NA FEIRA

(1962)

HANNY TELEFONOU PARA O HOTEL em que estava hospedada e deixou um recado para Rich. Logo depois partiu para a casa de Juju em Queen Anne Hill. Se a mãe não estivesse lá, ela iria chamar a polícia e registrar Gracie como desaparecida. E então se sentaria ao lado do telefone. Enquanto isso, Juju iria procurar no Templo Budista Betsuin, na Igreja Batista Japonesa, no *sentō* no subsolo do Hotel Panamá, no Ruby Chow's e em outros lugares que pudesse imaginar que a mãe estivesse. Sobrou para Ernest ir até as estações ferroviárias próximas e à Union Gospel Mission, onde antes ficava o Tenderloin. Eles visitariam os locais, ligariam para Hanny e deixariam recados, fazendo o melhor possível para coordenar as buscas.

Mas parte de Ernest já desconfiava onde Gracie estaria, mesmo antes de encontrar Pascual no corredor. Uma mulher que Ernest reconheceu vagamente do Black and Tan estava de braço dado com o amigo, sorrindo.

— *Kuya*, o que aconteceu? Topamos com Gracie mais cedo saindo daqui, sozinha. Eu sabia que não devia ser uma boa ideia, mas ela parecia... você sabe... bem decidida. Tentei parar para falar com ela, mas Gracie não quis saber. Só me entregou esse bilhete para dar a você e bum, saiu por aí afora. Imaginei que talvez uma das suas filhas estivesse esperando lá embaixo. Pela sua expressão, acho que estava enganado.

Ernest desdobrou o bilhete, que dizia:

Querido Ernest,

Fui à Feira. Faz muito tempo. Vou fazer as coisas ficarem melhores agora. Vá até a Space Needle que você vai entender.

Sempre sua,

Gracie

Ernest pegou o cartão de visitas de Juju da carteira e deu ao amigo.

— Ligue para minha filha, o número está no verso. Diga que já encontrei Gracie.

Ele guardou o bilhete no bolso e desceu a escada.

Pascual debruçou-se no corrimão.

— *Kuya*, espere, onde você vai?

Ernest estava preocupado que o novo Monotrilho de Alweg estivesse lotado — transbordando turistas, mesmo àquela hora da tarde —, por isso contornou o trem elétrico suspenso e estacionou o mais próximo possível da entrada sul da Expo Século XXI, que por milagre estava tranquila. Pagou US\$ 1,60 por um ingresso e passou pela catraca enquanto centenas de sinos tocavam ao longe. Uma vez lá dentro, sentiu-se novamente como um menino desesperado. Tudo cheirava como novo, a serragem, o concreto e as flores em botões. O perfume de algodão-doce e maçãs do amor pairava na brisa.

Inalou os aromas carregados pelo vento e andou o mais depressa que pôde em meio à multidão. Abriu caminho entre as pessoas, passou pelo pavilhão de Design de Interiores e Moda e pelos ursos-polares empalhados de boca aberta da Exposição do Alasca, recobertos de neve falsa. Sentiu uma onda de nostalgia. Tanta coisa tinha mudado, além do local da exposição. Não se viam mais vestidos longos e elegantes, as anáguas e os guarda-sóis coloridos, que foram substituídos por vestidos curtos e botas de couro. Cinturas finas tinham se transformado em barrigas de fora. Os cabelos cacheados davam lugar a colmeias e cabeleiras bufantes e tingidas. O decoro de ternos e chapéus havia sido atualizado por bermudas, jeans e óculos escuros.

A sofisticada arquitetura neoclássica, as colunas gregas e as falsas fachadas de mármore que decoravam suas lembranças também tinham sido substituídas, suplantadas por visões do futuro manifestas em aço pintado e arrojadas paredes de concreto em cores pastéis.

A exposição fez Ernest se sentir como se saísse da máquina do tempo de H. G. Wells para um estranho futuro em que ele não se encaixava bem. Era um Morlock num mundo de Elois, um cavalo de carga, não de passeio, enquanto costurava seu caminho em meio a bandos de gente bonita que conversava, gente moderna, todos parecendo falar diferentes línguas — chinês, japonês, os idiomas românticos da Europa borrifados em meio à coleção de sotaques americanos.

Felizmente a Space Needle facilitava a orientação e ele logo viu uma fila de visitantes formada a partir da base do novo marco — centenas de pessoas, tantas

que barravam as entradas do Centro da IBM, do Edifício da General Electric e dos carros-conceito em forma de foguetes em frente ao domo geodésico do Pavilhão da Ford. Depois de abrir caminho pela multidão, perto de uma fileira de armários e de uma série de telefones públicos em forma de concha, Ernest encontrou o guichê.

— Eu me perdi de uma pessoa — disse ao funcionário, enquanto perscrutava a multidão. — Acho que ela pode ter ido até o belvedere. Ela não está bem, e também tem medo de altura. Minha família inteira está procurando por ela, se eu pudesse...

O funcionário olhou para ele como se já tivesse ouvido um milhão de desculpas para furar a fila e um milhão de histórias chorosas sobre crianças desaparecidas e bolsas e carteiras perdidas. O homem acendeu um cigarro e verificou sua prancheta.

— Nome?

— Ernest Young, procurando por Gracie Young.

O funcionário chegou ao fim de sua papelada e falou:

— Não precisa contar histórias tristes, amigo. Você está na lista. — Entregou um ingresso VIP a Ernest e gritou: — Próximo!

Ernest olhou para o ingresso, confuso, porém agradecido, e se dirigiu até a entrada dos elevadores. Enquanto esperava, ficou observando o restaurante giratório no alto de grandes colunas de sessenta metros de altura. Milhares de metros acima, rios de nuvens se esparramavam pelo céu, deslizando lentamente sobre a ponta da Space Needle, fazendo o pináculo parecer inclinado, como se milhões de metros quadrados de concreto e ferro estivessem caindo. Ernest teve de desviar os olhos para não se sentir tonto.

— Gracie, o que você está fazendo? — murmurou consigo mesmo, observando as cápsulas douradas dos elevadores, uma descendo e outra subindo. Podia ver rostos nas janelas, alguns felizes, outros nervosos e assustados.

Uma vez dentro do prédio, entrou num elevador onde uma ascensorista alta de vestido curto deu boas-vindas ao grupo com um sorriso simpático e uma breve apresentação. Enquanto subiam do nível térreo do centro dos visitantes, Ernest ouviu um estrondo rítmico e tamborilado e notas metálicas de trompetes e trombones. A Banda da Feira Mundial surgiu lá embaixo, uniformizada de branco e amarelo, desfilando pela rua. Os músicos pareciam uma volta ao passado, à primeira Feira de Ernest, só que agora as boinas eram adornadas com o símbolo em espiral de um átomo de hidrogênio. Como que ensaiados, dois caças a jato cruzaram o céu em direções diferentes, acenando com as asas para a multidão abaixo, que devolveram o aceno com flâmulas e chapéus. Ernest engoliu em seco, lembrando-se que um jato idêntico tinha se espatifado no dia da

inauguração, matando um casal no chão.

Fechou os olhos ao ver o solo se afastando de seus pés. Quando os abriu por um momento, foi transportado para 1909. Estava de volta ao balão de ar quente, subindo por sobre o mundo que comemorava o futuro.

Piscou quando o elevador desacelerou e a visão das janelas foi bloqueada por vigas de aço e lajes de concreto. Quando as portas se abriram, Ernest saiu numa festa a rigor cheia de gente, onde homens e mulheres muito bem-vestidos brindavam com taças de champanhe. Sentiu-se malvestido e com certeza um penetra enquanto olhava ao redor em busca de algum sinal de Gracie. Atravessou o salão e contornou um piano de cauda. Prendeu a respiração ao subir no belvedere ao ar livre, sentindo o vento e olhando a paisagem do alto. O sol estava se pondo, beijando os picos das Montanhas Olímpicas enquanto os barcos no lago Michigan e no estreito de Puget mudavam a cor de suas luzes de vermelho para verde. Pessoas corriam com suas câmeras, casais elegantes posavam sorrindo, balançando instantâneos de polaroide. Ernest procurou Gracie enquanto convidados e autoridades se reuniam, esperando, a revelação das fotos sorridentes. Contornou o deque, ignorando a vista da Feira lá embaixo, e continuou procurando.

Foi então que viu uma figura conhecida, mas muito mais velha, com um vestido perolado branco como seus cabelos. A imagem perfeita de madame Flora caminhando em sua direção, também procurando por alguma pessoa na multidão. Seus olhos azuis se iluminaram ao vê-lo, e ela o saudou de braços abertos e com um sorriso que ele nunca havia esquecido.

Maisie.

Encontraram-se em meio a uma torrente de visitantes, duas pedras num rio que passava, ondulante, ao redor. As marcas da idade, as curvas a mais e as rugas, o peso do tempo e das circunstâncias tinham chegado a Flor de Maio, assim como aqueles anos se acumularam nele próprio. Usava o cabelo curto, como da primeira vez que se encontraram. E no lugar de um chapéu de colibri, usava uma fita antiga e desbotada presa ao vestido cintilante. Ernest a reconheceu como um souvenir do Dia do Hurra.

— Hurra — disse ela, mas a palavra soou mais como uma pergunta.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Ernest, atônito, olhando para o rosto sorridente que não via fazia décadas. — E agora devo chamar você de Margaret?

Ela sorriu.

— Você sempre vai poder me chamar de Maisie, se quiser. Não precisa fazer cerimônia. Já estou velha demais para me importar com o que as pessoas falam de mim. Eu ia perguntar o que fez você me ligar depois de todos esses anos,

mas...

Nenhum dos dois falou. Preferiram trocar um abraço apertado, como se não conseguissem acreditar que o outro era real. Depois se abraçaram de novo.

— Bem, pela expressão dos seus olhos esse encontro está sendo uma surpresa para você — disse Maisie. — Como da primeira vez em que nos encontramos.

— Todos esses anos.

— Eu sempre quis ver você — continuou ela. — Pensava em como isso aconteceria, depois de tanto tempo. Mas acho que este encontro foi arquitetado por outra pessoa, não é?

Ernest olhou ao redor, esperando ver Gracie por perto, sorrindo, dando risadinhas, feliz ou magoada, lúcida ou demente, não sabia ao certo. Mas ela não estava em parte alguma.

— Fahn agora atende por Gracie.

— E continua sendo... sua esposa?

Ernest respirou fundo, anuindo.

— Algo assim.

Maisie sorriu, mas Ernest percebeu sua decepção.

— E você se casou de novo? — perguntou ele.

— Ah, eu sou viúva há muito tempo. Enterrei dois maridos.

— Sinto muito. Você está linda, como sempre. E é tão maravilhoso rever você pessoalmente. Eu venho acompanhando nos jornais todos esses anos... É como se as colunas sociais só falassem de você. Só que... — Ernest hesitou.

Maisie segurou a mão dele.

— Tudo bem. Estou contente em ver você. Minha secretária falou que alguém me ligou e falou que queria me encontrar aqui. Quando vi o seu nome... sinceramente, foi como um sonho realizado. Então eu pensei, que sorte a minha. Desde que eles começaram a construção da nova Feira, não consegui parar de pensar naqueles dias, naquelas noites e... do precioso tempo que passamos juntos. Havia algo mágico naquela época, no meio desse mundo estranho, e eu deixei tudo para trás. — Apertou a mão dele. — Deixei você para trás.

Ernest notou que ela usava um impressionante colar de diamantes, mas não uma aliança.

— Nós éramos garotos — falou. — Você se deu bem. Flora se sentiria muito orgulhosa. Até a srta. Amber ficaria impressionada.

Maisie aquiesceu e olhou ao redor, para a festa elegante, para todos aqueles convidados importantes em vestidos de baile e smoking, para a champanhe de boa safra, para a magnífica visão da cidade.

— Eu consegui tudo que queria — falou. — Mas nada do que precisava. — Limpou um pouco do rímel no canto do olho. — E olhe para mim agora.

Organizando uma festa a rigor e acrescentando seu nome à lista de convidados.

— Fico feliz que tenha feito isso.

— Encontrei seu endereço na lista telefônica, mandei cartões durante os últimos anos — disse Maisie. — Mas você nunca respondeu, por isso nem sabia ao certo se os tinha recebido. Ou talvez estivesse bravo comigo por ter ido embora. E agora olha só para você... Olhe só para nós, você está aqui e eu estou tão feliz. — E então deixou escapar: — E também muito triste.

Ernest se desculpou.

— Isso deve ser coisa da Gracie. Mostrei a ela o seu cartão-postal. Ela deve ter ligado e armado isso tudo — falou. — Ela não anda com o juízo perfeito ultimamente. Agora está revivendo o passado, talvez tentando reescrevê-lo de alguma forma.

— Ah — disse Maisie, recompondo-se. — Fahn sempre pensou... De qualquer forma eu adoraria encontrar com ela. Ela está aqui?

Ernest balançou a cabeça, olhando ao redor.

— Acho que não.

Foi até o gradil do belvedere. Segurou no metal frio, e o vento tirou seu fôlego enquanto observava os brinquedos do parque de diversão, as fontes iluminadas, as sombras alongadas causadas pelo sol que se punha, derretendo no horizonte. Notou um extravagante sinal de néon numa parte mais distante da Feira, e também uma fila de bandeiras marcando a entrada da Praça Internacional.

Em seguida abraçou mais uma vez sua querida amiga, triste por estar indo embora, mas também esperançoso.

— Desculpe, mas eu preciso encontrar Gracie. Eu não sairia correndo desse jeito se não fosse importante... Acho que sei onde ela está.

— Tudo bem — concordou Maisie. — Pode ir.

Ernest beijou-a no rosto.

— Vamos nos falar em breve. Prometo.

SEGREDOS DA SHOW STREET

(1962)

ERNEST TOMOU UM ATALHO pelo velho edifício Armory, onde fora dançar com Gracie uma vez quando tinham pouco mais de vinte anos. O lugar tinha sido transformado no Food Circus e cheirava a linguiça frita, peixe frito, massa frita, tudo frito. Verificou a enfermaria e o pronto-socorro enquanto estava lá, por precaução, antes de sair pelo outro lado e atravessar a United Nations Way. Sentiu o borriço e a névoa da Fonte Internacional, causados por centenas de bicos que disparavam gêiseres de água no ar em elegantes padrões rítmicos em volta de uma trupe de dançarinos russos rodopiantes, e evitou ser atropelado por uma vagonete Fairliner que passou buzinando e um enxame de táxis elétricos.

Avistou um posto de primeiros socorros e observou a multidão, procurando um rosto conhecido, esperando que por algum milagre vislumbasse Gracie em movimento. Depois prosseguiu pelos aglomerados de turistas e passou pela enorme Casa da Ópera, onde o cartaz iluminado anunciava que Rod Serling e Ray Bradbury iriam discutir o futuro. Passou pelo Pavilhão de Belas-Artes e pela nova Playhouse, chegando finalmente ao pátio central do Shopping Internacional, fervilhando de recepcionistas com roupas típicas da República da China, Dinamarca, Tailândia, Coreia, Suécia, República Árabe Unida, Grã-Bretanha, do Brasil, México, Canadá, das Filipinas e até da cidade de Berlim. Tudo estava agitado, com exceção da Aldeia da Festa Espanhola, que ainda não começara a funcionar.

— Onde você está, Gracie? — murmurou consigo mesmo enquanto olhava para a Aldeia Japonesa, que achou ter visto de relance da Space Needle. — Onde você está?

Notou o Teleférico Union 76 passando acima. O teleférico transportava visitantes pela Feira toda. Um garotinho chegou a acenar. Ernest atravessou a avenida, sempre procurando, até ouvir um despuído saxofone. Seguiu a pitoresca melodia até ver um néon vermelho piscando ao longe e perceber que ali seria outro lugar onde ela poderia estar.

Não, Gracie.

As luzes brilhantes marcavam a entrada para a Show Street, a escandalosa seção só para adultos da Expo Século XXI.

Contornou um ansioso grupo de casais curiosos, marinheiros e universitários — milhares de pessoas, todas indo na mesma direção. Parou para deixar passar o desfile de um grupo de dançarinas indígenas da tribo Lummi, todo paramentado, cantando, tocando tambores e bastões rítmicos. Olhou para a placa de néon que zumbia e às vezes era obscurecida pela fumaça que cheirava a madeira de amieiro e salmão fresco da Aldeia Indígena ali perto. Depois voltou a entrar na maré heterogênea de pessoas fluindo para o misterioso recanto noturno da Feira Mundial.

Ernest manteve os olhos atentos — procurando por qualquer sinal de Gracie enquanto passava pelo museu de cera só para adultos, cujos avisos provocantes não apelavam para sua imaginação já amadurecida. Parou um pouco na entrada do movimentado salão, onde Sid e Marty Krofft faziam um show com marionetes de topless — a mesma rotina de que Pascual tinha falado muito a respeito. Continuou andando, passando pelos cambistas que especulavam na periferia da multidão.

O volume de visitantes parecia assombroso, e Ernest ponderou que talvez seu palpite estivesse errado. Mas enquanto refletia sobre sair ou não dali, a multidão se abriu e ele viu a entrada para a Noite no Paraíso de Gracie Hansen, um enorme anfiteatro e restaurante encimado por uma gigantesca maçã de néon mordida.

Outra Gracie, pensou Ernest. Será que a Gracie *dele* poderia estar dentro daquele show de variedades de coristas quase nuas e comediantes vulgares? Achava que não — tinha lido que os ingressos estavam esgotados pela semana inteira.

Isso deixava apenas a exposição Garotas da Galáxia e o obsceno Backstage USA, onde os portadores de ingressos podiam espiar as artistas nos camarins entre um número e outro em vários estágios de nudez, embora dissessem que elas ficavam apenas lendo, tricotando ou consertando seus trajes emplumados. Ernest optou pelo anterior e pagou para entrar no auditório escurecido, onde uma dúzia de modelos de calendário posava em trajes da era espacial. Sentiu-se um visitante no set de filmagens de *Planeta proibido* quando ouviu efeitos sonoros dissonantes e futurísticos e viu o bizarro palco de ficção científica ganhar vida. Perscrutou a plateia enquanto o palco não parava de girar para mostrar uma nova cena, ao mesmo tempo que Jose Duarte — o Homem de um Milhão de Vozes — atuava como mestre de cerimônia, apresentando cada garota e seu traje, ou a falta de, enquanto concessionários se misturavam à multidão vendendo filmes e alugando câmeras.

É este o futuro? Ernest franziu o cenho observando a multidão — homens solteiros de todas as idades, grupos de moças curiosas e visitantes estrangeiros.

Sua cabeça doía quando viu uma figura conhecida, mas não era Gracie. Sozinho na fila da frente, empoleirado perto de uma corda de veludo.

— E aqui temos Sally de Saturno — bradou o apresentador pelo alto-falante.

— Está se divertindo? — perguntou Ernest quando encontrou uma vaga perto do gradil ao lado do noivo de Hanny. Um flash espocou numa das fileiras traseiras e ele ouviu o zumbido da bateria da câmera.

— Sem dúvida — respondeu Rich, antes de reconhecer Ernest. — Sr. Young — gaguejou —, o que está fazendo aqui?

Ernest sorriu de forma educada.

Rich olhou ao redor.

— Sinceramente, não é o que senhor está pensando. Eu estava aqui fazendo pesquisas. Por razões legais, na verdade. Ouvi dizer que a cidade tentou fechar todos os cabarés por causa dessas danças, dá para imaginar? Por isso tive de vir ver o espetáculo ao vivo... para avaliar a base legal. Para referências futuras. — Rich pareceu relaxar um pouco quando percebeu que Hanny não estava presente. — Agora as garotas têm de posar como estátuas, o que é completamente bobo. Estou certo?

Ernest tentou não negar com a cabeça.

— Eu estou aqui procurando alguém.

O apresentador voltou a bradar:

— E agora contemplem o Corpo Celeste de Vênus.

— É mesmo? — Rich sorriu, tentando conter a surpresa. — Bem, eu não o culpo por nada. Se estiver interessado, o senhor chegou aqui bem a tempo. Disseram que este lugar reabriu há poucos dias e já estão encerrando o espetáculo de novo. Estão trancando as portas à meia-noite. O que um sujeito pode fazer numa cidade como esta? — Rich deu um tapinha nas costas de Ernest e acenou para uma garota só com os mamilos cobertos, com a pele e os cabelos pintados de verde. As luzes do palco se apagaram e o teatro foi preenchido por aplausos educados e por um ocasional assobio provocativo. As luzes voltaram a se acender quando mais garotas da galáxia apareceram fazendo pose, de salto alto e em trajes metálicos brilhantes, perucas de dois andares e peles pintadas.

Ernest suspirou e deixou Rich no escuro sem se despedir.

DUAS VEZES NA VIDA

(1962)

ERNEST SAIU PARA O MUNDO CARNAVALESCO de balões coloridos, néon piscando e música. Um conjunto de canhões de luz iluminou a Space Needle por baixo enquanto todos comemoravam a noite na Feira.

Piscou quando ouviu uma comoção; em seguida viu um grupo de mulheres mais velhas e por um momento achou que o fantasma da sra. Irvine estava se manifestando de novo. Mas o grupo era da Banda das Vovós da Cozinha, tocando alegremente tábuas de lavar e baldes de metal. Ernest deu um passo para trás a fim de deixar o desfile passar, ouvindo o som das panelas e frigideiras e o zumbido de centenas de cornetas de plástico.

O mundo continua girando.

Ernest estava quase perdendo a esperança de encontrar Gracie em algum lugar quando avistou um mapa da Feira numa transbordante lata de lixo. Abriu o mapa descartado e examinou a página, passando pela Exposição de Ciência Cristã, pelo Salão da Indústria e pelo Passeio em Carros Antigos, até afinal encontrar a Aldeia Japonesa, perto do Pavilhão das Ilhas do Havaí, ao lado do portão de entrada.

Seguiu as indicações do mapa, passando pelo rugido de máquinas compressoras e pelo chiado de pistões hidráulicos dos novos desfiles de carnaval, pela Roda-Gigante, pelo Rato Fantástico e o Voo para Marte. Ouviu também os sedutores e insistentes apelos de camelôs oferecendo ursos de pelúcia e bonecas Kewpie.

Pouco depois avistou o portal de um templo que marcava a Aldeia Japonesa, aninhado entre árvores recém-plantadas. Passou pelo portal e abordou as garotas de quimono na entrada, lutando para se comunicar em seu melhor japonês rudimentar.

— Olá... *Konichiwa. Hã... shusshin wa dochira desu ka?*

As funcionárias olharam para ele, franzindo o cenho.

— De onde vocês são? — perguntou ele. — De que distrito?

As garotas japonesas se entreolharam, confusas, antes de voltarem a olhar para Ernest, sorrindo e dando de ombros, tentando não rir.

— Hã, senhor, eu sou de Bothell — disse uma das garotas com um inglês

perfeito.

— Sim, nós só trabalhamos aqui — respondeu outra. — Eu estudo no Franklin High.

— E eu sou de Garfield — disse a última. — E torço pelos Bulldogs.

O zen norte-americano, pensou Ernest, pagando para entrar.

Passou por alguns turistas saindo e continuou seguindo as garotas e o ruído de seus calçados de sola de madeira até o coração do Pavilhão Japonês, onde um jardim oculto se aninhava atrás de esteiras de tatame e telas de papel de arroz. Naquele espaço silencioso e sereno, longe do alarido das multidões e dos desfiles carnavalescos, Ernest finalmente encontrou Gracie, ajoelhada a uma mesinha de chá laqueada, a caixa parcialmente aberta à sua frente. Ela olhava para as xícaras, para o bule, segurando a concha como se tentasse se lembrar da ordem correta da cerimônia de que outrora tanto se orgulhara.

Ernest agradeceu às recepcionistas e se aproximou de Gracie, que abriu um leve sorriso, parecendo confusa.

— Olá, Graciosa.

Gracie olhou para cima, surpresa ao vê-lo.

— Ah... Você recebeu meu recado? — perguntou. Apalpou os bolsos como se tivesse perdido alguma coisa. — Dizem que a gente precisa ir à Space Needle... lá em cima, onde eu... tenho medo de ir.

— Eu fui até lá — disse Ernest. — Depois desci até aqui para encontrar você.

— Maisie estava lá?

— Maisie sempre esteve lá — respondeu Ernest. — Mas não era quem eu estava procurando.

Gracie olhou para ele.

— Você está bravo comigo?

— Claro que não.

Gracie arrumou a gola da blusa e verificou os botões de madrepérola. Só então notou seus sapatos trocados, um azul e o outro marrom.

— Eu continuo sendo uma velha tola — disse, balançando a cabeça. — Só queria que você fosse feliz.

— Eu sou. Você sempre me fez feliz. Desde o dia em que nos conhecemos.

— Ernest tirou o paletó e sentou-se à frente dela. — Posso ajudar você com isso?

Gracie deixou a concha de lado.

— Por favor.

Ernest observou o elegante jogo de chá, olhou ao redor e localizou uma robusta moringa de gargalo largo numa mesa próxima. Pegou a moringa, tirou a tampa e afastou a caixa de chá. Sentou-se ereto e colocou duas grandes xícaras à frente deles, suavemente e com reverência.

— Mas isso não é... chá — protestou Gracie. — Isso é... — Tocou a garrafa enquanto se lembrava. — Isso é saquê. Vinho de arroz. É usado para...

— Casamentos — disse Ernest em voz baixa enquanto oferecia um copinho com as duas mãos.

Gracie pegou o copinho com as mãos trêmulas.

— Você... ainda quer se casar comigo?

Ernest concordou com a cabeça e começou a servir.

CERIMÔNIAS DE ENCERRAMENTO

(1962)

DOIS MESES DEPOIS, ERNEST e Gracie voltaram à Feira Mundial, na noite da grande final da Exposição Século XXI. Estavam entre os treze mil homens e mulheres de sorte que se espremiavam no Memorial Stadium para ouvir o prefeito fazer seu discurso na cerimônia de encerramento, assistir ao desfile do Departamento de Polícia ou ouvir apresentações de todas as fanfarras escolares da cidade. Mas os dois chegaram pouco antes do pôr do sol, bem depois da multidão ter rareado — gente ansiosa que tinha se amontoado na Feira naquele último dia, na esperança de fazer mais uma visita à Space Needle, de ouvir um sermão científico polêmico, tomar um último sorvete de morango na casquinha ou comprar na última hora, a preço promocional, um souvenir com a reprodução da Space Needle.

— Talvez eles rifem você de novo — provocou Gracie enquanto caminhavam devagar, de mãos dadas, ao lado das cerejeiras transplantadas. Os botões em flor, assim como a memória de Gracie, tinham voltado em lampejos desde a inauguração da feira. Algumas flores viçosas e encantadoras, outras tombadas, fenecidas ou levadas pelo vento.

— Duvido — disse Ernest. — Eles já tiveram de fechar uma das concessionárias no Gayway por distribuírem poodles de presente. Muito cruel, disseram. Além do mais, quem iria me querer? Na melhor das hipóteses, eu seria apenas um prêmio de consolação.

Gracie apertou a mão dele.

— Eu me lembro de você como muito mais do que isso.

A memória de Gracie era como um quebra-cabeça com peças que nem sempre se encaixavam, mas ela tinha achado as peças mais importantes. Começava a reestruturar a própria vida — a vida do casal. Era um trabalho em andamento, mas as imagens estavam se formando.

— Que pena Juju não ter escrito a reportagem — comentou Gracie.

Ernest deu risada. Pensou em sua velha máquina de escrever no apartamento. Talvez *ele* escrevesse aquela história. Depois pensou na outra filha.

— Que pena Hanny ter devolvido o anel do Rich — falou, embora se sentisse muito mais aliviado que desapontado.

— É verdade. — Gracie sorriu. — Ela devia ter posto no prego.

Quando passaram perto do terminal do monotrilho, observaram cada árvore, procurando um coração escavado com suas iniciais gravadas cinquenta anos atrás. Pascual achou que o tinha visto e disse em qual árvore estava. Ernest e Gracie afinal a encontraram quando os postes de iluminação ganharam vida. O memorial, gravado na casca da árvore há tantos anos, era um entre muitos, pois dezenas de outros visitantes da Feira haviam acrescentado seus nomes, iniciais e promessas de amor eterno.

— Não consigo acreditar que você finalmente se casou comigo, jovem Ernest.

— E faria tudo de novo — acrescentou ele. — Talvez amanhã, ou ontem.

Uma semana depois da improvisada cerimônia do chá, as duas filhas compraram um modesto véu de noiva, maquiaram e pentearam a mãe. Pascual ficou ao lado de Ernest, como padrinho de casamento, numa cerimônia simples no Kobe Terrace Park, com um punhado de velhos amigos do bairro. Ernest não se importava com o que pensassem de suas núpcias fora de hora. Nem Gracie, segurando seu buquê de rosas — brancas e lavandas — e caminhando pelo corredor de seda simples para dizer sim ao matrimônio. Ernest sorriu com alegria quando fez o mesmo.

Pascual tinha afinal ganhado na loteria do bairro, pensou Ernest, mas era ele quem se sentia o homem de mais sorte na vida.

— Está quase na hora — disse Gracie. — Mal posso esperar para encontrá-la.

Ernest piscou e olhou para a avenida, procurando por Maisie, que não pôde comparecer ao casamento. Mas tinha dito que os encontraria ali, naquela noite. Que conseguiria fugir das cerimônias de encerramento e dos compromissos assim que fizesse sua aparição final, apertasse a mão do governador e apresentasse alguns dignitários.

Madame Flora ficaria contente, pensou Ernest.

Nesse momento viu Maisie dobrando a esquina. Um amor havia muito perdido. Uma personificação viva e em movimento do que poderia ter sido. Destacava-se dos turistas remanescentes com seu elegante vestido. Observou quando ela e Gracie se abraçaram, sem hesitação, sem limites ou arrependimentos. Ficaram abraçadas, sorrindo e dando risada, enxugando o canto dos olhos.

Depois os três se deitaram na grama e ficaram esperando, ombro a ombro, de mãos dadas, como crianças de novo. Viram os fogos de artifício espocando, cascadeando, enquanto a banda tocava Tchaikovsky e era disparada outra salva de vinte e um tiros de canhão. Enquanto isso, sinos tocavam, gaitas de fole soavam e uma chuva leve começou a cair, lavando delicadamente o passado.

NOTA DO AUTOR

ALGUÉM ME PERGUNTOU RECENTEMENTE: “Você tem alguma musa que inspira seus textos?”. De imediato me lembrei de imagens de *Xanadu*, onde Olivia Newton-John interpretava uma resplandecente musa patinadora de discoteca que se apaixonava por um pintor batalhador prestes a desistir de seu sonho.

Nem preciso dizer que *gostaria* de ter uma resplandecente musa patinadora de discoteca.

No lugar de Terpsícore, a deusa da dança interpretada por Olivia, minha verdadeira musa é um infundável apetite por histórias perdidas — a necessidade de estar sempre revirando pedras para ver as coisas escondidas embaixo.

Por acaso, uma dessas pedras metafóricas foi a grande Exposição Alasca-Yukon-Pacífico de 1909 — a pouco lembrada Feira Mundial de Seattle. Topei com essa pedra num velho artigo sobre corridas e a Eayp, relatando que a China se recusou a patrocinar uma exposição por seus delegados terem sido molestados em feiras mundiais anteriores, e que exposições etnográficas eram extremamente populares, como a exposição da tribo igorot, uma falsa aldeia de cabanas de capim que era basicamente um zoológico humano.

Quando continuei pesquisando, fiquei intrigado ao saber que 1909 foi também o auge do movimento sufragista no estado de Washington. A Associação de Igualdade de Sufrágio e a Associação Nacional do Sufrágio da Mulher Americana organizaram convenções em Seattle para tirar vantagem da publicidade da Eayp. E um grande grupo de sufragistas escalou o monte Rainier. Liderado pela dra. Cora Smith Eaton, que fincou uma bandeira que dizia “Votos para as Mulheres” no topo da montanha, a 4.392 metros de altura, ao lado de uma bandeira da Eayp.

Porém, curiosamente, 1909 foi também o auge dos males sociais de Seattle — definidos como “salões de dança, saunas, bordéis, covis de ópio e restaurantes japoneses [...] anunciados abertamente pelo brilho ofuscante da luz elétrica” —, uma grande preocupação para a cidade hospedeira.

Porém, o que atormentou minha imaginação mais que qualquer outra coisa, entre artigos sobre um “mundo das maravilhas” com um telefone sem fio, incubadoras para bebês prematuros e uma máquina que podia limpar salmão (patenteada como o China de Ferro), foi encontrar um recorte do *Seattle Times* proclamando que ALGUÉM GANHARÁ UM BEBÊ NUM SORTEIO e uma triste repercussão no *Kennewick Courier*, onde um dos encarregados do sorteio

declarava: “Ninguém veio buscar o bebê (ainda)”.

Para meu deleite autoral (e mortificação parental), aquela história acabou se revelando verdadeira.

A Sociedade do Lar para Crianças de Washington de fato doou um garotinho para ser rifado. E, sim, seu nome em todos os jornais: Ernest. Ironicamente, ele foi oferecido sob os auspícios do então diretor L. J. Covington, que lutava de forma incansável contra as pragas morais de seu tempo, mas parecia não ver problemas em sortear uma criança.

Estranhamente, também encontrei uma carta no *Leavenworth Echo* de 10 de julho de 1910 com o título QUERO ADOTAR UM GAROTO FEIO. Uma mulher chamada Anna M. Sampson escreveu: “Vocês podem me mandar o garoto mais feio, maior e mais desajeitado que tiver. Acho que sei como extrair o melhor de um rapaz desse tipo”.

A carta foi recebida por M. A. Covington, superintendente da Sociedade do Lar para Crianças de Washington no distrito de Spokane, que respondeu: “Eu tenho um garoto que não é o mais feio e que tem só dez anos, mas acredito que vá servir”.

Isso levanta a questão: Será que havia dois Covington diferentes distribuindo crianças? Será que eram parentes? Ou seria talvez a mesma pessoa, confundida por um erro tipográfico? Ainda não sei ao certo.

Mas o que sei é que tudo isso aconteceu no finalzinho de uma época em que crianças órfãs eram doadas sem restrições. Embora seja certo que um garotinho foi oferecido como prêmio na Eayp, é provável que ninguém o tenha ido buscar, e seu subsequente destino é desconhecido. E eu gosto do desconhecido.

Foi quando resolvi escrever esta história.

Por conta de mistérios como esses, Ernest se tornou mais um de meus amigos imaginários. E a partir da tábula rasa de sua vida, eu me dispus a transmitir sua história, que no meu mundo começou no sul da China, durante uma época em que trabalhadores eram contrabandeados para a América do Norte, apesar do Decreto de Exclusão da China de 1882. Mulheres jovens ainda eram vendidas como *mui tsai* na China ou *karayuki-san* no Japão, e iam parar nos Estados Unidos, onde trabalhavam como escravas ou serviçais contratadas, mais de cinquenta anos depois da abolição da escravidão nos Estados Unidos.

Por causa de preconceito, e talvez de barreiras de linguagem e cultura, a situação dessas crianças era ignorada por todos, menos pelos heróis mais intrépidos, como Donaldina Cameron, que resgatou mais de três mil garotas asiáticas em São Francisco. O “Anjo Feroz de Chinatown” continuaria ocupado até 1910, quando o Decreto Mann tornou crime transportar mulheres brancas pelas fronteiras com propósitos de atividades imorais.

Na verdade, o Decreto Mann foi usado para evitar relações inter-raciais. O campeão mundial dos pesos pesados Jack Johnson foi processado sob a Decreto Mann por sair com mulheres brancas.

Infelizmente, só depois do Decreto Mann as mestiças tiveram uma folga.

As verdadeiras e trágicas histórias dessas mulheres inspiraram Fahn e Gracie. As duas representam uma geração perdida de mulheres que passaram por dificuldades indizíveis.

Alguém mais corajoso que eu deveria chutar essa pedra e escrever um romance sobre esse lado mais sombrio, explorado na peça *Broken Blossoms* ou no inquietante filme japonês *Sandakan Nº 8*.

Temo que meu coração não esteja à altura dessa tarefa.

Em vez disso, fui até a toca de coelho de veludo do Garment District, em Seattle, onde a confluência do início do movimento sufragista e os estilos de vida sofisticados e muito bem pagos criaram um rio de novas possibilidades.

O bairro da luz vermelha de Seattle era uma zona cinzenta tanto por motivos morais quanto econômicos, onde acompanhantes para a elite eram de alguma forma aceitáveis, mas não um bordel de quatrocentos cômodos construído pelo prefeito Hiram Gill e seu chefe de polícia, Charles “Wappy” Wappenstein.

Ou como cantaram certa vez os grandes filósofos ocidentais da banda Cheap Trick: “Renda-se, mas nunca se entregue”.

Foi nessas águas turvas que nasceu a madame Florence Nettleton, levemente baseada na famosa Lou Graham, que durante décadas ocupou um patamar especial na escadaria dos negócios e da governança.

Tive uma vaga compreensão do bairro da luz vermelha, por ter feito um tour pelos subterrâneos de Seattle — uma rede de velhos túneis e subsolos — e pelas histórias que ouvi sobre a madame mais famosa de Seattle.

Mais tarde, li sobre como madame Lou, conhecida como a “[Rainha da Serragem](#)”², criou “um estabelecimento discreto para os elegantes senhores de casaca e cartolas de seda desfrutarem de boas bebidas, vívidas discussões políticas e, nos andares superiores, prazeres da libertinagem — tudo de graça para os representantes do governo”.

Madame Lou, ao lado de Amber, sua “governanta”, recebia seus clientes em um luxuoso bordel no coração da Pioneer Square. Elas também tinham uma filha, Ulna, deixada para trás quando suas guardiãs se mudaram para São Francisco. Quando madame Lou morreu, um mês depois, de uma misteriosa doença (boatos diziam ser uma doença ocupacional), a ausência de um testamento resultou em Amber não ficar com nada e Ulna acabar num convento. Enquanto isso, toda a fortuna de Lou, estimada em 200 mil dólares — mais ou menos 5 milhões em valores de hoje —, foi doada para o sistema educacional do

condado de King.

Não há de quê, garotada.

Esta é a lenda, e as histórias sobre madame Lou tendem a se concentrar em sua riqueza, suas ligações com bancos e sua propriedade — se preferir chamar assim —, onde ela, numa atitude progressista, apoiava a progressiva educação das mulheres que trabalhavam ali.

Mas, em geral, as histórias são todas sobre madame Lou.

O que eu não tinha explorado eram as convenções sociais que poderiam levar uma mulher (ou uma jovem) a se empregar em um lugar como o Tenderloin ou o Tangerine, além dos estereótipos de vícios, abuso ou doenças mentais, que costumam ser tão exagerados quanto as histórias sobre o vasto império financeiro de madame Lou.

Ao ler *The Story of Yamada Waka: From Prostitute to Feminist Pioneer*, e também *Twice Sold, Twice Ransomed*, a autobiografia da sra. L. P. Ray (uma ex-escrava que pregava para os desabrigados de Seattle), fica claro que não existe uma resposta definitiva. Mas sim uma hipócrita galeria de pressões sociais que contribuíram em várias proporções para a dificuldade de ter nascido sem um cromossomo Y no começo do século xx — pobreza abjeta, falta de educação e uma pavorosa idade de consentimento (que chegava aos dez anos), condenações religiosas, uma vergonha lançada sobre as mulheres solteiras que se atreviam a ser (imagine!) sexualmente ativas, a ilegalidade de informações relativas ao controle de natalidade, desigualdades salariais indecentes.

Ah, e racismo.

Ao mesmo tempo que madame Lou faturava alto no mercado de ações, os bordéis japoneses e chineses faziam suas garotas se matarem de tanto trabalhar — literalmente — enquanto a polícia local olhava para o outro lado.

Mas além do mundo peculiar e glamoroso de madame Lou Graham e do bairro da luz vermelha, havia um fato digno de nota e uma pergunta. Por que cidades fronteiriças do Oeste tiveram as campanhas sufragistas mais bem-sucedidas, sendo ao mesmo tempo berços tão férteis para o vício?

É uma pergunta desafiadora e desconcertante.

Enquanto você pensa a respeito, devo mencionar que certa vez fui a uma entrevista de emprego no edifício do Tribunal de Washington, o prédio de tijolos construído por madame Lou e que utilizei como modelo para o Tenderloin.

É um lugar agradável, mas onde um piano cairia bem.

Finalmente, existe a metafórica pedra lunar da Expo Século XXI, que destacou tipos como Elvis, Bobby Kennedy, Ray Bradbury, Rod Serling e John Glenn.

As duas feiras anunciaram uma nova era econômica: a Corrida do Ouro em 1909 e a Era do Jato em 1962. As duas apresentaram as mais recentes

tecnologias da época, de dirigíveis e aeroplanos a satélites e cosmonautas. Os dois eventos atraíram políticos (Taft, Nixon), celebridades (Buffalo Bill, John Wayne), delegações estrangeiras e visitantes de todo o mundo. As duas foram fontes de orgulho para os norte-americanos, servindo como uma festa de apresentação de uma humilde cidade remota no grande Noroeste.

Mas a Eayp foi radicalmente diferente em seu inegável aspecto de exploração, assustadora segundo os padrões atuais. A Feira explorou seres humanos — os aldeões igorotes —, cujos trajes despertaram a ira da União da Temperança das Mulheres Cristãs (Utmc), que pediram ao reverendo Mark Matthews, um ministro presbiteriano conhecido por suas cruzadas morais, que examinasse a questão. A preocupação não era com os cinquenta aldeões que estavam sendo explorados devido a sua estranha etnia, mas que suas tangas pudessem não ser autênticas, e sim elaboradas para gerar excitação sexual.

Houve exposição de siberianos, de indígenas, de mulheres árabes — mostrados não para celebrar suas culturas, mas para a mera observação de sua alteridade. Ainda houve crianças esquimós em exposição, além, é claro, da rifa de um garoto chamado Ernest.

Em comparação, a Expo Século XXI distribuiu poodles, e até isso foi duramente criticado, embora essa versão mais recente da Feira também tenha apresentado suas peculiaridades — um sexismo institucionalizado que faria Don Draper se arrepiar. Na segunda mostra de Seattle para o mundo, as demonstradoras do Pavilhão Nacional de Ciência eram todas mulheres, era exigido que tivessem certa aparência e incluía cinco princesas do Festival Seafair de Seattle e uma ex-miss Alasca. Todas passaram por um curso rápido de biologia para que fossem capazes de responder às perguntas dos convidados. A exposição da Biblioteca do Futuro publicou um anúncio para convocar as bibliotecárias mais sensuais. (Ei, a Batgirl era uma bibliotecária.) E as ascensoristas da Space Needle eram todas mulheres, e precisavam ter ao menos 1,70 m de altura, proporções esculturais e apresentarem “o tipo de personalidade que caracterizava as garotas de Seattle”.

Enquanto os organizadores da Eayp se preocupavam com o bairro da luz vermelha da cidade e com a proibição do álcool, a Expo Século XXI permitia que as libações fluíssem livremente, e uma garrafa de Jim Beam no formato da Space Needle era um souvenir muito popular.

Mas a diferença mais surpreendente foi a Show Street, o recanto do topless da Segunda Feira Mundial de Seattle, onde os frequentadores podiam alugar câmeras Polaroid para tirar fotos de coristas em diversos estágios de nudez.

Nessa seção só para adultos da Feira, uma carismática promotora, Gracie Hansen, criou atrações que deixariam madame Lou orgulhosa. Acredito que

quanto mais as coisas mudam, mais elas continuam iguais, e mais se espera que mulheres jovens pintem o corpo de verde e posem de biquíni.

Duvido que madame Flora tivesse aprovado.

Falando sobre a Expo Século XXI, sempre fico imaginando se o verdadeiro Ernest a teria visitado, e o que deve ter pensado. Será que reconciliou aquele vislumbre do futuro com seu humilde passado? Será que chegou a saber que foi um dos prêmios rifados? E será que alguém foi buscá-lo?

Essas perguntas continuam sem resposta.

Quando da publicação deste livro, o verdadeiro Ernest seria um centenário, por isso é um tanto improvável que ele esteja lendo estas linhas. Mas talvez alguém saiba de seu paradeiro. Se souberem, espero que entrem em contato comigo.

Estou no Twitter: [@jamieford](#).

Enquanto isso, estarei aqui no meu escritório, olhando para uma tela em branco, pensando em meu próximo livro, virando mais pedras e esperando por minha musa. Por mais que gostasse de ser visitado por Erato, a musa da poesia romântica, o mais provável é que receba a visita de Clio, a musa da história. E faremos toda essa dança mais uma vez.

Embora uma parte de mim ainda tenha esperança em Olivia. De patins e tudo.

AGRADECIMENTOS

PRIMEIRAMENTE E ANTES DE QUALQUER COISA, agradeço aos meus leitores e meus fãs (puxa, eu tenho fãs). Em especial àquela adorável mulher que esteve em sete lançamentos do meu livro e ao sujeito que me pediu para assinar em seu “tanquinho” — vocês sabem quem são.

Sem leitores, os escritores seriam como árvores que caem na floresta sem ninguém ouvir. Por isso, obrigado por me acompanharem nesta jornada mais uma vez e por passar este romance a um amigo ou amiga, indicá-lo ao seu clube do livro, fazer postagens no Goodreads ou simplesmente por deixá-lo em sua mesa de centro como lembrança de que palavras escritas ainda têm lugar no maravilhoso mundo da Netflix.

Depois há por aí as incríveis livrarias independentes que foram tão boas comigo. Como disse certa vez Neil Gaiman: “Não acredito que haja uma maneira ruim de comprar livros. Mas acho que a melhor maneira de comprar livros é de uma livraria independente local, se você tiver uma por perto”.

Em minhas viagens, visitei livrarias em quase todos os estados norteamericanos (já estou chegando aí, Mississípi e Virgínia Ocidental). Mas a mais próxima e querida do meu coração no momento é a Cassiopeia Books, aqui na minha cidade adotiva de Great Falls e administrada por Andrew Guschausky — dublê de livreiro e terapeuta, Andrew tem o hábito de abrir minha cabeça para livros e música usando simplesmente o algoritmo da sua imaginação.

Nessa mesma vertente, obrigado a todos os amigos bibliotecários, que usam seus superpoderes para o bem. Vocês são uma ordem sagrada, os Cavaleiros Templários, os homens e as mulheres da Patrulha da Noite de *Game of Thrones* nos protegendo de um inverno de mil anos. Tive o privilégio de fazer uma palestra no ano passado na Associação de Bibliotecas do Kentucky, que só aumentou meu respeito e admiração, tanto pelas suas profissões como pelo seu bourbon.

Aí vêm os que podem achar que eu não me lembro deles — um pequeno grupo de leitores na ilha de Lummi, em especial: Isabel Gates, Paula Chu, Henry Chu, Margaret Lyons, Jennifer Hansen, Stephanie Inslee, Cindy Maxwell, Christina Claassen. Obrigado por me deixarem compartilhar parte do primeiro esboço e pelo gratificante retorno.

Em termos de pesquisas, sou extremamente grato aos autores dos seguintes livros em particular, por permitirem me apoiar em seus ombros para ver a

paisagem sobre:

A HISTÓRIA DA EAYP E DA EXPO SÉCULO XXI: *Picturing the Alaska-Yukon-Pacific Exposition*, de Nicolette Bromberg e John Stamets; *The Future Remembered: The 1962 Seattle World's Fair and Its Legacy*, de Paula Becker, Alan J. Stein e The HistoryLink Staff; *Senate Documents of the 61st Congress, 3rd Session, Vol. 29*. (Este foi o relatório completo da Junta e dos Organizadores da Exposição Alasca-Yukon-Pacífico. Sim, eu realmente li isso. Eu sei... é uma doença.)

DETALHES PERDIDOS DE SEATTLE: *Sons of the Profits*, de William C. Speidel; *Seattle Past to Present*, de Roger Sale; *On the Harbor*, de John C. Hughes e Ryan Teague Beckwith; *Echoes of Puget Sound*, do capitão Torger Birkeland; *Seattle Vice*, de Rick Anderson; *Only the Drums Remembered*, de Ralph Chaplin; *Skid Road*, de Murray Morgan; e o *Social Blue Book, Seattle, 1958–1959*.

A HISTÓRIA DOS SINO-AMERICANOS, pois nunca me canso: *Dim Sum — The Seattle ABC (American Born Chinese) Dream*, de Vera Ing; *Unbound Feet*, de Judy Yung; *Fierce Compassion — The Life of Abolitionist Donaldina Cameron*, de Kristin e Kathryn Wong; *Chinatown's Angry Angel*, de Mildred Crowl Martin.

O PAPEL DAS MULHERES NA AMÉRICA PRÉ-EDUARDIANA: *Manners, Culture, and Dress of the Best American Society*, de Richard A. Wells, 1891, em que aprendi que “uma dama não pode se livrar de uma amizade inconveniente com a mesma facilidade que um cavalheiro”. Infelizmente, as mesmas regras se aplicam ao Facebook. E *What Can a Woman Do*, da sra. M. L. Rayne. (Este, um livro usado de 1884, com um trevo de quatro folhas no miolo há muito esquecido. Espero que não haja prazo de validade para a sorte.)

A PROSTITUIÇÃO E O MOVIMENTO SUFRAGISTA DE SEATTLE: *The Story of Yamada Waka: From Prostitute to Feminist Pioneer*, de Tomoko Yamazaki; *Twice Sold, Twice Ransomed*, da sra. Emma J. Ray.

Falando nisso, devo um profundo agradecimento a Maggie McNeil, ex-bibliotecária e atual advogada especializada em ofensas sexuais, por confirmar as inferências de minha pesquisa sobre o bairro da luz vermelha de Seattle e por me esclarecer sobre outras noções da sua profissão.

Seguem agora as instituições nas quais me apoiei tanto para inspiração quanto para confirmar dados: o Wing Luke Museum of the Asian Pacific American Experience, o Museu de História e Indústria de Seattle (Mohai), o Historylink.org, a Biblioteca Pública de Seattle; e as Coleções Especiais da Universidade de Washington.

Claro, devo mencionar ainda minha incrível equipe da Penguin Random House: Kara Welsh, Kim Hovey, Jennifer Garza, Anne Speyer, Anastasia Whalen, Samantha Leach, Quinne Rogers, Vincent La Scala e Libby McGuire — vou sentir saudades suas, Libby, mas tudo de bom nas suas novas aventuras.

Antes que eu me esqueça, Christie Hinrichs, Tess Boyd e a equipe do Books in Common por me convidar para falar em eventos e perdoar meu pendor por *vaudeville* literário. Obrigado a vocês, eu viajo tanto que acho que fiquei alérgico a amendoim de avião.

Finalmente, aí vai a trindade da minha vida de escritor.

Minha superagente, Kristin Nelson. No passado, recebi ofertas de quatro outros agentes, todos em Nova York. Mas me deixei guiar pelo coração e fiquei com uma agente em ascensão sediada perto de Denver que via o mundo editorial com outros olhos. Agora uma força na indústria, Kristin já tem quarenta best-sellers sob sua batuta. (Acho que fiz a escolha certa.)

Minha incrível editora, Jennifer Hershey, por sua paciência quando eu furava meus prazos e por suas prolíficas opiniões. Quando escrevo, às vezes pareço alguém na pista de dança, fazendo tantos movimentos que os que estão olhando acham que estou tendo um ataque. De alguma forma, Jennifer percebeu que o ritmo tinha salvação.

Minha adorável esposa, Leesha, com sua Caneta Vermelha do Destino, que tolera meus abusos da vírgula de Oxford, bem como minhas intermináveis viagens literárias, mesmo quando estou em casa, no meu escritório, olhando para o espaço, vagando por algo em minha mente.

Jamie Ford
Montana, fevereiro de 2017

NOTAS

1. True: “Verdade”, em inglês. (N. E.)

[««]

2. Rainha da Serragem: Em referência à área de maré baixa recoberta por serragem dos moinhos. (N. T.)

[««]

SOBRE O AUTOR



Laurence Kim Descendente de chineses, Jamie Ford nasceu em Eureka, na Califórnia, e cresceu nos arredores da Chinatown de Seattle. Atualmente, ele vive com a esposa e os filhos em Montana.

Dele, a Globo Livros publicou *Um hotel na esquina do tempo* e *Em busca de uma estrela*.

Copyright © 2017 by Jamie Ford Copyright © 2018 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Love and Other Consolation Prizes*

Editora responsável: Amanda Orlando *Assistente editorial:* Lara Berruezo *Preparação de texto:* Bruno Fiuza Rodrigues *Revisão:* Jane Pessoa, Suelen Lopes e Julia Barreto *Diagramação:* Ilustrarte Design *Capa:* Renata Zucchini *Imagens de capa:* elesi/Shutterstock e Bogdan Kurylo/Thinkstock/Getty Images *Editora de livros digitais:* Lívia Furtado
Conversão para e-book: Joana De Conti Assad *Revisão do e-book:* Maria Marta Cursino 1ª edição impressa, 2019
ISBN: 978-85-250-6562-9

1ª edição digital, junho de 2019
ISBN: 978-85-2506883-5

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F794a

Ford, Jamie, 1968—

Amor e outros prêmios de consolação [recurso eletrônico] / Jamie Ford ; tradução Claudio Carina. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2019.
recurso digital

Tradução de: Love and other consolation prizes Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525068835 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Carina, Claudio. II. Título.

19-55829

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

14/03/2019 18/03/2019

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25 – 20230-240 – Rio de Janeiro – RJ
www.globolivros.com.br